



Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada

Programa de Doutoramento em Linguística

Tese de Doutoramento

**Para além das mãos: a expressão não manual na Língua de
Sinais Portuguesa**

Rafaela Cota da Silva

Orientador(es) | Ana Alexandra Silva
Isabel Sofia Calvário Correia

Évora 2023



Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada

Programa de Doutoramento em Linguística

Tese de Doutoramento

**Para além das mãos: a expressão não manual na Língua de
Sinais Portuguesa**

Rafaela Cota da Silva

Orientador(es) | Ana Alexandra Silva
Isabel Sofia Calvário Correia

Évora 2023



A tese de doutoramento foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor do Instituto de Investigação e Formação Avançada:

Presidente | Maria Filomena Gonçalves (Universidade de Évora)

Vogais | Isabel Sofia Calvário Correia (Instituto Politécnico de Coimbra - Escola Superior de Educação de Coimbra) (Orientador)
Jair Barbosa da Silva (Universidade Federal de Alagoas)
Maria do Céu Fonseca (Universidade de Évora)
Paulo José Tente da Rocha Santos Osório (Universidade da Beira Interior)
Ronaldo Manassés Rodrigues Campos (Universidade Federal do AMAPÁ)

Dedicatória

A todos aqueles que respeitam a língua, a investigam de forma séria e rigorosa e contribuem para o elevar do seu estatuto.

Agradecimentos

Mesmo difícil, a caminhada é sempre mais leve quando é acompanhada por aqueles que, de uma forma ou de outra, contribuem para o sucesso da mesma. Aqui chegada, cumpre prestar o devido agradecimento a quem não me deixou esmorecer a passada.

À Professora Doutora Ana Alexandra Silva pela orientação deste trabalho, pelo rigor científico, pelas imensas e prontas correções, pelas questões colocadas que me levaram a diversas reflexões.

À Professora Doutora Isabel Correia, de sempre e para sempre orientadora. Por aceitar, mais uma vez, orientar-me, pela constante disponibilidade, pelas inúmeras conversas e partilha de ideias, pela forma pragmática como trata os assuntos, pela retidão e seriedade que demonstra em tudo o que se envolve e, também, pelo alento nos momentos menos bons.

À Neuza Santana, colega de caminhada, por ser um exemplo daquilo que é uma boa profissional da interpretação, pelas partilhas das conquistas e das frustrações, por ter sido a alavanca para que ingressasse neste ciclo de estudos e pela colaboração que deu a esta investigação com exemplos e reflexões.

À Joana Sousa, mais um exemplo do brilhantismo de ser intérprete, por acreditar nas minhas capacidades, por ser uma pessoa tão disponível e altruísta, pela prontidão com que me ajudou a esclarecer dúvidas e questões de formatação do trabalho. É bom ter com quem contar.

À Andreia Esteves e ao Pedro Oliveira por serem os meus “assistentes de produção” e estarem sempre disponíveis para ajudarem nos momentos de recolha fotográfica e filmagem, pelo constante incentivo e motivação e pela eventual sobrecarga que aceitaram para me permitirem ter tempo livre para me dedicar a esta investigação. Um obrigada extra ao Pedro pelas horas que dedicou a ajudar-me na formatação deste trabalho e assim permitir que a tarefa se tornasse mais leve.

Aos docentes surdos Amílcar Furtado, Amílcar Morais, Emanuel Santos e Isabel Morais pela amabilidade e disponibilidade com que aceitaram serem fotografados e filmados e assim enriquecer este trabalho com exemplos práticos. Obrigada também pela

disponibilidade com que atenderam as minhas dúvidas e pela prontidão que sempre mostraram em esclarecer-me qualquer questão.

Ao professor Pedro Balaus Custódio, por todos os ensinamentos desde a Licenciatura e pelo incentivo em produzir mais.

Aos amigos e colegas de profissão do grupo do *WhatsApp* “olhem quem apareceu”, Joana Sousa, João Costa, Neuza Santana, Raquel Lima, Renato Coelho e Sandra Faria, com quem partilhei inúmeras questões. Obrigada pela vossa disponibilidade, por partilharem o vosso conhecimento linguístico, por contribuírem com exemplos, por me ajudarem quando surgiam dúvidas no uso de sinais e por serem tão bem dispostos.

A duas associações da comunidade surda, a Associação Nacional e Profissional da Interpretação – Língua Gestual e a Associação de Profissionais de Lecionação de Língua Gestual pela colaboração na organização de formações que me permitiram recolher dados que foram imprescindíveis para esta investigação. Obrigada também a todos os que participaram nas formações e contribuíram com o seu tempo e conhecimento linguístico para a elaboração deste trabalho. Obrigada ainda à ESEC pela disponibilização dos espaços para os momentos formativos.

Aos amigos que “emprestaram” os seus olhos para lerem este trabalho e detetarem eventuais erros e gralhas: Filipa Furtado, Joana Sousa, Margarete Pereira e Raquel Lima. Nos dias de hoje o tempo é algo precioso e, por isso, o vosso contributo tem muito valor.

Ao meu pai, por me ter mostrado o quão importante é irmos atrás daquilo que queremos e acreditamos e, mesmo nas adversidades, não desistirmos. Pela força espiritual que me permitiu focar e continuar e que sei que, muitas vezes, veio dele.

À minha mãe, por falar de mim sempre de forma orgulhosa, pelo constante incentivo e crença de que sou capaz, por aceitar os momentos em que tinha menos disponibilidade, por me motivar a continuar e pelo apoio incansável nas alturas de desespero.

Ao Rogério, por entender as longas ausências, pelo carinho e atenção com que ouvia as dúvidas e pela paciência com que apresentava sugestões, por me amparar e lembrar que tinha que cuidar de mim.

A todas aquelas pessoas que me são próximas e que, ao longo do tempo, me foram incentivando na realização deste trabalho, transmitindo força e boas energias, fulcrais para todo o processo.

Por último, à comunidade surda em geral por me presentear com esta língua, que mantenham o seu uso e registo nos níveis que ela merece. A todos aqueles membros da comunidade, surdos e ouvintes, a quem recorri com questionamentos e dúvidas e que se prontificaram a disponibilizar o seu tempo e conhecimento para me ajudarem.

Resumo

A Língua Gestual Portuguesa (LGP) ou Língua de Sinais Portuguesa (LSP) é a língua utilizada em território nacional pela comunidade surda, constituída não só por pessoas surdas, mas também por todos aqueles que, de alguma forma, usam a língua quer por motivos profissionais, quer familiares.

Os inúmeros gestos/sinais que constituem a língua são, à semelhança do que acontece com todas as línguas naturais, constituídos por unidades mínimas que são designadas como queremas. Neste trabalho pretendemos estudar detalhadamente um desses queremas: a Expressão Não Manual (ENM) e perceber como é que ela se manifesta na LSP.

Assim, neste trabalho pretendemos explicar e distinguir as diferentes formas/distribuições que a ENM pode assumir dentro da LSP. Observaremos o valor querológico, morfológico e suprasegmental. Para tal, foi feita recolha de dados através de plataformas digitais e, posto isso, foram discutidas hipóteses e formulações de propostas junto de nativos surdos e de profissionais da área da interpretação, tendo em conta o seu conhecimento linguístico.

Por fim, categorizamos os diferentes tipos de ENM e descreveremos os seus contextos de uso bem como os valores gramaticais que se manifestam.

Palavras-Chave: Língua de Sinais Portuguesa, Queremas, Expressão Não Manual.

Abstract

Beyond hands: non-manual markers in Portuguese Sign Language

The Portuguese Sign Language (PSL) is the language used in the national territory by the deaf community, which is composed not only by deaf people, but also by all those who, in some way, use the language either for professional or family reasons.

The innumerable gestures/signs that constitute the language are, just like what happens with all natural languages, constituted by minimal units that are designated as cherems. In this work we intend to study in detail one of these questions: Non-Manual Expression (NME) and understand in what ways it is present in PSL.

Therefore, in this work we intend to explain and distinguish the different forms/distributions that ENM can take within the LSP. We will observe the cherological, morphological and suprasegmental value. To this end, data was collected through digital platforms and, therefore, hypotheses and proposals formulations were discussed with deaf natives and also with professionals in the field of interpretation, considering their linguistic background and knowledge.

Ultimately, we categorize the different types of ENM and describe their contexts of use as well as the grammatical values that are manifested.

Key-words: Portuguese Sign Language, Cherems, Non-Manual Expression.

Lista de abreviaturas

ASL	Língua de Sinais Americana
Auslan	Língua de Sinais Australiana
BSL	Língua de Sinais Britânica
CL	Classificador
CM	Configuração de Mão
DGS	Língua de Sinais Alemã
EF	Expressão Facial
ELiS	Escrita da Língua de Sinais
ENM	Expressão não manual (da boca)
ENMS	Expressão não manual (do corpo e da cara)
ESEC	Escola Superior de Educação de Coimbra
ESEP	Escola Superior de Educação do Porto
ESES	Escola Superior de Educação de Setúbal
FLS	Língua de Sinais Finlandesa
HamNoSys	Hamburg Sign Language Notation System
HC	Hand Configuration
ISL	Língua de Sinais Irlandesa
LM	Localização de Mão
LGK	Língua de Sinais Lituana
LGP	Língua Gestual Portuguesa
LGV	Língua Gesto-Visual
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LIS	Língua de Sinais Italiana
LO	Língua Oral
LP	Língua Portuguesa
LS	Língua de Sinais
LSA	Língua de Sinais Argentina
LSC	Língua de Sinais Catalã
LSE	Língua de Sinais Espanhola
LSF	Língua de Sinais Francesa
LSP	Língua de Sinais Portuguesa

LSS	Língua de Sinais Sueca
MD	Mão Dominante
MLS	Minimal Language Skills
MM	Movimento de Mão
MND	Mão Não Dominante
NGT	Língua de Sinais Holandesa
NMF	Non Manual Features
NS	Língua de Sinais Japonesa
OM	Orientação da Palma da Mão
OSV	Objeto-Sujeito-Verbo
POA	Ponto de Articulação
SOV	Sujeito-Objeto-Verbo
SW	SignWriting

Índice8

Introdução.....	21
Justificação do tema	21
Questões de investigação	22
Objetivos gerais e específicos	22
Estrutura do trabalho	23
Capítulo I – Fundamentação Teórica.....	26
Nótula sobre terminologia e organização do trabalho	27
1. Descrição da Língua de Sinais	28
1.1. Universais linguísticos	35
1.2. Grafia das Línguas de Sinais	41
1.3. Fonologia/Querologia.....	43
1.3.1 Configuração de mão	45
1.3.2 Orientação de mão.....	48
1.3.3 Localização.....	49
1.3.4 Movimento	52
1.3.5 Pares mínimos	55
1.3.6 Aloqueremas.....	57
2. O querema ENM	58
2.1. O estatuto da ENM.....	59
2.2. Mouthing	60
2.3. A expressão emocional.....	64
2.4. ENM sem valor gramatical	67
2.5. A ENM na LSP	68
2.5.1. Nível fonológico – expressão enquanto traço distintivo	72
2.5.1.1. Pares mínimos	73
2.5.2. Nível morfológico – expressão com valor gramatical.....	74
2.5.2.1. Género	75
2.5.2.2. Número.....	79
2.5.2.3. Grau dos nomes	91
2.5.2.4. Grau dos adjetivos	99
2.5.2.5. Classificadores	104
2.5.2.6. Tipologia verbal	108
2.5.2.6.1. Tempo.....	114

2.5.2.6.2. Aspeto.....	123
2.5.3. Nível sintático – expressão suprasegmental	125
2.5.3.1. Tipos de oração	127
2.5.3.2. Topicalização	130
2.5.3.3. Mecanismos sintáticos de coesão	133
2.5.3.4. Os pronomes interrogativos.....	136
2.5.3.5. Os pronomes possessivos	139
2.6. Estudos sobre a ENM – comparação com outras LS	141
Capítulo II – Investigação-ação	145
3. Metodologia de investigação.....	146
3.1. Descrição do método de trabalho	146
3.2. Caraterização dos informantes	147
4. Distribuição da ENM	149
4.1. Função querológica	152
4.1.1. Mouthing e mouth gestures	152
4.1.2. ENM Gestuocultural	156
4.1.3. Ecofonologia/Ecoquerologia	164
4.2. Marcador morfológico.....	166
4.3. Das características suprasegmentais à marcação gramatical	169
5. Valores da ENM em classes gramaticais	176
5.1. Bochecha inflada.....	176
5.1.1. Verbos	177
5.1.2. Adjetivos	179
5.1.3. Preposições.....	180
5.1.4. Nomes	183
5.1.5. Adjetivo numeral.....	187
5.1.6. Quantificador.....	188
5.1.7. Classe variável.....	189
5.2. “POH”	191
5.2.1. Verbos	192
5.3. “TH”	193
5.3.1. Verbos	194
5.3.2. Adjetivos	196
5.3.3. Nomes	200
5.3.4. Advérbios	200

5.4.	Língua por dentro da bochecha	200
5.4.1.	Verbos	201
5.5.	“MA”	202
5.5.1.	Verbos	203
5.6.	“MA MA”	204
5.6.1.	Verbos	204
5.6.2.	Advérbios	207
5.7.	Mordida do lábio inferior	208
5.7.1.	Verbos	209
5.7.2.	Classe variável.....	210
5.8.	“PRR”	213
5.8.1.	Verbos	213
5.8.2.	Nomes	216
5.9.	“TÁ”	217
5.9.1.	Verbos	217
5.9.2.	Adjetivos	218
5.10.	“TÁ TÁ”	219
5.10.1.	Verbos	220
5.10.2.	Adjetivos	221
5.11.	“TU”	221
5.11.1.	Adjetivos	222
5.11.2.	Pronome indefinido	223
5.12.	“AH AH”	224
5.12.1.	Verbos	224
5.13.	“OH OH”	226
5.13.1.	Verbos	226
5.13.2.	Locução interjetiva	228
Capítulo III – Conclusão		229
6.	Considerações finais.....	230
7.	Referências Bibliográficas	240
8.	Apêndices	250

Índice de Figuras

Figura 1: MULHER	30
Figura 2: EUROPA, IOGURTE e FERIADO	39
Figura 3: TELEFONE	39
Figura 4: CABRA e MAÇÃ	40
Figura 5: CABRA – LSE e MAÇÃ - LSF	40
Figura 6: PERCEBER em SignWriting	42
Figura 7: TEMA e ONDE em SignWriting	46
Figura 8: FELIZ e VIRGEM	47
Figura 9: Exemplos de produções não existentes devido a constrangimentos fisiológicos	47
Figura 10: AMIGO e ANIMAL - ASL	48
Figura 11: BICICLETA e FOTOGRAFIA	49
Figura 12: AMOR e PEDRA	50
Figura 13: ESTRUTURA e BRINCAR	50
Figura 14: MESA e PERCEBER	51
Figura 15: PERGUNTA e PROFISSÃO	51
Figura 16: DESCULPA e OUVINTE	53
Figura 17: COR e TEMA	54
Figura 18: MINHOCA	55
Figura 19: PATO e GANSO	56
Figura 20: ESCOLA e PROVA	56
Figura 21: QUARTA-FEIRA e QUINTA-FEIRA	57
Figura 22: ALHO e COUVE	57
Figura 23: QUEREMA e QUEREMA - com indicador e com polegar	58
Figura 24: AVÓ e AVÔ	61
Figura 25: IRMÃO e IRMÃ - LSS	62
Figura 26: TODOS.OS.DIAS	63
Figura 27: VÁ.VÁ	64
Figura 28: FELIZ, ADMIRAR e RAIVA	66
Figura 29: AMÊNDOA, DIÓSPIRO e TRATOR	67
Figura 30: ÓLEO	69
Figura 31: INATO	70
Figura 32: NERVOSO	70
Figura 33: CINCO.CARROS	70
Figura 34: UNIVERSIDADE ENTRAR	71
Figura 35: COMO?	71
Figura 36: AL.AGORA e AMEAÇA	73
Figura 37: HOMEM e MULHER	76
Figura 38: CÃO e CADELA	76
Figura 39: SOBRINHO e SOBRINHA	76
Figura 40: VACA e BOI	78
Figura 41: ENFERMEIRA e ENFERMEIRO	78
Figura 42: MÃE e PAI	78
Figura 43: SEMANA e DUAS.SEMANAS	80
Figura 44: DIA e TRÊS.DIAS	80
Figura 45: DUAS.MAÇÃS	82
Figura 46: CINCO.BARCOS	82
Figura 47: SETE.IRMÃOS	83
Figura 48: 32.DENTES	83

Figura 49: MOTA MUITO	84
Figura 50: MOTA MUITO (queixo)	84
Figura 51: MOTA VÁRIOS	85
Figura 52: MOTA DIFERENTES	85
Figura 53: MOTA COISAS	85
Figura 54: CASA GEMINADA	86
Figura 55: CASA AQUI/ALI	86
Figura 56: CARROS LADO.A.LADO	87
Figura 57: CARROS EM.FILA	87
Figura 58: MULTIDÃO	88
Figura 59: PESSOAS A.VIREM.	88
Figura 60: ÁRVORE e ÁRVORES	89
Figura 61: CRIANÇA e CRIANÇAS	90
Figura 62: PESSOA e PESSOAS	90
Figura 63: RESTAURANTE e BICICLETA	91
Figura 64: CADEIRA e CADEIRINHA	92
Figura 65: SOFÁ (em cima) e SOFÁZINHO (em baixo)	93
Figura 66: PESSOA e PESSOA.PEQUENA	93
Figura 67: BOLA e BOLINHA	94
Figura 68: CÃO e CÃOZINHO	94
Figura 69: LIVRO e LIVRINHO	94
Figura 70: LETRA e LETRINHA	95
Figura 71: AMORZINHO	95
Figura 72: CADEIRA e CADEIRÃO	96
Figura 73: SOFÁ (em cima) e SOFAZÃO (em baixo)	96
Figura 74: PESSOA e PESSOA.ALTA	97
Figura 75: BOLA e BOLA.GRANDE	97
Figura 76: CÃO e CÃO.GRANDE	97
Figura 77: LIVRO e LIVRO.GRANDE	98
Figura 78: LETRA e LETRA.GRANDE	98
Figura 79: MÃE PAI ALTURA EXATAMENTE.IGUAL	100
Figura 80: MÃE PAI ALTA MAIS.DO.QUE	101
Figura 81: RAPAZ INTELIGENTE PRIMEIRO	102
Figura 82: INTELIGENTE e INTELIGENTE com ENM	102
Figura 83: INTELIGENTE MUITO	103
Figura 84: GALINHA e CL ANDAR.GALINHA	104
Figura 85: PORTUGAL CL FORMA.PAÍS	105
Figura 86: PÉ PEQUENO e GRANDE	105
Figura 87: LIVRO.ESTANTE-CL e MULTIDÃO.ESTÁDIO-CL	106
Figura 88: CL PESSOA e CL CARRO	106
Figura 89: MOTA e CL (cima); PEIXE e CL (baixo)	107
Figura 90: AMAR, FUMAR e CORRER	108
Figura 91: DOR.DENTE e DOR.OMBRO	109
Figura 92: COÇAR.CABEÇA e COÇAR.MÃO	109
Figura 93: BEBER.SHOT e BEBER.COPO (EM CIMA); GATO e CL BEBER.ÁGUA (EM BAIXO)	110
Figura 94: PÔR COPOS (EM CIMA); PÔR GANGHOS (AO MEIO); CARREGAR.BEBÉ e CARREGAR.SACO (EM BAIXO)	111
Figura 95: EU DAR(A TI)	112
Figura 96: EU DIZER(A VÓS)	112

Figura 97: TU TELEFONAR(A MIM).....	112
Figura 98: EU CANTAR.....	113
Figura 99: ELE CANTAR.....	113
Figura 100: NÓS CANTAR.....	114
Figura 101: EU ESCREVER.....	115
Figura 102: TU COMER.....	116
Figura 103: AGORA TU VARRER.....	116
Figura 104: HOJE EU COZINHAR.....	117
Figura 105: COMER JÁ.....	118
Figura 106: TESE COMPLETO	118
Figura 107: CASA PINTAR	118
Figura 108: TIA VISITA FOI.....	119
Figura 109: ONTEM COIMBRA IR	119
Figura 110: VER e JÁ.VI.....	119
Figura 111: CASA MUDAR HÁ.POUCO.TEMPO	120
Figura 112: ANTIGAMENTE BIGODE	120
Figura 113: VEGETARIANA HÁ.MUITO.TEMPO	120
Figura 114: FUTURO CASAR	122
Figura 115: AMANHA AULA NÃO.HÁ.....	122
Figura 116: CORTAR.CABELO VÁ.VÁ.....	123
Figura 117: NATAL FALTA.MUITO.....	123
Figura 118: PORQUÊ? e ANSIOSO	126
Figura 119: CASA EU IR	130
Figura 120: O QUÊ?, COMO? e QUANDO?.....	138
Figura 121: ONDE?, DE QUEM? e ONDE ESTÁ?	138
Figura 122: QUEM? e O QUE SE PASSA?	138
Figura 123: PORQUÊ? e QUAL DOS DOIS?.....	139
Figura 124: QUAL?	139
Figura 125: MEU, TEU e DELE.....	139
Figura 126: MESMO.MEU.....	141
Figura 127: TRATOR - LIS e LGK	142
Figura 128: GORDO e MAGRO - LSE.....	143
Figura 129: Ações da boca nas línguas de sinais	151
Figura 130: NÃO HÁ com beijo e SUJO.....	155
Figura 131: Esquema Kendon's continuum	157
Figura 132: CANSADO, ADMIRADO e DOCE	157
Figura 133: FELIZ - LSP, LSE e LIBRAS	159
Figura 134: GORDO - LSP, ASL e LSF.....	159
Figura 135: SURPREENDIDO em LSP, BSL e LSF	160
Figura 136: NÃO - LSP, ASL e BSL.....	161
Figura 137: DORMIR - LSP e ASL.....	162
Figura 138: EMPURRAR e ENCORAJAR	163
Figura 139: BOMBA e BARCO.À.VELA.....	164
Figura 140: MOTA e SAPO.....	165
Figura 141: CABELO.COMPRIDO	167
Figura 142: LER.DEVAGAR, TRANSPIRAR.MUITO e IR.CINEMA	168
Figura 143: COMER O.QUÊ?, ELES DIVORCIARAM-SE e SENTA-TE	170
Figura 144: EXPLICAR e EXPLICAR-FORMA.IRRITADO	171
Figura 145: Evolução da ENM Suprasegmental.....	172
Figura 146: TRABALHO.MUITO	173

Figura 147: NÃO.VER e NÃO.COMER	174
Figura 148: SE VIAJAR GUINÉ	175
Figura 149: BOCHECHA.CHEIA	177
Figura 150: EMAGRECER NÃO.CONSEGUIR	177
Figura 151: MEXER.MÃO/NÃO MEXER.MÃO, ANDAR/NÃO.ANDAR, FALAR/NÃO.FALAR e OUVIR/NÃO.OUVIR	178
Figura 152: PODE/NÃO.PODER e VER/NÃO.CONSEGUE.VER	179
Figura 153: TRABALHO DURO/DÍFICIL, MUITO LONGE e MUITO IMPORTANTE	180
Figura 154: EM.CIMA, NA.FRENTE e DEBAIXO/POR.BAIXO	181
Figura 155: DENTRO.OBJETO e DENTRO.CORPO	181
Figura 156: INATO/NATURAL/SER.ASSIM e BOA VIDA/TER A MANIA	182
Figura 157: POLÍCIA	184
Figura 158: TROPA e PRESIDENTE	184
Figura 159: DIRETOR e GESTOR/COORDENADOR	185
Figura 160: IDOSO	185
Figura 161: RESTAURANTE e COMER.FORA	186
Figura 162: PÊSSEGO	186
Figura 163: SÉTIMO.ANO, QUARTO.ANDAR e TESTE.SEGUNDO	187
Figura 164: TRABALHAR MUITO, ESPERAR MUITO e MUITOS ANOS	188
Figura 165: PRECONCEITO	189
Figura 166: CORRIGIR/CORREÇÃO	190
Figura 167: LIMPO	190
Figura 168: OCUPADO	191
Figura 169: "POH"	192
Figura 170: ENTRAR.UNIVERSIDADE e CONSEGUIR.VER	192
Figura 171: MORRER.POH	193
Figura 172: "TH"	194
Figura 173: ASSISTIR e DELEITAR-SE	194
Figura 174: ENSURDECER, ENCOLHER.MEIA e RESUMIR	195
Figura 175: INDECISO, QUEIXINHAS, DISTRAÍDO, FRACO e DESAGRADÁVEL	198
Figura 176: LENTO	199
Figura 177: LÍNGUA.BOCHECHA	201
Figura 178: EXPERIMENTAR, TENTAR, IGNORAR e CALHAR	201
Figura 179: "MA"	203
Figura 180: QUERER.MUITO, JÁ.SEI e ADORAR	203
Figura 181: "MA MA"	204
Figura 182: FALTAR.ALGO, NÃO.LEMBRAR/BLOQUEAR e NÃO.CONSEGUIR	204
Figura 183: ACUMULAR, ADICIONAR e ACRESCENTAR	206
Figura 184: PREFERIR e PREPARAR	207
Figura 185: MORDIDA.LÁBIO INFERIOR	208
Figura 186: ADORAR, NOTAR/REPARAR e DESCONFIAR	209
Figura 187: BOM	210
Figura 188: INTERESSE/INTERESSANTE	210
Figura 189: SATISFEITO	211
Figura 190: CASARÃO-CL	211
Figura 191: CAMISAS 4	212
Figura 192: DOBRO	213
Figura 193: "PRR"	213
Figura 194: APARECER/SURGIR, SURPREENDER, RESOLVER/DESAPARECER	214

Figura 195: RECUSAR, DESOBEDECER, DESPEDIR, PARTIR.VIDRO, PARTIR.PERNA e PARTIR.OBJETO.....	215
Figura 196: LOCAL.....	216
Figura 197: "TÁ".....	217
Figura 198: MEMORIZAR e ACABOU.ACONTECER.....	217
Figura 199: CULPADO, ESQUISITO e FAZER.SEM.PENSAR.....	218
Figura 200: EXATAMENTE.IGUAL.....	219
Figura 201: "TÁ TÁ".....	220
Figura 202: COLAR e EVITAR.....	220
Figura 203: PARECIDO/SEMELHANTE.....	221
Figura 204: "TU".....	222
Figura 205: PRIMEIRO e DIFERENTE.....	222
Figura 206: OUTRO.....	223
Figura 207: "AHAH".....	224
Figura 208: COMO.SE.....	224
Figura 209: AHAH NARIZ, AHAH OLHO e AHAH ESPAÇO NEUTRO.....	225
Figura 210: OH.OH.....	226
Figura 211: PREPARAR.CEDO e DELEGAR.....	227
Figura 212: ATÉ LOGO.....	228

Índice de tabelas

Tabela 1: Universais Linguísticos: línguas orais e línguas de sinais.....	38
Tabela 2: Valores, distribuição e motivação da ENM.....	237

Introdução

Justificação do tema

Os vocábulos das línguas de sinais são constituídos por unidades mínimas, os queremas (Correia, 2009), que se combinam entre si para formarem um signo dotado de significado. São cinco os queremas categorizados e reconhecidos pela comunidade científica, sendo um deles a Expressão Não Manual (ENM) (Quadros & Karnopp, 2004), (Amaral, Coutinho, & Martins, 1994). O primeiro linguista que se dedicou ao estudo das línguas de sinais (LS) foi William Stokoe em 1960 (Armstrong, 2000) (Correia, 2009) (Quadros & Karnopp, 2004) e para ele a ENM não constituía uma unidade mínima. Anos mais tarde, linguistas como Battison (1974, 1978) e Liddell & Johnson (1989) categorizaram o parâmetro ENM enquanto traço distintivo que atribui significado ao sinal. No entanto, ainda existem estudos que não reconhecem a ENM como unidade mínima integrante do sinal (Fenlon, Brentari, & Cormier, 2017) (Rathmann, 2005). Além disso, é visível, em inúmeras investigações, a confusão entre ENM e expressão surrassegmental (Wilbur, Malaia, & Shay, 2012), tendo ambas sido consideradas uma categoria única. Não há, por isso, uma distinção clara entre os conceitos inerentes a estes dois tipos de expressão. Pretendemos, no nosso estudo, clarificar esta questão.

Em países como os Estados Unidos da América é notório o elevado número de estudos que existem sobre um fenómeno chamado *mouthing* e que está muito presente nos enunciados produzidos em *American Sign Language* (ASL) (Sandler & Lillo-Martin, 2006). Diferentes autores atribuem distintas interpretações e considerações em relação a este fenómeno, especificamente: 1) ser, ou não, apenas um empréstimo das línguas orais (Mohr, 2014) utilizado em contextos cuja necessidade se torna uma obrigatoriedade; 2) ser efetivamente uma componente das LS (Sutton-Spence & Day, 2001) que pode vir a ser considerada parte integrante da ENM. Pretendemos, também, analisar este fenómeno percebendo as suas manifestações na LSP.

Efetivamente começam a surgir algumas investigações internacionais que categorizam a ENM enquanto traço distintivo (Ebbinghaus & Hessmann, 2001), que apresenta um contributo semântico e que tem que estar necessariamente presente aquando da produção de um sinal. Todavia, em Portugal existem poucos estudos sobre esta temática com uma abordagem focada na LSP, pelo que sentimos que é de extrema

pertinência estudar detalhadamente o querema ENM, listando assim as suas ocorrências, de forma a chegar às suas categorizações.

Questões de investigação

A LGP/LSP é ainda uma língua recente no que concerne a reconhecimento político, sendo os estudos científicos que a implicam escassos. Neste sentido, com o intuito de contribuir para a investigação e disseminação de aspetos linguísticos que caracterizam a LSP, pretendemos levar a cabo um estudo em torno de uma unidade mínima, a Expressão Não Manual, percebendo a sua materialização nos vocábulos gestuais/de sinais.

Assim, para dar início a esta investigação e partindo da premissa que a ENM tem valor distintivo na LSP podendo materializar-se enquanto unidade mínima, morfema e suprasegmento, colocamos as seguintes questões orientadoras: 1) em que classes e enunciados a ENM se inscreve na LSP e; 2) quais os seus valores gramaticais, prosódicos/”entoacionais” e semânticos? Com base nestas perguntas, refletimos sobre os objetivos a concretizar percebendo a importância de recolher informação sobre a LSP e, também, sobre outras línguas de sinais para, posteriormente, apresentar propostas de categorizações do uso da ENM.

Objetivos gerais e específicos

Esta investigação será desenvolvida tendo por base as questões de partida que apresentamos anteriormente e com ênfase em objetivos que nortearam o trabalho e os quais aspiramos concretizar. Assim, definimos os seguintes objetivos gerais:

- descrever a fonologia/querologia da LSP;
- descrever aspetos morfossintáticos da LSP;
- estudar as unidades mínimas da LSP;
- compreender a organização e distribuição das unidades mínimas distintivas da LSP, com destaque para a ENM.

Por sua vez, com o intuito de forcarmos o nosso trabalho na temática em apreço, definimos os seguintes objetivos específicos:

- identificar os diferentes tipos de ENM;
- categorizar diferentes classes de valores de ENM;
- perceber quais as classes gramaticais que mais recorrem aos uso da ENM;
- perceber a diferença entre ENM e expressão suprasegmental;
- verificar se existe influência da linguagem gestual no uso da ENM;
- aferir o uso de expressões sociais como complemento à informação dos sinais;
- contribuir para a categorização da ENM na LSP;
- colaborar na efetivação da atribuição de estatuto linguístico à LSP.

Estrutura do trabalho

O trabalho encontra-se dividido em três partes: fundamentação teórica, investigação-ação e conclusão. Na primeira parte, referente à fundamentação teórica, apresentamos o estado da arte, começando por fazer uma descrição sobre a LSP, integrando-a nas diferentes perspetivas sobre a língua e desenvolvimento da linguagem propostas por incontornáveis nomes da linguística desde Saussure a Chomsky. Posteriormente, fazemos uma descrição da querologia da LSP e, para tal, socorremo-nos de terminologia e estudos da fonologia das línguas orais para, em seguida, fazermos uma breve alusão a um dos sistemas de escrita das línguas de sinais, clarificando assim a eventual ideia existente de que as línguas visuais são ágrafas. Prosseguimos com uma descrição detalhada de quatro dos cinco queremas que constituem a língua, estudando as unidades mínimas de forma a compreendermos a sua organização e distribuição na LSP. Depois desta apresentação geral, dirigimos a nossa investigação para o estudo do querema que pretendemos aprofundar: a ENM. Assim, encontramos um ponto dedicado apenas a este assunto onde mostramos distintas visões, nomeadamente aquela que encara a ENM como elemento da língua, mas que não lhe confere um estatuto de querema e, aquela que, por sua vez, a considera efetivamente como uma parte da língua e responsável por alterações gramaticais. Além disso, apresentamos fenómenos diferentes que dão origem

a várias ENM tais como *mouthing*, um processo de influência da língua oral (LO), a expressão social e emocional, oriunda de características culturais e aquela expressão cuja presença não acrescenta qualquer significado linguístico ao sinal. Ainda dentro deste tópico, apresentamos um ponto exclusivamente dedicado à ENM na LSP, em que optamos por dividir a redação em áreas: sobre a fonologia/querologia falamos dos pares mínimos da língua bem como dos aloqueremas; em termos morfológicos, apresentamos os itens linguísticos e processos de formação de género, número, grau dos nomes e dos adjetivos, os tipos de verbos e os classificadores, tendo sempre como referência a ENM e o seu contributo para todos estes processos da língua. Por último, passamos ao aspeto sintático e ao valor da ENM, nomeadamente em termos suprasegmentais. Com efeito, falamos de tipos de oração, topicalização, mecanismos sintáticos de coesão e, por último, dos pronomes interrogativos e possessivos. Para encerrar o capítulo da fundamentação teórica, apresentamos estudos sobre outras línguas de sinais que sustentam as teorias que apresentamos anteriormente e que dizem respeito à LSP.

A segunda parte debruçar-se-á sobre o desenvolvimento da parte prática do trabalho. Antes de iniciarmos a categorização das ENM, apresentamos uma fundamentação com exemplos práticos da manifestação de ENM com origens em diferentes processos e com base na função que desempenham, isto é, em termos querológicos apresentamos a ENM quer com origem no *mouthing*, quer oriundo da gestualidade ou de características culturais, quer, ainda, da ecofonologia, processo em que a ENM ecoa o conceito representado pelo sinal (Woll, 2009); em termos morfológicos, aludindo a formação de adjetivos, de advérbios e ao aspeto gramatical; e em termos sintáticos, estabelecendo relações entre o uso da ENM e questões suprasegmentais, nomeadamente aspetos prosódicos. Mencionamos ainda a importância da ENM no que concerne ao tipo de frase, à topicalização, bem como ao estabelecimento dos mecanismos de coesão frásica, com valor suprasegmental.

Posteriormente, concretizamos a distribuição da ENM com base na recolha de dados que fizemos. Esta recolha assentou numa metodologia qualitativa em que o processo de trabalho foi de auscultação de três grupos distintos de informantes, todos com ligações profissionais à área da LSP, tendo também sido consultados sobre as nossas hipóteses e questionados sobre motivações históricas para a distribuição e valores de ENM. Assim, ao longo desta parte apresentamos a distribuição da ENM por classes

gramaticais, recorrendo a exemplos da LSP para clarificar o seu uso. Refletimos sobre a origem do uso da ENM, a causa da sua existência bem como o seu valor gramatical. Apresentamos algumas conclusões parciais sobre cada ENM com base no que conseguimos apurar junto dos nossos informantes e, também, tendo em conta o conhecimento linguístico que possuímos.

Por último, nas considerações finais apresentamos uma súpula das reflexões que tivemos ao longo do trabalho e das conclusões que concretizamos. Listamos quais foram as principais descobertas e clarificamos as dificuldades sentidas bem como as limitações que encontramos no desenrolar do trabalho. Encerramos a investigação com sugestões e ideias de temas para futuros trabalhos que consideramos pertinentes para a investigação em línguas gestuais/de sinais.

Capítulo I – Fundamentação Teórica

Nótula sobre terminologia e organização do trabalho

Desde o seu reconhecimento linguístico na Constituição da República Portuguesa que a língua aqui em estudo é conhecida pela denominação de Língua Gestual Portuguesa e com indicativo da sigla LGP. Aliás, antes desse reconhecimento, em 1997, já os utilizadores da língua e as escolas que eram frequentadas por alunos surdos se referiam à língua enquanto LGP.

Todavia, estudo recentes (Correia & Custódio, 2019), apresentaram uma proposta de nova nomenclatura, a saber, Língua de Sinais Portuguesa, com a sigla LSP. Assim, o artigo intitulado “Do gesto ao sinal: reflexões sobre terminologia linguística” argumenta que o termo *gesto*, utilizado pela designação LGP, desvaloriza aquilo que na língua é efetivamente um signo linguístico¹ uma vez que remete para a ideia de um gesticular desprovido de significado. Segundo os autores, quando é produzida uma língua visual “aquilo que se observa não é uma gesticulação, mas sim palavras que pertencem a uma comunidade que as descodifica” (Correia & Custódio, 2019, p. 65). Os mesmos autores vão ainda mais longe ao apresentarem uma comparação das nomenclaturas utilizadas para outras línguas visuais em países cujo idioma oral é de origem românica. Línguas como a Espanhola, Catalã, Italiana, Francesa e Romena empregam, sem exceção, o termo *sinal*, sendo Portugal o único país que não adotou essa terminologia o que é, em parte, incoerente. Assim, para evitar situações discriminatórias perante a LSP bem como o tratamento negligenciado por parte da comunidade ouvinte, seria fulcral intitular a língua de forma equiparada às restantes, permitindo assim uma elevação do seu estatuto.

Esta proposta, apesar de recente e de parecer ser alvo de pouca aceitação por parte da comunidade surda, não viu ser apresentado qualquer estudo ou trabalho científico que refute e contradiga o que é apresentado pelos autores. Nesse sentido, optaremos pela designação “Língua de Sinais Portuguesa” pois defendemos que a proposta é coerente e bem fundamentada.

Durante esta investigação apresentaremos múltiplos exemplos que fundamentam as nossas conceções teóricas, bem como as nossas hipóteses práticas. Na realidade, estando nós a explicar uma língua através de outra, há que recorrer à tradução dos sinais e das frases que escolhemos para exemplificar. Neste sentido, é importante salientar que

¹ Exploraremos este conceito mais à frente (cf. 1. Descrição da Língua de Sinais).

as opções de tradução que fizemos não são monossémicas, mas para uma leitura possível foi imperativo tomar decisões e fazer escolhas tradutórias. Tal não invalida que os sinais possam apresentar outra opção de tradução ou que, contextualmente, possam assumir outro significado que não o aqui apresentado. As opções de tradução por nós feitas são apresentadas em *glosa*. Este sistema consiste “na escrita de palavras da língua oral – neste caso, o Português, para identificar os gestos utilizados, seguindo a estrutura da LGP e a ordem com que foram executados e é sempre escrita em letras maiúsculas” (Correia, Balas, & Silva, 2022, p. 54). Além disso, no Capítulo II – Investigação-ação, as opções tomadas no que diz respeito à categorização dos sinais prendem-se, em alguns casos, com questões de organização do trabalho e de facilitação da leitura. Assim, não significa que um item lexical possa ser de classe invariável, porém, optamos por agrupar os itens em classes.

Grande parte dos exemplos são expostos através do registo fotográfico de sinais que fomos selecionando e que retratam os exemplos que pretendemos explicar. Cabe assim apresentar a ressalva que as fotografias não representam na totalidade a execução do sinal, uma vez que estão em suporte estático. Os sinais, pela sua natureza, apresentam movimento no espaço. Todavia, optamos por esta ferramenta visto entendermos ser a maneira mais prática e acessível para qualquer leitor ter acesso a uma imagem visual daquilo que está a ser descrito e explicado textualmente.

1. Descrição da Língua de Sinais

A Língua de Sinais Portuguesa é a língua utilizada em território nacional entre os membros da comunidade surda. Contrariamente àquilo para o qual a definição nos parece remeter, esta comunidade não é constituída apenas por pessoas surdas. Dessa comunidade fazem também parte pessoas ouvintes que utilizam a LSP seja como forma de comunicação ou como instrumento de trabalho diário, mas que, acima de tudo, encaram a LSP enquanto representação cultural e natural de comunicação. Assim, da comunidade linguística fazem parte distintos elementos como: intérpretes de LSP, pais ouvintes com filhos surdos, pais surdos com filhos ouvintes, terapeutas da fala, professores de ensino especial, bem como outras pessoas ouvintes que, por motivos diversos, aprenderam e

utilizam a língua que partilham e conhecem. Tal significa que a comunidade linguística alberga muito mais do que apenas pessoas nativas².

Já nos anos 70 algumas obras evidenciavam a relevância da comunidade enquanto utilizadora de uma língua e reforçavam que este conhecimento partilhado era um fator importante de união entre as pessoas. Leia-se a título de exemplo:

as comunidades humanas podem formar-se só a partir do momento em que vários indivíduos cheguem a construir um sistema de signos, em particular signos linguísticos, que lhes permita comunicar entre si. Por isso, as comunidades humanas são fundamentalmente comunidades linguísticas. É o domínio de um sistema de signos que dá ao indivíduo a possibilidade de se integrar e agir numa comunidade. (Metzeltin, 1978, p. 140)

Podemos encarar e analisar o conceito de *língua* sob a perspetiva de diferentes autores e segundo distintas fontes. No entanto, há características e traços que são indubitavelmente comuns e comumente aceites. Se recorrermos ao *Dicionário de Termos Linguísticos*, disponível no sítio do *Portal da Língua Portuguesa do Instituto de Linguística Teórica e Computacional*, percebemos que língua é encarada como um “sistema de comunicação verbal que se desenvolve espontaneamente no interior de uma comunidade” (Xavier & Mateus, 1990, p. sp) havendo referência à perspetiva saussureana que entende língua como sendo um “(...) sistema de signos partilhados por uma comunidade de falantes” (1990, p. sp).

Por sua vez, Mateus & Villalva mencionam que “(...) língua é um sistema de comunicação que faz uso da faculdade da linguagem activada pela exposição dos falantes a estímulos linguísticos” (2006, p. 21), enquanto Wittgenstein referia que ter conhecimento de uma língua e

(...) aprender uma linguagem consiste em dar nomes a objectos, como seres humanos, formas, cores, dores, estados de espírito, etc. Como foi dito – dar um nome é algo de semelhante a pregar uma etiqueta a uma coisa. (...) Damos nomes às coisas e assim podemos falar acerca delas (...) (2002, p. 192).

O autor acrescenta, porém, que atribuir um nome a algo não é suficiente para desencadear todo o processo posterior, uma vez que o uso de uma língua e a enunciação de elementos linguísticos portadores de significado requerem capacidades que vão além da atribuição de nomes.

² Na sua maioria, os surdos são filhos de pais ouvintes e, por isso, não adquirem a LSP em ambiente familiar. Contudo, desenvolvem essas aprendizagens em contexto escolar e por contacto com os pares e, nesse sentido, revelam-se informantes fluentes e passíveis de serem considerados nesta investigação.

Saussure, no *Curso de Linguística Geral* (1992) [1916], apresentou a teoria de que uma língua é constituída por signos linguísticos e que estes dizem respeito a uma entidade de duas faces que se apresentam intimamente unidas: o significado, que diz respeito à imagem mental e ao conceito que a pessoa possui sobre determinado objeto, e o significante, que se materializa na produção fonética correspondente ao referido objeto (Saussure, 1992 [1916]) e que é variável consoante a língua em questão. De notar que esta perspetiva pode ser aplicada às línguas de sinais havendo apenas necessidade de pensarmos numa mudança do formato do significante, isto é, a manifestação do significado de um objeto é, naturalmente, feita através de sinais manuais e não acústicos. Independentemente do significante, importa realçar que em qualquer língua a produção de signos linguísticos passa indubitavelmente por esta correspondência unívoca onde “não se podem separar os conceitos dos sons³ que os transmitem; sem significante não há significado e sem significado não há significante” (Baylon & Fabre, 1990, p. 14)⁴. Sobre isto, referimos a título de exemplo o signo linguístico “mulher”, que se associa ao conceito “ser humano do sexo feminino”, cujo significante enquanto imagem acústica é /muʎ'er/, mas cujo sinal em LSP apresenta o significante representado na figura 1.



Figura 1: MULHER

Baylon & Fabre encaram o conceito de língua segundo várias hipóteses. Em primeiro lugar, apontam que “a língua é um sistema particular de signos linguísticos” (1990, p. 29) seguindo o mesmo pensamento que Saussure nomeadamente na afirmação de que um signo linguístico é constituído por um significante e um significado e que tal

³ Para as línguas de sinais aplica-se o conceito de imagem visual.

⁴ Apesar de esta referência remontar aos anos 90, consideramos relevante a alusão aos autores uma vez que as suas afirmações, com as quais concordamos, continuam atuais.

culminará na formação do léxico que faz parte de uma língua; e, posteriormente, referem que “a língua é um sistema particular de regras” (1990, p. 31)

Mais recentemente, Noam Chomsky, fundador da gramática generativa, acreditava que todo e qualquer ser humano é capaz de utilizar uma gramática que está “alojada” no cérebro, sobre a qual o próprio possui conhecimento e que, sendo ativada, permite que a pessoa seja capaz de produzir um número sem fim de frases. O autor estava convicto de que a “structure of language is determined by the structure of the human mind” (Stringer, 1973, p. 9) visto existirem “*inborn* mental structures *specific* to language” (1973, p. 10). Todavia, para que tal aconteça é condição *sine qua non* que o indivíduo falante esteja inserido numa comunidade linguística com a qual contacta e que interaja com modelos linguísticos que utilizem a mesma língua uma vez que, tal como afirma Chomsky, a criança, no seu estado inicial, não possui qualquer tipo de informação sobre a língua da comunidade linguística em que esta inserida. Todavia, a criança encontra-se dotada de uma série de mecanismos, nomeadamente a faculdade da linguagem, que lhe permitem adquirir essa língua, permitindo que atinja um estado de conhecimento sobre a mesma. Chomsky indica então que a teoria linguística descreve o estado inicial da criança enquanto a gramática descreve o estado final (Chomsky, 1980).

Neste sentido, a teoria de Chomsky afirma que existem especificidades mentais que são estritamente dedicadas ao desenvolvimento de uma língua e cujas funções estão, desde logo, geneticamente definidas. Assim, qualquer ser humano está habilitado desde a nascença e devido a características fisiológicas que o constituem, para o uso de uma língua, visto possuir, segundo Chomsky, uma gramática, sendo que “uma gramática de uma língua pretende ser uma descrição da competência intrínseca do falante-ouvinte⁵ ideal” (Chomsky, 1978, p. 84). Neste sentido, para que a criança passe por um processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem ela tem de estar imersa num contexto linguístico que a estimule e incentive a utilizar capacidades que a própria já traz consigo desde a nascença, isto é

we can describe the child’s acquisition of language as a kind of theory construction. The child discovers the theory of his language with only small amounts of data from that language. Not only does his ‘theory of the language’ have an enormous predictive scope, but it also enables the child to reject a great deal of the very data on which the theory has been constructed. (...) we must also bear in the mind that child constructs this ideal theory without explicit instruction, that he acquires this knowledge at a time when he is not capable of complex

⁵ Neste contexto também se adequa a denominação “sinalizante-surdo”.

intellectual achievements in many other domains, and that this achievement is relatively independent of intelligence or the particular course of experience (Stringer, 1973, p. 18).

Efetivamente, todo o ser humano traz consigo a capacidade inata da linguagem que se irá refletir no uso de uma língua, independentemente de qual seja e da modalidade desta, uma vez que a língua é a “(...) componente social da linguagem, que se impõe ao indivíduo” (Baylon & Fabre, 1990, p. 19). Saussure afirmava que a língua “é ao mesmo tempo um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adoptadas pelo corpo social para permitir aos indivíduos o exercício desta faculdade” (1992 [1916], p. 34). Por sua vez, Chomsky assegurava que “é inconcebível que uma língua altamente abstrata, específica e estritamente organizada surja por acidente na mente de uma criança de quatro anos” (1971, p. 36). Faria, Pedro, Duarte & Gouveia afirmavam que “na realidade, todas as sociedades humanas conhecidas partilham e usam uma língua natural e qualquer ser humano normal pode aprender qualquer língua natural” (1996, p. 14).

Com base no atrás exposto, podemos perceber que o uso de uma língua é algo que é inato ao ser humano, até mesmo devido a características físicas e anatómicas, visto que

a faculdade da linguagem pressupõe a existência, no ser humano, de um órgão biologicamente pré-programado para a linguagem verbal, o qual é objecto de desenvolvimento (ou maturação) em simultâneo com o desenvolvimento biológico e cognitivo. Tal desenvolvimento inicia-se a partir do momento em que o indivíduo é exposto à sua língua materna, i. e., é exposto a uma língua natural em contexto natural. (Faria, 1996, p. 44)

O uso da língua pressupõe que ocorra o ato da fala⁶ entre, no mínimo, duas pessoas. Saussure (1992) [1916] descreve este processo da seguinte forma: um sujeito formula um discurso com base em ideias e conceitos e organiza-o mentalmente com base numa representação imagética. Ao produzi-lo, este vai desencadear no sujeito, recetor, uma imagem cerebral que poderá, ou não, corresponder à mesma imagem do emissor. Por sua vez, o recetor assumirá o papel de emissor e o processo decorrerá exatamente nos mesmos moldes anteriores dando assim lugar ao acontecimento comunicacional.

Paralelamente a esta ideia que foi proposta e aplicada às línguas orais, William Stokoe, linguista americano e pioneiro a dedicar-se ao estudo das línguas de sinais, por volta dos anos 60, após lecionar aulas a alunos surdos, a partir da observação que fazia das interações entre os estudantes, concluiu que os sinais produzidos poderiam ser uma

⁶ Uma vez que o termo *fala* não se adequa ao contexto de utilização das línguas de sinais, entendamos aqui “ato de fala” como “ato de comunicação”. Todavia, visto estarmos a apresentar pressupostos propostos por Ferdinand Saussure optamos por manter a nomenclatura usada pelo autor.

língua. O linguista afirmava que “I had a hunch that the signing I saw deaf people using as they interacted might be a language, but I had no evidence to support my suspicion” (2001, p. 1)⁷. De realçar que estes pensamentos surgiram numa época em que as línguas de sinais não eram valorizadas, nem ensinadas, em contexto educativo sendo inclusive, em Portugal e em outros países europeus, proibido o seu uso dentro das instituições de ensino. Aos alunos surdos era-lhes incutido o método oralista em que o ensino era feito exclusivamente através da oralidade dos professores e a participação dos alunos seguia pela mesma via. Para tal, os alunos surdos eram forçados a inúmeras sessões de terapia da fala, nem sempre com os métodos mais ortodoxos, com o intuito de os habilitar para a fala. Todavia, a aprendizagem através deste método foi pautada por insucessos e Stokoe observou que os alunos não dependiam da oralização para conquistas escolares, questionando

how could this have happened? How could these students have developed their intellect and their sense of curiosity, when they were not socialized and enculturated? After all, these activities required language understanding and use. The answer was simple: they were socialized and they had learned, not by their classroom experience, which depended on the ability to speak and lipread English, but by their signing peers (2001, p. 5).

A situação descrita anteriormente foi vivenciada numa altura em que os estudantes surdos viviam em residências e partilhavam, constantemente, os mesmos espaços pelo que

student interaction in dorms, playing fields, dining halls, and so on had to have been carried on in some language, the same one I saw in the halls and when students talked to each other rather than to a hearing teacher (2001, p. 5).

Assim, com base no atrás exposto, partindo do princípio que, independentemente da forma como é expressa, oralmente ou através de sinais, ambas as modalidades são válidas quando nos reportamos ao uso efetivo de uma língua. Apesar do que era tido como verdade pelos linguistas, os estudos de Stokoe vieram contrariar a assunção de que língua e fala não se podem dissociar. Na realidade, acreditava-se que “anything not spoken but gesture had to be ‘nonverbal’ – not language. Most grammarians and linguists and other schools of language accepted this fallacy” (Stokoe, 2001, p. 6). De facto, era assim que as línguas de sinais eram encaradas: uma produção de gestos desprovida de significado e estrutura.

⁷ Nesta parte do livro aqui referenciada bem como no parágrafo seguinte, Stokoe reporta-se à sua experiência nos alvares dos anos 60 quando lecionou aulas de Literatura Inglesa na Universidade de Gallaudet e, pela primeira vez, observou e contactou com a língua de sinais dos surdos americanos.

Através dos estudos de William Stokoe, o primeiro linguista que se dedicou a estudar e analisar a língua de sinais (LS) – neste caso a Americana – foi possível comprovar que as LS são efetivamente uma forma de comunicação verbal composta por gestos/sinais e não pelos ditos *gestures* apesar de “it might be easier to blur the distinction between sign and gesture, we argue that distinguishing between sign (or speech) and gesture is essential” (Goldin-Meadow & Brentari, 2017, p. 1). Esse primeiro estudo, onde foram analisadas essas questões, culminou com a publicação, em 1960, da primeira descrição gramatical de Língua de Sinais Americana, estudos que, mais tarde, despertaram interesse em investigadores espalhados por todo o mundo.

Na realidade, a interação humana é o requisito mínimo para que se estimule o funcionamento da comunicação e se efetive a utilização de uma língua. Todo este processo descrito meticulosamente por Saussure pode ser transposto e aplicado às línguas de sinais havendo apenas alteração nas modalidades de produção e receção da língua, sendo os restantes processos cerebrais semelhantes. Tal como descrito, para que a comunicação através da LS se processe é necessário que os intervenientes sejam conhecedores da língua e das suas regras gramaticais pois “os sistemas de signos podem, porém, cumprir a sua função comunicativa só quando são comuns a pelos menos duas pessoas” (Metzeltin, 1978, p. 144) uma vez que os signos servem o propósito de “(...) transmitir uma informação, para indicar a alguém alguma coisa que um outro conhece e quer que outros também conheçam. Ele insere-se, pois, num processo de comunicação deste tipo: fonte-emissor-canal-mensagem-destinatário” (Eco, 1997, p. 21).

Com todos estes pressupostos em mente podemos então constatar que as línguas de sinais são línguas plenas. Contrariamente ao que foi pensado durante largos anos, muito devido ao facto de estas línguas não serem de produção oral e não fazerem uso do som, as línguas de sinais apresentam características que são comuns a outras línguas e que afirmam e confirmam o seu estatuto linguístico. Naturalmente, quando pensamos em Portugal, percebemos que a LSP não é conhecida e utilizada por grande parte da população, o que não inferioriza a língua, apenas lhe atribui um estatuto diferente, o de língua minoritária, visto ser falada por um grupo restrito quando comparado com a população do país. Na realidade, se olharmos para a *Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias* rapidamente percebemos que a LSP se enquadra nesta categoria uma vez que é uma língua diferente da língua oficial do Estado sendo utilizada

“(…) tradicionalmente num determinado território⁸ de um Estado por nacionais desse Estado que constituam um grupo numericamente inferior à restante população do mesmo Estado;” (1992, p. 2).

Em 1997, após uma grande e duradoura luta da comunidade surda, que uniu associações de surdos, professores que trabalhavam com alunos surdos, intérpretes e pais de crianças surdas, a LSP foi reconhecida na Constituição da República Portuguesa, na alínea h) do artigo 74.º (Constituição da República Portuguesa, 1997) “(…) enquanto expressão cultural e instrumento de acesso à educação e da igualdade de oportunidades”. Um ano antes deste reconhecimento, Chomsky afirmava que

(...) sign language involves the same or similar mechanism as spoken language. That wasn't assumed some years ago, but now there's a pretty strong evidence to indicate that that's true. So it looks as though when you study sign language you're studying a different manifestation of very much the same internal systems (1996, p. sp).

Neste sentido, cabe aqui perceber que as características da LSP não se distanciam daquelas que são sobejamente conhecidas por nós, pelo que apenas nos compete aceitar que esta é uma língua com uma modalidade de língua diferente da oral, pois

a representação duma língua em que em vez da voz se utilize as mãos e em vez de se ouvir se tenha de olhar. O espaço sonoro é substituído pelo espaço visual: o gesto ocupa a multidimensionalidade do espaço enquanto a fala se realiza na linearidade da cadeia do som. A motricidade das mãos, acompanhada da motricidade do tronco, da cabeça e da expressão facial, substitui-se à produção do som pelos pulmões, à vibração das cordas vocais e à articulação do tracto vocal (Amaral, Coutinho, & Martins, 1994, p. 20).

1.1. Universais linguísticos

As línguas orais e as línguas de sinais, apesar de possuírem modalidades e formas de expressão e perceção distintas, apresentam características que são comparáveis e ambas se regem por princípios idênticos. Durante muito tempo pensava-se que as LS não eram línguas plenas precisamente porque os estudos linguísticos que existiam baseavam-se apenas nas línguas orais, não havendo investigação que permitisse olhar e entender as LS, da mesma forma que já se fazia em relação às LO pois “until quite recently, sign languages were assumed to exist without a meaningless level of structure at all. (...) it had been widely assumed that signs were essentially iconic wholes” (Sandler & Lillo-Martin, 2006, p. 113).

⁸ Neste caso a distribuição dos utilizadores não é geograficamente limitada, sendo uma comunidade unida pela língua e não pelo espaço/região.

Na realidade, a capacidade de usar uma língua através da faculdade da linguagem inerente a qualquer ser humano é

(...) um processo comum a todas as crianças qualquer que seja o estímulo linguístico a que são expostas, isto é, qualquer que seja a língua que ouvem falar à sua volta. Em tempo incrivelmente breve, e perante dados incompletos a competência linguística é rapidamente adquirida. Essa aprendizagem não pode provir senão de um mecanismo cognitivo universal e genético especialmente preparado para esse fim (Mateus & Villalva, 2006, p. 16).

Neste sentido, como podemos referir de forma assertiva que as línguas de sinais são línguas plenas e que se encontram no mesmo nível das línguas orais? Em termos linguísticos esta afirmação apenas é possível e verdadeira porque encontramos nas LS características que são comuns a outras línguas, que apenas são assumidamente possíveis de identificar em línguas naturais e humanas, ideia também defendida por Chomsky ao afirmar que “há elementos gerais universais, condições da forma e organização de qualquer língua humana” (Chomsky, 1973, p. 94). O autor acreditava que “essas estruturas universais tornariam primeiramente possível o aprendizado de toda e qualquer língua particular, na medida em que dotariam os aprendizes de princípios organizadores dos dados linguísticos a que estão expostos” (Glenday, 2010, p. 186). Da mesma forma e reportando-se às línguas de sinais, Sandler & Lillo-Martin (2006) afirmam que o pensamento necessário é “(...) to take linguistic theory seriously, as a theory about universal properties of human language, and to use it in the investigation of a natural human languages in a different physical modality” (p. XV).

Chomsky demonstrou que

despite their obvious and manifold differences, all human languages have certain deep-seated structural properties in common. These universal properties of language are specific restrictions on the possible form and human language can take and they may be regarded as inborn principles by which the human mind operates” (Stringer, 1973, p. 9).

Apesar das características serem identificáveis nas línguas, há que ter presente que devido à sua distinta natureza e modalidade de produção oral e de sinais - as mesmas manifestar-se-ão de forma distintas. Poderemos certamente afirmar que nos referimos a características que são verdadeiramente universais. Não obstante, as línguas de sinais são utilizadas exatamente nas mesmas situações que as línguas orais: em interações sociais e familiares, em diferentes contextos tais como o educativo, científico, desportivo, cultural, religioso, político, informativo, em suma, em todas as atividades da vida diária de uma pessoa surda (Sandler & Lillo-Martin, 2006).

Com base em Fromkin & Rodman (1993), resumimos na tabela 1 os universais linguísticos que são possíveis identificar em todas as línguas naturais (a) e faremos o paralelismo com as línguas de sinais (b)). No caso da língua oral, citamos *ipsis verbis*, no caso das línguas de sinais, a adaptação é nossa (Karnopp & Quadros, 2001) (Chaibue, 2013).

1 a)	A língua existe onde existem os seres humanos: tendo o ser humano a necessidade inata de comunicar, precisará de recorrer a uma forma de linguagem para o fazer, o que resultará na construção de uma língua.
1 b)	Da mesma forma, as pessoas surdas também sentem a necessidade de comunicar pelo que, naturalmente, onde existam comunidades de surdos, haverá língua de sinais.
2 a)	Todas as línguas são complexas e permitem expressar ideias. Para além disso, em todas as línguas há a possibilidade de introdução de novo vocabulário referente a novos conceitos, pelo que se conclui que não existem línguas primitivas.
2 b)	As línguas de sinais são igualmente complexas, possibilitam a expressão de ideias sobre o universo e vão integrando novos sinais que representam novos conceitos.
3 a)	Todas as línguas evoluem ao longo do tempo pelo que as línguas orais vão sofrendo alterações com o passar do tempo.
3 b)	Da mesma forma, as línguas de sinais também vão apresentando mudanças com o passar do tempo.
4 a)	Todas as línguas são caracterizadas pela arbitrariedade: não existe uma relação direta entre o significante sonoro das LO e o significado do referente.
4 b)	O mesmo acontece com as línguas de sinais, isto é, é inexistente a relação direta entre o significante em forma de sinal e o seu significado. Sobre isto, vejamos a figura 2, cujos exemplos são ilustrativos deste universal e que nos permitem concluir que, desconhecendo a língua não é possível perceber o significado dos sinais.
5 a)	Todas as línguas possuem dupla articulação e no caso das LO, as línguas utilizam um sistema finito de sons que, ao serem combinados entre si, produzem um número infinito de elementos sonoros com significação.

5 b)	Por sua vez, as LS recorrem a um número finito de queremas, de que adiante falaremos, para, através de combinações e variações, formarem um sem fim de sinais possíveis.
6 a)	Todas as línguas possuem uma gramática.
6 b)	As LS apresentam categorias gramaticais, com regras para a formação de palavras e frases.
7 a)	Todas as línguas apresentam dupla articulação, isto é, têm unidades mínimas e as LO regem-se por uma variedade de sons que são denominados de fonemas.
7 b)	Por sua vez, as LS apresentam queremas com variados traços, sendo os queremas: a configuração de mão (CM), localização (LM), movimento de mão (MM), orientação da palma da mão (OM) e expressão não manual (ENM).
8 a)	Todas as línguas apresentam categorias gramaticais, tais como nomes, verbos, adjetivos.
8 b)	As LS também apresentam essas mesmas categorias gramaticais.
9 a)	Em todas as línguas é possível encontrar universais semânticos como, por exemplo, macho/fêmea, não humano/humano ⁹ .
9 b)	Nas LS também é possível encontrar os mesmos universais semânticos.
10 a)	Todas as línguas têm recursos para indicar um tempo passado, para exprimir uma negação, para formular perguntas ou para emitir ordens.
10 b)	Tais recursos também são passíveis de serem expressos nas línguas de sinais.
11 a)	Todos os falantes de qualquer língua têm a capacidade de produzir e compreender um número infinito de frases.
11 b)	Os utilizadores das LS apresentam exatamente a mesma capacidade.
12 a)	Independentemente da zona do mundo onde nasçam, da origem racial (<i>sic</i>), geográfica, social ou económica, todas as crianças são capazes de adquirir uma língua desde que estejam expostas à mesma.
12 b)	Da mesma forma, qualquer criança surda é capaz de adquirir a LS sendo para isso apenas necessário que esteja em contacto com a mesma.

Tabela 1: Universais Linguísticos: línguas orais e línguas de sinais

⁹ Segundo Corbett, contrariamente ao género natural de macho/fêmea, o género gramatical masculino/feminino não pode ser considerado um universal linguístico uma vez que não é possível identificá-lo em todas as línguas do mundo. A este propósito veja-se (Corbett, 2014).



Figura 2: EUROPA, IOGURTE e FERIADO

Neste tópico, referente ao ponto 4) da tabela 1, e por contraste, cumpre referir que as LS apresentam a propriedade da iconicidade que é visível através da representação de um sinal cujo significante possui características semelhantes à forma física ou geométrica do objeto representado (Correia, 2009). Veja-se, por exemplo na figura 3, o sinal TELEFONE cuja execução é feita com uma configuração de mão que se assemelha ao formato dos telefones antigos e fixos, sendo a execução realizada no exato local em que se coloca o auscultador do telefone.



Figura 3: TELEFONE

Para além disso, a iconicidade do sinal pode também advir da forma como a comunidade surda vê e experiencia o mundo, ou pelas suas características culturais, como é possível ver-se abaixo na figura 4.



Figura 4: CABRA e MAÇÃ

Assim, pelos exemplos podemos perceber que a comunidade surda de determinado país atribuiu o sinal com base na característica que lhe é mais evidente. Assim, em Portugal o sinal CABRA representa os cornos do animal enquanto o sinal MAÇÃ está associado à forma como se come a fruta. Na realidade, ainda que a base destes sinais seja icónica, apresenta particularidades próprias da comunidade linguística e da interpretação que esta lhes atribuiu. Se compararmos os sinais destes mesmos referentes noutras línguas de sinais percebemos que a motivação para a criação do sinal é distinta. Podemos constatar esta diferença na figura 5 cujos exemplos representam, nomeadamente, o sinal CABRA da Língua de Sinais Espanhola (LSE), cuja representação diz respeito à barba do animal, e no sinal MAÇÃ da Língua de Sinais Francesa (LSF), que poderá estar relacionada com as “maçãs do rosto” ou com a cor das bochechas.

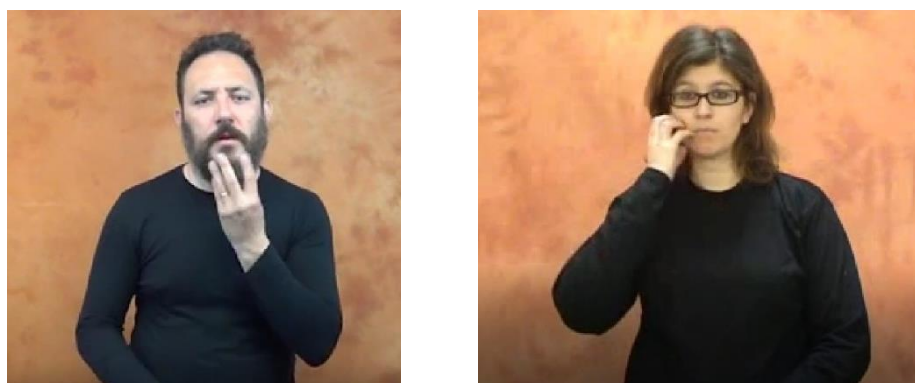


Figura 5: CABRA – LSE e MAÇÃ - LSF

Em ambos os casos, dada a aproximação à realidade, o significado inerente aos sinais icónicos poderá ser inferido por uma pessoa que desconhece a língua de sinais. No entanto, a propósito do exemplo de BOLA, Correia (2015) refere que

em experiências que já realizei no ensino de linguística da lgp e em sessões de divulgação da lgp, o público que não conhece este idioma não responde de forma automática: podia ser mundo, sol, queijo, entre outras palavras equivalentes que se referem a algo redondo (p. 103)

pelo que, como a própria autora refere, o mais ajustado será referirmo-nos a estes sinais como pseudo-icónicos.

Os universais linguísticos apresentados foram definidos de acordo com o que é possível observar e estudar (as propriedades das línguas), e que podem ser aplicadas a todas as línguas independentemente da sua modalidade pois, tal como afirma Tossin (2015) “a humanidade é formada por uma mesma espécie de homínide e que, portanto, partilha de um substrato psíquico-intelectual igual” (p. 7) ideia esta corroborada por Fromkin & Rodman (1993) ao referirem que “todos nós falamos ‘linguagem humana’” (p. 18). Assim, a capacidade inata com que todos nós nascemos para a aquisição de uma língua natural é regulada por estas regras a que chamamos universais linguísticos (Glenday, 2010).

1.2. Grafia das Línguas de Sinais

A maior parte das línguas orais possui um sistema de escrita, havendo uma diversidade de sistemas convencionados e codificados e que são utilizados em diferentes países ou regiões. Independentemente do sistema que cada povo usa, existe sempre uma ligação estreita entre a escrita e a oralidade. Em Portugal, o sistema de escrita utilizado é o alfabético “onde cada letra pode ilustrar um ou mais fonemas e, também, um fonema pode ser representado por mais do que um grafema” (Silva, 2012, p. 25).

No que diz respeito às línguas visuais, estas foram durante muitos anos consideradas como línguas ágrafas pelo desconhecimento da existência de escrita destas línguas¹⁰ pois, por comparação com as línguas orais “while written English needs no introduction, not everyone will be familiar with written sign” (Hulst & Channon, 2010, p. 153). William Stokoe, propôs, à data, um sistema de notação da ASL que representava os três queremas definidos pelo autor. Anos mais tarde, em 1974, Valerie Sutton, uma bailarina americana, que já havia desenvolvido um sistema para escrever os movimentos da dança, o *dancewriting* foi convidada pela Universidade de Copenhaga para

¹⁰ Num documentário realizado em 2009, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HQ5UoqXMb1Y>, a realizadora Sally Thompson referiu que em tempos que remontam a 1795, os povos indígenas norte-americanos da zona das Grandes Planícies desenvolveram uma forma de comunicação através da língua de sinais e que, para comunicarem em momentos que não podiam estar presentes fisicamente, inventaram uma escrita que representava os sinais (Thompson, 2009).

desenvolver um sistema de escrita para as línguas de sinais, o *SignWriting* (SW) (Sutton, 2009). Existem ainda outros sistemas de notação para as línguas visuais tal como o *Hamburg Sign Language Notation System* (HamNoSys) desenvolvido em 1985 na Alemanha (Prillwitz, Leven, Zienert, Hanke, & Henning, 1989), ou sistemas de escrita como, por exemplo, o intitulado Escrita da Língua de Sinais (ELiS) criado em 1998 no Brasil (Estelita, 2008), entre outros. Neste estudo optamos pelo sistema *SignWriting* por ser o mais utilizado em Portugal.

Neste sentido, o sistema SW apresenta uma característica particular que permitiu a sua rápida difusão por todo o mundo: os símbolos utilizados para a escrita são os mais transparentes, de leitura direta e adaptados a cada língua de sinais. A escrita do sinal é direta e visual havendo correspondência entre símbolo e querema, à semelhança do que acontece com a escrita alfabética em que há correspondência entre fonema e grafema (Correia, Custódio, & Silva, 2021).

A título de exemplo apresentamos abaixo, na figura 6, a escrita SW do sinal PERCEBER



Figura 6: *PERCEBER* em *SignWriting*

Assim, nesta representação verificamos a existência de quatro queremas, nomeadamente: a configuração de mão em indicar que nos é apresentada através da base quadrada que representa a mão em punho e do traço que indica que o dedo indicador se encontra esticado; a orientação de mão representada através da cor branca presente na configuração de mão; a localização que é identificada através da posição onde está a mão e do semicírculo na parte de baixo do círculo da cara e que, por isso, representa o queixo e o movimento, descrito pelo asterisco. Este símbolo representa um toque que é feito numa superfície. Nesta imagem, podemos verificar que o símbolo está representado em duplicado, o que equivale a dois toques. Assim, para que a mão realize os dois

contactos/toques tem, obrigatoriamente, de produzir um movimento de afastamento e aproximação do queixo, sendo que é por isso que o movimento se representa, neste caso, através dos contactos. Neste sinal não há indicação da componente não manual, pelo que a ENM não se materializa sendo assim Ø.

Apesar da complexidade que este sistema aparenta à primeira vista, a verdade é que a sua utilização

assume uma função imprescindível na conservação da evolução da própria língua. Sem estes registos não seria possível afirmar e, conseqüentemente, comprovar que o tempo trouxe mudanças e progressos na forma de se escrever, que permitem à língua ser dinâmica (Silva, 2012, p. 26).

Esperamos que a revisão curricular e a crescente investigação em torno das línguas de sinais faça com que o SW seja efetivamente divulgado e usado.

1.3.Fonologia/Querologia

As línguas orais caracterizam-se por serem produzidas através de um contínuo sonoro que é constituído por elementos fonéticos. Os sons das línguas orais humanas são os fonemas, unidades mínimas indivisíveis e desprovidas de significado, que se agrupam para formarem unidades maiores com significado, as palavras, que, conseqüentemente, se juntam para criarem unidades maiores, as frases. Neste sentido percebemos que a fonologia diz respeito ao estudo dos sons que constituem uma língua humana (Raposo, Nascimento, Mora, Segura, & Mendes, 2013).

A este propósito, Brentari (2004), afirma que

phonology is the level of grammatical analysis where primitive structural units without meaning are combined to create an infinite number of meaningful utterances. It is the level of grammar that has a direct link with the articulatory and perceptual phonetic systems (p. 35).

Neste sentido, “as mais pequenas unidades que se analisam em linguística são os sons” (Mateus & Villalva, 2006, p. 56), afirmação essa que faz sentido quando nos referimos às línguas orais. Contudo, como sabemos, as línguas de sinais não se caracterizam por propriedades acústicas, pelo que não faz sentido descrevê-las através destes parâmetros. Ainda assim, como já vimos, as línguas visuais apresentam todas as características próprias das línguas humanas e naturais o que nos leva a afirmar que as mesmas possuem, também, unidades mínimas de significação pelo que há então a necessidade de atribuir outra denominação com base no mesmo conceito linguístico.

Assim, pela observação da ASL, Stokoe chegou à conclusão de que um sinal é constituído e pode ser decomposto em unidades mínimas, pois o autor “had begun to look at the formation of signs. As a counterpart to phonology, he created the term chirology – a word derived from the Greek word chirologia” (Maher, 1996, p. 67). Como o próprio autor afirma, “Chereme, i. e. /ke’riym/, and allocher are proposed as names for the concepts corresponding with phoneme and allophone (The combining form, cher-, ‘handy’, as old as Homeric Greek has been preferred to the learned chir- or cheir-)” (Stokoe, 2005 [1960], p. 16).

Segundo, Amaral *et al*, a proposta de Stokoe seguia a lógica de acordo com a qual “os signos têm partes e estudou-os como um conjunto de elementos discretos e arbitrários que se combinavam para formar unidades gestuais” (1994, p. 58), o que se assume como sendo o mais adequado uma vez que advém do facto de a mão ser considerada “enquanto elemento central da produção do gesto. Este estudioso americano propôs que o estudo das unidades discretas da LGP se chamasse quirologia (do grego Khiros = mão) e as unidades significantes distintas da LGP seriam designadas por queremas” (Correia, 2009, p. 61).

Neste sentido, Stokoe determinou uma nomenclatura distinta para a linguística das línguas de sinais: querema para a unidade mínima indivisível que constitui um sinal, o equivalente a fonema, e querologia, “the sign language analogue of phonology” (Stokoe, 2005 [1960], p. 16), sendo definida pelo próprio como “the structure, and its analysis, of the isolates or units of the phenomenon level of the sign language of the deaf” (p. 33), para a ciência que se ocupa do estudo dessas unidades.

A este propósito, Fenlon, Brentari & Cormier (2017) afirmam que

it is widely acknowledged in the sign language literature that the parameter of handshape, place of articulation ‘POA’ (or location), movement, and orientation play a significant role at the phonological level in a similar way to the spoken language properties of place or articulation, manner and voicing (p. sp).

Sandler (2012) referindo-se aos queremas, acrescentou que “Meaningful morphemes and words are made up of such units, which can be recombined or substituted for one another to create new words. This kind of structuring makes it possible to amass a vast vocabulary” (p. 163).

Em seguida, apresentaremos quatro das cinco unidades mínimas das línguas de sinais, a saber: configuração de mão (CM), orientação de mão (OM), localização de mão (LM), movimento de mão (MM). Faremos uma descrição detalhada de todas elas e abordaremos também o tópico “pares mínimos”, característica das línguas naturais e cuja

realização advém da existência das unidades indivisíveis. Visto esta investigação ser dedicada ao querema expressão não manual (ENM), não o iremos tratar nesta seção pois dedicaremos um capítulo desta investigação ao seu estudo.

1.3.1 Configuração de mão

O parâmetro configuração de mão, como o próprio nome indica, diz respeito à forma que a mão assume quando produz um sinal, pois “a mão ou as mãos podem tomar múltiplas configurações na produção das diversas línguas gestuais” (Amaral, Coutinho, & Martins, 1994, p. 69)

O *Gestuário da LGP* (1991) foi dos primeiros documentos a inventariar as CMs da LSP tendo verificado a existência de, apenas, 18 configurações. Mais tarde, com base neste documento, os autores de *Para Uma Gramática da LGP* (1994) acrescentaram algumas configurações à listagem perfazendo, na altura, um total de 52. Estudos mais recentes como o de Carmo (2010) listaram a ocorrência de 76 configurações de mão, sendo previsível que com o surgimento de novas investigações científicas venham a ser elencadas novas CM.

Vários autores (Brentari, 2011; Liddell & Johnson, 1989; Sandler, 2012; Sandler & Lillo-Martin, 2006) consideram que a CM é uma categoria hierarquicamente superior, uma vez que a sua forma determinará o formato do sinal. A configuração de mão assenta numa questão essencial: os dedos que são selecionados na configuração e que correspondem ao que são os ativos e, por outro lado, os dedos que são inativos ou não selecionados, nomeadamente:

the fingers of a sign should be divided into two different groups based on their phonological behavior: the “selected fingers,” defined as those fingers that can change their aperture (open–close) during the articulation of a sign and appear to be foregrounded, and the “unselected fingers,” which must remain in one position during the articulation of a sign and appear to be in the background (Brentari, 2011, p. 198).

Sobre isto, vejamos a figura 7 que representa a escrita¹¹ dos seguintes sinais da LSP onde é notória a diferença entre o movimento dos dedos selecionados e os dedos que se mantém na mesma posição.

¹¹ Escrita feita através do sistema SignWriting, sistema de escrita para as línguas de sinais criado por Valerie Sutton, em 1974.

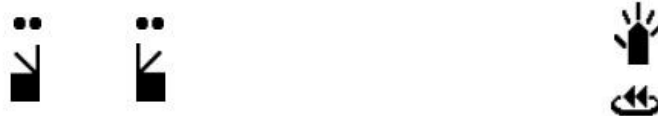


Figura 7: TEMA e ONDE em SignWriting

Assim, à esquerda vemos o exemplo referente ao sinal TEMA e a escrita é assinalada com os pontos pretos dá-nos indicação de movimento de flexão dos dedos sendo que à direita estamos perante a representação do sinal ONDE, em que apenas existe movimento no espaço de sinalização indicado através da seta, não havendo alteração da configuração em que se encontram a mão.

Depois de selecionados os dedos a serem usados na CM, estes assumirão uma determinada posição o que significa “finger position as subordinate to selected fingers” (Sandler, 2012, p. 163).

A categoria CM é bastante complexa, mas produtiva, na medida em que a mão é capaz de explorar diversas potencialidades e consegue alcançar uma grande quantidade de distintas formas.

The four fingers and the thumb can be selected in various combinations in the articulations of handshapes. The fingers can bend at any joint, or at more than one joint at once. The thumb can be adducted or abducted, can contact fingertips, or can close over the fingers. (Sandler & Lillo-Martin, 2006, p. 144)

Os autores acrescentam ainda que toda a configuração de mão é produzida através da junção dessas duas categorias: a seleção de dedos e a posição de dedos. Neste sentido, “the handshape consists of one or more selected fingers in a particular position - extended, closed, curved, or bent” (Sandler, 2012, p. 163) sendo que, anteriormente, Liddell & Johnson (1989) já haviam reforçado que a CM não dizia respeito apenas à forma da mão, mas que podia envolver o pulso e o antebraço pois “while most HC use only the hand, others use the entire hand and forearm as a unit (...) The presence of such forearm involvement in the HC. If / is absent, the HC is assumed to use only the hand itself.” (p. 224)

A este propósito vejamos abaixo os exemplos com sinais da LSP:



Figura 8: FELIZ e VIRGEM

Na figura 8, à esquerda, podemos verificar que a configuração de mão seleciona os dedos polegar e mínimo, que se encontram na posição esticada sem qualquer manipulação da zona das articulações. Por outro lado, à direita, constatamos que a configuração de mão utiliza os dedos indicador e médio sendo que a posição dos dedos alterna entre esticado e gancho.

Assim, a CM pode ser vista como uma categoria querológica extremamente relevante, uma vez que a sua forma poderá determinar o formato do sinal, isto é, não é possível articular certas CM com outros parâmetros. Assim, por uma questão de condicionamentos fisionómicos do ser humano, acreditamos que a CM é determinante para a seleção de outras unidades mínimas. Não é possível, anatomicamente, produzir determinadas configurações, em certos locais, orientados para alguns sítios. Vejamos a figura 9 que representa sinais cuja produção não é fluída e que, por isso, não são combinações utilizadas nas línguas visuais.



Figura 9: Exemplos de produções não existentes devido a constrangimentos fisiológicos

1.3.2 Orientação de mão

A orientação da mão é norteadada pela posição que a palma da mão assume aquando da execução de uma CM, ou seja, para percebermos para que local está orientada a mão há que ter em conta a direção da palma da mão. Nas LS esta categoria é pouco produtiva e Stokoe não a reconheceu enquanto unidade mínima, tendo sido proposta por Battinson nos anos 70 (Sandler & Lillo-Martin, 2006). Hoje em dia a literatura apresenta-nos uma dicotomia: se por um lado existem autores que consideram a OM como uma categoria independente e contrastiva, por outro encontramos autores que não a consideram como uma categoria autónoma, mas sim uma subcategoria da configuração de mão. Nas citações abaixo a dualidade de opiniões está bem patente.

Some researchers incorporate orientation as a fourth major category. Based on the physiological relation between the palm and the whole hand, as well as on assimilation behavior observed in lexical compounds in various sign languages, other models represent orientation as a subordinate category to the major category of hand configuration (Sandler, 2012, p. 164)

Por outro lado, podemos perceber que há estudos que se inclinam mais para ação de não categorização independente

the discovery that orientation is contrastive can be separated from the claim that it constitutes a major category, however, since any distinctive feature is, by definition, contrastive. Orientation my function instead as a part of the hand configuration category (...)

In fact, there is an independent phonological motivation for the idea that orientation is a phonological subcategory of hand configuration, and not, as Battinson suggested, and independent category on a par with hand configuration, location, and movement. The evidence consists of the behavior of orientation under assimilation. In ASL compounds, orientation alone may assimilate without the fingers and their position, but if the fingers and their position assimilate, then orientation is not independent – it must assimilate as well. (Sandler & Lillo-Martin, 2006, p. 156)

A este propósito vejamos os seguintes exemplos na figura 10 que representam sinais da ASL, nomeadamente, AMIGO (duas imagens à esquerda) e ANIMAL¹².

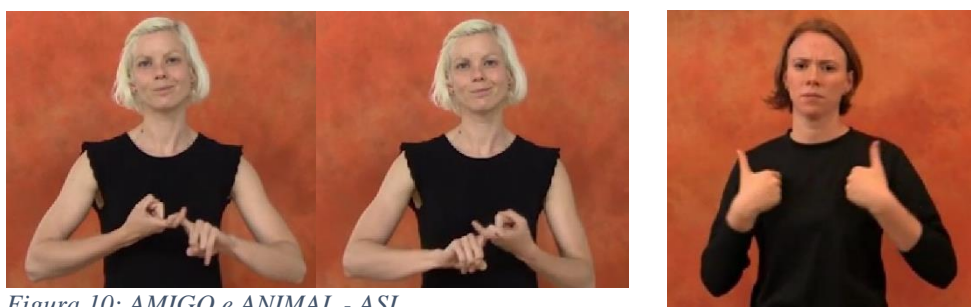


Figura 10: AMIGO e ANIMAL - ASL

¹² Exemplos retirados do dicionário *on-line* www.spreadthesign.com.

As configurações de mão que são seleccionadas para a execução dos sinais determinam a posição em que se encontra a orientação da mão, sendo precisamente por esse motivo que os autores afirmam que esta categoria não pode ser considerada independente. Apesar disso e tendo em conta que a OM pode ser responsável pela formação de pares mínimos (cf. 1.3.5), cremos que este querema deve ser considerado enquanto independente, ainda que, a nosso ver, apresente um menor nível de independência quando comparado com os restantes queremas.

1.3.3 Localização

A localização diz respeito ao lugar que a mão, ou as mãos, ocupam aquando da produção de um sinal. Esta localização pode ser no espaço neutro sem qualquer tipo de contacto ou, por outro lado, pode ter dois tipos de ponto de contacto: com o corpo do emissor ou com a mão não dominante¹³. Vejamos, a este propósito, a figura 11 com exemplos da LSP:

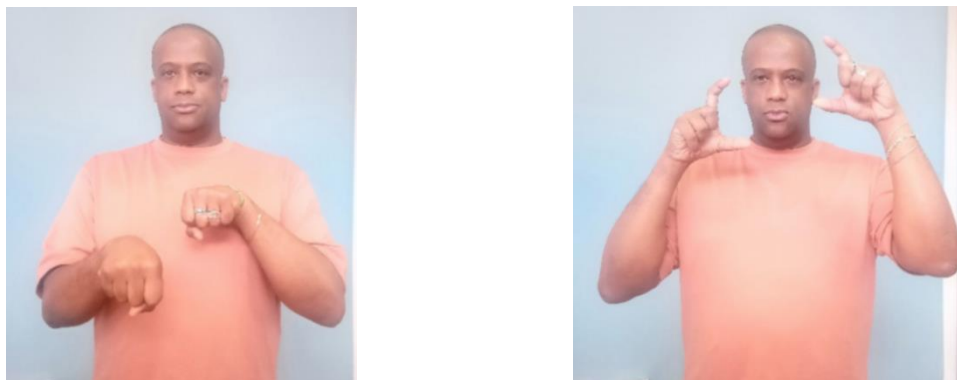


Figura 11: BICICLETA e FOTOGRAFIA

Assim, nas imagens de BICICLETA e de FOTOGRAFIA podemos ver dois sinais cuja localização é em espaço neutro, sendo que o primeiro se encontra em frente ao peito e o segundo em frente à cara.

¹³ Mão dominante refere-se à mão que espontaneamente a pessoa utiliza para sinalizar: no caso dos destros, a mão direita, e no caso dos canhotos, a mão esquerda. Por oposição, a mão não dominante é a outra mão: no caso dos destros, a esquerda e no caso dos canhotos, a direita.

Na figura 12, vejamos outros dois exemplos.



Figura 12: AMOR e PEDRA

Neste segundo par de exemplos que representam AMOR e PEDRA constatamos a existência de dois sinais com ponto de contacto com o corpo, sendo que aquilo que os distingue é, no primeiro, o contacto ser com o peito e, no segundo, apresentar ponto de contacto com a cara.

Em seguida, na figura 13, apresentamos dois sinais com execução bi-manual.



Figura 13: ESTRUTURA e BRINCAR

Assim, como podemos verificar, ambos os sinais, ESTRUTURA e BRINCAR, apresentam localização em espaço neutro.

De realçar que as línguas de sinais, pela sua natureza física e visual, manifestam-se num espaço tridimensional onde são construídas todas as relações sintáticas, espaço esse que corresponde à zona em frente ao corpo do emissor. Por sua vez, a localização da execução de um sinal é o ponto onde este é articulado e que é explorado no espaço sintático não significando isto que ambos sejam idênticos, sendo que, o ponto de articulação pode, caso haja movimento do sinal, corresponder a mais do que um, pois como afirmam Liddell & Johnson

it is quite common for the hand to move from one location to another location during the production of a single sign. Such relocations occur frequently in simple signs and are

especially common in compound signs, almost all of which move from one location to another. (1989, p. 198)

A este propósito vejamos abaixo alguns exemplos da LSP:



Figura 14: MESA e PERCEBER



Figura 15: PERGUNTA e PROFISSÃO

Assim, a figura 14 representa o sinal MESA que é executado no espaço neutro em frente ao emissor enquanto o sinal PERCEBER se localiza no queixo. Por sua vez, no par de exemplos presentes na figura 15, os dois sinais mudam de localização sendo que o sinal PERGUNTA inicia no queixo e produz um movimento para o espaço neutro enquanto o sinal PROFISSÃO apresenta-se como composto, pois é constituído pela junção do sinal TRABALHAR, executado no espaço neutro. A segunda parte do sinal inicia com a mão aberta no peito ocorrendo um afastamento para a zona neutra de sinalização, transmitindo assim a ideia de SEMANA.

A localização determina, ainda, os tipos de verbos que se representam na LSP uma vez que é um afixo que denota a relação entre o verbo e os argumentos que, ao variar, altera o sentido do verbo. Neste sentido, LM é um querema que assume funções morfémicas as quais serão exploradas adiante na seção referente ao nível morfológico (cf. 2.5.2).

1.3.4 Movimento

O movimento é um parâmetro bastante produtivo nas línguas de sinais e pode ser analisado sob duas formas distintas: como movimento independente, nomeadamente o movimento descrito pela mão no espaço de sinalização, ou como dependente, isto é, o movimento interno da mão ou de dedos (cf. 1.3.1), movimentos estes, segundo Sandler & Lillo-Martin (2006), denominados de “path movement and internal movement” (Sandler & Lillo-Martin, 2006, p. 197).

Quando nos referimos ao movimento independente, este é entendido como “displacement of the hands in space” (Brentari, 2011, p. 195), sendo que “movements are dynamic acts with a trajectory, a beginning” (Fenlon, Brentari, & Cormier, 2017, p. 9). Assim, o movimento corresponde à direção que um sinal assume quando se movimenta de uma localização para outra podendo, em muitos casos, haver repetição de movimento. Estudos indicam que o movimento querológico confere características silábicas ao sinal, uma vez que a sequencialidade da sua repetição é o que os torna dinâmicos e significativos pois “movements do exist as a phonological category, that their sequential position should be reflected in the representation, and that they define the sign language syllable” (Sandler & Lillo-Martin, 2006, p. 197).

Sem movimento, os sinais seriam apenas configurações estáticas produzidas em diferentes localizações, pelo que este parâmetro se assume como sendo uma parte intrínseca e fulcral do sinal. Assim, por comparação com as línguas orais, pode afirmar-se que

sign language syllables - defined in terms of the number of sequential movements in a form - are necessary units in the phonological grammar, because if one considers the grammatical functions that these units serve for a sign language such as American Sign Language (ASL), they parallel those served by the syllable in spoken languages. The reason for calling such units syllables is related to facts regarding language acquisition; sonority; minimal word constraints, and word-internal two-movement combinations (Brentari, 2004, p. 43).

A mesma autora reforça ainda a importância do querema “movimento” na questão silábica, afirmando que

movements (PFs) function as the “medium” of the signal, just as vowels function as the medium of spoken languages. (...) movements (PFs) function as syllable nuclei in sign languages, just as vowels function as syllable nuclei in spoken languages (p. 45).

Vejam os sinais abaixo que ilustram exemplos de movimentos querológicos e características silábicas.



Figura 16: *DESCULPA* e *OUVINTE*

A figura 16 representa, à esquerda, o sinal *DESCULPA* que é realizado com configuração em U localizada junto à boca e que apresenta dois movimentos de afastamento para a frente, mantendo-se a configuração igual, representando assim duas sílabas. O sinal da direita refere-se a *OUVINTE* e é produzido com a mão em configuração “indicar”, localizada inicialmente junto à orelha e com movimento de afastamento para o lado, não havendo repetição e sendo, por isso, um sinal monossilábico.

Desta forma percebemos a relevância que este traço assume nas características querológicas da LSP, bem como na importância da afirmação da existência de sílabas, pois

movement features also play an important role in the sign language syllable with movement being described as analogous to vowels. Parallels between the two can be seen when one considers that vowels and movements are perceptually the most salient feature within a word or a sign and that movement is what makes signs visible, just as vowels make words audible. (Fenlon, Brentari, & Cormier, 2017, p. 11)

Num estudo realizado em 2021, Correia, Custódio & Silva, analisaram o processo de decifração da escrita do SW feito por alunos do ensino superior que se encontravam em processo de aprendizagem do sistema. Assim, os autores referem que ao ler os estudantes fazem uma leitura aparentemente silabada, mas não isolam as sílabas dentro do sinal, mas sim os queremas. Apesar dessa conclusão, os autores conseguiram identificar muitas semelhanças no processo de decifração, nomeadamente quando mencionam o seguinte exemplo “a aluna, recente leitora deste sistema de escrita, sentiu necessidade de repartir de forma marcada os movimentos em ziguezague o que poderá

assemelhar-se ao que acontece às crianças quando começam a ler e repartem as palavras em sílabas” (Correia, Custódio, & Silva, 2021, p. 62), ou ainda, quando indicam que “nesta situação verificamos que há um exagero na amplitude do movimento lateral que poderá estar, mais uma vez, relacionado com a leitura silabada que se revela através das setas de movimento” (Correia, Custódio, & Silva, 2021, p. 63).

Por sua vez, quando falamos em movimento dependente ou interno da mão podemos entender esta propriedade como uma subcategoria da CM, uma vez que o movimento que a mão realiza está dependente do tipo de configuração que assume, nomeadamente “the hand configuration may change in particular ways: either the finger position may change or the orientation of the hand may change within a sign, creating what is usually referred to as internal movement” (Sandler & Lillo-Martin, 2006, p. 146).

Assim, diferentemente do movimento no espaço, o movimento interno da mão corresponde a movimentos de dedos, alteração de configuração ou de orientação. Por este motivo, como já referido, a CM representa uma categoria hierarquicamente superior da qual o movimento interno da mão está dependente, uma vez que o movimento de dedos, configuração ou orientação apenas pode ocorrer com base na forma que a CM assume.

A este propósito, vejamos abaixo os sinais COR e TEMA:

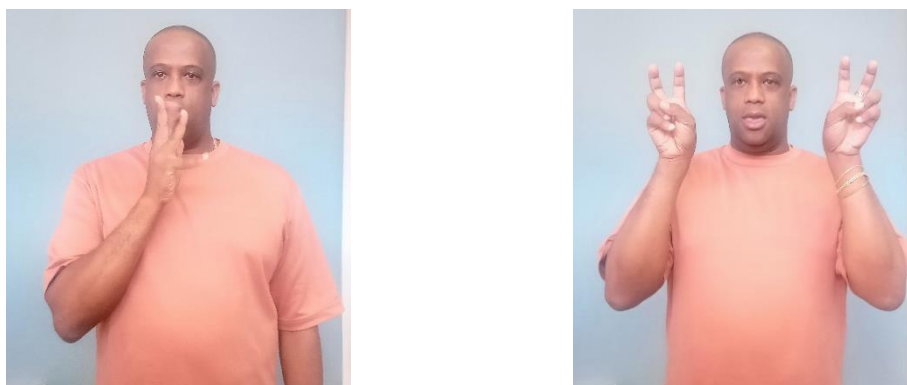


Figura 17: COR e TEMA

A figura 17 mostra-nos, à esquerda, o sinal COR cuja CM se apresenta aberta com os dedos afastados com o polegar em contacto com o queixo. Assim, neste sinal podemos identificar movimento interno da mão através do dedilhar dos dedos. Por sua vez, no sinal à direita, referente ao sinal TEMA, verificamos que as duas mãos apresentam a mesma configuração e que o movimento é representado através do fecho e abertura da articulação média dos dedos, não havendo movimento no espaço, apenas movimento referente a traço articulatorio da configuração.

Apesar destas diferenças representativas, cumpre esclarecer que os dois tipos de movimentos podem acontecer em simultâneo num mesmo sinal, isto é, um sinal pode apresentar movimento, enquanto independente, representando assim o trajeto descrito no espaço e, ao mesmo tempo, movimento interno na mão. É o caso de, por exemplo, o sinal de MINHOCA que vemos representado na figura 18.



Figura 18: MINHOCA

Este sinal apresenta movimento de direção com deslocação no espaço para a frente – movimento independente - enquanto, em simultâneo, é realizado um movimento de abertura e fecho do dedo que está selecionado pela configuração, neste caso, o indicador – movimento dependente.

O movimento pode também apresentar características contrastivas na formação de pares mínimos e características morfémicas, por exemplo, na formação do plural (cf. 2.5.2.2).

1.3.5 Pares mínimos

É incontestável a existência de pares mínimos na língua portuguesa. Em fonologia, esta propriedade é identificada quando entre duas palavras com o mesmo número de sons ocorre a alteração de apenas um. Vejamos os exemplos *pata* e *bata* cujas transcrições fonológicas são, respetivamente /'pa.tə/ e /'ba.tə/. Podemos verificar que o primeiro fonema é a única unidade fonológica que difere, o que significa que as distinções entre pares mínimos são feitas através da substituição de um único elemento que não tem qualquer significado, quando isolado. Tal como Mateus & Villalva (2006) afirmam, os pares mínimos são “duas palavras cujo significado se distingue pela existência de um único fonema diferente” (p. 58).

Quando nos referimos às LS, este conceito é entendido como “pares de palavras em que a substituição de uma unidade fonológica por outra (tudo o resto ficando igual) altera o sentido da palavra” (Amaral, Coutinho, & Martins, 1994, p. 40), ou seja, referimo-nos à alteração de um único querema que sozinho não apresenta qualquer significado. Esta propriedade foi identificada nas LS pelo primeiro linguista que as estudou. “William Stokoe demonstrated that changing meaningless element within a sign could produce a change in meaning; i.e., he showed that there are minimal pairs in sign language” (Sandler & Lillo-Martin, 2006, p. 116).

Os pares mínimos podem ser formados através da alteração de qualquer um dos quatro queremas que já apresentamos. Seguidamente apresentaremos quatro exemplos em que é possível observar a alteração de apenas um traço querológico, que resulta na mudança de significado do sinal. Assim:



Figura 19: *PATO* e *GANSO*

Nestes exemplos presentes na figura 19 verificamos que os sinais são idênticos em tudo exceto na configuração de mão, pois no sinal *PATO* apenas se utilizam os dedos polegar, indicador e médio enquanto em *GANSO* são utilizados todos os dedos.



Figura 20: *ESCOLA* e *PROVA*

Os sinais exemplificados na figura 20 são produzidos exatamente da mesma forma sendo que em ESCOLA a mão dominante encontra-se com a palma orientada para o lado oposto e em PROVA a palma da mão está orientada para o chão.

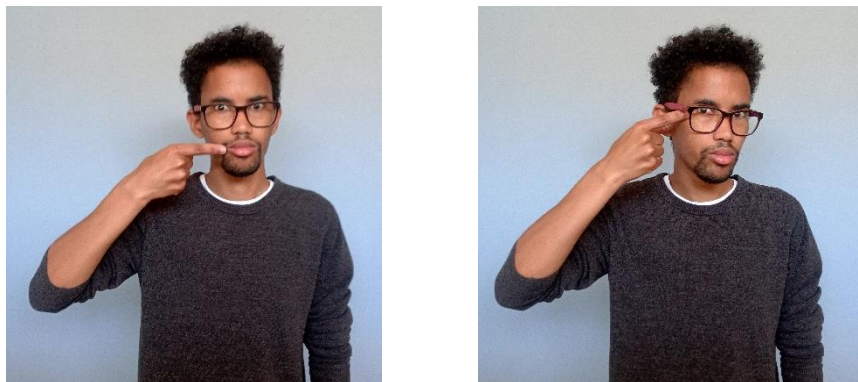


Figura 21: *QUARTA-FEIRA* e *QUINTA-FEIRA*

A figura 21 representa dois sinais que dizem respeito a dias da semana e são bastante semelhantes sendo a única diferença entre ambos o local de articulação: *QUARTA-FEIRA* localiza-se junto à boca e *QUINTA-FEIRA* junto ao olho.



Figura 22: *ALHO* e *COUVE*

Nos exemplos da figura 22 podemos constatar que ambas as mãos se mantêm iguais havendo variação apenas do parâmetro movimento, isto é, em *ALHO* existe um movimento de rotação do antebraço dominante para a frente e para trás na palma da mão não dominante e em *COUVE* o movimento é também na palma da mão não dominante, mas em forma circular.

1.3.6 Aloqueremas

Para além da questão dos pares mínimos, há que referir outro fenómeno linguístico também presente na LSP, nomeadamente a existência de aloqueremas. Se pensarmos nas

línguas orais sabemos que “os diferentes fones que ‘representam’ ou derivam de um fonema denominam-se de alofones desse fonema. Um alofone é, pois, uma variante fonética previsível de um fonema” (Fromkin & Rodman, 1993, p. 82). Nesta lógica, nas LS também existem sinais que, por diferentes motivações, podem ser executados de forma distinta mantendo inalterado o significado. Com efeito, contrariamente ao que acontece com os pares mínimos em que a alteração de um querema resulta num sinal com significado diferente, os aloqueremas correspondem a um fenómeno linguístico em que ocorre alteração de um querema, não provocando a alteração do significado. Estamos, pois, perante dois significantes distintos para o mesmo significado (Correia & Queirós, 2016) ou, por outras palavras, verifica-se a existência de “two different forms for the same grammatical element” (Sandler & Lillo-Martin, 2006, p. 58). Um exemplo desta ocorrência é precisamente o sinal de QUEREMA, passível de verificação na figura 23 abaixo representada.

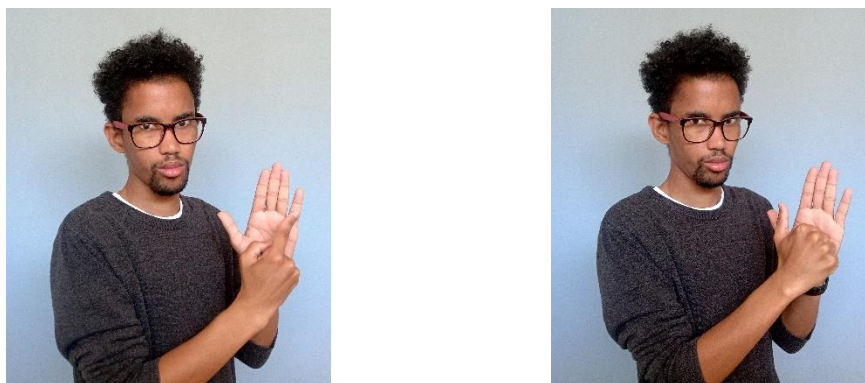


Figura 23: QUEREMA e QUEREMA - com indicador e com polegar

Percebemos assim que o sinal exemplificado pode ser executado com a mão dominante em configuração “indicar” ou em configuração “B”, sendo que esta alteração não resulta em alteração de significado, podendo ambos os significantes ser utilizados para exprimir o conceito de querema.

2. O querema ENM

Os vocábulos das línguas de sinais, como já tivemos oportunidade de constatar, são constituídos por unidades mínimas, os queremas (Correia, 2009), que se combinam entre si para formarem um signo dotado de significado. São cinco os queremas categorizados e reconhecidos pela comunidade científica, sendo um deles a Expressão

Não Manual, (Quadros & Karnopp, 2004) (Amaral, Coutinho, & Martins, 1994) que apresenta uma distribuição muito produtiva em diversas classes de signos. Como refere Wilbur (2000) “the nonmanual markers include a number of independent channels: head position, body position, eyebrow and forehead position, eye gaze, nose position, and mouth, tongue, and cheek” (p. 223).

Dado ser precisamente sobre esse querema que a nossa investigação irá incidir faremos, em seguida, uma explanação teórica sobre diferentes perspetivas e características referentes à ENM.

2.1.O estatuto da ENM

Nem sempre a ENM foi vista da mesma forma, pois ao longo dos anos a maneira como foi encarada foi sofrendo alterações. Como sabemos, o primeiro linguista a estudar as línguas visuais, em 1960, não a considerou unidade mínima (Stokoe, 2005 [1960]). A inclusão na categorização de querema conferente de significado ao sinal foi atribuída anos mais tarde em estudos como os de Liddell & Johnson (1986), que ao descreverem a estrutura de dois sinais fizeram alusão à componente não manual e que, por isso, podemos inferir que a consideraram parte integrante do sinal

There are a limited number of signs which are composed of both manual and nonmanual features. The sign NOT.YET, for example, is made with a side to side headshake, a lowered jaw, and a slightly protruding tongue position. KNOW does not have nonmanual signals as part of its lexical structure (p. 452)

Existem, ainda, alguns estudos que não consideram a ENM e que parecem não reconhecer o seu valor enquanto unidade mínima integrante do sinal. Rathaman (2005) apresenta a estrutura de um sinal dizendo que “signs are made by configuring the hands into a particular shape and orientation (called ‘handshape’ and ‘orientation’ respectively) and moving them in a specific way (‘movement’) to certain targets on the body or in signing space (‘location’)” (p. 12) e exemplifica quatro tipos de pares mínimos¹⁴ que são possíveis formar através da alteração de cada um dos parâmetros referidos anteriormente. O autor acrescenta ainda “in addition to these four formational parameters (...) nonmanual signals like facial expressions and mouth formations form an important part of signs” (Rathmann, 2005, p. 13). Por sua vez, numa investigação publicada em 2017

¹⁴ Leia-se a seção 1.3.5 onde apresentamos em detalhe este conceito.

sobre a fonologia das línguas de sinais, os autores fazem uma descrição da arquitetura dos sinais fazendo referência aos mesmos quatro parâmetros e concluem que são esses os relevantes pois “in our brief description of the parameters recognised as playing a role in the phonology of sign languages” (Fenlon, Brentari, & Cormier, 2017, p. sp). Assim, ao não incluírem a ENM nesta descrição, depreendemos que os autores não a colocam no mesmo patamar que os restantes queremas.

Apesar da dicotomia de perspetivas que ainda existem relativamente a este querema, a verdade é que a ENM se revela fundamental na produção de alguns sinais, assumindo diferentes valores que contribuem para a produtividade das LS, pois “nonmanuals are not seen as a coherent linguistic category but as operating on different (linguistic) levels, be they prosodic, syntactic, lexical or pragmatic” (Mohr, 2014, p. 32).

A ENM é vista, por alguns autores, como um eco do sinal a que está associada, contribuindo para o ênfase, para o crescendo da emoção ou até para a entoação. No entanto, a nosso ver, a ENM deve ser olhada enquanto um querema independente, que pode ser responsável por assumir diferentes papéis e por apresentar diversos valores. Esta panóplia de funções que a ENM pode desempenhar, assim como a pertinência linguística e semântica que pode revelar, são alguns dos principais motivos que nos levam a crer que a ENM tem de ser encarada de forma independente dos outros queremas, assumindo funções próprias. Mais adiante, exemplificaremos o carácter distintivo da ENM, visto que a consideramos enquanto unidade mínima independente dentro da LSP, uma língua que possui um cariz mais conservador, em que a execução dos sinais ainda não desceu para as mãos, mantendo apenas a ENM responsável pela entoação.

2.2. *Mouthing*

O *mouthing* é um fenómeno que está presente nas línguas de sinais, podendo ocorrer devido a inúmeros fatores, assim como ser visto sob várias perspetivas. Essencialmente, quando nos referimos ao *mouthing* estamos a pensar na oralização de uma palavra ou de parte da palavra, que acompanha a produção do sinal.

Diferentes autores atribuem distintas interpretações e considerações em relação a este fenómeno. Acredita-se que o *mouthing* é um empréstimo das línguas orais e que começou a ser usado nas línguas de sinais por motivos históricos e educacionais. Não

podemos esquecer que durante muitos anos a comunidade surda viveu sob um sistema de ensino oralista, sendo as LS proibidas, o que nos leva a crer que o uso do *mouthings* poderá, de alguma forma, ter sido influenciado por esse sistema educativo pois, tal como afirma Mohr (2014) o *mouthings* é “frequently found and used in some sign languages with a strong oral tradition in education” (p. 1). Além disso, a prática do *mouthings* também era, e é, usada por utilizadores que, devido a questões educacionais ou familiares, tinham pouco domínio da língua e por isso recorriam à oralidade pela necessidade de expressão linguística que não lhes era possível via sinais visto que “the frequent use of mouthings might be tied to low sign language proficiency” (Mohr, 2014, p. 57). O *mouthings* pode ainda ser utilizado em contextos em que haja necessidade de desambiguar quando estamos perante dois significantes idênticos cujo significado é distinto, isto é, “the disambiguating function of mouthings in homonyms is supported” (Mohr, 2014, p. 58), como podemos ver nos exemplos na figura 24 que representa, respetivamente, os sinais AVÓ e AVÔ.



Figura 24: AVÓ e AVÔ

Este fenómeno de desambiguação também é encontrado noutras LS, como por exemplo na Holandesa “cases where the mouthings specify the semantics of a broader concept expressed by the manual form – as is true for the Dutch mouthings *broer* (‘brother’) and *zus* (‘sister’) accompanying the sign sibling in NGT” (Quer, et al., 2017, p. 35), ou ainda na Língua de Sinais Sueca (LSS) cujo exemplo mostramos na figura 25 e que se refere, também, aos sinais de IRMÃO e IRMÃ.



Figura 25: IRMÃO e IRMÃ - LSS

Neste sentido, somos levados a considerar que algum do uso *mouthing*, segundo o atrás exposto, não é uma característica própria das LS, mas dependerá do contexto¹⁵. Na verdade, e reportando-nos à LSP, o que se assiste nos dias de hoje é um uso excessivo da oralização que acompanha grande parte da produção do discurso em LS e que, em grande parte das ocasiões, é desnecessário pois, tal como refere Mohr (2014), estamos perante uma redundância que assenta em dizer a mesma coisa em duas línguas distintas e com estruturas também distintas, o que, inevitavelmente, trará influência de uma língua sobre a outra:

the most common kind of relation between mouthing and manual sign is that of semantic redundancy. This is the case when mouthing and manual sign convey the same meaning (...) mouthings are viewed not as an integral part of sign languages, but merely as a peripheral performance phenomenon. They can be dispensed with and only came into sign languages via language contact (Mohr, 2014, p. 56)

Em qualquer um dos contextos apresentados anteriormente, o *mouthing* é sempre visto como uma característica proveniente das LO. Sobre isto, e em relação à ASL, Malcolm (2005) refere que podem existir variações no tipo de *mouthing*, isto é,

full English mouthing, where a complete English lexical item or phrase could be viewed on the mouth; reduced English mouthing, where part of the English lexical item or phrase was presented, lexicalized mouthing, whereby the original English mouthing has been modified to co-occur with a particular ASL sign (pp. 118-119).

Numa perspetiva diferente, alguns autores consideram o *mouthing* uma componente própria das LS, encarando-a como parte integrante da língua pois, “In ISL¹⁶ it seems that although etymologically different, mouthings are non-manual features just like mouth gestures, eye gaze, etc (...)” (Mohr, 2014, p. 58). Por sua vez, estudos sobre a Língua de Sinais Alemã (DGS) indicam que a perspetiva que impera é a de que “sign

¹⁵ De realçar que, como explanaremos, algum do *mouthing* evoluiu ao ponto de se encontrar já lexicalizado e não é, por isso, utilizado apenas em situações que dependem do contexto.

¹⁶ Irish Sign Language.

language as a form of multidimensional communication, of which mouthings constitute one part” (Mohr, 2014, p. 58). Neste sentido, considera-se que na LS os utilizadores usam a boca como uma fonte adicional de informação para um signo manual semanticamente sub-determinado (Ebbinghaus & Hessmann, 2001).

Além disso, um dos contextos em que é bastante visível a utilização do *mouthing* é durante o trabalho com pessoas surdas com *minimal language skills* (MLS), isto é, pessoas que, por diversos motivos, apresentam baixas competências linguísticas em LSP. De tal resulta que o interlocutor acompanha o discurso com a oralização de palavras que servirão de suporte para a compreensão do texto por parte do recetor. A estratégia de labializar as palavras também funciona noutros contextos, nomeadamente num registo conversacional em que a pessoa ouvinte é pouco fluente na LSP e, por isso, recorre à oralização o que leva a que a pessoa surda também o faça.

Na realidade, na LSP existem produções de ENM que, nos dias de hoje, são características querológicas dos sinais, mas que, segundo os nativos, utilizadores surdos fluentes da LSP que consultámos, derivaram da utilização do *mouthing* e que, com o tempo, foram sofrendo ligeiras modificações até se transformarem na ENM que é hoje utilizada. Vejamos dois exemplos, em que o primeiro, representado na figura 26 e cuja visualização se encontra no link <https://youtu.be/Gw13mWp9w>, diz respeito a **TODOS.OS.DIAS/DIARIAMENTE**:



Figura 26: **TODOS.OS.DIAS**

Inicialmente, este sinal era produzido com oralização da palavra que era repetida à medida que havia repetição do movimento em arco do sinal, resultando assim na produção seguida da palavra *amanhã*, *amanhã*, *amanhã*, indicando desta forma a sucessão dos dias. Hoje em dia, a ENM deste sinal corresponde ao abrir e fechar a boca

enquanto os movimentos do sinal são executados, tal como podemos ver no vídeo. Acredita-se assim que houve uma evolução da oralização até à ENM atual.

O segundo exemplo, visível abaixo na figura 27 e no link <https://youtu.be/W9kXXazu7Xc> representa um sinal que indica o futuro próximo.



Figura 27: VÁ.VÁ

Este sinal é produzido com o avançar da mão para a frente do corpo com ENM de ligeira mordida do lábio inferior acompanhada da oralização VÁ.VÁ. Assim, esta ENM resultou de uma anterior oralização da repetição da palavra *vai, vai*, indicando que uma ação iria ter lugar brevemente, revelando a ideia de que “vai acontecer”. De referir que é possível observar este idêntico fenómeno na LSF, que acontece pelo mesmo motivo que o da LSP.

Apesar de ser notoriamente uma influência do português, os elementos acima descritos fazem parte da língua e constituem exemplos de *mouthing* cuja evolução levou a que se tornasse um elemento integrante do sinal.

2.3.A expressão emocional

Como o próprio nome indica, quando pensamos em expressão emocional estamos a referir à expressão que produzimos com a face e que está intimamente associada a características emocionais, sendo estas influenciadas por fatores culturais, de vivência e do meio envolvente (Elliott & Jacobs, 2013). Assim, no nosso país, quando nos sentimos felizes manifestamos uma expressão radiante acompanhada de um sorriso e, por oposição, quando estamos tristes, temos tendência a apresentar uma cara fechada e postura cabisbaixa. Correia (2009) refere que

a expressão é um elemento passível de criar sentidos distintos dependendo do contexto em que se insere. Não se trata apenas de mera reflexão das emoções do indivíduo ou de auxiliar de comunicação, mas contribui efectivamente para a compreensão da globalidade do texto produzido (p. 63).

Com efeito, a expressão emocional acontece quando a produção dos sinais é acompanhada de expressão que reflete o conceito linguístico, pois

coexiste nas línguas gestuais tal como nas línguas orais a expressão facial enquanto sistema alternativo da comunicação humana servindo propósitos que se prendem com a necessidade de partilhar ou exibir emoções, assumindo a expressão facial, neste caso, um papel não-linguístico (Morais, Jardim, Silva, & Mineiro, 2011, p. 41)

Na verdade, sem a expressão o sinal não perde o significado que lhe é inerente, embora o torne incoerente e de interpretação dúbia para o recetor da informação. Este tipo de expressão é influenciado por fenómenos socio culturais sendo, por isso, expectável que uma experiência emotiva vivida por um asiático possa apresentar alguma manifestação expressiva distinta da de um europeu. Ainda assim, essa expressão tem sempre por base um conceito linguístico que pretende ser transmitido pois “the range of contexts in which humans use facial expressions spans responses to events in the environment to particular linguistic constructions within sign languages” (Elliott & Jacobs, 2013, p. 1)

A título exemplificativo, vejamos abaixo a figura 28 cujos sinais são acompanhados de expressões de cariz emocional:



Figura 28: FELIZ, ADMIRAR e RAIVA

Assim, podemos ver o sinal FELIZ acompanhado de expressão de sorriso e olhos abertos, o sinal ADMIRAR que é produzido com boca aberta e olhos abertos e, por último, o sinal RAIVA acompanhado de sobrancelhas semicerradas e que transmitem a ideia de enraivecimento. Efetivamente, estes sinais poderiam ser produzidos sem a expressão associada, mas isso levaria a uma dissonância entre significado e forma de transmissão do mesmo. Assim, ao sorrir quando está feliz, ao abrir a boca de espanto e ao mostrar uma cara enraivecida, o emissor transforma o seu discurso em algo coerente e coeso para o recetor.

De realçar que, apesar disso, segundo Emmorey & McCullough (2009) o cérebro surdo, quando comparado com o dos ouvintes, tende a estar ativo para a expressão, seja

ela de cariz emocional ou não, com o intuito de lhe atribuir significado que poderá ir além do cultural, isto é

only deaf signers exhibit a consistent left hemisphere bias for facial expression recognition (see Fig. 3B). In this case, neural reorganization appears to arise from experiences associated with deafness, which may involve a greater reliance on lip-reading and perhaps greater attention to the face for social cues in all contexts (p. 131).

Em suma, este tipo de expressão serve o propósito comunicativo das emoções, não se encontrando gramaticalizada, o que significa que esta ENM não apresenta nenhum valor gramatical, isto é, por exemplo não é responsável pela marcação de género ou número, ou não fornece informação sobre o aspeto, entre outras possibilidades.

2.4.ENM sem valor gramatical

O léxico que constitui a LSP apresenta diferentes características no que diz respeito à ENM. Neste sentido, alguns sinais possuem na sua formação pura, ENM que é parte integrante do sinal, mas que não lhe acrescenta qualquer informação extra, valor ou propriedade pois, na verdade, “It is not an extra piece of information, but is part of the sign itself” (Sutton-Spence & Woll, 1998, p. 84).

Contrariamente à expressão emocional que ocorre em simultâneo com o sinal, mas que pode assumir vários padrões entre o mais intenso e menos, acompanhar todo sinal ou surgir apenas a meio da execução, a ENM, ainda que sem valor gramatical, tem um comportamento fixo que exige coordenação com o sinal havendo um início e término que corresponde exatamente ao momento de começo e finalização do sinal (Pêgo, 2013).

Sobre isto, Moraes, Jardim, Silva & Mineiro (2011) indicam que “a EF na LGP pode assumir uma função enquanto parte do léxico – como se pode verificar na figura 2 no gesto AMÊNDOA” (p. 40), sinal esse que mostramos na figura 29, e ao qual acrescentamos também os sinais DIÓSPIRO e TRATOR.



Figura 29: AMÊNDOA, DIÓSPIRO e TRATOR

Na figura 29 podemos ver que a produção do sinal AMÊNDOA é feita com a língua na bochecha do lado dominante, enquanto em DIÓSPIRO há colocação da língua de fora que representa a textura escorregadia e gelatinosa do fruto e, por último, no sinal TRATOR há movimento sequencial dos lábios de abrir e fechar. Nos três exemplos a ENM não assume qualquer valor gramatical.

Nesta lógica, Sutton-Spencer & Woll (1998), apresentam-nos alguns exemplos da Língua de Sinais Britânica (BSL) com o mesmo tipo de ocorrência, a saber

for example, in the sign EXIST, the hand is held still in space while the fingers flutter gently. The mouth articulates “sh” at the same time, which is a continuous and gentle stream of air.

In DISAPPEAR, the hands close abruptly, while at the same time, the mouth closes abruptly. In SUCCEED, the hands move apart abruptly, while at the same time the mouth opens abruptly. In REALLY, the active hand hits the passive hand and is held there, while at the same time the mouth closes and lips are held together. (p. 85)

Efetivamente, os exemplos acima descritos de sinais da BSL que implicam a produção de ENM não são alterados pela execução desta última, não sendo a expressão responsável por transformar o sinal em algo diferente. A ENM existe apenas enquanto elemento constituinte do sinal, sobre o qual refletiremos mais abaixo.

2.5.A ENM na LSP

A expressão não manual é um elemento bastante rico e produtivo nas línguas visuais podendo ser protagonista de diferentes papéis tais como “fonológicos, morfológicos, sintáticos, lexicais, semânticos e prosódicos” (Gonçalves & Raposo, 2013, p. 79). Todavia, aquilo que nos apercebemos durante esta investigação é que os estudos que existem em Portugal centram-se muito na perspetiva de que a expressão é responsável pela entoação dada ao discurso, renegando para segundo plano todas as outras propriedades que a ENM pode assumir para além da prosódica, tal como afirma Correia (2009) ao dizer que “a expressividade com contornos linguísticos, isto é, enquanto elemento pertinente na formação de sentidos, está reservada ao uso da entoação” (p. 63).

O livro *Para uma Gramática da LSP* aponta a importância dos aspetos não manuais indicando que podem ter funções fonológicas, morfológicas, sintáticas, lexicais, semânticas e prosódicas o que nos leva a afirmar que a atenção, destaque e relevância que é dada ao estudo da ENM está aquém do desejável nas publicações existentes. É

necessário observar-se de forma minuciosa e estudar-se em detalhe o comportamento que a ENM tem perante inúmeras situações distintas, para que assim se possa categorizar todos os seus valores. Há que olhar para a ENM através de compartimentações percebendo que a sua manifestação pode ocorrer de variadas formas pois, na LSP, pode estar presente

alteração das posições do corpo (inclinação para trás, para a frente ou para o lado e rotação do tronco), por alteração da expressão facial (abrir os olhos, erguer as sobrancelhas, franzir a testa, etc.) e pela posição da cabeça. Podem ser considerados igualmente traços não manuais as configurações da boca que reproduzem a articulação dos sons utilizados em dactilologia quando esta é usada. Podem ainda ser considerados traços não manuais as emissões vocais sem relação com os sons da fala que acompanham obrigatoriamente certos gestos. (Amaral, Coutinho, & Martins, 1994, p. 81)

Como fizemos notar, e iremos desenvolver em subpontos mais à frente, a ENM na LSP pode assumir-se como derivação da oralização de uma palavra em LP, o *mouthing*, com o exemplo do sinal ÓLEO, na figura 30; pode ser parte integrante do sinal não tendo qualquer valor gramatical, tal como o sinal INATO na figura 31; pode traduzir características culturais através da expressão emocional, cujo exemplo do sinal NERVOSO vemos na figura 32; pode ser uma componente morfémica que atribui valor gramatical ao sinal permitindo, por exemplo, quantificar referentes, tal como vemos na figura 33, 5 CARROS; localizar ações no passado bem como a forma de as concretizar, visível no exemplo ENTREI NA UNIVERSIDADE, na figura 34 e, como veremos, pode ter um carácter suprasegmental, conferindo características prosódicas, na figura 35, o pronome interrogativo COMO.

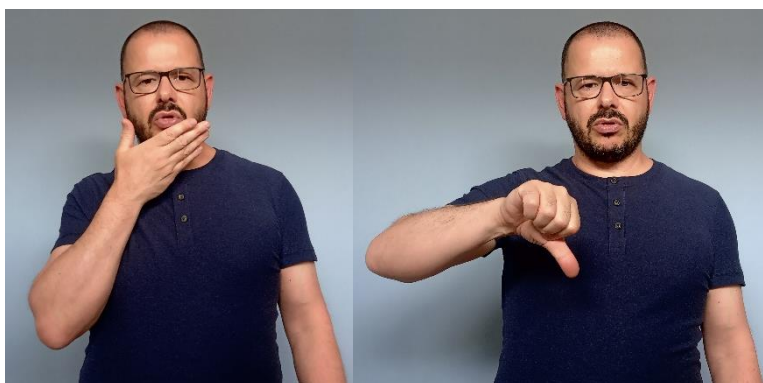


Figura 30: ÓLEO



Figura 31: INATO

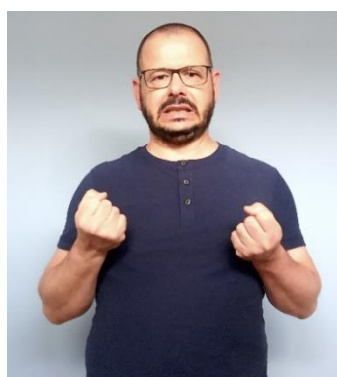


Figura 32: NERVOSO



Figura 33: CINCO.CARROS



Figura 34: UNIVERSIDADE ENTRAR



Figura 35: COMO?

Na verdade, o facto de ser possível identificar todas estas ocorrências da ENM na LSP, com diferentes funções, leva-nos a crer que “a expressão facial em LGP assume assim funções linguísticas gramaticalizadas promovendo, por um lado a entoação e por outro lado a estruturação morfofonológica dos gestos em LGP” (Morais, Jardim, Silva, & Mineiro, 2011, p. 37). Para além disso, estas evidências realçam o que expressámos anteriormente quando afirmámos que o foco da ENM tem de ser alargado, não devendo ser apenas direccionado à expressão emocional que, assume a sua importância, mas que, como já vimos, vai muito além disso visto ser “unidade linguística comum às línguas espacio-visuais e não como mero espelho de emoções” (Correia, 2009, p. 66).

Em seguida descreveremos sucintamente alguns níveis da LSP, nomeadamente o fonológico, o morfológico e o sintático. A nossa descrição será norteadada pelo valor que a ENM adquire nessas marcações, destacando-a sempre que ela tenha um valor significativo nessas categorias gramaticais, bem como nas frases.

2.5.1. Nível fonológico – expressão enquanto traço distintivo

Traço distintivo é o elemento mínimo que permite criar oposição distintiva e que pode ser, em muitos casos, conseguida pela ENM.

Correia (2009) alerta para a importância da ENM enquanto unidade do sistema linguístico das línguas visuais ao afirmar que

o termo “Expressão”, pelo seu uso, se encontra muitas vezes afastado do significado linguístico que pode comportar. Geralmente, esta palavra associa-se à postura corporal, ao maior ou menor uso de linguagem gestual, à expressividade física das emoções, não sendo, à primeira vista, reconhecido o seu valor enquanto unidade pertinente de um sistema linguístico (p. 62).

Efetivamente, o comportamento que a ENM assume é gerador de novo léxico e novos significados. Se pensarmos, por exemplo, no olhar enquanto característica da ENM, podemos entender que este pode sofrer alterações que originam sinais com significados distintos. A título de exemplo, referimos a BSL em que o “eye-gaze has at least five important uses in BSL: at the phonological level for lexical distinctions (..)” (Sutton-Spence & Woll, 1998, p. 94). Os autores explicam que apenas a alteração do olhar é responsável pela alteração de significado num par de sinais o que reforça a importância da ENM enquanto traço distintivo pois “In some signs, eye gaze is obligatory, e.g. GOD, HEAVEN, PATRONISE, JAVELIN. The signs GOD and BOSS differ in eye gaze only (fig. 5. 8). Without the required eye gaze, the sign has a different meaning or no meaning” (Sutton-Spence & Woll, 1998, p. 94).

Quando pensamos na ENM, como um todo, percebemos que esta alberga inúmeras particularidades que podem ser vistas como traços distintivos. Se nos referirmos apenas à cara, por exemplo, esta apresenta, como já vimos, uma série de constituintes que podem sofrer alterações bastante subtis, mas que estão sempre dependentes da fisionomia. Por exemplo, a boca pode estar aberta, com os lábios projetados para a frente, com os lábios sugados, com um sorriso, com lábios tensos, entre muitas outras possibilidades. Todas estas variações são passíveis de serem realizadas devido ao formato que a boca e os lábios humanos têm e que permitem que a articulação seja feita através de diferentes combinações. Na realidade “this emphasizes the fact that nonmanual markers which look very similar (e.g. furrowed brows seen in several of the previous pictures), operate on different linguistic levels, serve different linguistic functions and modify meanings in different ways” (Mohr, 2014, pp. 27-28).

O comportamento que as unidades mínimas apresentam, e em particular a ENM, remete-nos para a real existência de traços distintivos nas línguas de sinais cujas oposições são criadas essencialmente porque “it is the systematic behavior of the posited phonological units in phonological phenomena, such as constraints on well formedness and phonological alternations, irrespective of meaning, that convincingly demonstrate the existence of a phonological system”. (Sandler, 2014, p. 187). Efetivamente, a cara é uma componente que apresenta vários articuladores e se pensarmos na boca enquanto um marcador da ENM, esta poderá assumir diferentes formatos que correspondem aos traços distintivos.

2.5.1.1.Pares mínimos

Como já vimos anteriormente (cf. 1.3.5), os pares mínimos dizem respeito a pares de sinais que alteram o seu significado apenas pela mudança de um querema. Desta forma, além dos outros quatro queremas, a ENM pode também ser responsável pela formação de pares mínimos, tal como constatamos nos exemplos na figura 36.



Figura 36: AI.AGORA e AMEAÇA

Como podemos verificar os dois sinais presentes na figura 35 são em tudo idênticos exceto na concretização da ENM. Ambos os sinais apresentam CM, LM, OM e MM idênticos. Porém, na imagem à esquerda vemos uma ENM que corresponde a sopro e à direita mordida do lábio inferior. Assim, à esquerda encontramos um sinal que pode ser entendido como AI.AGORA ou O.QUE.FAZER enquanto o sinal da esquerda representa AMEAÇA ou VIOLÊNCIA.

Este fenómeno é transversal a outras línguas de sinais. Johnston & Schembri, (2007) mencionam que um sinal

may be distinguished from one other solely on the basis of non-manual features. Such minimal pairs do seem also to occur in Auslan¹⁷. The signs PROPER and MAKE-DO, for example, appear to differ only in non-manual features (MAKE-DO is often produced with a protrusion of the tongue). For some signers, the sign MOUSE (neutral facial expression) forms a minimal pair with a sign that may be glossed as ORGASM (often produced with the lips rounded and cheeks sucked in) (p. 98).

Por sua vez, Fontana (2008) apresenta-nos outro exemplo da formação de par mínimo com base na ENM, neste caso, referente à LIS:

an example of the lexical role is given by the minimal pair IMPOSSIBLE (1)/DEAD in Italian Sign Language (LIS) where the two signs are manual homonyms and are disambiguated only by the mouth gesture (presence of air emission and ‘puffed cheek’ for the sign IMPOSSIBLE) (p. 107).

Também é possível verificar a existência de pares mínimos através da alteração do querema ENM na LIBRAS, tal como nos indica Araujo (2013):

outro ponto relevante das ENMs com função fonológica é diferenciação de significado que ocorre em pares mínimos, como acontece em CANTOR e SORVETE. A expressão manual permanecerá sempre a mesma, no entanto, no primeiro sinal compõem-se com a boca aberta, e no segundo com a língua para fora. Assim, a ENM é quem garante e diferencia o significado do sinal, evidenciando sua função distintiva (p. 93).

Neste sentido, percebemos que, apesar de se manifestarem de forma distinta e em exemplos diferentes, a ENM é uma característica comum as LS, bem como os fenómenos a ela associada.

2.5.2. Nível morfológico – expressão com valor gramatical¹⁸

A morfologia é o ramo da linguística que estuda a estrutura das palavras bem como os seus processos de formação e classificação. Segundo Faria, Pedro, Duarte & Gouveia (1996) “morfologia foi desde logo empregue, especificamente, no sentido tradicional de análise das formas que as palavras de uma dada língua podem assumir” (p. 215). Esta área de estudo tem a mesma premissa quando aplicada às línguas visuais, pois “many words are complex, consisting of more than one component that bears meaning and/or plays a grammatical role. The study of these complex word forms is the domain of

¹⁷ Língua de sinais Australiana.

¹⁸ O estudo da morfologia pode dividir-se em duas classes: a morfologia flexional que apresenta os valores gramaticais das palavras e a morfologia derivacional que diz respeito aos mecanismos de formação de novas palavras e cujos processos não serão abordados neste estudo por não serem pertinentes para a temática em investigação.

morphology” (Sandler & Lillo-Martin, 2006, p. 21). Nesta secção vamos analisar os processos morfológicos da LSP.

2.5.2.1. Género

O género gramatical, característica de algumas línguas, distingue itens lexicais em masculino ou feminino. Diferentes línguas orais apresentam maneiras distintas de formar o género. No Português, o género é definido através da utilização dos artigos definidos *o* e *a* e dos artigos indefinidos *um* e *uma* que concordam com a palavra que referem/marcam (Mateus, Brito, Duarte, & Faria, 2003).

As línguas de sinais também apresentam a categorização gramatical de marcação de género que se pode manifestar de variadas formas. Apesar disso, poucos são os estudos que se debruçam sobre a marcação do género nas línguas de sinais, havendo mesmo autores que afirmam que “there is no gender – or case-marking morphology on nouns” (Sandler & Lillo-Martin, 2006, p. 23), referindo-se à ASL.

A marcação de género pode ser feita com um sinal específico para o masculino e para o feminino pois

in gender classifier systems, a separate handshape is used for male and female referents. In NS¹⁹, like in other Asian sign languages, an extended upright thumb is the classifier form used for males, while an extended upright pinky is used for females (Perniss, Steinbach, & Pfau, 2007)

Na LSP este processo também é bastante frequente quando nos referimos a seres animados. No entanto, aquilo que se verifica é que o género masculino é marcado através da ausência de sinal de HOMEM enquanto a marcação do género feminino é feita através da junção dos sinais MULHER e do sinal do que se pretende designar. Veja-se as figuras abaixo, em que a figura 37 representa os dois géneros. Por sua vez, a figura 38 representa o sinal CÃO e o sinal CADELA, em que é possível verificar que a marcação do género se faz por anteposição do sinal que indica o feminino. Da mesma forma, apresentamos na figura 39 o exemplo dos sinais SOBRINHO e SOBRINHA cujo processo de formação do feminino é feito da mesma forma que o anterior.

¹⁹ Por NS entenda-se *Nihon Syuwa* o que significa Língua de Sinais Japonesa.



Figura 37: *HOMEM e MULHER*



Figura 38: *CÃO e CADELA*



Figura 39: *SOBRINHO e SOBRINHA*

Neste sentido, tal como referem Cordeiro, Conde e Sousa & Santos (2019), esta “é a forma mais comum de indicarmos o feminino e masculino dos substantivos nas LGV²⁰” (p. 113), pelo que podemos aferir que para pessoas e animais a formação de género é, maioritariamente, por prefixação, sendo a única distinção entre o significante

²⁰ Designação utilizada pelos autores: línguas gesto-visuais.

masculino e feminino o uso do prefixo. Por sua vez, na LSP não há marcação de género para seres inanimados. Sobre isto, Correia (2016) sugere que “para a LGP, se considere uma tripartição de género: masculino, feminino e, para os seres inanimados, neutro” (p. 182).

Na verdade, a marcação de género por prefixação do feminino é bastante comum nas línguas de sinais, como podemos verificar na seguinte afirmação referente à Língua de Sinais Argentina (LSA).

Nouns in LSA do not inflect for gender. However, there are nonlexicalized mechanisms to mark the feminine/masculine distinction when it is necessary. The nouns which refer to animals or professions usually form a phrase with the signs MALE or FEMALE/WOMAN to express this distinction. (Massone & Martínez, 2015, p. 87)

ou, ainda, na seguinte afirmação referente à LSE: “siempre se utiliza el morfema libre GÉNERO FEMENINO (que proviene del signo MUJER)” (Morales-López, 2000, p. 82)

Na LSP, para além do processo acima mencionado, também é possível marcar o género através do uso de sinais biformes, isto é, sinais que apresentam formas distintas para o feminino e masculino, processo que também é comum a outras línguas visuais como é o caso da LSE em que “el término masculino y el femenino son dos lexemas distintos. Es decir, la diferencia de género no se marca mediante morfemas gramaticales sino mediante oposición léxica” (Morales-López, 2000, p. 83). Em 1994, Amaral, Coutinho & Martins indicam que este tipo de marcação era utilizada apenas “no que respeita aos animais” (p. 87), todavia, Correia (2016) acrescenta que o uso de sinais diferentes para o género feminino e masculino não se limita ao

campo semântico restrito aos animais: a variação lexical pode igualmente ocorrer no campo semântico dos seres humanos, das profissões e da família. Dessa forma, podemos afirmar que, à semelhança do que se passa em outras línguas gestuais, e também nas línguas orais, a variação lexical é um dos processos de marcação de género na LGP. (p. 182)

Vejamos as figuras abaixo que retratam a marcação de género por variação lexical e que representam animais, através do par de exemplos VACA e BOI na figura 40, seres humanos, através do par de exemplos MULHER e HOMEM, cf. figura 37, profissões, através do par de exemplos ENFERMEIRA e ENFERMEIRO na figura 41 e, por último, família, através do par de exemplos MÃE e PAI na figura 42.

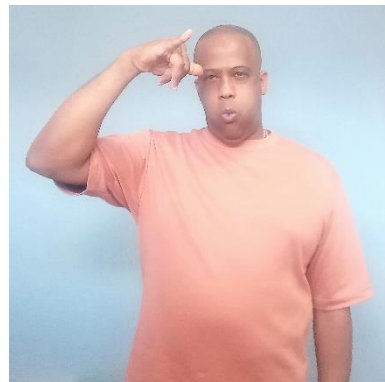
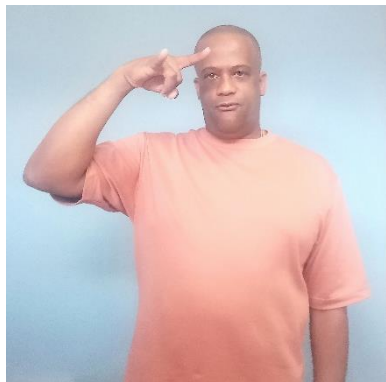


Figura 40: VACA e BOI



Figura 41: ENFERMEIRA e ENFERMEIRO



Figura 42: MÃE e PAI

Por último, outro processo de marcação de género pode acontecer através da labialização – o chamado *mouthing* - da palavra feminina e masculina sendo que o sinal usado em ambos os casos é idêntico. Verificamos que este fenómeno ocorre, por exemplo, na Língua de Sinais Holandesa (NGT): “The NGT sign in (27a,b) can mean either ‘brother’ or ‘sister’, depending on whether it is accompanied by the mouthing ‘broer’ (27a) or ‘zus’ (27b).” (Baker, Bogaerde, Pfau, & Schermer, 2016, p. 268). Por sua vez,

na LSP constata-se a marcação de género por *mouthing* nos sinais de AVÓ e AVÔ, cf. figura 24.

Apesar de esta ocorrência estar, atualmente, em desuso é possível verificar que a mesma consta no primeiro *Gestuário* datado de 1991. Para além disso, obtivemos a informação junto de informantes surdos nativos que na área de Lisboa esta diferenciação de género através do *mouthing* ainda ocorre entre alguns membros da comunidade surda sendo, ainda assim, mais frequente a marcação através do uso do prefixo, tal como apresentamos no início deste subponto.

2.5.2.2. Número

A flexão em número diz respeito à oposição singular/plural e esta acontece de maneira distinta entre as línguas visuais e as línguas orais. Assim,

o português é uma língua eminentemente flexional. Se pensarmos na flexão em número, vemos que a formação do plural se serve do morfema /s/ e de seus alomorfemas para indicar a variação de quantidade. Assim, o menino/os meninos. A LGP é um idioma pouco flexional e muito aspectual servindo-se de processos morfológicos distintos para a quantidade, como, por exemplo, adição de quantificadores e uso de classificadores²¹. (Correia, 2012, p. 62)

Desta forma, o plural no português é feito através da adição do morfema de plural /s/ à forma singular, transformando *menino* em *meninos*, como refere Correia (2012). Em alguns nomes, por constrangimentos de regras da língua, não é possível adicionar apenas o morfema /s/ mas sim uma “outra face” do mesmo, o alomorfema /es/ como no exemplo *castor* que forma o plural *castores*. Para além disso, outros nomes, pela sua forma, obrigam a mudanças gráficas aquando da formação do plural como por exemplo *sol* que forma o plural *sóis* (Mateus, Brito, Duarte, & Faria, 2003).

A marcação do número nas línguas de sinais pode ser realizada de diversas formas sendo que, como já referimos, essa marcação não é dada através da flexão das palavras ou da adição de um morfema no final do sinal pois a LSP “não acrescenta morfemas de tempo, aspeto, modo, pessoa e número” (Correia, 2015, p. 107), isto é, o acréscimo não é feito de forma linear como acontece na LP. Desta forma, cumpre agora apresentar os distintos processos de formação do plural em LSP.

²¹ Forma que a mão assume para descrever uma pessoa ou objeto. Sobre isto, veja-se a secção 2.5.2.6.

Um dos processos de formação de plural nas línguas visuais, e também na LSP, consiste na incorporação de um numeral quantificador. Este processo pode ser usado para nomes cuja pluralização é contável até 5 e é feita a realização do sinal base com alterações para a referida incorporação do numeral. Vejamos um exemplo concreto da LSP e cuja ocorrência é idêntica na NGT: quando pretendemos pluralizar o nome *dia* ou o nome *semana* podemos fazê-lo diretamente através da modificação do sinal correspondente ao referente com incorporação do numeral, não havendo necessidade de separação dos sinais.

In many sign languages, it is possible to incorporate numerals (generally realized by a number of selected fingers) into temporal expressions like ‘week’, ‘month’, or ‘year’. This is achieved by simply changing the handshape of the respective temporal sign; the numeral is then no longer signed separately. In the NGT example (37a), for instance, the numeral four is incorporated into the temporal sign week (...) (Baker, Bogaerde, Pfau, & Schermer, *The Linguistic of Sign Languages - An Introduction*, 2016, p. 220)



Figura 43: SEMANA e DUAS.SEMANAS



Figura 44: DIA e TRÊS.DIAS

Assim, na figura 43 o informante produz o sinal SEMANA sendo que, depois disso, o mesmo sinal incorpora o numeral resultando naquilo que significa

DUAS.SEMANAS. Por sua vez, na figura 44 podemos ver o sinal DIA que passa pelo mesmo processo de incorporação do numeral e que faz com que, neste caso, estejamos perante o sinal TRÊS.DIAS.

No entanto, como já dissemos, em LSP este fenómeno apenas permite ocorrências quantificadas até ao número 5 e, por exemplo, quando nos referimos a meses ou anos já não será possível pluralizar desta forma. A verdadeira incorporação do numeral é bastante restritiva devido às características morfológicas do sinal base pelo que é pouco manifestada na LSP. Ainda assim, cremos ser um recurso manifestamente próprio das línguas de sinais e morfológicamente interessante. Vejamos o seguinte exemplo da LSE e que coincide com a descrição dos exemplos de *dia* e *semana* que já apresentamos:

numeral incorporation is a process by which two signs which exist independently in the language (a numeral quantifier and a quantified unit) are fused, giving rise to a single sign whose meaning includes the meanings of both components. The sign for the quantified unit maintains all of its parameters with the exception of the handshape, which is modified when adding the information of numerical quantity. In LSE, numerals can be incorporated into a large number of signs, and they include numbers one through ten, which is an interesting fact as in other sign languages incorporation includes only numbers one through five. (Báez-Montero & Fernández-Soneira, 2016, p. 113)

Para além desse processo, também é possível marcar o plural através da adição de um numeral ao sinal base, não ocorrendo neste caso a incorporação, mas sim uma adição. No processo que vimos anteriormente o sinal base sofre uma modificação na CM e incorpora o numeral sendo que, no caso que vamos apresentar agora, o sinal a ser pluralizado é produzido na íntegra, sem qualquer alteração, sendo, posteriormente, adicionado o numeral, e resultando por isso na forma NOME + NUMERAL. Quando tal acontece, existem algumas modificações associadas ao sinal do número, nomeadamente: ocorre a produção de ENM correspondente à mordida do lábio inferior que é acompanhada de movimento de rotação de antebraço. Este movimento não se manifesta quando o mesmo número é produzido apenas enquanto número e sem sentido de plural o que significa que, como já dissemos, a pluralização implica alterações nos sinais base. De realçar que este processo apenas é aplicável a quantidades até 5 e isto acontece porque a configuração dos números utilizada nestes casos é idêntica à usada quando “contamos pelos dedos”²², isto é, *dois* implica dois dedos seleccionados e esticados e assim

²² Os números em LSP não se cingem ao formato de “contar pelos dedos”, existindo sinais que representam os números sendo o seu uso aplicado em contextos que expressam ordem ou para fazer referência a números fixos, que não se alteram como um número de telefone ou de uma porta, números esses que podem ser consultados no dicionário *on-line* www.spreadthesign.com.

sucessivamente, até ao número 5 quando a mão se encontra aberta com os dedos esticados e afastados, não sendo, portanto, utilizadas as configurações dos numerais da LSP²³. Vejamos os exemplos de DUAS.MAÇÃS, retratado na figura 45, e CINCO.BARCOS, retratado na figura 46.



Figura 45: DUAS.MAÇÃS



Figura 46: CINCO.BARCOS

Quando se pretende pluralizar quantidades superiores a 5, mas que ainda são contáveis, há que fazê-lo de uma forma particular e distinta da anterior, pois anatomicamente não é possível selecionar mais do que 5 dedos para identificar quantidade. A partir do número 5, as quantidades têm que ser expressas através do sinal correspondente ao respetivo número, desde o 6 até ao infinito. Assim, em casos como 7 *irmãos* ou 32 *dentes* a indicação de número é feita com a produção do sinal referente ao nome, o sinal de quantidade seguido do numeral, resultando na forma NOME + QUANTOS + NUMERAL, tal como podemos verificar nos exemplos abaixo em que a figura 47 representa a frase 7 *irmãos*, produzida em LSP através dos sinais IRMÃO

²³ A partir do número 5 as configurações dos numerais em LSP alteram, deixando de ser possível fazer a chamada “contagem pelos dedos”, apresentando os números CM específicas que podem ser consultadas no dicionário *on-line* www.spreadthesign.com.

QUANTOS 7, e a figura 48 equivale à frase *32 dentes* cuja sinalização é feita através dos sinais DENTES QUANTOS 32²⁴.

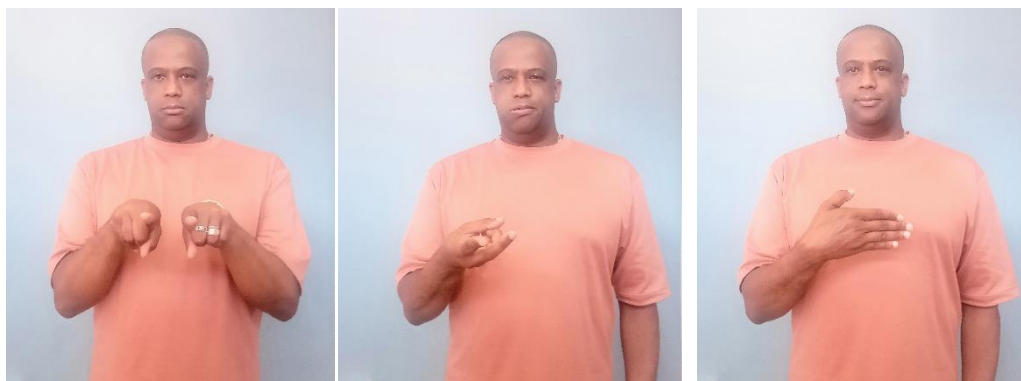


Figura 47: SETE.IRMÃOS



Figura 48: 32.DENTES

Poderá ainda ocorrer o caso em que se efetue a pluralização sem mencionar o número exato, havendo apenas a referência a grande quantidade e, automaticamente, superior a um. Nestes contextos de pluralizações não contáveis é adicionado um marcador ao sinal base, marcador esse que poderá ser referente a MUITO, VÁRIOS, ao adjetivo DIFERENTE, e ao nome COISAS²⁵. O marcador MUITO pode ser produzido de duas formas distintas: através do abrir e fechar dos dedos, muito associado à linguagem gestual

²⁴ Apesar de a autora ter colocado a forma QUANTOS+NUMERAL não foi possível aferir a obrigatoriedade do uso deste formato em detrimento da ausência do QUANTOS e referência direta ao numeral. Os informantes nativos dizem que o uso do sinal quantificador pode ser necessário em alguns contextos e noutros não. Para além disso, foi também referido que o uso pode estar associado aos números a partir do 6 visto que antes disso a contagem é feita pela quantidade de dedos o que faz com que a quantidade esteja diretamente associada ao número de dedos não sendo por isso necessário utilizar o sinal de quantidade. A partir do número 6, as configurações dos números deixam de ser associadas ao número de dedos pelo que poderá haver a necessidade de quantificar. Devido à escassez de estudos e investigação na área bem como à não existência de padronização da língua, não nos é possível determinar a obrigatoriedade do uso do sinal QUANTOS.

²⁵ Apesar de morfologicamente *diferente* ser um adjetivo e *coisas* um nome e não serem, por isso, encarados enquanto quantificadores, neste contexto, em LSP, quando são associados a um nome podem marcar um plural.

sendo por isso uma forma recorrente de uso mesmo entre ouvintes aquando da produção da língua oral; e através do sinal representativo de grande quantidade, produzido com o dedo indicador a tocar no queixo, acompanhado de bochechas infladas e sopro, expressão não manual com valor gramatical de intensidade. Independentemente do marcador escolhido, a forma de pluralizar será NOME + QUANTIFICADOR/MARCADOR. Para retratar este processo apresentamos abaixo alguns exemplos do plural do nome *mota* cujos exemplos são os seguintes: na figura 49 a formação do plural é feita através de MOTA+MUITO, sinal em que a mão dominante abre e fecha os dedos e que representa uma forma bastante comum entre os ouvintes para mostrar intensidade; na figura 50, o processo corresponde a MOTA+MUITO, neste caso, um sinal da LSP usado para quantificar e que corresponde à colocação do indicador no queixo acompanhado de sopro com as duas bochechas. Apesar de, quando escritos em glosa, estas produções aparentarem serem idênticas, ao visualizarmos as imagens aferimos a diferença entre ambas; na figura 51 vemos o processo MOTA+VÁRIOS; na figura 52 MOTA+DIFERENTES e na figura 53 MOTA+COISAS.



Figura 49: MOTA MUITO



Figura 50: MOTA MUITO (queixo)



Figura 51: MOTA VÁRIOS



Figura 52: MOTA DIFERENTES



Figura 53: MOTA COISAS

O plural também pode ser formado a partir da junção de um classificador²⁶ com movimento ao sinal base, isto é, “a classifier sign can be produced immediately after the noun, and this classifier can be inflected in space for numerosity” (Pizzuto & Corazza, 1996, p. 185). Efetivamente

²⁶ “classificadores são unidades essenciais a nível gramatical em qualquer Língua Gestual e considerados estruturas morfémicas que actuam como gestos e têm a função de substituir, descrever, especificar e qualificar as pessoas, animais e objectos também incorporam ações e locais para esses referentes” (Carmo, 2016, p.10).

if the phonological form of a sign blocks plural displacement because it requires contact with the body, and if a classifier is available that can represent the noun, the classifier can undergo plural displacement in place of the noun it represents. (Sandler & Lillo-Martin, 2006, p. 50)

Na verdade, este processo também pode ser aplicado a sinais cuja execução não é feita em contacto com o corpo e, em qualquer um dos casos, o plural resulta numa forma NOME + MOVIMENTO.CLASSIFICADOR. Assim, na figura 54 vemos um exemplo que retrata a ideia de *casas geminadas*, em que o emissor produz o sinal CASA e em seguida coloca ambas as mãos no espaço produzindo a forma que as casas, lado a lado, aparentam ter. Por sua vez, na figura 55, o emissor pretende transmitir a ideia de casas localizadas em locais diferentes e para isso produz o sinal CASA seguido das configurações de mão que representam o classificador de casa, colocando a MD num local e a MND num local distinto e mais afastado.



Figura 54: CASA GEMINADA



Figura 55: CASA AQUI/ALI

Baker, Bogaerde, Pfau & Schermer (2016) salientam que este processo não pode ser encarado como um plural puro uma vez que a produção do movimento de um classificador traz consigo a adição de significado, que vai além do plural e que diz respeito

à forma como os referentes estão localizados e dispostos espacialmente. Por outro lado, diversas referências indicam que este tipo de formação é um plural puro e morfológico, uma vez que o movimento de repetição é que tem a informação de número, sendo que o classificador atribuiu informação apenas de significado (Correia, 2020).

Vejamos a figura 56 que representa um exemplo de uma forma de pluralizar o sinal CARRO, nomeadamente, dizendo que estão lado a lado.



Figura 56: CARROS LADO.A.LADO

Na figura 57, podemos ver outra forma de pluralizar o sinal CARRO, indicando que os referentes se encontram em fila, uns atrás dos outros.

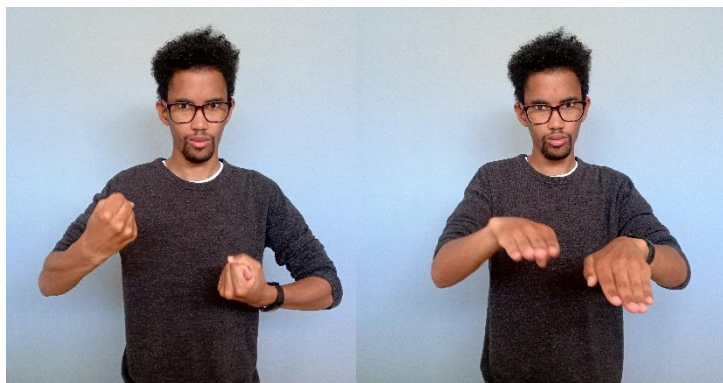


Figura 57: CARROS EM.FILA

A forma como são produzidos os classificadores indica-nos, para além de quantidade, a disposição – lado a lado e atrás uns dos outros. Na verdade, nestes casos, para além da informação de número, é-nos revelado o aspeto/forma como os objetos estão pois “two important morphosyntactic processes that are commonly realized by reduplication (possibly in combination with other phonological changes) are aspect marking and pluralization.” (Baker, Bogaerde, Pfau, & Schermer, 2016, p. 218). Ainda

assim, na verdade, temos efetivamente a formação de um plural que contém em si mais informação do que apenas o número.

Os classificadores podem também ser utilizados em casos de plurais semânticos, que diferem dos plurais morfológicos vistos até agora. Em termos práticos, este plural é produzido quando, por exemplo, nos queremos referir a uma multidão ou a um grupo de pessoas que se desloca para um local. Esta produção assenta no uso do classificador de MUITAS.PESSOAS sendo que, anteriormente, já houve lugar à produção do plural do sinal de pessoa feito através do redobro (processo descrito mais abaixo). Estamos assim a pluralizar um nome que já se encontra no plural e, por isso, a denominação de plural semântico. Assim, na figura 58, o emissor produz o sinal PESSOAS seguido das mãos abertas que executam movimentos circulares representando assim as pessoas dispostas no espaço e, na figura 59, o sinal PESSOAS é seguido da produção das duas mãos abertas que fazem um movimento de aproximação do emissor representando a deslocação das pessoas em direção a um local.



Figura 58: MULTIDÃO



Figura 59: PESSOAS A.VIREM.

Na LSP, o plural pode também ser formado através de um processo de repetição do movimento do sinal base e que “consiste num movimento regular e contínuo em que não se verificam alterações na configuração, localização e orientação da mão” (Amaral, Coutinho, & Martins, 1994, p. 91). Assim, a execução de um sinal que se pretende pluralizar é feita de forma repetida sendo que, para que fique claro que se trata de uma repetição de movimento com sentido de plural há que, no nosso entender, haver uma ligeira alteração de localização da produção do sinal repetido, contrariamente ao do afirmado pelos autores anteriormente citados. Sutton-Spencer & Woll (1998) corroboram esta ideia ao afirmarem que “some plurals are made by repeating the sign, with each repetition distributed in a different location” (p. 106). As autoras atestam que esta forma de marcação de quantidade também se materializa na BSL e salientam que “the movement is usually repeated three times, but this does not mean that there are three of something. The same movement is seen whether there are three (...) or ten” (p. 106). Sobre isto, vejamos um exemplo da LSP na figura 60 que representa o sinal *ÁRVORE*, pluralizado através da repetição do movimento do sinal.



Figura 60: *ÁRVORE* e *ÁRVORES*

Os nomes que já apresentam na forma matricial do sinal um movimento repetido não podendo ser pluralizados através deste processo pelo que terão de recorrer a processos já descritos anteriormente, isto é, através da especificação do numeral ou do quantificador.

Por último, a pluralização pode acontecer através do redobro:

it appears that across sign languages, reduplication is an important pluralization strategy. This is not surprising given that by means of reduplication, plurality is expressed in an iconic way: one articulation of the sign refers to a single entity, repeated articulation refers to multiple entities. (Baker, Bogaerde, Pfau, & Schermer, 2016, p. 216).

Este mecanismo de formação do plural consiste na execução bi-manual de um sinal cuja forma original é produzida apenas com uma mão. Assim, a forma singular é executada com a mão dominante enquanto no plural existe uma execução idêntica da configuração e movimento por parte da mão não dominante, resultando assim na reduplicação do sinal. De realçar que o número de repetições do movimento não indica o número exato de pessoas/objetos, não havendo uma correspondência direta entre os dois. Na figura 61, vemos um exemplo deste processo de formação sendo que à esquerda está representado o sinal CRIANÇA executado apenas com uma mão, enquanto à direita, verificamos que o plural CRIANÇAS se executa bi-manualmente.



Figura 61: CRIANÇA e CRIANÇAS

Outro exemplo deste processo diz respeito ao plural de PESSOA que se encontra representado na figura 62. Assim, do lado esquerdo encontramos o singular, produzido apenas com uma mão e, do lado direito, o sinal PESSOAS cuja produção é bi-manual.



Figura 62: PESSOA e PESSOAS

Em alguns casos, a morfologia do sinal não permite a marcação do plural através do redobro por já possuírem, em si, movimentos complexos ou repetidos. Nestes casos,

há a necessidade de juntar um quantificador de plural, tal como referido. Alguns autores (Baker, Bogaerde, Pfau, & Schermer, *The Linguistic of Sign Languages - An Introduction*, 2016) (Sandler & Lillo-Martin, 2006) (Sutton-Spence & Woll, 1998) consideram que essa característica é chamada de *phonological constraint* e é particularmente interessante uma vez que comprova que a formação do plural está dependente das características morfológicas do nome. Em sinais como os representados na figura 63, cuja execução obriga a que sejam usadas as duas mãos, como no caso de RESTAURANTE, ou que a repetição do movimento já seja, em si mesma, parte integrante do sinal base, como o exemplo BIBICLETA, não é possível adicionar a configuração com a MND ou o movimento que seria referente ao redobro e, consequentemente, ao plural, pelo que há que recorrer a outra estratégia.

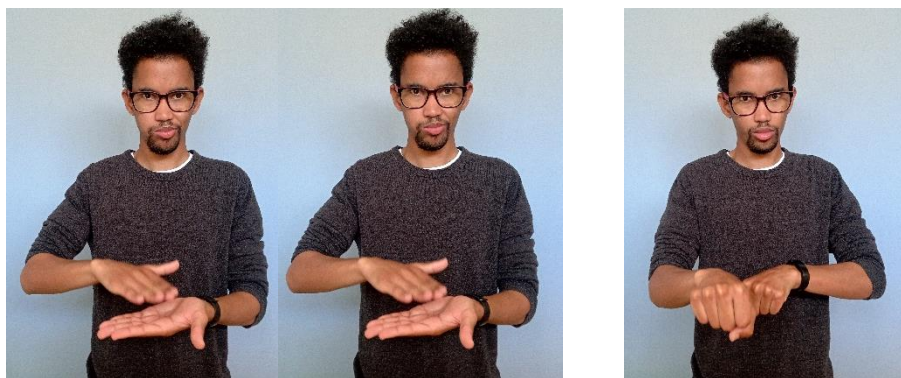


Figura 63: RESTAURANTE e BICICLETA

Vistas as distintas formas de marcação de número, podemos constatar que a forma de realização do plural depende não só do referente que se pretende pluralizar, mas também da quantidade pois “the way plurality is marked in sign languages is lexically dependent” (Liddell, 2003, p. 52).

2.5.2.3. Grau dos nomes

Os nomes são as palavras usadas numa língua para designar pessoas, animais, objetos, estados e lugares. Para além das variações que já vimos anteriormente em género e número, os nomes podem também variar em grau. Assim, os nomes admitem variações em três graus e, tal como a própria denominação indica, o grau normal diz respeito ao uso na designação normal; o grau diminutivo quando se quer transmitir uma ideia de pequenez, e que pode também assumir um carácter afetivo e de carinho, e o grau aumentativo quando se pretende transmitir uma ideia de algo grande. Tomemos o

exemplo do vocábulo *casa*, em português, que se apresenta no grau normal e cujas flexões no grau diminutivo e aumentativo são, respetivamente, *casinha* e *casarão*. No que diz respeito ao diminutivo com sentido afetivo, podemos mencionar a flexão do nome *amor* que pode ser usado num contexto em que pretendemos atribuir um sentido mais caloroso ao tratamento, ou quando temos intimidade com a pessoa, referindo-nos a ela como *amorzinho*.

Desta forma, percebemos que, em português, o grau dos nomes se forma através da adição de um sufixo à raiz do vocábulo, sendo que os mais comuns para o grau diminutivo são o *-inho/a*, *-zinho/a*, *-ito/a* e *-zito/a* e, por sua vez, o *-ão/ona* e *-zão/ona* para o grau aumentativo (Mateus, Brito, Duarte, & Faria, 2003).

Os estudos sobre os graus dos nomes em línguas de sinais são escassos. De facto, no que respeita à LSP conhecemos apenas o trabalho de Gonçalves & Raposo (2013) que, analisaram discursos produzidos por nativos surdos concluindo que “após a análise detalhada das expressões recolhidas deparámo-nos com cerca de onze expressões faciais gramaticais morfológicas de flexão de substantivos” (p. 80). Assim, através do conhecimento linguístico que possuímos, das observações que fizemos e das consultas a nativos da língua, constatamos que em LSP os graus de nomes manifestam-se através da junção de um marcador ao sinal matricial. Esse processo pode ser feito através de diferentes formas, havendo sinais concretos para cada um dos graus e outros que são descritivos do tamanho do referente, mas, como veremos, em ambos os casos, os sinais são acompanhados de ENM. Assim,

the diminutive and the augmentative are two simultaneous derivational processes that are related to each other and that do not change the category of the word. Both processes can be applied to many nouns in many sign languages, the former expressing the meaning ‘little x’, the latter carrying the meaning ‘big x’ (Baker, Bogaerde, Pfau, & Schermer, 2016, p. 205).

Quando queremos manifestar o grau diminutivo em LSP podemos recorrer a um sinal cujo significado se traduz em “algo pequeno” – sinal em configuração R, localizado



Figura 64: CADEIRA e CADEIRINHA

na zona do pescoço com ponto de contacto do dedo médio com o pescoço, acompanhado da componente não-manual em que a boca está aberta e ocorre um movimento da língua para cima e para baixo, vulgarmente designado “ló,ló,ló”. Este sinal pode ser sufixado a qualquer nome e, quando assim acontece, há a transformação em diminutivo. Vejamos abaixo os exemplos ilustrativos de CADEIRA e CADEIRINHA, na figura 64, e de SOFÁ e SOFÁZINHO, na figura 65.

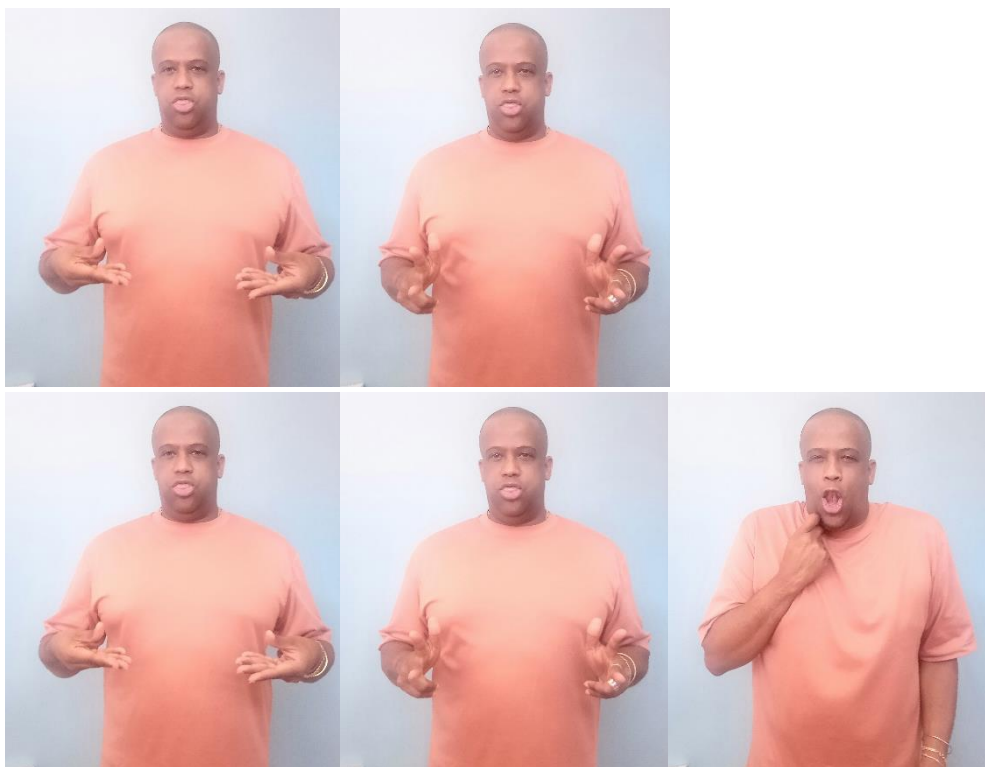


Figura 65: SOFÁ (em cima) e SOFÁZINHO (em baixo)

Para além desse processo, e tratando-se a LSP de uma língua visual, é possível formar o diminutivo através da produção de uma forma icónica associada ao tamanho do referente. Assim, as mãos produzem a forma de um tamanho mais pequeno do nome a que se referem, acompanhando o formato do sinal matricial. Este tipo de formação de



Figura 66: PESSOA e PESSOA.PEQUENA

diminutivo é sempre acompanhado da ENM que mencionámos anteriormente e que é característica de referentes “pequenos”: mexer a língua para baixo e para cima. Vejamos os exemplos de PESSOA, figura 66, BOLA, na figura 67, CÃO, na figura 68, LIVRO, na figura 69 e LETRA, na figura 70.

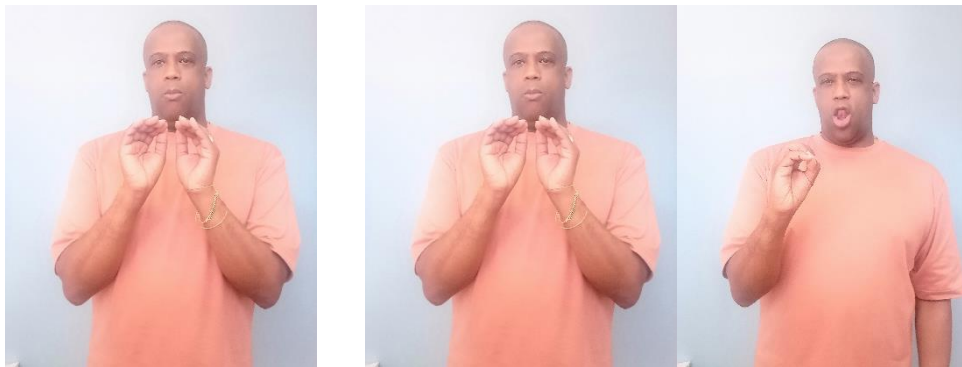


Figura 67: BOLA e BOLINHA



Figura 68: CÃO e CÃOZINHO



Figura 69: LIVRO e LIVRINHO

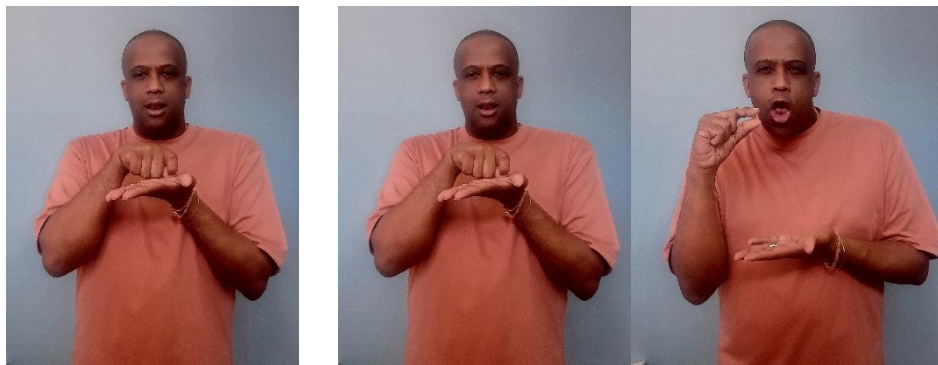


Figura 70: *LETRA* e *LETRINHA*

Como podemos observar nos exemplos acima, o diminutivo pode ser expresso através de um encurtamento do tamanho original sendo que essa produção acompanha a forma original, isto é, em *PESSOA* o diminutivo forma-se através da altura, mostrando-se uma pessoa de menor tamanho; em *BOLA*, através da forma arredondada da bola; em *CÃO* através do comprimento do animal; em *LIVRO* através da grossura e do volume do objeto; e em *LETRA* através do tamanho da caligrafia.

A função afetuosa e carinhosa que o diminutivo do nome pode adquirir, na língua portuguesa, também é possível identificar na LSP. Questionámos pessoas surdas nativas que nos informaram que a LSP forma diminutivos com esse sentido recorrendo, no entanto, ao uso de uma ENM distinta da referida anteriormente. Assim, em LSP também é possível usarmos o nome *amorzinho* sendo que a ENM nesses casos corresponde aos lábios projetados para a frente em formato de beijo e sobrancelhas cerradas, como é possível verificar na figura 71, abaixo.



Figura 71: *AMORZINHO*

No que concerne ao grau aumentativo, em LSP o processo de formação é bastante semelhante ao que vimos anteriormente, através da adição de um sufixo cujo significado remete para “algo grande” – sinal executado com a mão em configuração 1, localizada no queixo, com movimento para frente e com um ligeiro abanar, com ENM de bochechas infladas com posterior abertura da boca. Por uma questão de coerência e comparação, vejamos os exemplos de CADEIRA e CADEIRÃO, na figura 72 e de SOFÁ e SOFAZÃO, na figura 73.

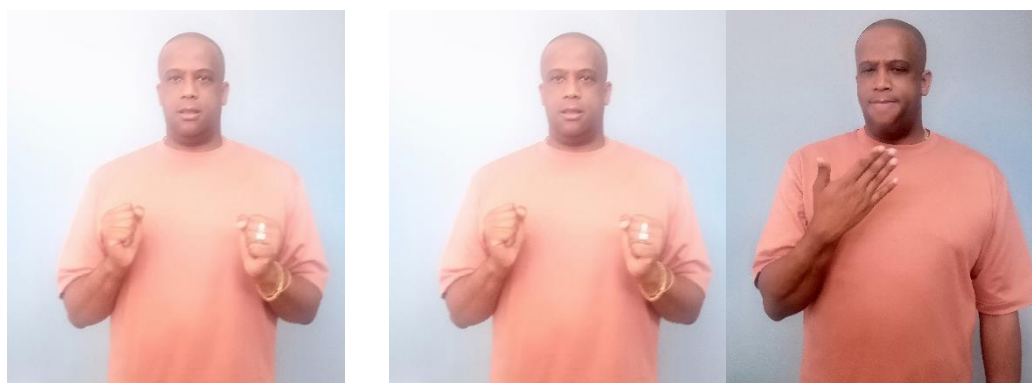


Figura 72: CADEIRA e CADEIRÃO

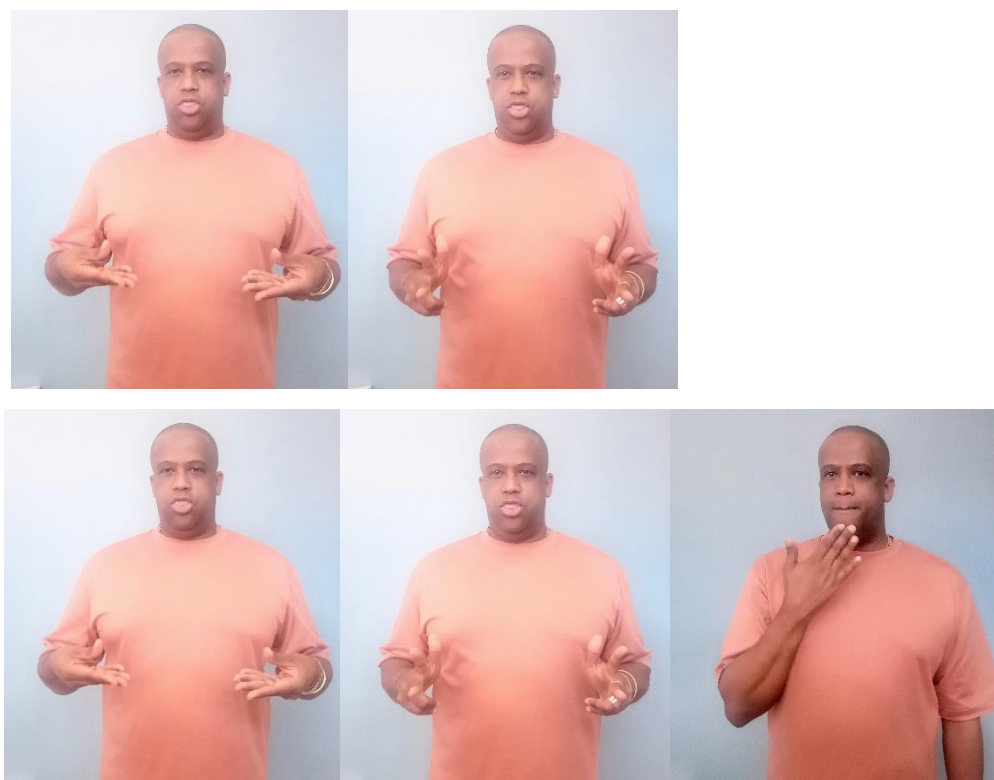


Figura 73: SOFÁ (em cima) e SOFAZÃO (em baixo)

Tal com acontece com o diminutivo, também é possível formar o grau aumentativo através da descrição do tamanho do objeto com base na forma original. Neste caso a ENM que acompanha o sinal que descreve o tamanho é a mordida do lábio inferior. Vejamos então os exemplos PESSOA na figura 74, BOLA na figura 75, CÃO na figura 76, LIVRO na figura 77 e LETRA na figura 78.

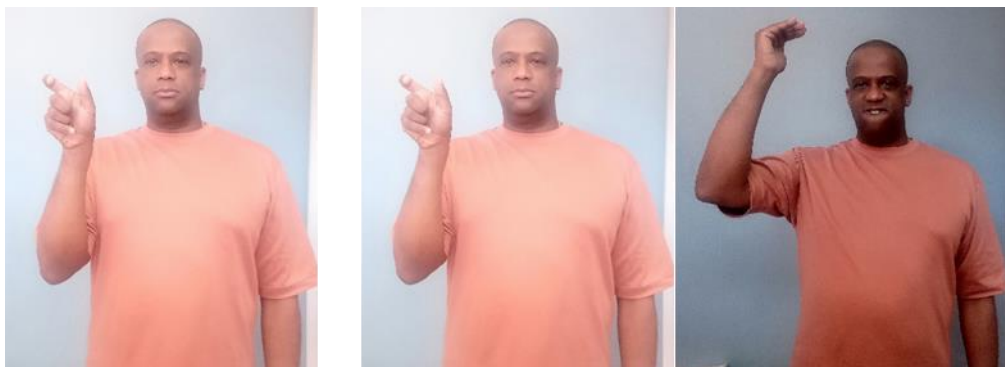


Figura 74: PESSOA e PESSOA.ALTA

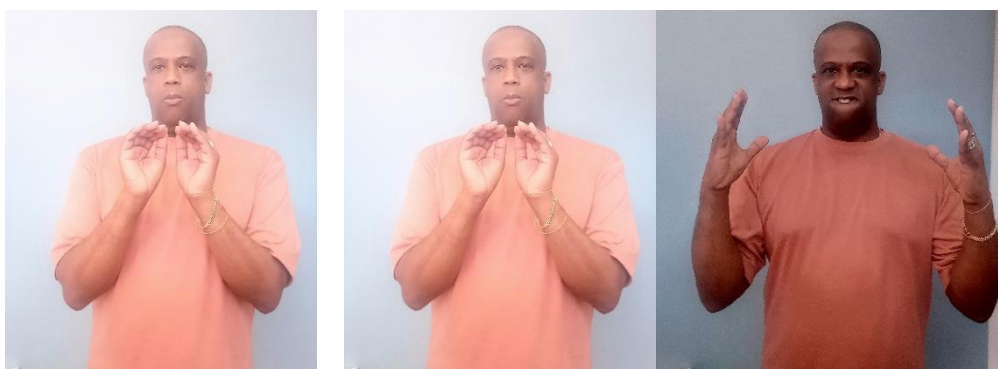


Figura 75: BOLA e BOLA.GRANDE



Figura 76: CÃO e CÃO.GRANDE



Figura 77: *LIVRO* e *LIVRO.GRANDE*

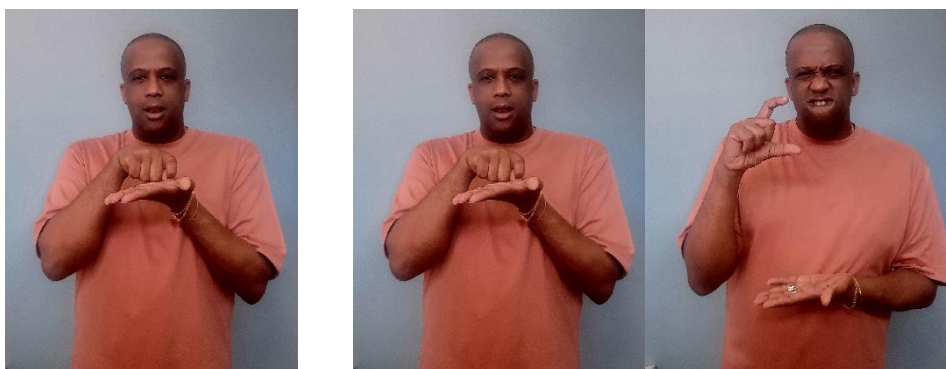


Figura 78: *LETRA* e *LETRA.GRANDE*

O aumentativo é formado através de uma forma maior comparativamente à original, ou seja, a PESSOA aumenta em altura; a BOLA aumenta em formato redondo; o CÃO aumenta em comprimento; o LIVRO engrossa através de uma configuração de mão também maior (isto é, com mais dedos); e a LETRA aumenta em tamanho da caligrafia²⁷.

Em suma, a formação dos graus dos nomes é sempre acompanhada do uso de ENM. Esta necessidade não ocorre apenas na LSP pois, como vemos, na LIBRAS “a marca de grau dos substantivos e adjetivos é composta por meio da expressão facial” (Rodrigues & Valente, 2011, p. 88). Podemos, ainda, apresentar um exemplo referente à NGT que apesar de apresentar ENM distinta da LSP, fá-lo da seguinte forma

as can be seen in Example (11), in NGT, as in many other sign languages, both changes are realized by non-manual markers – the diminutive by sucking in the cheeks with pursed lips (marked by the symbol ‘(’ in (11a)), often in combination with showing the tip of tongue,

²⁷ Apesar desta explicação aparentar ser repetitiva quando comparada com a apresentada para o grau diminutivo, consideramos importante esta informação para que fique claro que, ainda que o recurso utilizado seja o mesmo, este é feito em espelho: enquanto no grau diminutivo a forma e o tamanho diminuem, no grau aumentativo ficam maiores.

the augmentative by puffed cheeks (glossed as '()' in (11b)) (Baker, Bogaerde, Pfau, & Schermer, 2016, p. 205).

Assim, como já vimos, a presença da ENM é fulcral para a concretização dos graus dos nomes sendo que a sua motivação pode apresentar diferentes origens: enquanto eco do sinal ou influência da cultura e da linguagem gestual envolventes. Mais adiante retomaremos este tema.

2.5.2.4. Grau dos adjetivos

Os adjetivos qualificativos fornecem atributos aos nomes, isto é, são palavras utilizadas para qualificar, caracterizar ou classificar os nomes. Em LSP os adjetivos são uniformes e não apresentam concordância com o nome, género e número o que significa que a sua estrutura não se altera para se adaptar ao referente que pretende designar, contrariamente ao que acontece em língua portuguesa em que os adjetivos podem flexionar em género, número e grau. Ainda assim, apesar desta categoria gramatical ser passível de ser identificada na LSP, estudos apontados por Schembri (2003) referem a inexistência de adjetivos nas línguas visuais, ainda que seja reforçada a ideia de que esta teoria necessita de mais investigação e sustentabilidade pois

it is possible that the adjectival type of polycomponential verbs is best considered a kind of stative verb (...) we need more evidence before we can claim that this subclass of complex constructions actually act as adjectives. This is in keeping with the debate in the literature as to whether or not there is any evidence for the lexical category of adjective in sign language (p. 4).

Neste subponto, debruçar-nos-emos sobre o grau e partiremos da sua manifestação em língua portuguesa para uma explanação de como acontece essa flexão na LSP.

Os graus dos adjetivos são utilizados para fazer comparações ou intensificar características e dividem-se em duas categorias: o grau comparativo e o grau superlativo. Antes de passarmos à explicitação dos graus, tomemos como exemplo a frase *o rapaz é feliz* para posterior aplicação a cada grau. Assim, na frase exemplificativa o adjetivo presente é o vocábulo *feliz* que se encontra no grau normal. O grau comparativo estabelece uma relação de comparação entre dois ou mais referentes e abarca três graus, consoante o tipo de comparação, nomeadamente: o grau comparativo de igualdade – *o rapaz é tão feliz como o vizinho*; o grau comparativo de superioridade – *o rapaz é mais feliz do que o vizinho*; e ainda, o grau comparativo de inferioridade – *o rapaz é menos feliz que o vizinho*. Por sua vez, o grau superlativo intensifica as características do adjetivo que podem

ser feitas de duas formas: relativa, que caracteriza um referente em maior ou menor grau que os restantes, ou absoluta, que caracteriza o referente com o maior grau. Neste sentido, os graus são formados da seguinte forma: grau superlativo relativo de superioridade – *o rapaz é o mais feliz do bairro*; grau superlativo relativo de inferioridade – *o rapaz é o menos feliz do bairro*; grau superlativo absoluto analítico - *o rapaz é muito feliz*; grau superlativo absoluto sintético – *o rapaz é felicíssimo* (Mateus, Brito, Duarte, & Faria, 2003).

Reportando-nos agora à LSP, explicaremos como são formados os graus dos adjetivos. Dada a inexistência de bibliografia de suporte a esta temática, auscultámos nativos surdos sobre o assunto, recorrendo também ao conhecimento e uso que temos da língua. Assim, dadas as características sintáticas da LSP a formação das frases será, inevitavelmente, feita de forma distinta da LP. Neste sentido, o grau comparativo de igualdade é formado em LSP através do uso dos sinais IGUAL ou EXATAMENTE.IGUAL. Imaginemos que pretendo afirmar que *a mãe é tão alta como o pai*. Assim, ter-se-á que produzir em primeiro lugar os sujeitos *mãe* e *pai*, em seguida o adjetivo que os irá qualificar, neste caso *alto* e, por último, o sinal que indica a comparação por igualdade. Podemos ver a produção desta frase em LSP na figura 79.



Figura 79: MÃE PAI ALTURA EXATAMENTE.IGUAL

Quando se pretende formar o grau comparativo de superioridade há que recorrer a um sinal cujo significado não é apenas um conceito concreto, mas uma expressão, nomeadamente, MAIS.DO.QUE. Este sinal apresenta a particularidade de poder ser usado de forma direcional e obrigar sempre à enunciação anterior de dois referentes, isto é, para referir que sou, por exemplo, *mais alta do que outro*, tenho que me referir a mim e a esse outro e, posteriormente, executar o sinal de mim para ele. No caso contrário, em que *o outro é mais alto do que eu*, a execução do sinal é feita em direção contrária, do outro para mim. Caso a comparação não inclua a pessoa que está a sinalizar, há que

mencionar os dois referentes que serão alvo de comparação e localizá-los no espaço de articulação. Posto isso, a execução do sinal é sempre feita do referente que é MAIS.DO.QUE em direção ao que é menos. Para uma melhor compreensão, vejamos o exemplo na figura 80, com a sinalização da frase *a mãe é mais alta do que o pai*.



Figura 80: MÃE PAI ALTA MAIS.DO.QUE

Como podemos verificar, o informante surdo faz o sinal MÃE, localizando-a à direita, depois, produz o sinal PAI que referencia para a esquerda. Em seguida refere a qualidade que irá comparar fazendo o sinal ALTO e depois produz o sinal MAIS.DO.QUE com a execução sendo efetuada do seu lado direito para o esquerdo. Desta forma, percebemos que as propriedades semânticas e sintáticas das línguas visuais são efetivamente articuladas no espaço de sinalização sendo que a sua disposição é feita de forma organizada e coerente.

No que diz respeito ao grau superlativo relativo de superioridade este é expresso através da forma SUJEITO + ADJETIVO + sinal que significa PRIMEIRO. Vejamos a frase *o rapaz é o mais inteligente*. Esta frase, retratada na figura 81, será então expressa através dos sinais ilustrados abaixo, nomeadamente, RAPAZ + INTELIGENTE + PRIMEIRO, em que o sinal PRIMEIRO identifica aquele que é *o mais*.



Figura 81: RAPAZ INTELIGENTE PRIMEIRO

Em relação aos graus superlativos absolutos, estes são marcados com a ENM que acompanha a produção do adjetivo e que é proporcional à intensidade. Assim, se pensarmos no adjetivo *inteligente*, significa que quanto mais inteligente for o sujeito, maior será o nível de abertura dos olhos, maior será o levantar das sobrancelhas, bem como o inflar da bochecha acompanhado do sopro²⁸. Na figura 82 apresentamos os exemplos do adjetivo no grau normal por contraste com os graus superlativos absolutos que, maioritariamente, são ambos, analítico e sintético, expressos da mesma forma.



Figura 82: INTELIGENTE e INTELIGENTE com ENM

Na verdade, também é possível marcar o grau superlativo através da adição do sinal MUITO ao adjetivo, tal como vemos na figura 85. No entanto, este tipo de

²⁸ Nestas situações a ENM presente é considerada suprasegmental uma vez que a sua produção se relaciona com o acentuar da entoação que se pretende atribuir ao conteúdo da mensagem. Mais à frente descreveremos detalhadamente este fenómeno na LSP.

ocorrência é rara sendo apenas frequente naqueles que não dominam a língua, sejam ouvintes ou surdos, por associação à forma um ouvinte produzirá em linguagem gestual ou de mimética, a ideia de uma grande quantidade.



Figura 83: INTELIGENTE MUITO

Na nossa auscultação percebemos que os graus de inferioridade – quer o comparativo, quer o superlativo - não são utilizados de forma natural na LSP, uma vez que a relação estabelecida tende a ser feita sempre no registo da superioridade. Na realidade, a formação destes graus é trabalhada em contexto de sala de aula aquando do ensino de matérias de língua portuguesa sendo que os nossos informantes nos disseram que, ainda assim, para ensinar essas estruturas recorre-se ao português gestual²⁹ uma vez que, na LSP, esse tipo de estrutura não é utilizado de forma natural. Para além disso, os nativos também invocaram motivos de ordem social e histórica para o não uso dos graus de inferioridade. Efetivamente, durante muito anos a comunidade surda viveu em situação de opressão e proibição do uso da sua língua natural, o que levou a que as pessoas surdas se sentissem ostracizadas e obrigadas a comunicar de uma forma que não era aquela com a qual se identificavam. Muitas vezes, dadas as dificuldades em oralizarem ou até a impossibilidade de articular palavras e frases que fossem compreensíveis, as pessoas surdas eram discriminadas e postas de parte, o que originava, naturalmente, sentimentos de incapacidade e inferioridade perante a maioria ouvinte. Assim, este tipo de vivências gerou no seio da comunidade uma necessidade de contrariar a ideia de que são inferiores o que culmina no facto de, linguisticamente, os utilizadores não se identificarem com o uso de uma referência de inferioridade sendo, por isso, a sua utilização rara e não natural.

²⁹ Estrutura em que os sinais são produzidos seguindo a ordem sintática da língua portuguesa.

2.5.2.5. Classificadores

Os classificadores são estruturas morfológicas que se encontram presentes em muitas línguas de sinais do mundo. Emmorey (2003) apresenta evidências do uso de classificadores em estudos feitos em, pelo menos, 20 línguas de sinais diferentes. A mesma autora refere que Keith Allan foi dos primeiros linguistas a apresentar uma definição para este fenómeno, tendo-o feito com base no estudo de cerca de 50 línguas orais. Allan (1997) definiu classificadores segundo dois critérios:

a) they occur as morphemes in surface structures under specifiable conditions; (b) they have meaning, in the sense that a classifier denotes some salient perceived or imputed characteristic of the entity to which an associated noun refers (or may refer) (p. 285).

No que concerne às línguas visuais, muitos foram os investigadores que a partir dos anos 70 se dedicaram à análise dos classificadores, tendo sido Ted Supalla o primeiro a olhar para esta propriedade como parte do sistema gramatical (Sandler & Lillo-Martin, 2006) categorizando-os em dois tipos: os classificadores de tamanho e forma e os classificadores semânticos. Os primeiros dizem respeito a configurações de mão que representam características físicas e perceptíveis do objeto e que se relacionam com o tamanho e a forma do referente, tal como o próprio nome indica (Supalla, 1982). Vejamos na figura 84, o seguinte exemplo da LSP.



Figura 84: GALINHA e CL ANDAR.GALINHA

Neste exemplo podemos ver um classificador de forma, visto a figura ser uma referência ao andar de um galo ou de uma galinha onde as mãos assumem a configuração de mão com os dedos polegar, indicador e médio esticados e afastados representando assim o formato das patas do animal.

Em seguida, na figura 85, apresentamos o exemplo do classificador usado quando nos queremos referir a Portugal Continental, em que as duas mãos descrevem uma espécie de retângulo, representando assim a forma do país tal como é representada nos mapas.



Figura 85: PORTUGAL CL FORMA.PAÍS

Posto estes exemplos relativos à forma, vejamos exemplos de classificadores de tamanho:



Figura 86: PÉ PEQUENO e GRANDE

Nos exemplos presentes na figura 86 podemos verificar a existência de um classificador que se refere ao tamanho de um pé, sendo que em primeiro lugar nos é apresentado um pé pequeno e em segundo um pé grande e que é, em ambas as situações, produzido com as duas mãos que estão ou mais afastadas ou mais próximas, mas no plano correspondente ao formato do pé, em comprimento e para a frente.

A segunda categoria de classificadores proposta por Supalla (1982), a semântica, é, segundo o autor e por comparação com a primeira, mais abstrata no que diz respeito à representação dos objetos, uma vez que nestes casos o classificador não é tão linear quanto à correspondência da forma do referente, pois representa partes que poderão não ser tão visuais e facilmente identificáveis (Supalla, 1982). A este propósito, vejamos o

exemplo do sinal LIVRO cujo classificador produzido para representar vários livros dispostos numa estante pode também ser utilizado para referir, por exemplo, pessoas sentadas num estádio de futebol. Assim, o classificador assume propriedades semânticas que só são possíveis de identificar quando o sinal é agregado ao referente, tal como é possível constatar na figura 87 abaixo ilustrada.



Figura 87: *LIVRO.ESTANTE-CL* e *MULTIDÃO.ESTÁDIO-CL*

A propriedade semântica é intrínseca à característica específica do referente. Da mesma forma podemos pensar neste conceito aplicado ao classificador que pode ser usado para PESSOA ou para CARRO, cuja forma representa um nível semântico bastante abstrato, sendo, por isso, necessário executá-lo a seguir ao nome que classifica, tal como vemos na figura 88.



Figura 88: *CL PESSOA* e *CL CARRO*

Para além disso, cumpre referir que o mesmo classificador pode ser usado para vários referentes como nos exemplos abaixo representados que correspondem a MOTA e PEIXE, o que reforça a importância de o classificador ter que ser precedido pelo nome a que se refere, tal como é possível constatar nos exemplos da figura 89.



Figura 89: MOTA e CL (cima); PEIXE e CL (baixo)

Neste sentido e com base no anteriormente apresentado, podemos referir que os classificadores “são estruturas morfêmicas que se comportam como gestos. Eles substituem, descrevem, especificam e qualificam pessoas, animais e coisas e incorporam acções a esses referentes” (Nascimento & Correia, 2011, p. 107). Com base nisso, estudos mais recentes atribuem aos classificadores categorias distintas das inicialmente propostas por Supalla. Assim, os classificadores podem ser nominais descritivos, pois descrevem entidades como indivíduos, animais, aves, entre outros; nominais atributivos, caracterizados pela sua forma, tamanho, textura, consistência, espessura; especificadores, que especificam a localização, a trajetória ou a direção e, por último, verbais, que caracterizam a ação, o objeto, modo ou aspeto (Nascimento & Correia, 2011).

Em suma, os classificadores são estruturas bastante ricas e produtivas cuja utilização é extremamente produtiva precisamente por incluírem muita informação linguística, sendo, como já foi referido, um recurso bastante utilizado nas línguas visuais.

2.5.2.6. Tipologia verbal

Segundo o *Dicionário de Termos Linguísticos*, disponível no sítio do *Portal da Língua Portuguesa do Instituto de Linguística Teórica e Computacional*, o verbo designa um “elemento que pode exibir contrastes morfológicos de tempo, aspeto, voz, modo, pessoa e número” (Xavier & Mateus, 1990, p. sp). Deste modo, tal como nas línguas orais, as línguas visuais também possuem verbos ainda que as variações ocorram de maneira distinta das LO, como veremos a seguir.

Nas línguas visuais é possível identificar três tipos de verbos que podem apresentar designações diferentes consoante o estudo e autor, mas que, na realidade, são definidos por todos em categorias idênticas. Assim:

- existem verbos que não sofrem qualquer alteração na sua execução, independentemente do sujeito, número, objeto ou local da ação, isto é, não revelam informação gramatical. Estes verbos podem ser designados por “neutros ou planos” (Santana, 2012, p. 374), “plain verbs” (Martins, Costa, Cottim, & Morais, 2019, p. 85) ou ainda “body-anchored verbs” (Sutton-Spence & Woll, 1998, p. 136) (Padden, 1986, p. 44). AMAR, FUMAR e CORRER são alguns exemplos destes verbos, cujo significante é possível verificar na figura 90.



Figura 90: AMAR, FUMAR e CORRER

- existem verbos que se concretizam no exato local da ação e que pode ser no corpo do emissor, como por exemplo o verbo DOER e COÇAR e que, a produção do sinal é realizada na zona a que se refere, tal como se pode verificar na imagem 91 com os exemplos *dor de dentes* e *dor no ombro*, bem como na figura 92 com os exemplos *coçar a cabeça* e *coçar a mão*.



Figura 91: *DOR.DENTE* e *DOR.OMBRO*



Figura 92: *COÇAR.CABEÇA* e *COÇAR.MÃO*

Estes verbos podem ser designados por “verbos locativos” (Santana, 2012, p. 374) ou “spatial verbs” (Sutton-Spence & Woll, 1998, p. 145) (Padden, 1986, p. 45);

- existem verbos que alteram a maneira como são executados para produzirem exatamente a forma como a ação de determinado referente é executada e que são, por isso, denominados de verbos classificadores (Erlenkamp, 2009). Vejamos na figura 93 exemplos relativos ao verbo beber.



Figura 93: *BEBER.SHOT e BEBER.COPO (EM CIMA); GATO e CL BEBER.ÁGUA (EM BAIXO)*

O exemplo em cima à esquerda refere-se a beber uma bebida num copo pequeno, como por exemplo, *beber um shot* enquanto o exemplo à direita diz respeito a beber um líquido num copo maior, por exemplo *beber água*. Assim, podemos verificar que a produção destes dois classificadores é distinta e isso deve-se à diferença de tamanho dos copos utilizados, bem como à forma como a mão segura o copo, ou seja, baseia-se, como a definição genérica de classificador, em propriedades do referente. Assim, ao produzir o classificador a mão assume a forma e o tamanho do objeto ao qual se refere, incorporando essas duas características em simultâneo. Por sua vez, na linha em baixo, encontramos aquilo que pode ser entendido como *o gato bebe água* e, para tal, a mão dominante assume o formato da língua do animal, descrevendo exatamente os mesmos movimentos que são feitos pelo gato ao beber água. Com este exemplo percebemos também que na LSP o conceito *beber* sofre modificações consoante a forma, quer do sujeito, quer do objeto a que se refere (pessoa na linha acima e animal-gato na linha em baixo);

- por sua vez, existem verbos cuja produção é uma amálgama das duas especificidades que apresentamos atrás pelo que propomos que sejam considerados como

verbos locativos e classificadores. Estes verbos descrevem o local da ação bem como a forma como ela é executada. Vejamos na figura 94 exemplos destes verbos.



Figura 94: *PÔR COPOS (EM CIMA)*; *PÔR GANGHOS (AO MEIO)*; *CARREGAR.BEBÉ e CARREGAR.SACO (EM BAIXO)*

Assim, estes exemplos são produzidos com recurso ao espaço topográfico, fazendo uma descrição exata do lugar e da forma como é executada a ação. *PÔR* ou *CARREGAR-ALGO* são exemplos destes tipos de verbos cuja produção varia com base no que se refere. No caso do verbo *PÔR* podemos pensar nos exemplos *pôr copos numa mesa*, cuja sinalização vemos na primeira linha da figura 94, através da produção do sinal *COPO* seguido da disposição destes numa superfície plana, a mesa; *pôr ganchos no cabelo*, representado na linha do meio figura 94, em que o informante produz em primeiro lugar o sinal *GANCHOS* e em seguida coloca-os no exato lugar usando para isso a sua

própria cabeça. No caso do verbo **CARREGAR** há diferenças entre, por exemplo, *carregar um bebé*, em que se produz exatamente a forma de como se pega, fisicamente, num bebé e que pode ser para embalar, como vemos na imagem à esquerda ou pegar e colocar à cintura, na imagem à direita, ou *carregar um saco*, em que a produção pode ser feita com o equivalente a agarrar a asa de um saco, na imagem da esquerda, ou, ainda, carregando o saco ao ombro, na imagem à direita;

- por último, existem verbos que se movem no espaço e que através da direção do movimento e do início e final da localização da execução dão informação sintática, nomeadamente sobre o sujeito e destinatário da ação. São exemplos destes verbos **DAR**, **TELEFONAR** e **DIZER**, ilustrados abaixo nas variações: *eu dou-te* na figura 95, *tu telefonas-me* na figura 96 e *eu digo-vos* na figura 97, em que a direção do verbo muda consoante os intervenientes.



Figura 95:EU DAR(A TI)



Figura 96: EU DIZER(A VÓS)

Estes verbos são designados por “agreement verbs” (Martins, Costa, Cottim, & Morais, 2019, p. 85), (Sutton-Spence & Woll, 1998, p. 137) ou ainda “directional verbs” (Padden, 1986, p. 44).

No que concerne à variação do verbo em pessoa e número, Amaral Coutinho & Martins (1994) afirmam que

no que diz respeito à categoria Pessoa, a LGP não tem marcação morfológica: tem de expressar o sujeito através de um nome ou de um pronome. (...) Na LGP o verbo não apresenta marcação de número. Esta marcação só pode ser reconhecida através do sujeito (p. 103).

Ainda que o verbo não apresente alteração em termos morfológicos, não podemos afirmar que não existe marcação de número, pois esta está presente através da marcação sintática que assenta no uso do pronome pessoal antes do verbo. Sobre isto, vejamos os seguintes exemplos referentes a estas três frases: *eu canto*, na figura 98, *ele canta*, na figura 99 e *nós cantamos*, na figura 100.



Figura 98: EU CANTAR



Figura 99: ELE CANTAR



Figura 100: *NÓS CANTAR*

Como podemos verificar, em LP o verbo sofre alterações através de sufixos que se juntam à base *cant-* e que, dependendo da sua formação, identificam a pessoa a que se referem (Mateus, Brito, Duarte, & Faria, 2003). No caso da LSP, e tal como é visível nas imagens acima, o verbo não sofre qualquer alteração sendo produzido de forma idêntica independentemente da pessoa a que se refere. Neste caso, e parafraseando os autores acima citados, a marcação de número é efetivamente pela produção do sinal que designa o sujeito e que ocorre antes do verbo, neste caso, EU, ELE e NÓS.

Vejamos, a seguir, as variações que ocorrem nos verbos em LSP em termos de tempo e aspeto.

2.5.2.6.1. Tempo

A marcação do tempo diz respeito à formação dos verbos no passado, presente e futuro, característica que é sobejamente conhecida e reconhecida nas línguas orais. Curiosamente “durante muito tempo pensou-se que as línguas gestuais não possuíam tempos” (Amaral, Coutinho, & Martins, 1994, p. 104). Felizmente, fruto de investigações linguísticas realizadas em diferentes países “foram ultrapassadas estas crenças e detectadas distintas maneiras de indicar os tempos nas diferentes línguas gestuais” (Amaral, Coutinho, & Martins, 1994, p. 104)

Nas línguas de sinais, e em particular na LSP, a marcação de tempo ocorre com base em planos imaginários em que o corpo do emissor representa o presente, sendo o passado algo que é produzido para trás do corpo, representando assim a ideia de algo que já passou, que já está atrás das costas e, por oposição, o futuro é concretizado para a frente,

com afastamento do corpo e transmitindo a ideia de algo que está por vir (Correia, Custódio, & Silva, 2021). Para além desta indicação, existem algumas alterações à postura corporal que devem acompanhar a produção do verbo, nomeadamente “a forward movement of the head and shoulders may be used by some signers to show the future, and a backward movement of head and shoulders may be used in the same way to show the past” (Sutton-Spence & Woll, 1998, p. 117)

Assim, contrariamente ao que acontece com a LP em que os tempos verbais são marcados através da flexão do verbo (por exemplo, o verbo *andar* na primeira pessoa do singular é conjugado no presente em *ando*, no passado em *andei* e no futuro em *andarei*), na LSP não existe flexão verbal em concordância com a pessoa e número, mas com a relação de tempo remoto ou longínquo. Desta forma, a LSP possui mecanismos de adição que quando produzidos em conjunto com o verbo resultam numa formação temporal específica, mecanismos que permitem inclusive formar um passado recente ou distante, bem como um futuro próximo ou longínquo, tal como acontece para a BSL:

adding morphemes to verbs to provide information such as 'past', 'present' and 'future'. Some languages have tenses indicating 'distant past' and 'distant future' too. Tense is deictic; that is, it needs a specific reference point for it to have any real meaning. (Sutton-Spence & Woll, 1998, p. 115)

Desta forma, como já percebemos, na LSP as variações de marcação de tempo dizem essencialmente respeito ao Passado e ao Futuro. Tal como refere Santana (2012) “o Presente é predominantemente não marcado, não apresentando modulações na gestualização do verbo, o qual tende a ser executado à frente do corpo” (p. 374). Além disso, podemos encarar o Presente como um tempo que, ao não ser marcado, se encontra subentendido (Correia, Custódio, & Silva, 2021). Vejamos abaixo dois exemplos de frases no Presente: *eu escrevo*, na figura 101 e *tu comes*, na figura 102, cuja produção recorre à forma neutra, sem qualquer marcação:



Figura 101: EU ESCREVER



Figura 102: TU COMER

Para além disso, o Presente pode ser marcado através da “utilização da forma neutra do verbo com o advérbio ou expressões adverbiais temporais” (Amaral, Coutinho, & Martins, 1994, p. 104), isto é, é possível adicionar ao verbo expressões que se referem ao momento presente e que, dessa forma, salientam a intencionalidade de afirmar que a frase se encontra no tempo presente. Veja-se abaixo exemplos em que as frases são produzidas com advérbios que, apesar de não serem marcadores do tempo presente, identificam e enfatizam uma ação pontual realizada naquele momento. Assim, os exemplos recorrem ao uso dos advérbios AGORA e HOJE, e que em LP podem ser interpretados com os seguintes sentidos: *agora tu varres*, na figura 103 e *hoje eu cozinho*, na figura 104.



Figura 103: AGORA TU VARRER



Figura 104: HOJE EU COZINHAR

Quando pensamos no Passado em LP sabemos que pode ser representado de diferentes formas consoante a situação da ação na linha temporal imaginária. Nesta breve explanação, falaremos apenas dos tempos passados mais recorrentes. Assim, o pretérito perfeito indica uma ação que ocorreu no passado e que está totalmente terminada – *ontem joguei às cartas*. Por sua vez, o pretérito imperfeito refere-se a uma ação que aconteceu no passado, mas sobre a qual desconhecemos o término – *eu sonhava ser advogada*.

No que concerne à LSP, o passado pode ser formado de várias formas havendo também lugar para a distinção entre os diferentes pretéritos. Assim, se pensarmos no pretérito perfeito enquanto ação passada e finalizada podemos recorrer a diferentes processos de formação, a saber: através de adição de marcadores perfeitivos em que se recorre ao uso da forma neutra do verbo seguida de um indicador de uma ação terminada, como por exemplo, os sinais, JÁ, FIM, COMPLETO, PRONTO, ACABAR, FOI/DE.FACTO, ou ainda através da utilização de indicadores adverbiais no início da frase tais como PASSADO, ONTEM, ANTEONTEM, ANO.PASSADO, ANTES (Correia, Custódio, & Silva, 2021). Vejamos os exemplos abaixo que representam as seguintes ações – *eu comi*, na figura 105, *terminei a tese*, na figura 106, *pintei a casa*, na figura 107, *visitei a minha tia*, na figura 108 e *ontem fui a Coimbra*, na figura 109.



Figura 105: COMER JÁ

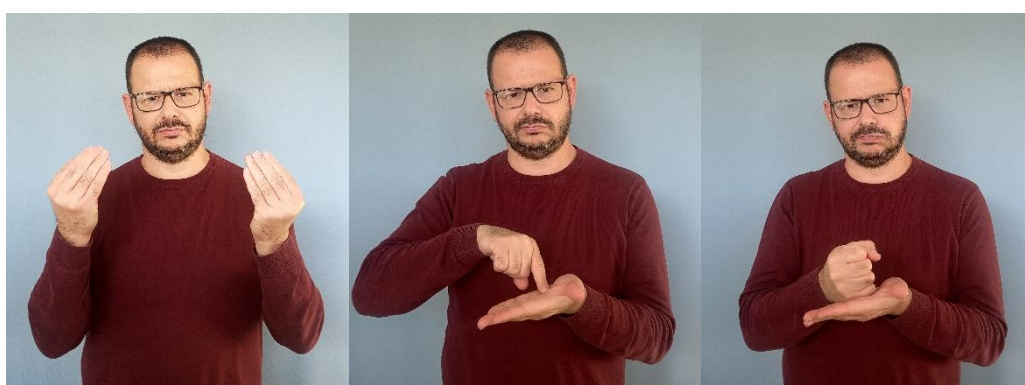


Figura 106: TESE COMPLETO

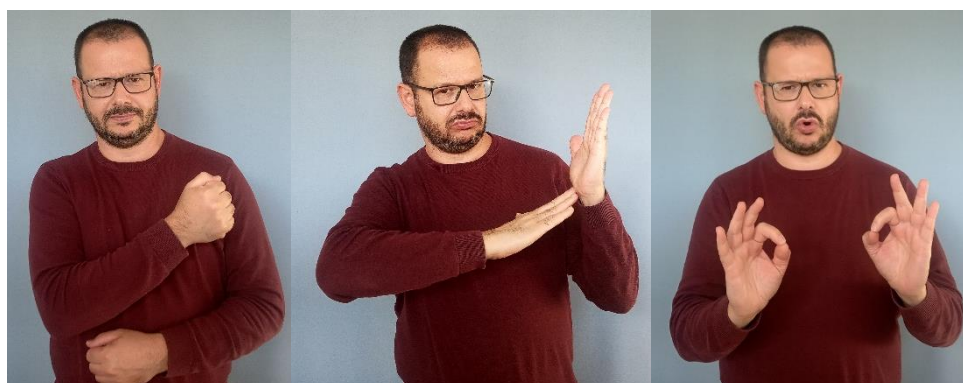


Figura 107: CASA PINTAR



Figura 108: TIA VISITA FOI



Figura 109: ONTEM COIMBRA IR

O pretérito perfeito pode ainda ser formado através de formas verbais que sofrem alteração e incorporação da ENM, isto é, são formas lexicalizadas cuja produção modelada já se encontra no pretérito perfeito. É o caso do verbo VER que apresenta uma forma específica para JÁ.VI³⁰, tal como é possível constatar na figura 110.

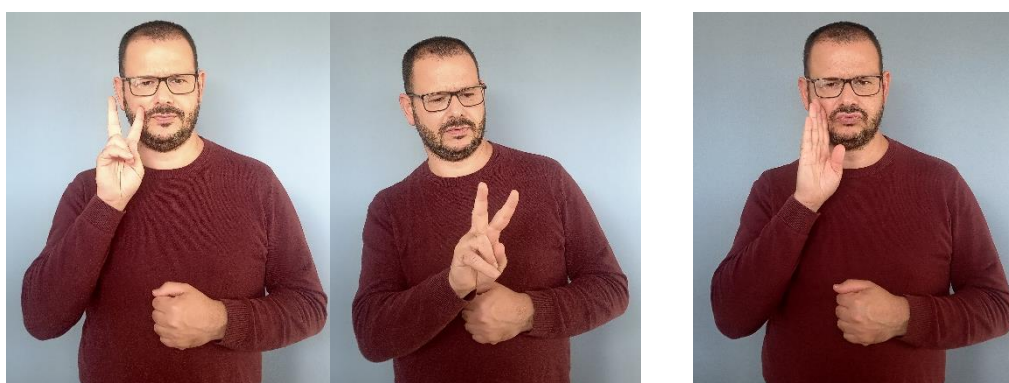


Figura 110: VER e JÁ.VI

³⁰ O verbo DIZER apresenta uma modulação semelhante aquando da execução de JÁ.DISSE. Segundo alguns informantes nativos, o verbo neutro pode ser executado com a ENM associada havendo alteração do tempo verbal, outros informantes referiram que a execução do tempo passado resulta da junção de DIZER+JÁ. Efetivamente, não existe uma amálgama como acontece em JÁ.VI, mas os processos são bastante semelhantes e cremos que tal acontece devido às configurações de mão dos sinais DIZER e JÁ idênticas.

Já o pretérito imperfeito diz respeito a uma ação que pode ser regular no passado e que não apresenta marcação de finitude. Assim, a produção deste tempo verbal em LSP pode ser feita através das formas ANTIGAMENTE, HÁ.POUCO.TEMPO ou HÁ.MUITO.TEMPO, que nos transmitem uma ideia de um passado não concluído (Correia, Custódio, & Silva, 2021). Vejamos os seguintes exemplos: *antigamente tinha bigode*, na figura 111, *mudei de casa há pouco tempo*, na figura 112 e *sou vegetariano há muito tempo*, na figura 113.



Figura 112: ANTIGAMENTE BIGODE



Figura 111: CASA MUDAR HÁ.POUCO.TEMPO



Figura 113: VEGETARIANA HÁ.MUITO.TEMPO

À semelhança do que acontece em LP, o pretérito mais-que-perfeito é um tempo verbal de uso cada vez menos frequente. Na LSP este manifesta-se apenas em contexto frásico não existindo marcação morfológica, só podendo ser visto a par com o pretérito perfeito e em circunstâncias contextuais.

De realçar que todas estas formações de passado implicam que a produção seja acompanhada de ENM, componente obrigatória para a perceção do tempo verbal.

O futuro em LSP é formado através da adição de elementos ao verbo, diferentemente da LP em que a estrutura interna do verbo sofre alteração devido à junção de um sufixo. Curiosamente, em outros países, a formação do futuro tanto na língua visual como na oral é feita da mesma forma, isto é “like English, BSL uses base verb forms with other separate lexical time markers (manual and non-manual) to refer to the future. It uses expressions of intent, such as WILL, and lexical markers, such as TOMORROW, just as English does”. (Sutton-Spence & Woll, 1998, p. 116).

A formação do futuro acontece através de construções perifrásticas em que o verbo é precedido de um marcador temporal que pode ser, por exemplo, os sinais FUTURO, DEPOIS, AMANHÃ, DEPOIS.DE.AMANHÃ ou DAQUIA.MUITO.TEMPO. Quando estes sinais são produzidos depois do verbo há a intencionalidade de afirmar que a ação descrita acontecerá num momento posterior ao da produção da frase. Assim, podemos considerar que o tempo futuro se conjuga através da forma neutra do verbo com o sinal FUTURO ou através da forma neutra do verbo com a utilização de advérbios (*depois* e *amanhã*) ou expressões adverbiais de tempo (*depois de amanhã* e *daqui a muito tempo*) (Amaral, Coutinho, & Martins, 1994) (Correia, Custódio, & Silva, 2021). De realçar que os sinais FUTURO e DAQUIA.MUITO.TEMPO, por se concretizarem com uma maior distância ao tempo presente, quando comparados com as outras três formas de futuro, são produzidos acompanhados da expressão não manual de inflar uma bochecha e de sopro, sendo um dos significados associados a longa duração o que, quando empregue neste contexto, assume o sentido de futuro longínquo.

Para além dessas formas de formação de futuro, na LSP é possível utilizar um “gesto específico que indica um futuro próximo, equivalente à forma da LP ‘ir fazer alguma coisa’” (Santana, 2012, p. 375). Esse sinal, habitualmente designado entre os utilizadores da língua por VÁ.VÁ é produzido após o sinal referente à ação que se pretende efetuar. Este sinal apresenta ENM que se reflete numa mordida do lábio inferior

acompanhada da oralização correspondente a “vá”, um possível truncamento da palavra *vai*, querendo significar, como já dissemos, ‘algo que vai acontecer’³¹.

Sobre o futuro, tomemos como exemplos as frases *um dia casarei*, na figura 114, *amanhã não há aulas*, na figura 115, *falta muito para o Natal*, na figura 116 e *vou cortar o cabelo*, na figura 117, como exemplos. Assim, a primeira frase é produzida com o sinal de FUTURO, indicando que a ação decorrerá num tempo que não é o presente, mas sim mais à frente na linha do corpo. A segunda frase, tal como em LP, é produzida através do advérbio AMANHÃ. Por sua vez, a terceira e quarta frases são produzidas apenas com referência ao evento e o seu afastamento em relação ao momento presente - falta muito para um evento e o outro realizar-se-á em breve, respetivamente:



Figura 114: FUTURO CASAR



Figura 115: AMANHA AULA NÃO.HÁ

³¹ No capítulo referente à ENM apresentaremos este assunto de forma mais detalhada.



Figura 117: NATAL FALTA.MUITO



Figura 116: CORTAR.CABELO VÁ.VÁ

Em suma, a marcação temporal na LSP, por não ser flexionada, socorre-se de diferentes mecanismos para ser marcada, pois pode ser “expresso através de itens lexicais que marcam o tempo, mais ou menos preciso, remoto/longínquo e expressões temporais, como adjuntos adverbiais, nominais, e outras expressões temporais com funcionalidade comum a outras línguas de sinais: uso de expressões temporais, advérbios (...)” (Correia, Custódio, & Silva, 2021, p. 41)

Em seguida vamos abordar as questões do aspeto em LSP, categoria muito produtiva nas línguas visuais e, também, na LSP.

2.5.2.6.2. Aspeto

O aspeto é uma característica das línguas visuais bastante produtiva e que diz respeito a morfemas que os sinais assumem e que modulam a sinalização da ação. Segundo Sutton-Spencer & Woll (1998)

aspect allows a signer to describe the internal timing of events. Aspect focuses on when something happened relative to another event, so that it shows how long the event went on for, whether it is complete or still in progress, and so on. Aspect may be shown in many ways, including verb inflection, separate lexical markers and word or sign order. (p. 118)

Reportando-se à LSP, Santana (2012) refere que o aspeto pode variar segundo diferentes parâmetros: o agente da ação, o manuseamento do objeto e a execução da ação. Segundo a mesma autora, o agente da ação corresponde à entidade que faz a ação, podendo variar entre pessoas com idades e tamanhos físicos distintos ou animais, e cujas alterações se refletem em verbos como COMER, BEBER, LAVAR. Por sua vez, o manuseamento do objeto relaciona-se com a maneira como é feita a ação e que se pode refletir em verbos como COMER e BEBER, isto é, a forma de sinalizar a ação *comer uma sandes* é diferente de *comer uma salada*, da mesma forma que *beber um shot* é sinalizado de maneira distinta de *beber um copo de sumo*, tal como já apresentamos anteriormente no subponto dedicado aos classificadores. Por último, a execução da ação diz respeito às modulações que o verbo sofre no sentido de transmitir informações aspetuais e que pode dizer respeito a algum parâmetro do sinal que se altera e aporta significado aspetual. Morales-López (2000) definiu nove categorias de aspeto verbal para a LSE e Santana (2012) adaptou-as à LSP pelo que, com bases nessas investigações, as apresentamos:

- aspeto incoativo: refere-se a uma ação que está prestes a começar, mas que acaba por não acontecer ficando assim incompleta. Podemos ver o exemplo da frase *ia responder, mas bloqueei* no link <https://youtu.be/jYXuQxf2-c>;

- aspeto ingressivo: refere-se a uma ação que já teve início, mas que se encontra numa fase incipiente. Podemos ver o exemplo da frase *não tinha nada para fazer e fui limpar* no link <https://youtu.be/JKqLtoncPOw>;

- aspeto continuativo: refere-se a uma ação que se encontra numa fase intermédia com destaque para o tempo de execução da ação. Podemos ver o exemplo da frase *trabalho muito* no link <https://youtu.be/WAygwa63H4U>;

- aspeto perfetivo: refere-se a uma ação que já está concluída ou finalizada. Podemos ver o exemplo da frase *estava a conduzir e vi o meu pai* no link <https://youtu.be/o7PzIPZ3CGI>;

- aspeto gradual: refere-se a uma ação cujo desenvolvimento é gradual e progressivo. Podemos ver o exemplo da frase *o cão tem crescido* no link <https://youtu.be/B-E5WuRmvy8>;

- aspeto iterativo: refere-se a ações que se repetem num determinado período de tempo. Podemos ver o exemplo da frase *saltei muitas vezes* no link <https://youtu.be/T5yXi6-rquo>;

- aspeto pontual: refere-se a uma ação num momento específico com breve duração. Podemos ver o exemplo da frase *atirar a caneta* no link <https://youtu.be/UEAfe-e7C0>;

- aspeto frequentativo: refere-se a uma ação que se repete de forma habitual. Podemos ver o exemplo da frase *vou muitas vezes ao café* no link <https://youtu.be/eoeFxaznRLc>;

- aspeto distributivo: refere-se a uma ação que implica vários beneficiários que se encontram distribuídos no espaço de sinalização. Podemos ver o exemplo da frase *distribuí as folhas* no link https://youtu.be/1_Gy7Ykf09k. De acordo com as informações fornecidas por um dos autores em quem baseamos esta descrição, este deixou de ser considerado uma vez que reflete o argumento do verbo, ou seja, a quem é que a ação se dirige.

De realçar que em todas as modulações aspetuais está bastante presente o recurso à ENM e que, dada a sua variedade e riqueza, estudaremos mais à frente detalhadamente.

2.5.3. Nível sintático – expressão suprasegmental

Quando pensamos na LP entendemos que as flutuações que produzimos com a voz são fundamentais para marcar diferenças sintáticas no discurso, isto é, consoante a nossa intenção comunicativa e expressiva produzimos frases com entoação diferenciada (Delgado-Martins, 1992).

Na LSP, estas variações prosódicas também estão presentes sendo manifestadas de forma distinta. Correia (2009) explicita este fenómeno dizendo que

na LGP, ao contrário do que acontece nas línguas orais, as variações suprasegmentais relacionam-se com vários articuladores, como as sobancelhas, as pestanas, as faces e os lábios, sendo que podem ocorrer em simultâneo ou independentemente, desempenhando uma ou várias funções (p. 63)

Assim, a forma de produzir entoação nas línguas visuais não está associada às mãos, mas está sim diretamente relacionada com movimentos que são executados com a

face e, eventualmente, com o tronco, isto é, “while in spoken languages topics are often set apart from the remainder of the sentence by intonation, in sign languages they are accompanied by a non-manual marker” (Mohr, 2014, p. 40).

A ENM, com valor suprasegmental, é utilizada como uma forma de fornecer informação que permite ao recetor assimilar a que tipo de frase o emissor se refere.

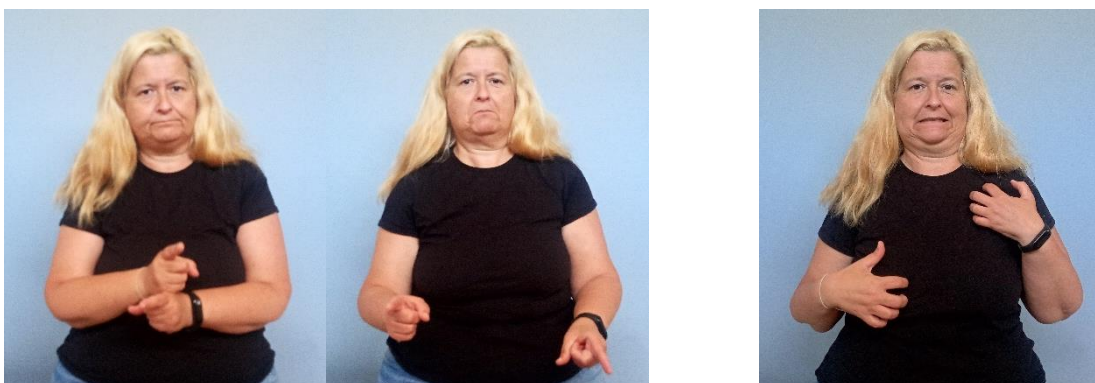


Figura 118: *PORQUÊ?* e *ANSIOSO*

Quando utilizamos esta expressão associada a um sinal isolado ou a um conceito estamos a acentuar o significado inerente, pretendendo com isso atribuir-lhe uma entoação que vai enfatizar algo. Vejamos, na figura 118, os exemplos relativos aos sinais *PORQUÊ?* enquanto pronome interrogativo e *ANSIOSO*.

Na imagem à esquerda podemos perceber que a produção do pronome é acompanhada da expressão que na LSP reflete a interrogativa: sobrancelhas cerradas, lábios projetados e tronco inclinado para a frente. É esta ENM que lhe confere propriedades prosódicas e, conseqüentemente, que diferencia o contexto interrogativo do explicativo. Por sua vez, na imagem à direita, o sinal *ANSIOSO* é produzido com expressão de tensão no lábio inferior, abertura dos olhos e um ligeiro movimento de rotação da cabeça. Esta característica expressiva é uma componente da frase e do contexto comunicacional que, por esse motivo, é denominada de suprasegmental, por ser um segmento extra sinal, conferindo-lhe atributos semelhantes à entoação.

Em suma, a ENM suprasegmental é fulcral na marcação de valor prosódico, fundamental para a distinção entre tipos de frases. Assim, “important components of prosody are intonation and stress. As for the former, in sign languages, domain and boundary markers commonly flag intonational phrases; when these markers are realized

non-manually, they constitute a suprasegmental layer” (Baker, Bogaerde, Pfau, & Schermer, 2016, p. 276).

2.5.3.1. Tipos de oração

Quando queremos formar orações complexas, isto é, frases que têm mais do que um verbo, podemos recorrer a dois processos: coordenação ou subordinação. Assim, tal como na LP em que a coordenação é marcada através de conjunções ou locuções, a LSP também pode recorrer a esse processo podendo, para tal, ser utilizadas as conjunções TAMBÉM, MAS e OU, ou através da produção do sinal + indicando a junção de duas ideias. Estes recursos são também utilizados noutras línguas visuais como podemos perceber pela seguinte afirmação: “ASL makes use of overt lexical markers such as and and but” (Quer, et al., 2017, p. 407), ou ainda pela referência à Língua de Sinais Australiana “can be illustrated by the examples in (28) from Australian Sign Language (Auslan). The two sentences, which are linked by the manual conjunction BUT” (Baker, Bogaerde, Pfau, & Schermer, 2016, p. 164). Da mesma forma, a LSP também recorre ao seu uso tal como é possível perceber pelos exemplos abaixo.

- a) Ele gosta de cães, mas odeia gatos (<https://youtu.be/mzNa6C9BR40>)
- b) A inscrição pode ser on-line ou presencial (https://youtu.be/oUie_JDVjAg)
- c) Trabalho como professor numa escola secundária e na ESEC (<https://youtu.be/AjtiLwoYOcE>)

Ainda assim, quando se recorrem às conjunções, a sua produção é, também, acompanhada pela ENM que é executada em simultâneo com o sinal. Se repararmos nos exemplos anteriores, na frase a) a informante ergue as sobrancelhas e abre ligeiramente os olhos aquando da produção do sinal MAS, da mesma forma que na frase b), quando produz o sinal OU a informante faz um ligeiro movimento do pescoço para a frente que é também acompanhado pelo erguer das sobrancelhas. Por último, na frase c), o informante recorre ao uso do sinal + para juntar duas ideias e formar uma copulativa, em que também é possível constatar o movimento para cima das sobrancelhas. No entanto, apesar de utilizadas, estas produções linguísticas nem sempre são as mais naturais. Na LSP não é necessário recorrer, em muitos casos, à produção dos sinais referidos anteriormente uma vez que a coordenação está implícita na frase e é marcada através da ENM. Tal como referem Quer *et al* (2017) “sign languages very often realize coordination

via prosodic marking such as rhythmic pauses, a change in body posture, and/or other non-manual expressions” (p. 146). Nesta ótica, tal como referimos, as marcações não manuais podem ser as responsáveis por marcar a coordenação, sendo possível recorrer a diferentes manifestações. Os mesmos autores indicam que “among the different non-manual markers attested, head nods/thrusts and body turn seem to be cross-linguistic cues playing a crucial role in marking coordination in sign languages” (p. 409). O facto de a ENM marcar as orações coordenadas parece ser um aspeto comum a várias línguas visuais apesar de, entre elas, poder haver formas distintas de mostrar a marcação não manual pois “Across sign languages, it seems to be more common to mark conjunctive coordination by means of non-manual markers, in particular a body movement or body lean” (Baker, Bogaerde, Pfau, & Schermer, 2016, p. 165).

Na nossa perspetiva, aquilo que cremos ser mais recorrente na LSP é o uso da expressão que reflete características culturais da comunidade envolvente. Assim, quando pretendemos produzir uma oração coordenada adversativa que tem como intuito lançar um aviso ou uma advertência recorreremos à entoação, sendo a expressão suficiente para transmitir a ideia. Estamos, pois, a servir-nos de elementos cinésicos que refletem manifestações paralinguísticas que são trazidas para este contexto, associadas a frases e ganham, possivelmente, valor gramatical. Vejamos o exemplo da frase *podes ver televisão até tarde, mas amanhã não vai ser fácil acordares* em LSP, no link <https://youtu.be/Ntpi33-kdH8>.

Como vemos, o informante recorre apenas à ENM para expressar a coordenação, erguendo as sobrancelhas, abrindo os olhos, fazendo um movimento rápido da cabeça para cima que vai ficando mais lento à medida que a cabeça desce e produzindo um olhar que reflete o aviso. Estes marcadores não manuais assemelham-se aos movimentos e expressões que culturalmente produzimos quando estamos em posição de advertir alguém e que acompanham, inclusivamente, um discurso que seja oral, mas que, devido à intenção comunicativa do emissor, apresenta estas características cinésicas ou da linguagem gestual.

Outro exemplo que sustenta esta perspetiva pode ser visto na frase coordenada disjuntiva *sábado vou ao cinema ou ao teatro* cuja produção em LSP é a que podemos visualizar no seguinte link <https://youtu.be/8KRyHHmnzqg>. Assim, neste exemplo, a informante apresenta as duas opções deixando para o final da frase a marcação não

manual que indica que terá essas duas opções, mas não sabe qual vai escolher. A ENM que vemos corresponde ao erguer das sobrancelhas, empurrar da cabeça para a frente, contrair o lábio inferior e subir o queixo. Esta expressão corresponde à que é usada em contextos de dúvida, quando o emissor se vê perante duas alternativas e não sabe por qual delas optar. Novamente estamos perante características da linguagem gestual que são utilizadas enquanto complemento do discurso, que estão em consonância com a ideia do que o emissor quer transmitir e que poderão, de certa forma, ter importância gramatical dentro da língua.

Sandler & Lillo-Martin (2006) referindo-se a uma investigação realizada por Liddell nos anos 80, indicam que o investigador “shows convincingly that ASL has both subordination and coordination, with subordinate clauses as sentential complements, relative clauses, or adverbials. He claims that many of the subordination markers are non-manual, including movements of the signer’s body as well as facial expression” (p. 298).

Assim, reportando-nos agora às orações subordinadas, como já vimos, estas acontecem quando existem duas orações e uma depende sintaticamente da outra. Algumas das conjunções a que se recorre são, por vezes, SE e POR.CAUSA, deixando que o uso do sinal PORQUE seja, preferencialmente, para o pronome interrogativo PORQUÊ, cuja produção é idêntica, diferindo apenas na ENM, característica que explicaremos adiante (cf. 2.5.3.4). Vejamos a seguinte frase *entrei na licenciatura porque quero estudar* cuja produção em LSP vemos no link <https://youtu.be/R3gajMMQaU>.

Todavia, as línguas de sinais também permitem a produção de orações subordinadas com recurso a marcadores não manuais. Assim, “sign languages may have certain manual elements that are used as subordinators but frequently realize embedding by means of non-manual markers and prosodic structure” (Quer, et al., 2017, pp. 146-147). Como exemplo da LSP podemos pensar na frase *não fui caminhar porque choveu*, cuja produção vemos no link <https://youtu.be/tmvSi7xPEzU>.

Neste exemplo não é produzida qualquer conjunção sendo a subordinação dada pela ligeira pausa entre a primeira e a segunda parte. Ao realizar a pausa o emissor produz uma inclinação da cabeça para a frente e compressão dos lábios que ficam ligeiramente virados para baixo. Este tipo de expressão é aquela que utilizamos quando estamos aborrecidos por algo que havíamos planeado não ter corrido como desejado e há a consciência de qual o motivo para isso ter acontecido. De forma paralinguística, a cara

expressa que algo nos fugiu do controlo, que não há forma de resolver e que essa é a causa que condiciona a nossa ação. Estamos, novamente, perante o uso de características da linguagem gestual que, neste contexto, conferem ao discurso importantes atributos expressivos para o conteúdo da informação.

2.5.3.2. Topicalização

Estudos sobre a LSP (Amaral, Coutinho, & Martins, 1994) (Silva, 2012) indicam que a estrutura sintática predominante é a Objeto-Sujeito-Verbo (OSV), em que a frase exemplificativa *eu vou para casa* seria produzida com base na seguinte ordem CASA EU VOU, tal como vemos na figura 119.

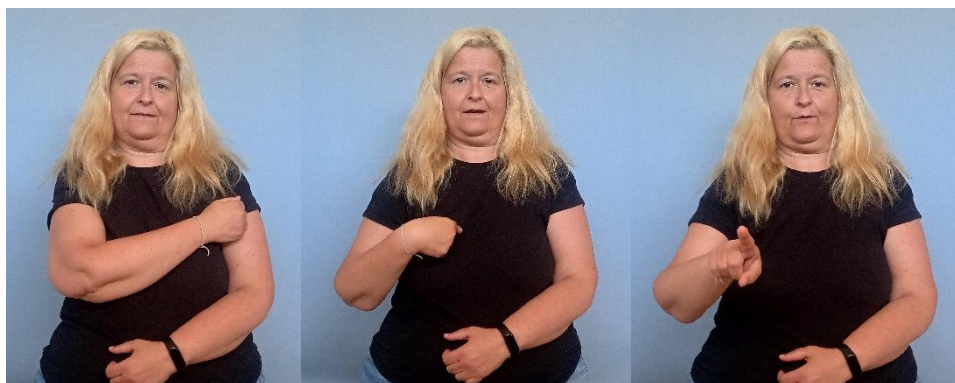


Figura 119: CASA EU IR

Todavia, investigações sobre outras LS (Sutton-Spence & Woll, 1998) (Sandler & Lillo-Martin, 2006) indicam que a sintaxe das línguas visuais é um fenómeno bastante flexível e que tem vindo a perder a rigidez que eventualmente poderia ter tido. Daquilo que temos vindo a observar em relação à LSP, cremos que este processo também tem vindo a acontecer.

O que pode originar a dificuldade de definir uma estrutura sintática para as línguas visuais pode ter a ver com a forma como se organiza o discurso, como se dispõe no espaço e, acima de tudo, com a importância que se dá ao que deve surgir primeiro e de seguida. Para isso, quando um emissor dispõe os sinais no espaço tem de ter em conta que as especificidades de um vocábulo podem determinar aquilo que pode surgir antes ou depois

another development which will be relevant to the discussion of sign languages concerns feature checking. Feature checking is essentially a mechanism to ensure agreement (broadly speaking), such as that between a verb and its subject, or more abstractly, between a WH-phrase and a [+Q] feature. [NOTA DE RODAPÉ] Abstract Case must be also checked.

Feature checking is how a lexicalist approach to morphology ensures that the correctly matching forms are chosen for the syntactic derivation. (Sandler & Lillo-Martin, 2006, p. 303)

Essencialmente, há que cumprir esses requisitos o que, dada a natureza da língua, pode nem sempre ser propício à estrutura sintática OSV que, apesar de maioritariamente defendida pela investigação, corrobora a ideia de Sandler & Lillo-Martin (2006) que afirmam que “word order is flexible in ASL and other sign languages, and therefore the basic structure of the clause is not immediately obvious” (p. 288)

Neste sentido, quando pensamos em topicalização estamos cientes que esta diz respeito à deslocação de elementos sintáticos aos quais se pretende dar mais relevo na frase, o que poderá originar uma inversão na ordem da produção da frase com intuito de enfatizar algo. Segundo Amaral, Coutinho & Martins (1994), este fenómeno acontece na LSP visto que

a topicalização obtém-se destacando-se um elemento que se desloca para o início da frase e acrescenta-se um elemento prosódico específico: deslocação do tronco e da cabeça para a frente durante o tempo de realização do elemento topicalizado e retorno à posição neutra durante o resto da frase” (p. 128)

Por outro lado, a topicalização pode ser algo natural na LSP nomeadamente em frases em que emissor surdo opta por referir em primeiro lugar aquilo que é mais relevante para ele. Por outras palavras, a topicalização acontece quando a informação que, de alguma forma, é mais relevante em termos visuais e que, à partida, atrai a atenção por ser mais significativa ao olhar do surdo, é a que se encontra destacada na frase. Sendo o surdo uma pessoa visual com uma língua também ela visual é natural que ele priorize os elementos que vê em primeiro e que, conseqüentemente, esse seja o tópico da frase. Este aspeto leva-nos a crer que a ordem da LSP poderá então, em muitas situações, assumir-se como sendo SOV ou OSV, fazendo assim com que o estado ou a ação, elemento menos visível para os olhos, surja em último lugar. Sobre isto e sobre a BSL, Sutton-Spence & Woll (1998), afirmam que “because different parts of a sentence can serve as topics and comments, the order of signs can vary, depending on what has been made the topic” (p. 61)

Posto isto, importa perceber se a topicalização se socorre do uso da ENM e se sim, de que forma. Segundo Sutton-Spence & Woll (1998), quando ocorre na BSL a topicalização é “it is followed by a pause – e.g. SCHOOL (pause) LETTER SEND. An English translation would be *It was the school that sent the letter*” (p. 60), bem como “the eyes are widened during the topic, followed by a pause” (p. 60) e por último “it can be

accompanied by a head nod” (p. 60). Por sua vez, quando se manifesta na DGS, a topicalização é também acompanhada de ENM, isto é, “the glosses make clear that the topics are accompanied by a particular non-manual marker, which we gloss as ‘t’ (...). This topic marker consists of raised eyebrows and a slight forward tilt of the head. Moreover, the topics are followed by a brief pause” (Baker, Bogaerde, Pfau, & Schermer, 2016, p. 129). No que diz respeito à LSP, a ENM típica de uma frase com topicalização corresponde a uma combinação entre sobranceiras arqueadas e projeção do queixo para a frente. Vejamos abaixo frases ilustrativas da LSP com elementos topicalizados:

- a) O avô lava o neto (<https://youtu.be/fKPtZb7bR90>)
- b) O neto lava a avó (https://youtu.be/1_Gy7Ykf09k)
- c) O leão come o rato (<https://youtu.be/ZHmQV1jh7hI>)

Tal como podemos constatar, na frase a) o elemento AVÔ é configurado como o tópico da frase e é produzido logo no início e acompanhado pelo uso de marcadores não manuais, nomeadamente a abertura dos olhos e o erguer das sobranceiras que, como constatamos, tão bem identifica este tipo de ocorrência. Na frase b), o emissor utiliza, mais uma vez, a mesma estratégia e, por isso, produz em primeiro lugar o tópico da frase, nomeadamente o NETO e cuja produção é acompanhada da ENM sobranceiras erguidas para, em seguida indicar aquele sobre quem recai a ação. Na frase c) a topicalização ocorre naquele que executa a ação de comer e, por isso, é produzido em primeiro lugar o sinal LEÃO com a ENM própria do tópico. Depois disso, a informante executa o sinal RATO e, por último, indica a ação que acontece entre os dois elementos da frase em que o primeiro come o segundo.

A isto cumpre acrescentar que, para além dessa importância sintática, a topicalização também está dependente de marcadores não manuais uma vez que o realce e enfoque de um tópico implica, obrigatoriamente, a produção da ENM que lhe está associada, tal como vimos nas três frases exemplificadas anteriormente, aspeto comum a diversas LS. Em suma, “quite a number of studies have pointed out that topics or topicalized constituents are marked nonmanually in sign languages” (Sze, 2013, p. 116).

2.5.3.3. Mecanismos sintáticos de coesão

A coesão sintática diz respeito à estrutura linguística e às ferramentas que são utilizadas para manter as relações de lógica e articulação de um texto, sendo que, neste caso, referimo-nos a coesão entre as diferentes frases que constituem uma produção textual.

As línguas visuais, assim como a LSP, possuem mecanismos de coesão sintáticos próprios e distintos dos que são usados nas LO.

Uma das formas de manter a coesão sintática passa por recorrermos ao uso de classificadores, evitando assim a repetição do nome do referente. Vejamos o exemplo da frase *tenho assuntos para ir tratar ao banco e uma pessoa vem comigo* cuja produção em LSP pode ser vista em <https://youtu.be/SdSqzuFY5Qk>. Assim, como podemos constatar, na frase em LSP é referida a pessoa que, inicialmente, participa na ação de ir ao banco, nomeadamente através da produção do verbo IR executado com o movimento do dedo indicador da MD. Posto isso, na segunda parte da frase, o emissor utiliza a MND para produzir o CL de pessoa, indicando-se a si próprio, e com a MD produz outro CL que executa um movimento de aproximação do anterior havendo, posto isso, movimento das duas mãos em conjunto para a frente, indicando assim o local para onde se dirigem, o banco. Esta estratégia de uso de CL é um recurso da língua que evita a repetição e permite a coesão textual, tal como referem Baker, Bogaerde, Pfau & Schermer (2016) ao apresentarem um exemplo sobre frases em NGT dizendo que “sentence (6c) refers back to the man and woman in sentence (6b). This is established by means of an index. The use of a linguistic form like index to link sentences is called cohesion. (...) In this way, it is possible to refer, without repeating the nouns man and woman”. (p. 79)

Outro mecanismo de coesão utilizado nas línguas de sinais é a apontação anafórica (Quadros & Karnopp, 2004) e que diz respeito à substituição de um nome por um pronome, havendo uma referência a algo que já foi anteriormente mencionado, isto é “link an expression to another expression that appeared previously in the discourse” (Coppola & Senghas, 2010, p. 551). Em LP podemos pensar na seguinte frase: *o José é meu amigo*. Para nos voltarmos a referir ao sujeito podemos optar por dizer as seguintes frases: *ele é alto* ou ainda *vi-o ontem*. Nestes exemplos o nome próprio do sujeito é substituído por pronomes, sendo condição essencial para que isso aconteça já ter ocorrido uma referência anterior ao sujeito de quem se pretende falar. Nas línguas de sinais, este

processo de coesão sintático é realizado através da apontação. Assim, é necessário que o referente esteja presente no momento de enunciação ou que, por outro lado, já tenha sido mencionado e localizado no espaço. Sobre isto, Baker, Bogaerde, Pfau & Schermer (2016), confirmam que este processo é feito por

pointing signs that target loci in the signing space: this can be the actual location of a present referent (the signer himself, the addressee, or other persons or objects present in the environment) or an arbitrary location created for a non-present referent. (p. 140).

Veja-se o exemplo da seguinte frase *a Sofia e o João são casados. Ela é professora e ele é bombeiro* cuja produção em LSP pode ser vista no link <https://youtu.be/OEwj44iBqdo>. Assim, na frase os sujeitos são indicados através da soletração do nome e da referenciação a uma localização espacial destinada a cada um deles – a Sofia à esquerda e o João à direita. Para produzir a segunda frase, a informante recorre apenas à apontação para o espaço de sinalização onde anteriormente havia localizado os referentes. De realçar que este processo é acompanhado de expressão que se revela no olhar para o local que está a ser apontado executando a cabeça um ligeiro movimento de rotação em direção ao mesmo local. Este mecanismo não deixa margem para ambiguidade visto que apontação para o espaço, o movimento da cabeça e o olhar apenas podem ser entendidos como referências à *Sofia* e *ao João* considerando que esses referentes tinham sido associados àquelas localizações, fazendo com que se evite a repetição dos nomes e se utilize um recurso com propriedades semânticas que contribui para a coesão sintática.

É ainda possível marcar a coesão textual através de perguntas que são colocadas no meio do discurso. Assim, em vez de recorrer apenas a frases declarativas para expor a ideia, o emissor faz uso de perguntas que são respondidas pelo próprio. Há que salientar que este tipo de frase difere da frase interrogativa que já explicámos anteriormente, em que o pronome interrogativo é expresso no final da frase. Assim, diferentemente da *wh-questions*, a investigação refere-se a este recurso como *wh-cleft* (Baker, Bogaerde, Pfau, & Schermer, 2016) (Brentari, 2010) (Wilbur, 2013) A ENM utilizada nesta interrogativa apresenta traços iguais à frase com pronome interrogativo, todavia também revela aspetos distintos. Assim, em ambas as sobranceiras semicerram fazendo com que haja, também, um ligeiro fechamento dos olhos. Por outro lado, neste mecanismo não existe movimento do tronco ocorrendo apenas um ligeiro inclinar da cabeça para a frente com rotação rápida para os lados.

A *wh-cleft* é um recurso de coesão sintática cujo uso só faz sentido quando há uma resposta a uma pergunta colocada anteriormente, o que significa que “the wh-cleft, which requires that the missing information be provided” (Wilbur, 2013, p. 158). Este mecanismo não é apenas usado na LSP, sendo possível encontrá-lo noutras línguas visuais tais como na ASL

a construction is found in American Sign Language that we call a Question–Answer Clause. It is made of two parts: the first part looks like an interrogative clause conveying a question, while the second part resembles a declarative clause answering that question. The very same signer has to sign both, the entire construction is interpreted as truth-conditionally equivalent to a declarative sentence, and it can be uttered only under certain discourse conditions (Caponigro & Davidson, 2011, p. 323)

Vejam, em seguida, dois exemplos de frases que são sinalizadas com recurso à pergunta-resposta:

- a) O trabalho é sobre Linguística (<https://youtu.be/Awnx19WuK24>);
- b) As apresentações dos trabalhos no seminário são por ordem alfabética (<https://youtu.be/CjNhWCowIAY>).

Na frase a) a informante produz os sinais TRABALHO e TEMA usando a estratégia de colocar a interrogação sobre o que será o trabalho. Para isso, abre as duas mãos, orientadas com as palmas para cima, com movimento rápido para as laterais, movimento esse que é acompanhado pela cabeça, produzindo também a expressão já referida anteriormente e que alude a uma ideia de *dúvida* ou de *qual será*. Por sua vez, na frase b) a informante produz os sinais TRABALHO e APRESENTAR recorrendo, depois, ao pronome interrogativo COMO. De notar que, neste contexto, apesar de haver efetivamente o uso do pronome, este parece, ainda assim, ser acompanhado do movimento de mãos semelhante ao que é usado na frase a) e que caracteriza o questionamento e sentimento de dúvida.

Por último, um dos mecanismos de coesão frequentemente utilizado na LSP é o uso do sinal IGUAL entre ideias, com um sentido lato, que vai além do objetivo de igualar ou comparar duas ideias. Assim, este sinal pode ser entendido como: *ou seja, isto é, por outras palavras, como quem diz*, articuladores discursivos que relacionam ideias que se sucedem no discurso. Habitualmente, a produção deste sinal com este propósito é acompanhada de uma expressão que diz respeito à alteração do olhar para cima, transmitindo assim a ideia de que o emissor está a ponderar outra forma de expor o conteúdo.

Vejamos abaixo as frases que retratam exemplos do uso em frases do sinal IGUAL enquanto ferramenta de ligação entre ideias e coesão sintática:

- a) Não me sinto bem, é como se tivesse medo (<https://youtu.be/L1NIZKM4-TA>);
- b) Os campos de férias têm muitas atividades diferentes que permitem fazer várias aprendizagens (<https://youtu.be/1FRHRLQ0-pg>).

Assim, na frase a) a sinalizante refere que não se sente bem, produzindo os sinais BEM e NÃO. Depois disso recorre ao sinal IGUAL para indicar que aquilo que sente é algo como medo, ou seja, neste caso, idêntico a medo. Por sua vez, na frase b) a informante começa por dizer que os campos de férias apresentam muitas atividades e, para mencionar as diferentes aprendizagens que podem ser feitas lá, produz o sinal IGUAL que nos mostra que frequentar aquele lugar é uma forma de aprender. Assim, em ambos os casos assistimos ao uso do sinal IGUAL enquanto elemento de ligação entre duas ideias que se complementam, permitindo assim a coesão textual. De realçar que este mecanismo também é válido em frases coordenadas e subordinadas.

2.5.3.4. Os pronomes interrogativos

As línguas, independentemente da modalidade, seja oral ou de sinais, permitem a produção de diferentes tipos de frases, sendo as frases interrogativas um dos exemplos. Em LP conseguimos identificar estas frases de forma direta através da existência do ponto de interrogação no final da frase, no caso de registo escrito e, no registo oral, através da entoação que o emissor coloca na frase. Para além disso, estas frases podem iniciar-se com os chamados pronomes interrogativos: *quem, como, quando, o quê, quanto, qual* (Mateus, Brito, Duarte, & Faria, 2003).

Na LSP as frases interrogativas também são formadas com recurso aos pronomes interrogativos cuja posição mais frequente é no final da frase (Bettencourt, 2015), sempre acompanhados de ENM específica que, nestes casos, atribui um valor suprasegmental, à semelhança do que acontece com a entoação na oralidade. Segundo Amaral, Coutinho & Martins (1994) a “expressão interrogativa é dada, na LGP, por uma ligeira inclinação do tronco e da cabeça para a frente na direção do interlocutor (ou do seu locus) e pela expressão facial (olhos semicerrados, testa franzida e cantos da boca descaídos)” (p. 127).

Independentemente de como é manifestada, a ENM das interrogativas é uma questão transversal às línguas visuais, podendo apresentar algumas diferenças entre línguas tal como nos indica Gan (2019) ao referir-se a várias LS: “non-manual markers that are prevalently used to mark WH-questions across sign languages are brow furrowing and brow raise” (p. 11). O autor acrescenta ainda que “apart from brow position, in some sign languages, other non-manual elements are also used, such as chin-up” (p. 11).

Neste sentido, a ENM ocorre sempre que há uma frase interrogativa, podendo diferir no momento em que surge. Estudos sobre algumas línguas de sinais indicam que a expressão acompanha toda a produção da frase enquanto outros estudos referem o surgimento da ENM apenas no final da frase:

while in the LIS example in (8a), the nonmanual accompanies the entire clause, it has been claimed for ASL that nonmanual marking on the *wh*-sign alone is possible when it appears in sentence-final position (8b). Still, in ASL, too, the nonmanual may optionally spread over the entire clause (Pfau & Quer, 2010, p. 389).

No caso da LSP, de acordo com a nossa observação, concluímos que a ENM pode ser produzida apenas no final da frase ou ir surgindo ao longo da frase tendo o seu culminar expressivo no final, aquando da produção do pronome. Tal dependerá do contexto em si e daquilo que pretende ser questionado.

Apesar disso, é de comum acordo a existência dos pronomes interrogativos que transformam a frase numa pergunta. Gan (2019) menciona uma investigação feita por Zeshan (2004) que incluiu 35 línguas de sinais, na qual se verificou que “most signed languages have WH-words for at least ‘what’, ‘who’, ‘where’, and ‘when’, while ‘which’, ‘why’, and ‘how’ are less common and are often subsumed under the sign for ‘what’ (p. 8). No que diz respeito à LSP, os pronomes referidos são passíveis de serem observados havendo ainda lugar para o recurso a outros, tal como podemos verificar nas imagens exemplificativas abaixo:

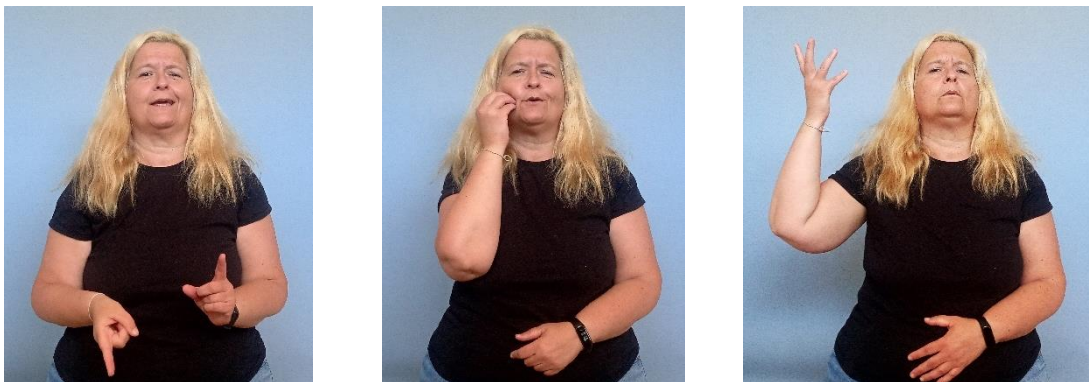


Figura 120: O QUÊ?, COMO? e QUANDO?

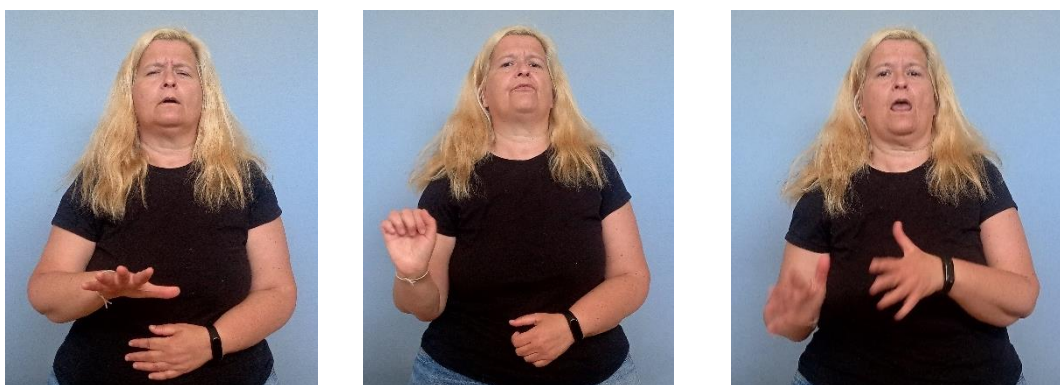


Figura 121: ONDE?, DE QUEM? e ONDE ESTÁ?

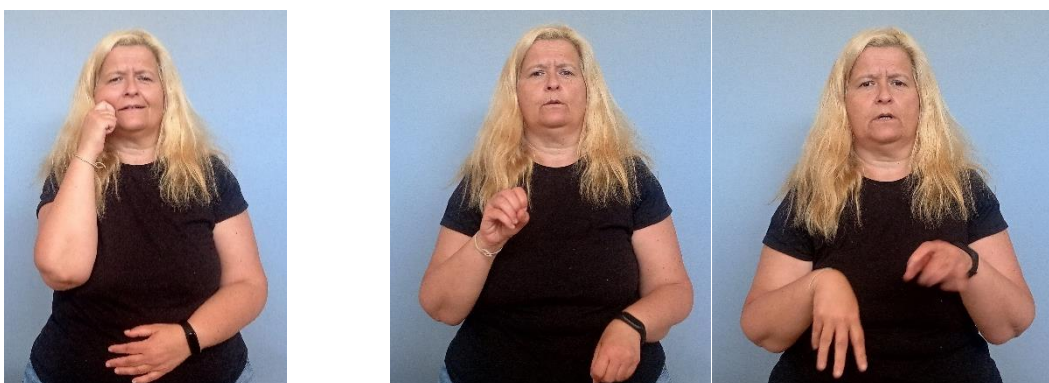


Figura 122: QUEM? e O QUE SE PASSA?

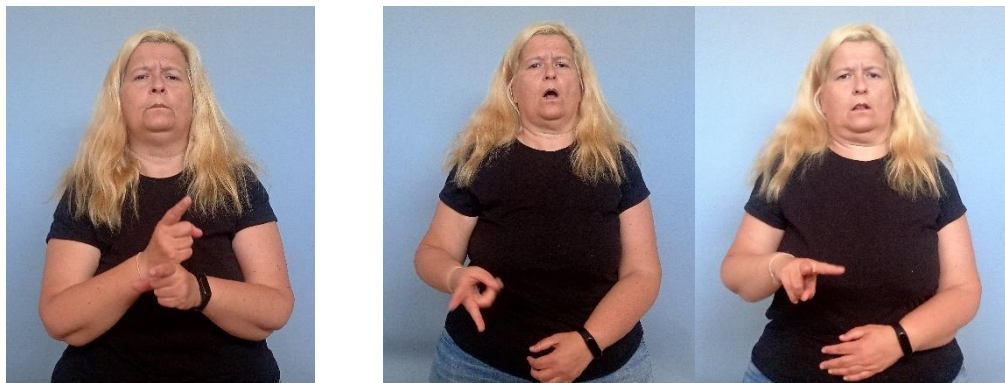


Figura 123: *PORQUÊ?* e *QUAL DOS DOIS?*



Figura 124: *QUAL?*

Neste sentido, verificámos que para que uma frase possa ser produzida e entendida enquanto pergunta ela tem sempre que ser produzida com a ENM correspondente, um ligeiro inclinar do tronco para a frente acompanhado do cerrar das sobrancelhas, evidência de um valor suprasegmental.

2.5.3.5. Os pronomes possessivos

Neste subponto faremos uma breve alusão ao uso dos pronomes possessivos na LSP, uma vez que a sua produção é também acompanhada de ENM. Assim, os pronomes possessivos são aqueles que indicam uma relação de posse em relação à pessoa a que se

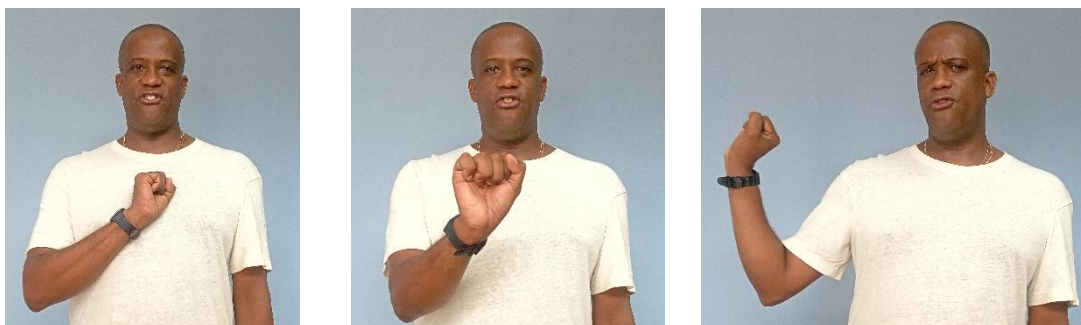


Figura 125: *MEU*, *TEU* e *DELE*

referem, nomeadamente através da indicação de *meu, tua, nossa, deles*, entre outros. (Mateus, Brito, Duarte, & Faria, 2003). Na LSP estes pronomes são expressos através da CM punho fechado havendo alteração de L e MM consoante a pessoa a indicar. Estes pronomes apresentam a particularidade de não possuírem variação em género, contrariamente ao que acontece com a LSP. Assim, a distinção é feita através do recurso ao sinal MULHER produzido antes do sinal referente ao pronome, recurso este que já vimos para a marcação de género (cf. 2.5.2.1). Além disso, a produção do pronome possessivo é sempre acompanhada da ENM “FF” que consiste na contração dos lábios e ligeira projeção para a frente enquanto ocorre expulsão de ar. O sinal MEU pela particularidade de se referir ao emissor é executado no peito. Por sua vez, os pronomes referentes à segunda e terceira pessoas do singular são produzidos em direção ao local onde se encontra a pessoa no momento de conversação. Em caso de ausência, o pronome é produzido no local onde anteriormente foi indicada a localização do referente. Vejamos alguns exemplos na figura 125, acima.

Segundo o que conseguimos apurar junto de nativos surdos, o surgimento da ENM “FF” aconteceu no período de ensino oralista em que os alunos surdos, oriundos de todo o país, se encontravam concentrados numa instituição escolar em regime de internato. Assim, nos momentos em que os alunos tinham oportunidade de irem a casa aproveitavam para trazer alguns bens, fossem eles jogos, brinquedos ou até guloseimas. Isto fazia com que aqueles que não tinham essas possibilidades se sentissem tentados a roubar aqueles que tinham os bens o que originava alguma confusão entre os alunos que, não querendo que as suas coisas lhes fossem tiradas, se manifestavam de forma efusiva batendo no peito, soprando e mostrando os dentes como forma de indicar que eram os donos dos objetos. Com o passar do tempo, este tipo de manifestação foi-se tornando menos agressiva tendo, no entanto, sido apropriado pelos utilizadores da língua enquanto característica expressiva e manifesta da posse, sendo parte integrante do sinal e, hoje em dia, de produção obrigatória.

Neste sentido, a ENM “FF” representa a posse de algo em situações de discurso em tom normal. Quando se pretende enfatizar o sentido de posse transmitindo, por exemplo, a ideia de “é mesmo meu” ou “é meu e de mais ninguém” há que produzir o sinal com mais intensidade, sendo o toque no peito para o sinal MEU feito com mais força e a ENM altera-se para “PRR”, tal como vemos na figura 126

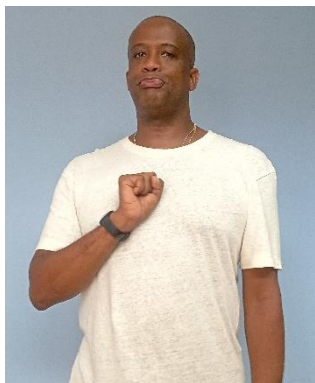


Figura 126: MESMO.MEU

2.6. Estudos sobre a ENM – comparação com outras LS

Ao longo deste trabalho constatámos que a ENM tem manifestações não só na LSP, mas também noutras línguas de sinais do mundo. Esta observação mostra-nos que este querema é importante na estrutura da língua uma vez que, como já vimos, assume funções distintas quer em termos fonológicos, morfológicos ou sintáticos. A ENM pode ser responsável pela distinção lexical, mas também pela entoação. Pode também ter características diferenciadas podendo ser utilizada em contextos gramaticais. Por outro lado, também verificamos que em alguns momentos este querema não tem, necessariamente, que estar presente.

Assim, foi possível analisar algumas línguas visuais e perceber que há aspetos que se tocam partilhando características comuns.

O *mouthing* é um fenómeno descrito para muitas LS sendo mais evidente e frequente numas do que noutras. Na NGT ele pode existir para, por exemplo, clarificar a distinção entre dois sinais, isto é, “the mouthings specify the semantics of a broader concept expressed by the manual form – as is true for the Dutch mouthings *broer* (‘brother’) and *zus* (‘sister’) accompanying the sign SIBLING in NGT” (Quer, et al., 2017, p. 35). Na Língua de Sinais Filandesa (FLS), este fenómeno também ocorre quando o sinal

it uses mouthings as noun markers, especially where the noun and the verb-root would be homonymic in their basic form. The the noun ‘bicycle’ is mouthed with [pYæ] or [puo] (<pyörä in Finnish), whereas the verb ‘to bicycle’ is accompanied by pursed lips, which is a mouth gesture rather than a mouthing” (Rainò, 2001, p. 44).

A ENM, enquanto reflexo da emoção, é também partilhada pelas línguas de sinais. Assim, há determinados sinais que, por uma questão de manter a coerência relativa ao conceito, requerem a produção de uma expressão que é o espelho da emoção. Vejamos, a título de exemplo, uma referência sobre a BSL que indica que “the BSL example SAD ME WHY RABBIT DIE in which the sad facial expression used in the sign SAD” (Mohr, 2014, p. 35). Ainda nesta perspetiva comparatista, podemos ver a seguinte referência que coloca em oposição sinais com emoções positivas e negativas, isto é,

signs depicting negative emotions often involve a downward movement, as is true for the ASL sign DEPRESSED and the NGT sign DISAPPOINTED, and vice versa: signs referring to positive emotions are often specified for an upward movement, as in, for example, the BSL sign HAPPY (Baker, Bogaerde, Pfau, & Schermer, *The Linguistic of Sign Languages - An Introduction*, 2016, p. 267).

No que toca à expressão sem valor gramatical, também denominada por semanticamente vazia, e tendo por base os exemplos que apresentamos em 3.4 referentes à LSP, identificamos o mesmo tipo de expressão na Língua de Sinais Italiana (LIS), assim como na Língua de Sinais Lituana (LGK) que não atribui ao sinal qualquer informação extra ou independente e cujos exemplos mostramos na figura 127.

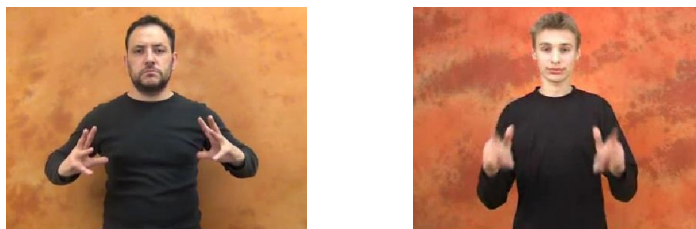


Figura 127: TRATOR - LIS e LGK

A ENM pode ainda copiar características do referente representando aspetos que são também de uso comum entre as pessoas ouvintes enquanto comunicam e que, poder-se-á dizer, refletem elementos cinésicos, isto é, traços da linguagem gestual, visto fazerem transparecer gestos que, de alguma forma, se podem associar ao referente. Sobre isto podemos referir os sinais de GORDO e MAGRO em LSE, na figura 128, em que no primeiro vemos as bochechas infladas, representando uma cara volumosa, e no segundo as bochechas sugadas, transmitindo a ideia de uma cara com pouco volume:



Figura 128: GORDO e MAGRO - LSE

Por outro lado, a ENM também é usada noutras línguas de sinais enquanto representante de valor gramatical uma vez que “they usually combine with the manual componente of the sign. They add information on the manner or effort of an action as well as indicating the size of an object or the degree of an adjective” (Mohr, 2014, p. 52). Vejamos um exemplo referente à NGT em que se pretende referir a diferença de tamanho de um objeto e que é dado pela ENM: “First, the manual sign BALL is signed with only one hand and a smaller handshape; second, a non-manual modifier is added, that is, sucked-in cheeks” (Baker, Bogaerde, Pfau, & Schermer, 2016, p. 95).

A ENM pode também ser responsável pela concretização de pares mínimos na LSP tal como vimos em 2.5.1.1. O mesmo acontece com outras línguas de sinais, isto é: “an example from Catalan Sign Language (LSC) where the signs pity and fallin-love are only distinguished by negative (furrowed brows and pursed lips) and positive facial expressions respectively” (Mohr, 2014, pp. 35-36). Podemos ver também este fenómeno retratado na ISL pois “on the phonological level, non-manual features serve to distinguish minimal pairs. Thus, a change in facial expression distinguishes the signs DISBELIEF/WARY/UNSURE on the one hand and FALSE on the other” (Mohr, 2014, p. 25). Para além disso, tem também um papel relevante em aspetos gramaticais podendo determinar a produção de graus dos nomes, nomeadamente “the example of the diminutive and augmentative. Thus, in DGS a sucking in of the cheeks is associated with the diminutive and the blowing of one’s cheeks with the augmentative”. (Mohr, 2014, p. 36).

Grande parte das línguas de sinais usam a expressão como fator prosódico, recorrendo assim à face para demonstrar aspetos de entoação. O que acontece na cara pode, de certa forma, ser diferente entre algumas línguas, mas há uma constante, existe sempre algo. Um dos exemplos são os pronomes interrogativos que, apesar de poderem ter manifestações diferentes nas LS são, no geral, acompanhados por expressão, como é o caso da ASL em que “As was already pointed out, the non-manual marker of raised

brows (and a forward movement of the head and shoulders) are the only question markers” (Mohr, 2014, p. 38). Para além disso, a entoação é geralmente atribuída às frases através da expressão como podemos ver que o processo é caracterizado da seguinte forma: “phonological or prosodic features that associate with the segmental layer of a word/sign; e.g. tone in spoken languages, non-manual features in sign languages; suprasegmental features constitute a layer on top of the segmental layer” (Quer, et al., 2017, p. 821).

Desta forma, abordamos de forma breve alguns aspetos da fonologia, morfologia e sintaxe da LSP, destacando a presença da ENM. Em seguida, passaremos à parte empírica do nosso estudo, observando mais de perto os valores gramaticais ou outros da ENM.

Capítulo II – Investigação-ação

3. Metodologia de investigação

Após fundamentação teórica em que apresentamos o estado da arte sobre o querema ENM, no que diz respeito à LSP, assim como a outras línguas de sinais, passaremos agora a descrever o método de investigação que utilizamos para sustentar a nossa investigação prática. Assim, este estudo foi realizado com base numa metodologia qualitativa. Neste sentido, “trata-se de uma tentativa de reunir informação que permita fazer conjecturas abduativas plausíveis, isto é, de desbastar um campo em que a condição dedutiva de empregar uma teoria prévia dificilmente poderia ser aplicada” (Gonçalves, Gonçalves, & Marques, 2021, p. 5). Dada a natureza desta investigação, compreendemos que a mesma carece de reflexão e interpretação da nossa parte o que implica que tenhamos acesso a dados linguísticos que nos permitam levantar questões e formular hipóteses. Neste sentido, baseamo-nos numa perspetiva descritiva, uma vez que recorremos a diferentes grupos de informantes que, enquanto amostra, assumiram também papel de consultores. Os momentos de encontro aconteceram com o intuito de proceder à recolha de informação útil e significativa que sustentasse o desenrolar da investigação, bem como à consumação de hipóteses. Com efeito, servimo-nos dos informantes e da observação contextual para descrever os fenómenos e postular hipóteses sobre eles.

3.1. Descrição do método de trabalho

Esta investigação tem como desiderato aferir como se distribui a ENM na LSP. Neste sentido, pretende-se perceber quais os valores gramaticais que a ENM pode atribuir aos enunciados, passando também pelas questões suprasegmentais, semânticas e com teor social e emocional, que acima já descrevemos.

Para tal, organiza-se o estudo prático em duas etapas: primeiramente faz-se uma recolha de vídeos existentes nas plataformas digitais que são comumente utilizadas por nativos surdos, bem como por profissionais da área. Isto acontece porque a comunidade surda portuguesa vive num território geograficamente distante e, na impossibilidade de contacto presencial frequente, é utilizada a alternativa tecnológica das redes sociais. Existe um número considerável de grupos criados nesse tipo de plataforma, seja por motivos de trabalho e discussão da língua, seja apenas para partilha de interesses comuns ou de atividades de lazer que acontecem no seio da comunidade. Independentemente do que subjaz à criação de um grupo numa rede social, na realidade, eles são propícios à

interação linguística que, grande parte das vezes, ocorre através da gravação e publicação de vídeos em LSP. Esse tipo de material, por serem produções naturais da língua que não sofrem qualquer tipo de influência externa, assumem-se como uma boa ferramenta a ser analisada para quem pretende estudar processos linguísticos, como é o nosso caso. Desta forma, depois de se ter selecionado cerca de 50/60 vídeos de curta duração que abordassem diferentes temáticas, faz-se uma visualização atenta dos mesmos e, com base nisso, procede-se à elaboração de uma listagem de sinais com presença de ENM. Tenta-se agrupá-lo com base no nosso conhecimento linguístico e experiência no uso da língua, tentando classificar os valores gramaticais da ENM enquanto marcador.

Além disso, é desenvolvido trabalho de campo com três grupos distintos que se caracteriza no subponto seguinte. Estas ações permitem-nos auscultar os utilizadores da língua no sentido de aferir quais as perspetivas do grupo, bem como os conhecimentos que possuem e que podem contribuir para a formulação de propostas que, quando refletidas e interpretadas, nos levam à apresentação de possíveis conclusões.

3.2. Caraterização dos informantes

Para obtenção de dados que sustentem a nossa investigação, bem como para a discussão dos motivos do uso da ENM ou da origem da sua formação, houve necessidade de reunir com diferentes grupos em distintos momentos.

A primeira recolha de dados foi realizada no dia 23 de abril de 2022 numa aula da Unidade Curricular Didática da LGP: 3.º Ciclo do Ensino Básico e Secundário, do primeiro ano do Mestrado em Ensino da Língua Gestual Portuguesa que decorreu na Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC). Sendo este grupo constituído por futuros docentes da língua consideramos que seria pertinente perceber quais as reflexões que estes fazem sobre ela, bem como se possuem algum conhecimento histórico sobre o surgimento de determinadas caraterísticas da língua. Assim, o grupo presente era constituído por seis alunos, quatro do sexo feminino e dois do sexo masculino, havendo três alunos surdos e três alunos ouvintes. A média das idades do grupo correspondeu a 32,5 e a média de idade com que iniciarem a aprendizagem da LSP foi de 16,7 anos. Efetivamente, nenhum dos participantes é filho de pais surdos sendo que apenas uma pessoa referiu ter outros familiares surdos e apenas dois dos alunos frequentaram escolas de surdos. No que diz respeito à formação superior, todos os alunos frequentaram a

licenciatura na mesma escola, na ESEC e um dos participantes já possuía outro mestrado. Em relação à experiência profissional, este grupo tinha na sua constituição duas pessoas que eram intérpretes, uma com 4 anos de experiência e outra com 9 anos. Os restantes quatro estudantes apresentaram distintos níveis de experiência enquanto professores, isto é, quatro meses, um ano e dois anos, havendo uma pessoa que nunca tinha exercido pelo que não tinha qualquer experiência. Neste caso, os participantes atuaram como informantes e consultores.

O segundo e o terceiro momentos de recolha de dados aconteceram através de uma proposta formativa apresentada por nós, com o intuito de desenvolver trabalho com dois grupos distintos. A formação pretendeu apresentar algumas hipóteses que formamos sobre a unidade mínima ENM, isto é, a materialização enquanto unidade mínima, morfema e suprasegmento, e com isto suscitar a discussão sobre a distribuição por classes gramaticais tentando, junto dos utilizadores da língua, aferir a origem e surgimento das diversas ENM.

O segundo momento foi destinado a Intérpretes tendo sido organizado pela Associação Nacional e Profissional da Interpretação – Língua Gestual. Esta formação decorreu na ESEC, no dia 28 de maio de 2022 com vinte e um participantes, todos ouvintes. O grupo era constituído por dezoito pessoas do sexo feminino e três do sexo masculino. A média de idades foi de 34,1 anos e a idade média para início da aprendizagem da LSP foi de 20,1 anos. No grupo pudemos apenas identificar quatro pessoas cujos pais são surdos, tendo essas a LSP como língua materna. Das restantes, apenas duas indicaram ter outros familiares surdos sendo que uma das pessoas indicou que esse familiar não possuía conhecimentos de LSP. No que concerne ao nível de escolaridade dos participantes, dois eram ainda estudantes estando a frequentar o último ano da licenciatura, dezasseis indicaram ser licenciados e 3 disseram possuir mestrado. Dos licenciados, 6 fizeram a formação na ESEC, 8 na Escola Superior de Setúbal (ESES) e três na Escola Superior de Educação do Porto (ESEP). Os dois participantes que ainda se encontravam a estudar indicaram estar a fazê-lo na ESEC. Quando questionados sobre a experiência profissional, os participantes apresentaram uma média de 13,1 anos de serviço, sendo estes distribuídos por inúmeros contextos, tais como: associativo, educacional, televisivo, desportivo, político, religioso, cultural, judicial, saúde e todo o

tipo de espetáculos ao vivo. Este grupo atuou como consultor uma vez que na sua maioria os participantes não eram nativos/Surdos.

Por último, o terceiro momento foi destinado a docentes de LSP e decorreu na ESEC no dia 16 de julho de 2022, tendo sido organizado pela Associação de Profissionais de Lecionação de Língua Gestual. Nesta formação estiveram presentes apenas pessoas surdas perfazendo um total de dez participantes, 8 do sexo feminino e 2 do sexo masculino. A média de idade dos participantes correspondeu a 43,2 anos e a média de idade com que iniciaram a aprendizagem da LSP foi de 9,4 anos. Neste grupo, 3 pessoas indicaram ser filhas de pais surdas e outras duas referiram que tinham familiares surdos, que não os pais. O percurso escolar e a frequência em escolas de surdos foram de difícil caracterização dada a realidade da época em que os agora adultos frequentaram o ensino obrigatório. Na altura as escolas de surdos não eram uma realidade pelo que muitos participantes referiram que estavam integrados com ouvintes, tendo em alguns momentos aulas de apoio e contacto com LSP. Falamos de um total de 8 pessoas, sendo que as restantes 2 não frequentaram escolas com apoio de LSP. No que diz respeito à formação, todos os participantes eram licenciados e possuíam a profissionalização e apenas uma participante era detentora de mestrado. Em relação à experiência profissional esta era bastante abrangente incluindo, de forma geral, todos os ciclos de ensino bem como formações a pessoas ouvintes sendo que a média de anos de serviço dos participantes correspondeu a 15,3 anos. O papel deste grupo foi sobretudo o de consultor uma vez que além de serem utilizadores nativos da LSP são também docentes dessa língua.

Assim, estas ações permitiram-nos obter dados importantes que contribuiriam para as propostas e hipóteses que apresentaremos em seguida sobre os valores da ENM, sobre as origens dos distintos usos, bem como sobre a sua distribuição.

4. Distribuição da ENM³²

A ENM nem sempre teve a importância que lhe é atribuída nos dias de hoje. Como já vimos (cf. 1.3), quando surgiram as propostas iniciais que apontavam para a existência

³²Para melhor compreensão e distinção dos conceitos, usaremos a sigla ENM para as expressões referentes à boca e a todos os seus constituintes (bochechas, lábios dentes e língua), e ENMS para as expressões que se manifestam nas outras partes da cara e/ou corpo.

de unidades mínimas nas línguas de sinais, a expressão não manual não foi tida em consideração. Os primeiros estudos que deram alguma importância à ENM enquanto elemento que servia propósitos linguísticos e cujo uso foi estudado e analisado foram sobre a ASL e remontam aos anos 80 (Liddell S. K., 1980). Estes estudos foram de extrema importância uma vez que depois foram replicados e aplicados a outras línguas visuais em todo o mundo. Assim, deixou de se olhar para as mãos como a única componente portadora de significado e passou a considerar-se que os sinais eram acompanhados de partes não manuais, que também contribuíam com informação linguística.

Atualmente, apesar de a ENM continuar a não ser vista enquanto querema por parte de alguns autores, é indiscutível a noção de que os sinais, para além de serem constituídos por formas e movimentos da mão se associam, muitas vezes, a expressões não manuais, pois

apart from the hands, other articulators such as the body, the head and different parts of the face are equally important for sign language communication. Thus, linguistically significant elements which are expressed by any articulator other than the hands are called ‘non-manual markers’ or ‘non-manuals’ (Mohr, 2014, p. 31).

Os marcadores não manuais são um elemento complexo e bastante variado e que, como já vimos, podem materializar-se em diferentes partes da cara e corpo e apresentarem distintos significados. Vejamos na figura 129 um esquema ilustrativo das categorias da ENM que ocorrem nas LS e que evidenciam as ações que ocorrem na boca, pormenorizando a distinção entre aquilo que é a oralização das palavras – o chamado *mouthing*, e aquilo que são efetivamente componentes não manuais com significado gramatical. Este esquema foi proposto por Bencie Woll em 2001.

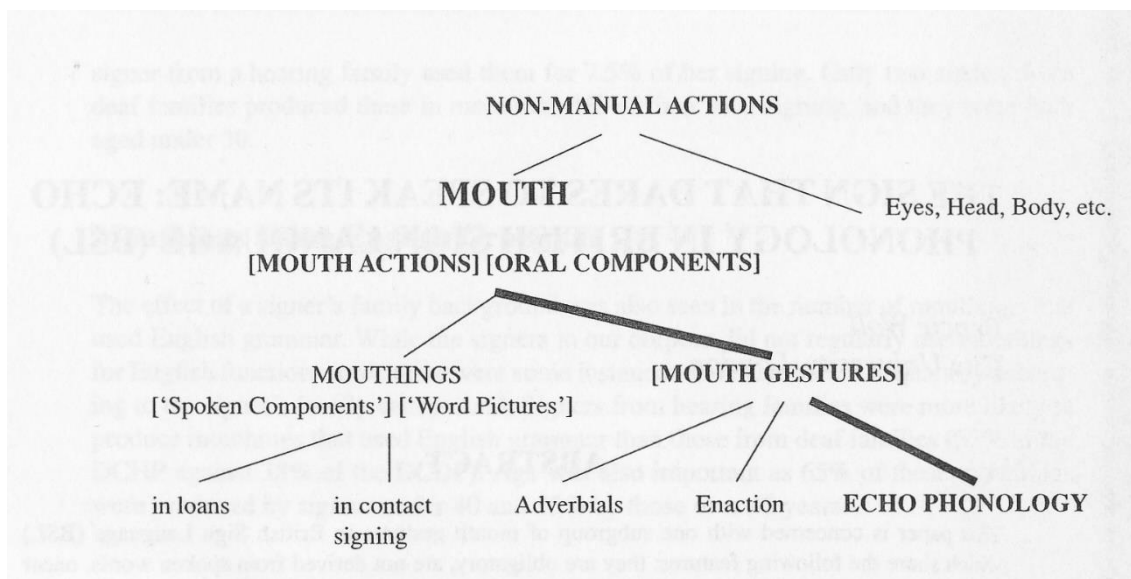


Figura 129: Ações da boca nas línguas de sinais

Assim, no esquema podemos perceber que a boca é um elemento fundamental quando falamos de ENM. Efetivamente, devido à sua relevância nas línguas de sinais, estudos indicam que a articulação da boca é uma parte fulcral e que, por isso, deve ser analisada de forma independente da restante parte da cara e tronco. Pela sua capacidade de produzir significados autónomos, bem como atribuir propriedades semânticas e gramaticais, todas as ações e movimentos que dizem respeito à boca merecem a atribuição de uma subcategorização dentro do grande chapéu que é a ENM, considerado como o primeiro grupo das expressões. No segundo grupo incluímos todos os movimentos e ações referentes às restantes partes da cara e tronco e que, em grande parte, são representativos de aspetos de entoação, representações emocionais, tipos de frase ou concordância sintática.

Como já vimos na primeira parte desta investigação dedicada à fundamentação teórica, a ENM assume-se como um querema bastante produtivo cuja distribuição gramatical pode ser feita em diferentes categorias gramaticais. Neste sentido, independentemente da forma como a ENM se manifesta, já vimos que ela é um elemento essencial e que, mesmo assumindo diferentes materializações, quer num momento ou noutro, todos eles são fulcrais para a correta produção da língua bem como para a boa relação comunicativa. Efetivamente, “as non-manual mouth gestures are considered as an integral part of signed language grammar, it is not within the remit of the individual signer to decide which expressions to use” (Fitzgerald, 2014, p. 32), pois há que cumprir as

regras estabelecidas pela língua e comumente aceite pelos seus utilizadores. Outro aspeto fundamental já analisado anteriormente, passa por clarificar que a expressão pode assumir distintas categorias como aquela que vamos explicar neste tópico – a ENM com valor gramatical, que acrescenta algo ao sinal a que é associada e que pode ter diferentes origens; e a expressão facial, passível de ser utilizada e aceite enquanto elemento importante no uso da língua, todavia, desprovida de valor gramatical, tal como nos esclarece Fitzgerald (2014)

we can say that NMF's, as the term implies, are meaningful units in signed languages that convey additional information concomitant with the meaning expressed by the hand shapes and are not to be confused with facial expressions that do not serve any grammatical purpose and are universal in both hearing and Deaf populations (p. 32).

Assim, chegados a este ponto é inquestionável a certeza de que as línguas visuais não se articulam apenas nas mãos, mas que envolvem outros articuladores fundamentais como o corpo e a cara. Com isto em mente e tendo por base o atrás exposto, faremos em seguida uma apresentação das materializações que a ENM pode assumir dentro da LSP, a partir de uma perspetiva comparatista com outras línguas de sinais.

4.1.Função querológica

Como já vimos, a ENM é um dos queremas que integra a lista dos cinco que constituem um sinal e que pode apresentar especificidades próprias. Assim, quando pensamos no querema referimo-nos a ele de uma forma genérica, mas com a premissa de que consiste numa unidade mínima indivisível, distribuída por diferentes partes da cabeça ou do tronco. Vejamos em seguida manifestações querológicas da ENM com distintas origens.

4.1.1. Mouthing e mouth gestures

Como já vimos na primeira parte deste trabalho, o *mouthing* é um fenómeno que se encontra bastante presente nas línguas de sinais, ainda que o seu uso possa ser mais evidente numas do que noutras. Por outro lado, no que diz respeito à LSP, cremos que o uso da oralização dos sinais se tem vindo a revelar bastante notório nas gerações mais novas. Isto pode dever-se a diferentes fatores e Correia, Santana & Silva (2020) descrevem a possibilidade de que isto aconteça

pelo facto de os jovens surdos serem implantados e aparelhados e, conseqüentemente, serem cada vez mais oralistas. Poderá ser também por fatores sociais: muitos vivem rodeados de contextos familiares apenas constituídos por pessoas ouvintes o que os obriga a terem que oralizar para interagirem com o meio envolvente e para se fazerem entender, bem como o facto de a comunidade surda viver inserida numa sociedade maioritariamente ouvinte e pelas pessoas surdas terem necessidade de se movimentarem e agirem em meios frequentados apenas por pessoas ouvintes (p. 109).

Assim, este tipo de oralização a que nos referimos atrás acontece muitas vezes em excesso, levando a fenómenos de interferência linguística. No entanto, não nos focaremos nisso uma vez que pretendemos apenas abordar a questão da oralização que sofreu evolução ao ponto de se transformar em ENM e, conseqüentemente, integrar-se na língua.

Efetivamente, a comunidade surda sempre viveu no mesmo espaço territorial da comunidade ouvinte pelo que a interação e o contacto entre as duas línguas sempre foi, e continua a ser, um processo natural. Sobre isto, Woll (2009) refere que “although sign languages are not historically related to the spoken languages used in the surrounding hearing community, sign languages do borrow elements from spoken language” (p. 209). No decorrer deste processo é normal que ocorra a interferência de uma língua sobre a outra. Todavia, como refere Fitzgerald (2014), nos dias de hoje podemos observar que ocorreu uma evolução desde a oralização do sinal até à integração nas línguas pois “we have discussed how mouthings can be reduced and grammaticalised in a manner paralleling that of manual signs” (p. 56). O que acontece é que a pura oralização de uma palavra ou de parte da palavra evoluiu e, adaptando-se às regras da língua, torna-se elemento integrante do sinal cuja produção passa a ser de cariz obrigatório.

É importante não esquecer que as comunidades surdas viveram longos períodos de oralismo e a portuguesa não foi exceção. As pessoas surdas tinham acesso à educação através da oralidade, não lhes sendo permitido que utilizassem a língua de sinais. Anos deste tipo de contexto deixa marcas linguísticas que ainda hoje são visíveis, principalmente nos marcadores não manuais que a LSP preservou e adaptou ao seu uso e, para além disso, no registo de língua com alguma base oralista que é passível de ser visto em pessoas surdas mais velhas. Contudo aquele *mouthing* que nos interessa estudar, e no qual nos vamos focar, não se relaciona com a oralização pura da palavra, mas sim, como já vimos, uma produção misturada de ambas as línguas, de sinais e orais, tal como menciona Pfau & Quer (2010) ao indicar que “are not linguistically significant and are not part of the lexical description of a sign” (p. 284).

Neste sentido, pensemos então naquele tipo de *mouthing* que, de certa forma, contribuiu para algo nas línguas de sinais e que, nos dias de hoje, integra a língua, sendo possível identificar a sua origem. A bibliografia aponta para a existência de dois tipos de *mouthing*, a saber, aquele que sofreu redução e que deixou de se basear numa oralização na íntegra e, por outro lado, aquele que evoluiu até ao ponto de hoje não ser encarado enquanto *mouthing*, mas sim enquanto *mouth gesture* e, por isso, parte da língua. Com isto em mente, apresentamos um exemplo da NGT que nos indica que existe então um “reduced mouthing: *va* is the first syllable of the Dutch word *vakantie* (‘holiday’); it is repeated as the sign also contains a repeated movement. That is, the non-manual is synchronized with the manual” (Pfau, 2016, p. 28). Curiosamente, o mesmo tipo de *mouthing* existe na LSP, mas para a marcação de um tempo futuro próximo em que a mão executa o sinal ao mesmo tempo que é vocalizada a expressão VÁ.VÁ, exemplo que já foi apresentado anteriormente (cf. 2.2).

Valli, Lucas, Mulrooney & Rankin (2011) também apresentam esta dualidade do *mouthing* ao referir que “another unique phenomenon is mouthing of English words, distinct from the mouth configurations that are part of ASL signs” (p. 192). Dentro do puro *mouthing*, os autores referem ainda que existe uma ligeira distinção “between full English mouthing, where the word is essentially pronounced without voice, and reduced mouthing, where the word is not fully pronounced” (p. 192). Por outro lado, os mesmos autores ressaltam a diferenciação que o tipo de *mouthing* que apresentámos anteriormente – oralização de parte ou de toda a palavra – para aquele que se torna lexicalizado e, por isso, elemento integrante das línguas de sinais, isto é, “lexicalized mouthing, such as the mouth configurations in the signs FINISH or HAVE, which clearly derive from English pronunciation of those words but have become part of the ASL signs” (p. 192). Efetivamente, também já relatamos este tipo de fenómeno para sinais da LSP tais como ÓLEO (cf. 2.2).

Assim, os *mouth gestures* apresentam-se como uma categoria distinta do puro *mouthing*, na medida em que são parte integrantes dos sinais e da língua, representam uma componente obrigatória aquando da produção do sinal e podem permanecer constantes ou sofrerem alteração durante a produção do sinal. Além disso, podem evoluir até ao ponto de serem uma parte significativa na construção do significado do sinal, podendo ser responsáveis por alterar a sua classe gramatical, por indicar como é que é

feita a ação, por trazer intensidade ao que está a ser dito, entre outros aspetos. Vejamos abaixo exemplos da LSP cujo *mouth gesture*, acreditamos, surge enquanto uma evolução da oralização.



Figura 130: NÃO HÁ com beijo e SUJO

Na imagem à esquerda na figura 130 podemos ver o sinal NÃO HÁ cuja produção é acompanhada da ENM sucção das bochechas e posterior abertura da boca. Por esta expressão se assemelhar bastante ao movimento de boca que é executado aquando da oralização das palavras *não há*, acreditamos que essa foi a base que originou a ENM. Por sua vez, à direita, encontramos o sinal SUJO, em que a posição dos lábios projetados para a frente e a saída de ar reflete a articulação do fonema /ʃ/ cuja grafia que, neste contexto, corresponde à letra <J>. Todavia, hoje em dia, os sinais e a ENM existem em conjunto não sendo independentes um do outro e, na verdade, a ENM não corresponde exatamente à correta e limpa oralização das palavras, o que sustenta a nossa ideia de que a oralização foi evoluindo até deixar de ser apenas uma componente oral e passar a ser parte integrante do sinal.

Sutton-Spence & Woll (1998) corroboram com esta ideia ao descreverem a seguinte situação para a BSL

possible for the signer to sign different elements on the hands and mouth. For example, WORK FINISH? may be signed with WORK on the hands and mouth articulating 'fsh'. NO CHILDREN may be signed with CHILDREN on the hands and 'vee' on the mouth to show negation. So some mouth patterns have no accompanying manual component (p. 83).

Desta forma, concluímos que este processo ocorre não apenas na LSP, mas também noutras línguas de sinais. Em seguida, aquando da categorização da ENM em classes gramaticais, ser-nos-á possível identificar e apresentar outros exemplos cuja ENM é resultado do fenómeno descrito nesta seção.

Por último, também como já indicado (cf. 2.2), o *mouthing* é também um recurso utilizado em algumas línguas de sinais quando surge a necessidade de desambiguar conceitos.

4.1.2. ENM Gestuocultural

A produção de gestos que acompanham o discurso oral é algo que está presente no uso da língua oral podendo ser manifestado de formas diferentes dependendo do contexto. Assim,

a story told to a professor, via speech, by an adult student in a university classroom setting may differ substantially from the same story being told by the same person to a group of close friends at a cocktail party. The latter would likely contain more colorful lexical choices, the grammar may differ between the two, and there may even be more – or a different – use of gesture in one telling versus the other (Quinto-Pozos & Mehta, 2010, p. 557).

Neste sentido, percebemos a relevância que os gestos apresentam enquanto complemento à informação e como estes se adaptam quer ao contexto quer ao recetor da informação. Na realidade, os gestos da linguagem não verbal que acompanham ou complementam o discurso oral manifestam-se através de expressões produzidas com a cara, movimentos das mãos ou alterações na postura corporal que, de alguma forma, refletem o conceito que se pretende transmitir, reforçando-o, intensificando-o ou sendo apenas um complemento à informação oral, mas que, ao serem produzidos, se apresentam com valor idêntico ao do que é usado pelos ouvintes, estando em sintonia com a ideia a transmitir. São assim expressões culturais e comuns a todos aqueles que são provenientes do mesmo espaço geográfico. Segundo McNeill (2005), os gestos que ocorrem em simultâneo com o discurso surgem porque apresentam significado relevante para este, sendo por isso “co-expressive but not redundant: gesture and speech express the same underlying idea unit but express it in their own ways — their own aspects of it, and when they express overlapping aspects do so in distinctive ways” (p. 22). Inclusive, o mesmo autor apresentou uma proposta que considerou ser uma evolução que acontece desde o gesto que ocorre apenas enquanto elemento de gesticulação, sem aporte linguístico, até àquele que se transforma em parte integrante das línguas. Vejamos a proposta do autor na figura 131 (McNeill, 1992).

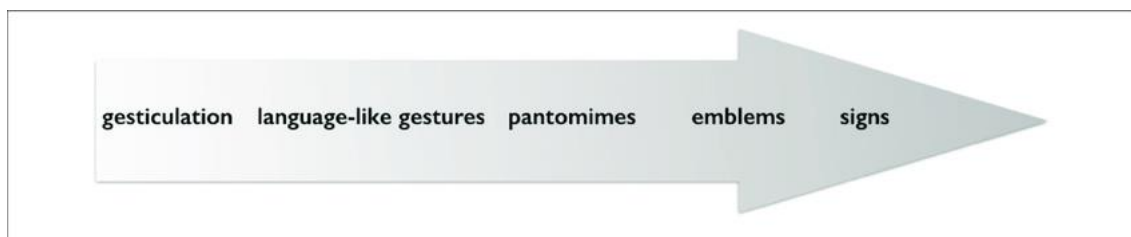


Figura 131: Esquema Kendon's continuum

O autor designou este fenómeno como “Kendon's³³ continuum” e descreveu esta sequência da seguinte forma “as we move from left to right: (1) the obligatory presence of speech declines, (2) the presence of language properties increases, and (3) idiosyncratic gestures are replaced by socially regulated signs” (McNeill, 1992, p. 37).

Assim, quando pensamos nas línguas visuais percebemos que este tipo de gestos, que constitui o início do contínuo, pode também ser utilizado uma vez que as línguas nascem em ambiente cultural e social, não estando circunscritas apenas à comunidade que a utiliza. Na realidade, essa mesma comunidade é constituída por seres humanos que habitam e contactam com uma sociedade de maior escala sendo, por isso, natural que absorvam aquelas que são, também, as suas características culturais. Tal como nos indicam Valli, Lucas, Mulrooney & Rankin (2011), “many of the gestures used by hearing people are found all over the world – the thumbs up or F handshape for ‘Ok’; a twisting B handshape, palm down, for ‘so-so’; and the wagging 1 handshape for negation” (pp. 193-194), o que comprova que a apropriação por parte das línguas de sinais de gestos que representem características culturais é um fenómeno natural e comum nas línguas visuais. Podemos ver, na figura 132, alguns exemplos da LSP.



Figura 132: CANSADO, ADMIRADO e DOCE

³³ O nome surge em honra de Adam Kendon que foi a primeira pessoa a descrever esta ordem de gestos, em 1983.

Neste sentido, percebemos que na imagem à esquerda aquando da produção do sinal CANSADO, o informante acompanha o sinal com uma expressão que se identifica com a gestualidade inerente ao próprio conceito, em que o semblante é cabisbaixo, a boca faz um ligeiro sopro e a postura corporal é relaxada (no sentido de desânimo ou de falta de forças), com os ombros para baixo. Na imagem ao centro vemos o sinal ADMIRADO cuja ENM em si é bastante icónica, na medida em que reflete a ideia de “ficar de boca aberta”, outra característica da gestualidade. Assim, a expressão que acompanha o sinal é um reflexo do estado de espírito próprio de alguém que se encontra admirado ou surpreendido perante algo: sobrancelhas levantadas, boca um pouco aberta e ligeiro movimento de cabeça para trás. Por último, à direita encontra-se o sinal DOCE cuja expressão de língua de fora indica a gulodice de comer algo que é doce e que é uma manifestação física própria da gestualidade. O mesmo tipo de exemplo é apresentado por Pfau & Quer (2010) ao afirmarem que “this holds, for instance, for the NGT sign SOUR in which the facial expression is related to the sensation of sour taste (imagine yourself biting a lemon) (p. 283).

Efetivamente, todas estas manifestações faciais e corporais podem ser identificadas também em conversas entre ouvintes de línguas orais. Estamos, portanto, perante aspetos que refletem a cultura, no sentido em que são identificáveis pelas pessoas, sejam elas ouvintes ou surdas, uma vez que representam comportamentos e expressões fisicamente expressas pelo ser humano quando se encontra perante as sensações que descrevemos. Assim, a experiência visual das pessoas surdas é um fator determinante para as características expressivas que acompanham os sinais da língua. Com base nisto, concordamos com Quinto-Pozos & Mehta (2010) que afirmam que “in signed languages non-linguistic gesture and language occupy the same visual-gestural channel” (p. 557), uma vez que, nestes casos, os sinais são uma combinação de informação linguística codificada e informação paralinguística mas que, em conjunto, formam um todo que necessita de ambas as partes para que seja semanticamente completo e bem formado. Todavia, cremos, essa informação paralinguística ganhará relevo linguístico na execução do sinal uma vez que, como já firmámos, sem isso ele estará mal formado.

A LSP é rica em expressões culturais que refletem a forma da pessoa surda ver o mundo. A língua serve-se da cultura quer do país quer do mundo, neste caso, ocidental, para integrar nos sinais as expressões faciais que podem refletir, quer características físicas dos referentes, quer emoções ou sentimentos. Segundo Woll (2014), é a ideia de

“gesture (...) helping to lay the foundation of language proper” (p. 205), na medida em que algo, típico da comunicação humana não verbal, é apropriado pela língua de sinais, gestos que eram apenas manuais e de suporte ao discurso oral, são integrados na língua visual. Na realidade, percebemos que há um crescente número de investigações em torno desta temática e que efetivam muitos dos sinais e expressões utilizados nas línguas de sinais tem a sua origem na gestualidade que acompanha o uso da língua oral e que, naturalmente, circunda a comunidade. Efetivamente,

a growing number of studies indicates that sign languages make use of the gestures of hearing speakers to build linguistic structure. This implies that variation and similarities in co-speech gesturing may lead to variation and similarities in the structure of (unrelated) sign languages (Nyst, Hadjah, & Morgado, 2017-2022).

Vejamos os seguintes exemplos de diferentes línguas de sinais em que a expressão cultural e a gestualidade são integradas:

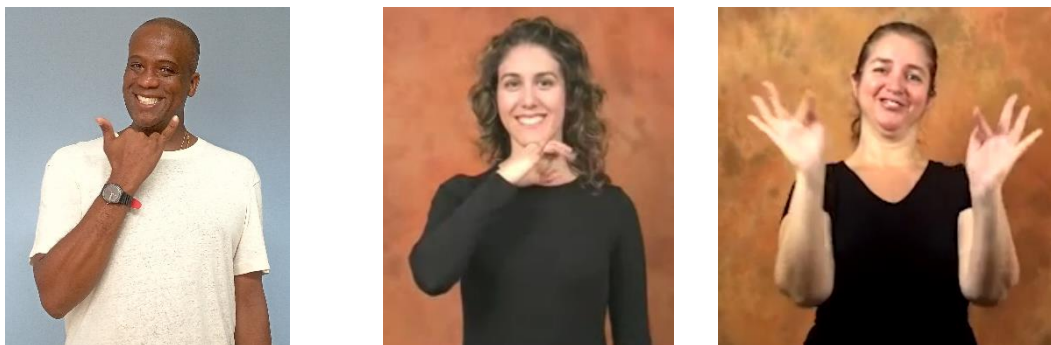


Figura 133: FELIZ - LSP, LSE e LIBRAS

Na figura 133 vemos o sinal FELIZ representado em LSP, LSE e LIBRAS e podemos perceber que nas três produções os informantes acompanham o sinal com um sorriso. Esta manifestação física está intimamente ligada com a cultura pois, para esses povos, a felicidade é mostrada através do esboçar do sorriso.

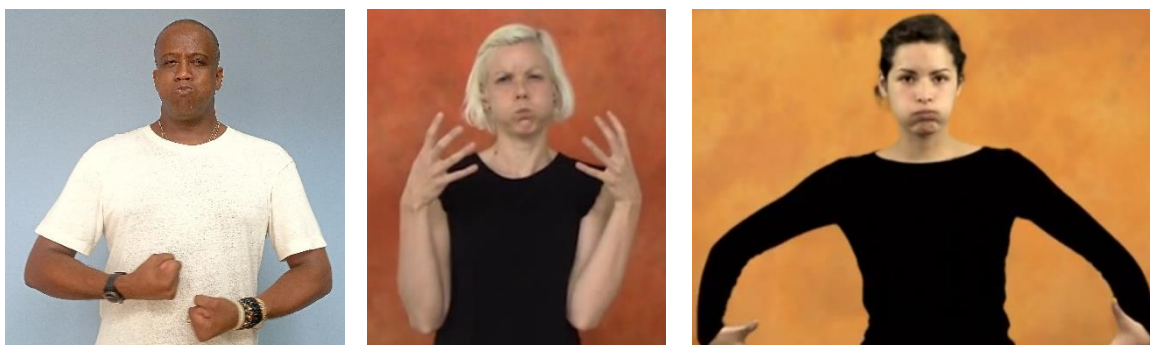


Figura 134: GORDO - LSP, ASL e LSF

Na figura 134 encontramos o sinal GORDO em LSP, ASL e LSF e nas três línguas, apesar de vermos que os sinais assumem configurações, localizações e movimentos distintos, há algo que é comum e que diz respeito à componente ENM em que, nos três, é feita com as bochechas infladas. Este tipo de expressão caracteriza a forma como a pessoa surda experiencia o mundo à sua volta, trazendo assim aquilo que vê para a língua, isto é, a forma gestual como é representado alguém gordo e que, por outro lado, reflete também aspetos que ecoam o conceito, como veremos no subponto seguinte.

Por último, na figura 135, temos o sinal SURPREENDIDO³⁴ que, como constatamos, é produzido em LSP, BSL e LSF com movimento das sobrancelhas que ocorre naturalmente na gestualidade e que revela a expressão de admiração, surpresa perante algo ou estupefação. É um reflexo do sentimento ou da emoção demonstrado de forma gestual e sem valor linguístico, mas que o próprio sinal integra conferindo assim ênfase, entoação e conceptualização.

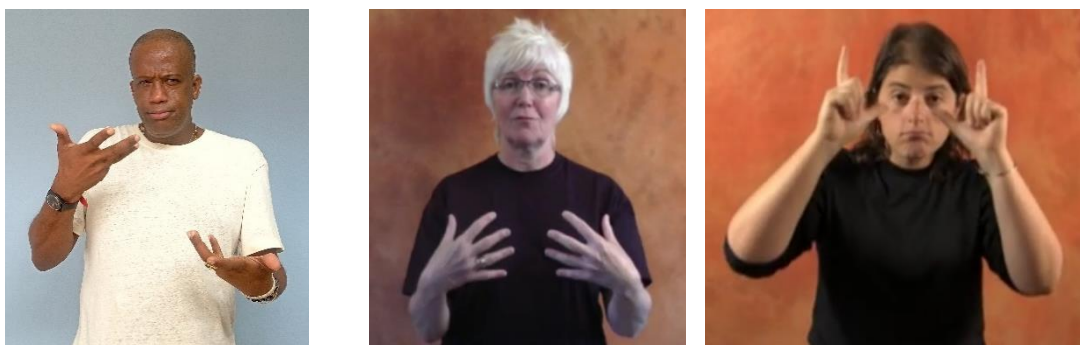


Figura 135: SURPREENDIDO em LSP, BSL e LSF

Outra situação em que é possível identificar-se o uso de ENM com recurso a características culturais e gestuais é aquando da execução de movimentos de cabeça. Estes movimentos podem acontecer em diferentes contextos sendo que um dos mais evidentes acontece aquando da produção da negação. Num estudo realizado por Benitez-Quiroz, Wilbur & Martinez (2016), foi notório que

people from different cultures expressing negation use the same facial muscles as those employed to express negative moral judgment. We then show that this nonverbal signal is used as a co-articulator in speech and that, in American Sign Language, it has been grammaticalized as a non-manual marker (p. 77).

³⁴ Em LSP existem diferentes sinais que remetem para o sentido de surpresa ou ficar surpreendido e, supomos, noutras línguas de sinais também. De realçar que a expressão facial muda dependendo do tipo de surpresa, isto é, se é algo agradável ou desagradável.

Nesta lógica, percebemos que o uso do advérbio se socorre de expressão corporal que representa o conceito que lhe inerente: a impossibilidade ou rejeição de algo, associada à contração das sobrancelhas e ao movimento da cabeça para os lados. Assim, percebemos que efetivamente há ENM das línguas de sinais que tiveram a sua origem na gestualidade, nomeadamente em expressões faciais comumente usadas no registo oral, enquanto registo complementar à informação, pois tal como afirmam Benitez-Quiroz, Wilbur & Martinez (2016)

we identified a facial expression of negation that is consistently used across cultures as a nonverbal gesture and in languages as a co-articulator and a grammatical marker. Crucially, our results support a common origin of the “not face” in facial expressions of emotion, suggesting a possible evolutionary path for the development of nonverbal communication and the emergence of grammatical markers in human language. The results reported herein hence provide evidence favoring the hypothesis of an evolution of (at least some) grammatical markers through the expression of emotion (p. 82).

Vejamos abaixo alguns exemplos da produção deste advérbio em diferentes línguas de sinais³⁵.

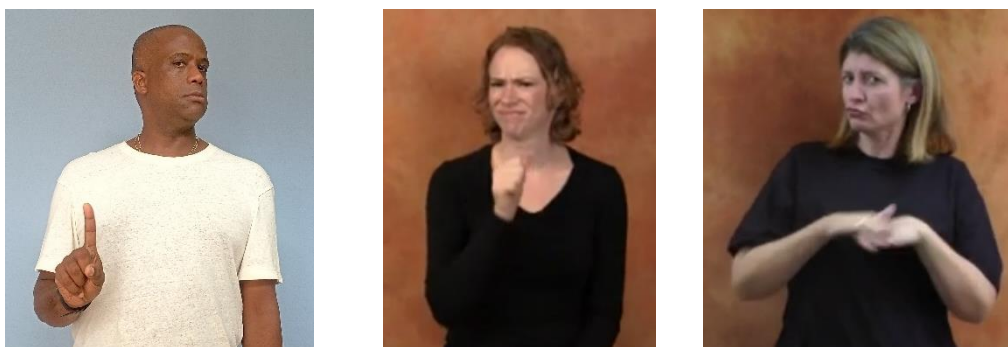


Figura 136: NÃO - LSP, ASL e BSL

Na figura 136 podemos ver representada à esquerda a produção referente à LSP, ao centro a da ASL e à direita a da BSL. Verificámos que nas três produções é possível identificar as características que referimos anteriormente e que coincidem com aquelas que os autores atrás mencionados referiram. Sobre isto, os mesmos autores acrescentam ainda que esta expressão é

used as a nonverbal signal by people of distinct cultural upbringings, as a co-articulator in negative sentences in spoken languages and as a grammatical marker in signing. That is, in ASL, this facial expression of negation is used as a grammatical marker of negation in lieu of the manual sign for “no” and the headshake” (Benitez-Quiroz, Wilbur, & Martinez, 2016, p. 78).

³⁵ De notar que a negação em LSP e noutras línguas de sinais pode ser concretizada com recurso a marcadores gramaticais como se verá mais à frente, cf. 5.1.1.

Isto comprova que a ENM com base nos gestos culturais, quando associada aos sinais da língua, ganha valor linguístico imprescindível no uso da língua. Apesar da afirmação anterior dizer apenas respeito à expressão de negação, como já vimos anteriormente, esta premissa pode ser estendida e aplicada a todas as outras expressões que, de alguma forma, são executadas com base na cultura que rodeia a comunidade surda e na forma como os seus membros percecionam o mundo. De realçar que o movimento de cabeça aquando da negação é comum a outras línguas sinais tal como nos indica Pfau & Quer (2010) ao afirmar que “in both American Sign Language (ASL) and German Sign Language (DGS), the signs meaning NOT/NO, though different in all manual parameters, are signed with a single sideward head movement” (p. 382).

Os movimentos de cabeça podem por vezes parecer insignificantes, todavia pressupõe-se que, em certos contextos, estejam presentes para que os sinais assumam o seu significado. Nesta lógica, outro exemplo de movimento de cabeça com origem na gestualidade diz respeito ao sinal DORMIR cuja representação em diferentes línguas visuais se encontra na figura 137, apresentando movimento de cabeça idêntico.

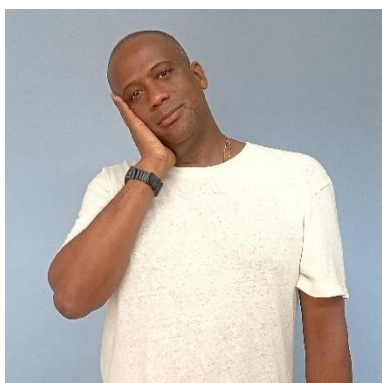


Figura 137: DORMIR - LSP e ASL

À esquerda vemos o sinal da LSP a ser executado com a MD junto à cara e com ligeiro movimento de cabeça para o lado onde está a mão. Da mesma forma, na ASL, representada à direita, apesar da CM do sinal ser totalmente distinta, o mesmo movimento de cabeça está presente representando assim uma particularidade gestuo expressiva necessária ao sinal.

Além dos movimentos de cabeça, os movimentos corporais lexicalizados com uma base na gestualidade também são uma constante nas línguas de sinais. A título de exemplo vejamos a figura 138.



Figura 138: EMPURRAR e ENCORAJAR

Na imagem à esquerda o sinal EMPURRAR, em LSP executado com uma ligeira inclinação do tronco para trás enquanto, por oposição, o sinal ENCORAJAR/ESTIMULAR apresenta uma ligeira inclinação do tronco para a frente, tal como podemos constatar na imagem à direita. Assim, percebemos que estes movimentos corporais são fruto daquilo que acontece quando gestualmente empurramos algo com força – o nosso corpo inclina-se para trás como consequência do movimento de repulsão, e quando queremos encorajar alguém a “andar para a frente” produzimos também, gestualmente, movimento de avanço com o corpo. Estas características são assim tidas como “empréstimos” da gestualidade conferindo ênfase ao sentido dos sinais e indicando, por si só, que o movimento dos sinais é icónico. Nesta lógica, Pfau & Quer (2010) afirmou que “in this use, leans interact with the discourse notion of focus. Broadly, forward leans are associated with inclusion and affirmation, while backward leans are associated with exclusion and negation” (p. 395). Assim, para a autora, o significado da informação que se pretende transmitir tem influência no movimento que atribuímos à inclinação do corpo. A autora apresenta um exemplo da ASL que adaptamos para a LSP na frase apresentada no seguinte link <https://youtu.be/AArC-IgGrwQ> e cuja tradução pode ser entendida como *pensei que tinha combinado encontrar-me com uns amigos na segunda-feira, mas afinal era na terça-feira*. Como verificámos, quando o informante percebe que a informação que tinha em mente estava errada, efetua um ligeiro movimento de tronco para trás o que corrobora a ideia de exclusão/negação vista anteriormente.

4.1.3. Ecofonologia/Ecoquerologia³⁶

Alguns dos sinais que observamos na LSP apresentam ENM sem significado gramatical nem valor semântico conhecido ou reconhecido pelos utilizadores atuais. Todavia, a sua produção é imperativa para que o sinal esteja corretamente executado. Tal como afirma Woll, existem “signs in which they are found require the presence of the mouth gesture to be well-formed” (Woll, 2009, p. 210). Na verdade, apesar da sua necessidade, este tipo de ENM surge não enquanto portadora de valor gramatical, mas sim com a característica daquilo que é designado *eco*, isto é, como um reflexo do conceito que é inerente ao sinal e que, por isso, ecoa na face aquilo que é representado nas mãos.

O conceito de ecofonologia foi proposto por Bencie Woll e assenta no princípio de que existe “a repertoire of mouth actions which are not derived from spoken language, which form an obligatory accompaniment to some manual signs in a range of sign languages, and which are characterised by ‘echoing’ on the mouth certain of the articulatory actions of the hands” (Woll, 2009, p. 204). Neste sentido, a autora referiu a existência de uma espécie de substrato de articulador da boca que acontece em simultâneo e como consequência da produção dos articuladores manuais.

Neste sentido e no que concerne à função querológica, apresentamos agora a ENM enquanto resultado da ecoquerologia e que já nos foi possível identificar em alguns dos exemplos que apresentamos no subponto anterior relativo à gestualidade. Na realidade, o significado do sinal não se cinge apenas àquilo que é produzido manualmente, sendo por isso codificado numa expressão e refletido na cara. Na figura 139 podemos ver representados dois exemplos de sinais que apontam para este fenómeno.

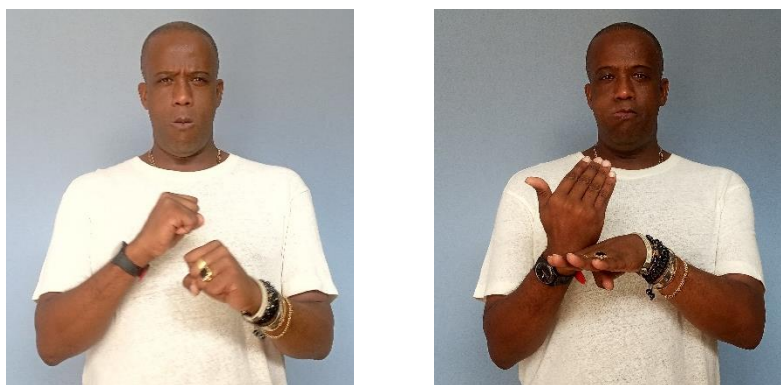


Figura 139: BOMBA e BARCO.À.VELA

³⁶ Sugerimos o termo “ecoquerologia” por ser coerente com a escolha em seguirmos a terminologia usada por Stokoe (2005 [1960]) e Correia (2009).

Na imagem à esquerda vemos o sinal BOMBA cujas configurações de mão executam um movimento para fora ao mesmo tempo que as bochechas se enchem de ar para, logo em seguida, ocorrer um movimento de abertura da boca e expulsão de ar. NA imagem à direita encontramos o sinal BARCO.À.VELA em que a MD representa a forma da vela do barco que se vai movimentando para a frente a medida que é soprada pela boca que se encontra a expulsar ar. Em suma, nos dois casos estamos perante situações em que a boca espelha a ação que acontece, ecoando assim o movimento do referente que é também acompanhado com o movimento das mãos.

Efetivamente, como já vimos, a ENM oriunda da ecoquerologia é um aspeto fulcral na construção do sinal e reflete as propriedades semânticas do conceito. Além disso,

in examples of echo phonology, the mouth mirrors aspects of the movement of the manual sign (see Figure 3). The manual BSL sign meaning succeed/finally is produced with both hands (A-handshape palms facing down). During the onset of the sign, both thumbs are horizontal and at chest height. As the hands make a quick, sharp movement downwards, the mouth simultaneously releases a burst of air and produces the mouth pattern /pu:/. The plosive mouth component changes during the production of the manual sign and mirrors the movement of the manual sign. This category of mouth gesture differs from adverbial mouth movements as they appear to be part of the citation form of the manual sign (Lewin & Schembri, 2013, pp. 93-94).

Com base neste exemplo da BSL, percebemos que o mesmo também pode ser aplicado à LSP. Pensemos nos sinais MOTA e SAPO cujas produções vemos na figura 140.



Figura 140: MOTA e SAPO

Assim, no sinal MOTA à esquerda percebemos que há um movimento do pulso da MD e que, simultaneamente, a boca produz um PRR que pode representar o pôr a mota a funcionar ou o acelerar da mota. Por sua vez, no sinal SAPO à direita podemos perceber que o informante produz uma expressão de encher e esvaziar as bochechas à medida que faz, respetivamente, os movimentos de afastamento e aproximação da mão à garganta. A

ENM correspondente a esta variação nas bochechas, o que reflete exatamente o movimento do animal ao inflar e esvaziar as bochechas.

Lewin & Schembri (2013), referem-se a este tipo de expressão como ‘semantically empty’ since they do not carry additional meaning (p. 94). Não obstante essa particularidade, os mesmos autores acrescentam que “mouth gestures which are part of echo phonology have been claimed to be obligatory as such signs appear incomplete or ill-formed if the mouth gesture is not present — they are claimed to be an inherent part of the sign” (p. 94) o que vai ao encontro do que expusémos anteriormente, realçando assim a pertinência da presença deste tipo de ENM.

Por último, cumpre realçar que apesar deste fenómeno se apresentar como uma manifestação que acontece na boca e que reflete o conceito ou movimento do sinal, este não deriva de uma oralização ou *mouthing* da palavra em LP. Estes dois processos são distintos e apresentam características também elas distintas. Tal como reforça Woll (2001) reportando-se à BSL “it is important to note for these examples, that as they are not derived from spoken English (they are not mouthings), the hands ‘drive’ the mouth, and not the other way around, as in most gestures accompanying speech” (p. 92)³⁷.

4.2. Marcador morfológico

Há casos em que o comportamento da ENM altera a categoria gramatical, tais como “fulfill an adjectival function when modifying nouns” (Pfau & Quer, 2010, p. 285) ou ainda “fulfill an adverbial function when modifying verbs” (Pfau & Quer, 2010, p. 385). Far-se-á aqui uma breve abordagem ao assunto na LSP.

³⁷ A título de curiosidade, referimos que existem sinais cujo eco se refere à LM. Assim, sinais que se relacionam com atividades cognitivas terão a sua produção na zona da cabeça, tais como PENSAR, APRENDER, SABER enquanto que sinais relativos a emoções localizar-se-ão na zona do peito, como por exemplo AMOR, SENTIR, ZANGADO

A ENM pode marcar os adjetivos e os seus graus como no exemplo que vemos na figura 141.



Figura 141: CABELO.COMPRIDO

Na imagem 141 vemos o sinal que é utilizado para designar um CABELO COMPRIDO em que o informante produz a ENM que tipicamente designa o aumento de uma qualidade: o morder do lábio inferior juntamente com uma ligeira abertura dos olhos. Pfau & Quer (2010) indica-nos que este processo é comum a várias línguas de sinais pois “This is a common strategy, for instance, for expressing the diminutive (‘small x’) and the augmentative (‘big x’)” (pp. 385-386).

Os marcadores não manuais podem também indicar a maneira como é feita a ação. Assim, é possível indicar que a ação acontece de forma relaxada ou calma através da colocação da língua entre os dentes com ligeiro sopro. Pode também indicar-se que uma ação é bastante intensa através do inflar das bochechas e do sopro forte de ar juntamente com o cerrar das sobrancelhas. É ainda possível indicar que uma ação é frequente através da repetição do movimento de abertura e fecho de boca sendo que, quando a boca se encontra fechada, os lábios executam um ligeiro movimento de sucção. Vejamos exemplos destas três ENM na figura 142 abaixo.

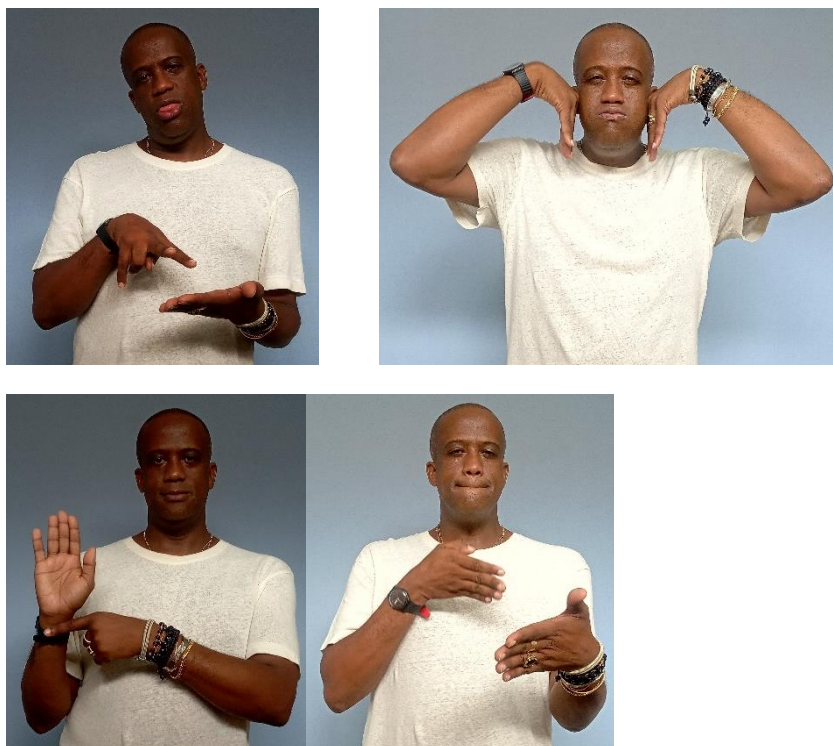


Figura 142: LER.DEVAGAR, TRANSPIRAR.MUITO e IR.CINEMA

Na imagem à esquerda, na fila de cima, vemos a produção daquilo que poderia ser entendido como *ler devagar* ou *ler de forma relaxada*. Na imagem à direita, na fila de cima, encontramos a produção da ideia de *estar a transpirar muito*. Estes dois exemplos indicam-nos o valor aspetual continuativo que é visível através da ENM língua entre os dentes com ligeiro sopro, denominada de “THH”. Por último, nas imagens da fila de baixo é possível visualizar a forma de indicar que se *vai muitas vezes ao cinema* e que remete assim para o valor aspetual frequentativo, nomeadamente através da ENM “MAMAMA” que representa o movimento repetido de abertura e fecho da boca. Assim, por adição de ENM o verbo é modelado indicando a forma como a ação se executa. Pfau & Quer (2010) refere a existência deste mesmo processo para a ASL, pois

in order to express that a particular action has been done in a relaxed manner, ASL signers may make use of a nonmanual that is glossed as ‘mm’³⁸ (2a). The significant part of this nonmanual is the configuration of the lips: the lips are kept together and pushed out a little bit (p. 386).

Apesar do uso e significado da ENM ser distinto daquele que se faz para a LSP, de realçar que, ainda assim, o processo de modelação da ação através do uso da expressão é partilhado por outras línguas.

³⁸ Na LSP esta ENM não se denomina “mm”, mas sim “TH”.

4.3.Das características suprasegmentais à marcação gramatical

A ENMS pode assumir diferentes papéis tendo, em primeiro lugar, um papel fundamental no que diz respeito a questões de entoação e prosódia das línguas de sinais, isto é, características suprasegmentais. Na realidade, “the use of manner of movement and facial gestures to mark prosody and intonation in signed languages has long been known” (Wilcox, Rossini, & Pizzuto, 2010, p. 336). Esta afirmação é também aplicável à LSP dado aquilo que já vimos, cf. 2.5.3. Assim, com recurso à ENMS suprasegmental é possível marcar frases interrogativas, exclamativas e imperativas. As primeiras são acompanhadas das sobrancelhas cerradas e de um ligeiro movimento do tronco para a frente podendo também ocorrer movimento da cabeça nesse sentido. Por sua vez, nas segundas as sobrancelhas são projetadas para cima, os olhos ficam ligeiramente arregalados e há uma abertura da boca mostrando assim o espanto e a admiração. Por fim, nas terceiras, as sobrancelhas cerram, os olhos fecham ligeiramente, o tronco e a cabeça avançam um pouco para a frente e, ainda, o sinal é executado de forma mais rápida e tensa. Vejamos três exemplos na figura 143.



Figura 143: *COMER O. QUÊ?*, *ELES DIVORCIARAM-SE* e *SENTA-TE*

Na primeira fila podemos ver a frase *o que comeste?*, na do meio *eles divorciaram-se!* e na última fila *senta-te*, sendo as três acompanhadas pelas respetivas ENM que referimos acima e que marcam a diferenciação entre os tipos de frases. Nestes casos o uso da ENM para se identificar o tipo de frase uma vez que “in fact, in most sign languages, the nonmanual is the only indication that we are dealing with a question, since the word order does not change” (Pfau & Quer, 2010, p. 389), o que significa que, na ausência de ENM, é difícil para o recetor identificar se se trata de uma frase interrogativa ou exclamativa.

Outro aspeto importante no que concerne à entoação relaciona-se com o sentir do emissor quando produz o discurso, isto é, se está zangado ou irritado, se apresenta um tom apaixonado, se se encontra perplexo perante uma situação, entre outros. Este tipo de

diferenças reflete-se na maneira como a língua é produzida, recorrendo para isso o emissor à produção dos sinais com movimentos maiores e executados de maneira mais rápida no espaço de sinalização, ou de forma mais lenta, consoante a intenção discursiva. Tal como afirmam Wilcox, Rossini & Pizzuto (2010),

signs articulated with emphatic stress are larger, tenser, faster and with longer duration than unstressed signs. Other differences in stressed versus unstressed signs included changes in the manner of production, both in rhythmic characteristics (addition of tension, restraint or faster movement) and in the movement itself (p. 336).

Sobre isto, vejamos abaixo, na figura 144, exemplos da LSP.

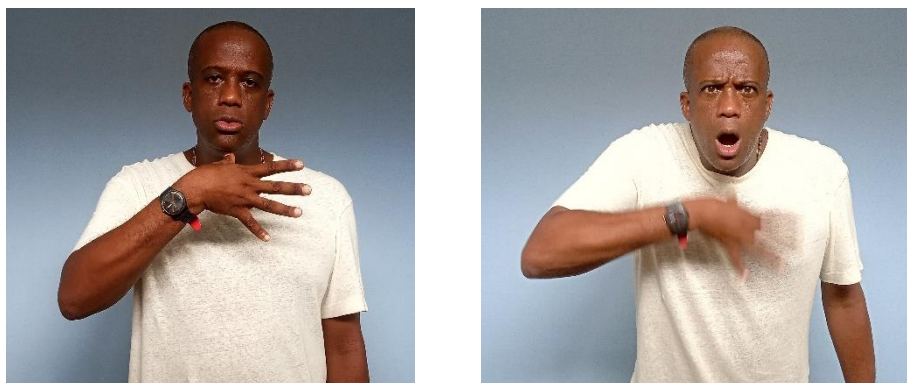


Figura 144: *EXPLICAR* e *EXPLICAR-FORMA.IRRITADO*

Na imagem à esquerda vemos a execução do sinal *EXPLICAR* e, por sua vez, à direita, encontramos o mesmo sinal produzido com uma entoação irritada e zangada. Podemos verificar que o sinal em si é idêntico sendo as imagens diferenciadas pela ENMS suprasegmental que identificamos na imagem à direita e que se caracteriza pelo cerrar das sobrancelhas, pela execução mais rápida do sinal e até por um ligeiro movimento de cabeça para o lado, fazendo assim com que o olhar do emissor também fique um pouco de lado, o que traz um cariz mais pesado à produção do sinal. Efetivamente, estes tipos de expressões correspondem àquelas que produzimos naturalmente quando estamos zangados com alguma situação e que, por isso, refletem características paralinguísticas do ser humano. Como vimos, existe uma relação, pois

gesture and its manner of production to prosody and intonation suggests that manner of movement might also play a transitional role in signed language between the gestural, emotive, non-grammatical expression characteristic of prosody and intonation and its function in grammaticalized forms (Wilcox, Rossini, & Pizzuto, 2010, p. 350).

Neste sentido, Wilcox, Rossini & Pizzuto (2010) apresentam um esquema que retrata a entrada deste tipo de expressões nas línguas de sinais explicando o seu processo evolutivo, ilustrado na figura 145.

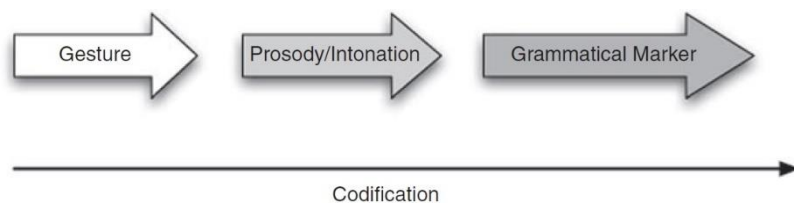


Figura 145: *Evolução da ENM Suprasegmental*

Assim, os autores indicam que o caminho percorrido começa com os gestos a integrarem a língua num sentido prosódico e de entoação até, eventualmente, se tornarem parte da morfologia gramatical, o que inclui “the manner of movement of a manual gesture or sign, and various facial, mouth and eye gestures” (Wilcox, Rossini, & Pizzuto, 2010, p. 332). Os autores esclarecem que existem uma relação de autonomia e dependência entre os componentes da língua, em que o primeiro diz respeito a estruturas que existem por si e que não necessitam de outras para se concretizarem, e a segunda, relaciona-se com estruturas que não existem de forma independente pois pressupõem a existência de outras. Se pensarmos na categoria movimento de um sinal, podemos indicar que o tipo de movimento em si é autónomo pois concretiza-se por si só. Todavia, a maneira como o movimento é executado – rápido, lento, amplo, reduzido – é um aspeto que está dependente do tipo de movimento que foi executado. Desta forma, seguindo essa lógica, somos levados a referir que “suprasegmental structures such as intonation patterns are dependent because they require segmental content to serve as their ‘carrier’” (Wilcox, Rossini, & Pizzuto, 2010, p. 337). Já vimos que os marcadores prosódicos e de entoação são fundamentalmente expressos por alterações na cara e na maneira de execução do sinal. São estas alterações que remetem o recetor para uma compreensão da alteração do significado do discurso, é a forma como este está ser produzido e que podem passar por, por exemplo, “the markers of increased intensity included the addition of nonmanuals (for example, eye or mouth gestures); sharp boundaries between signs; higher articulation of signs in the signing space; increased tension of articulation; and more forceful articulation” (Wilcox, Rossini, & Pizzuto, 2010, p. 336).

Assim, para conceptualizar certos aspetos gramaticais com o uso da ENMS, como a formação de frases interrogativas ou exclamativas, por exemplo, foi necessário que anteriormente tivesse ocorrido a passagem dessa ENMS pelo “caminho” da entoação pois,

it is well documented that facial gestures such as eye widening and squinting and mouth movement play a significant role cross linguistically in signed languages, expressing a variety of grammatical roles such as interrogatives vs. declaratives, topic makers, adverbial markers and more (Wilcox, Rossini, & Pizzuto, 2010, p. 337).

Em certos casos, os marcadores suprasegmentais e gramaticais poderão coincidir ou apresentar ligeiras diferenças, mas em conjunto, contribuem para uma fusão de aspetos, assim como afirmam Wilcox, Rossini & Pizzuto (2010), quando referem que os olhos e a boca “also play a significant role in signed languages, functioning both as intonation and as grammatical markers” (p. 336). Vejamos na figura 146 um exemplo da LSP.



Figura 146: *TRABALHO.MUITO*

Na imagem vemos a produção do sinal TRABALHO acompanhado de ENMS de sopro, ombros para baixo e relaxados, sobrancelhas descaídas e um ligeiro fechamento dos olhos. Este conjunto de marcadores não manuais remetem-nos para informações suprasegmentais visto transmitirem a ideia um trabalho acima do normal que se revelou cansativo, querendo dizer que foi “muiiiito trabalho” e, por outro lado, a ideia de duração e intensidade, indicando que foi um trabalho árduo e demorado e remetendo assim para a formação do aspeto verbal continuativo.

A ENMS é também responsável por marcar a frase negativa, podendo, para isso, recorrer, por exemplo, ao uso da bochecha inflada. Além disso, muitas vezes a produção manual da negação é acompanhada de movimentos de cabeça de um lado para o outro que também se assumem como uma componente expressiva. De referir que, em certos casos, o movimento de cabeça é suficiente para mostrar a negativa não sendo, por isso, estritamente necessário que ocorra a produção do sinal na negativa. Tal acontece, cremos, pelo facto de o movimento de cabeça já se encontrar lexicalizado. Na figura 147 podemos ver exemplos ilustrativos do que acabamos de apresentar.

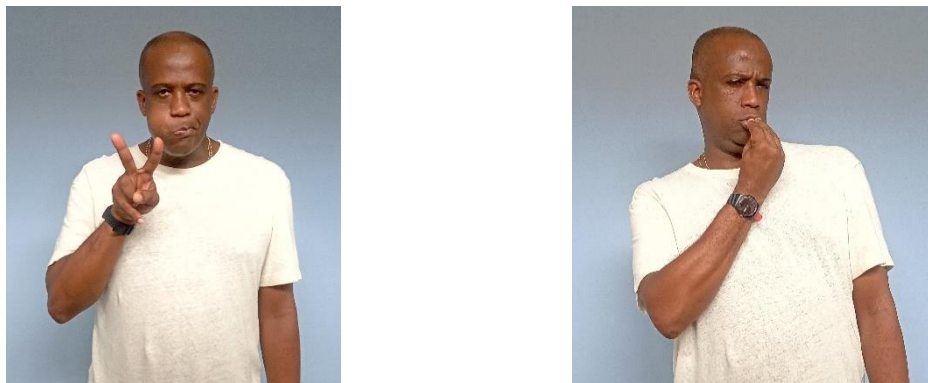


Figura 147: *NÃO.VER* e *NÃO.COMER*

Na imagem à esquerda vemos a representação de *NÃO.VER* em que podemos constatar o uso da bochecha inflada para apresentação a negação da ação base e que, na maioria dos casos, é também acompanhado de movimento de cabeça. À direita encontramos a frase *não comer algo*, cuja produção é executada apenas com o sinal *COMER* acompanhado do movimento de cabeça que, ao ser produzido em simultâneo com o sinal da ação, nega-a, isto porque “headshake alone is sufficient to negate a proposition” (Pfau & Quer, 2010, p. 387). De salientar que este último exemplo pode ser identificado apenas contextualmente e em momentos de conversação, em resposta a um interlocutor, não sendo natural o seu uso de forma isolada.

Outro aspeto sintático em que a ENMS tem uma intervenção importante é na marcação do tópico da frase. Como já vimos (cf. 2.5.3.2), a topicalização é uma estratégia recorrentemente usada nas línguas de sinais e que consiste em produzir em primeiro lugar a informação que é mais relevante para a frase, sendo acompanhada do erguer das sobrancelhas e podendo ocorrer uma ligeira abertura dos olhos. Este tipo de marcador é comum a outras línguas, nomeadamente “the basic marking of topics is raised eyebrows, but since the information structure status of topics can vary, other nonmanuals can be layered with the raised eyebrows” (Pfau & Quer, 2010, p. 390).

À semelhança no que acontece com a topicalização, a formação de frases condicionais envolve a ENM erguer das sobrancelhas e abertura dos olhos, podendo ainda, este tipo de formação, envolver um ligeiro movimento dos lábios para baixo e contração do queixo. Este tipo de formação é usado para frases que envolvem uma condição e a ENM acontece em simultâneo com a produção do sinal *SE*, tal como o exemplo que vemos figura 148 e que pode ser traduzido por *se puder viajar vou à Guiné-Bissau*.

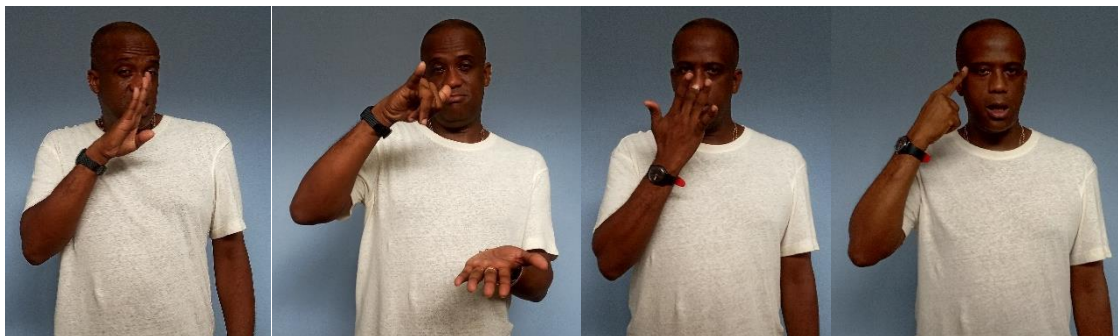


Figura 148: SE VIAJAR GUINÉ

Outro aspeto fundamental e que também já expusemos (cf. 2.5.3.1) relaciona-se com o uso da ENMS aquando da produção do elemento que é definidor de orações coordenadas e subordinadas. Seja no uso do sinal MAS para formação de uma oração coordenada adversativa, que é acompanhado de ligeiro movimento da cabeça para a frente com abertura dos olhos, seja quando o emissor opta por fazer uma pausa entre duas frases, com inclinação da cabeça para a frente e compressão dos lábios, mostrando assim que aquilo que produzirá em seguida à pausa é dependente do que foi produzido antes.

Em termos sintáticos, identificámos outra função da ENMS que se relaciona com os mecanismos de coesão. A LSP faz uso de diferentes formas para manter a coesão sintática que podem passar pelo uso de classificadores, a apontação anafórica, à colocação de uma pergunta no meio da frase, denominada de *wh-cleft* até ao recurso de produção do sinal IGUAL entre ideias. Todos estes processos foram explicados de forma detalhada no subponto 2.5.3.3. Independentemente da forma usada, todas apresentam em comum serem produzidas em simultâneo com ENMS.

Por último, a ENMS pode também contribuir para aspetos sintáticos com o uso da técnica do *role shift*, que passa por “saber ‘encarnar’ adequadamente a troca de personagens” (Raposo, 2016), isto é, proceder a uma troca de papéis que, no decorrer do discurso, permite que haja uma interação entre as personagens. Neste sentido, o emissor alterna a sua posição entre uma postura localizada no centro, mais à esquerda ou mais à direita, com base na informação que quer transmitir e nas personagens que assume sendo que, para recorrer a esta técnica pressupõe-se que, antes do recurso aos movimentos, sejam localizados no espaço as entidades às quais se irá referir. Sobre isto, Pfau & Quer (2010) acrescentam ainda que “in addition to body shift, role shift may be marked by a change in head position, and a break in eye gaze contact with the addressee” (p. 396), o

que reforça o uso de marcadores não manuais com propósito de indicar mudança de papéis. A título de exemplo, vejamos a história infantil “Perdida de riso”³⁹, em que aos 2:48 a narradora apresenta uma interação entre personagens e é notório o uso da estratégia de *role-shift* através de ligeiras alterações de posição de corpo entre o lado direito e o lado esquerdo. Além disso, como neste exemplo as personagens apresentam alturas distintas, é também possível identificar as modelações que ocorrem no olhar da narradora, isto é, olhar numa direção e para cima quando assume a personagem mais baixa e olhar na direção oposta e para baixo quando assume a personagem mais alta.

5. Valores da ENM em classes gramaticais

Dada a produtividade e recursividade da ENM esta distribuiu-se por diferentes classes gramaticais sendo que a mesma ENM pode ocorrer seja em nomes, em verbos, em adjetivos ou em advérbios. Efetivamente, o signo gestual pode oscilar em termos de classe gramatical dependendo do contexto frásico e da forma como é construído. Tal deve-se ao natural processo que ocorre nas línguas chamado de conversão lexical (Raposo, et al., 2020).

Por uma questão de organização textual e de mais fácil leitura dispomos a organização da ENM por classe gramatical. Anotaremos sempre que ela possa ocorrer noutras que não aquela do nosso subcapítulo. Recorremos a licitação com informantes surdos nativos. Procuraremos determinar a base “etimológica” desta unidade mínima e dos valores que adquire. Além disso, optamos por atribuir denominações em LP às ENM e escolhemos este formato por pretendermos, com isso, ecoar a articulação da ENM. Não utilizamos o sistema SW porque, apesar de ser um sistema de escrita transparente, não seria descodificado por toda a comunidade académica.

5.1. *Bochecha inflada*

³⁹ A produção em LSP desta história pode ser visualizada no link: https://www.youtube.com/watch?v=F9Z4DniGTvw&list=PLouS6kMPI5rr16X_tGeGVF6u-wXG2iWDa

Tal como o próprio nome indica, esta ENM caracteriza-se por apresentar uma das bochechas infladas ou cheia de ar, sendo habitualmente a bochecha correspondente ao lado dominante do emissor. Vejamos na figura 149 a representação desta ENM.



Figura 149: BOCHECHA.CHEIA

Esta ENM é bastante rica e produtiva sendo por isso normal visualizá-la com bastante recorrência em enunciados produzidos em LSP e, por esse mesmo motivo, materializa-se numa série de classes gramaticais. De uma forma genérica, esta ENM está associada à ideia de negação. Por outro lado, é também utilizado em contextos que se pretende exprimir o conteúdo de algo ou dizer, por exemplo, que algo está *por dentro*. Em seguida veremos estas questões de forma mais pormenorizada.

5.1.1. Verbos

Quando se junta a verbos, a ENM bochecha inflada apresenta o sentido de negação da ação e pode ser feita de formas distintas. Assim, é possível produzir o sinal da ação e, posto isso, produzir o sinal NÃO.CONSEGUIR que tem, na sua constituição a bochecha inflada. Vejamos na figura 150 a frase *não consigo emagrecer*.

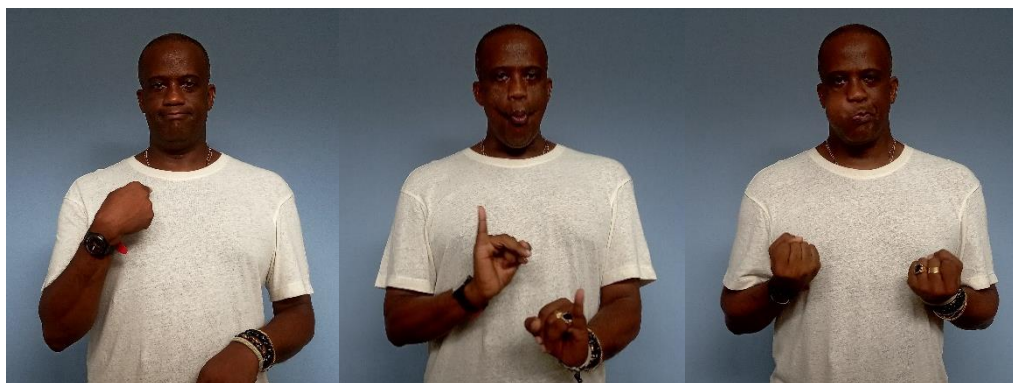


Figura 150: EMAGRECER NÃO.CONSEGUIR

Como vemos, em primeiro lugar o emissor produz o sinal referente à ação, emagrecer, e em seguida indica que não consegue fazê-lo, informação essa que nos é perceptível não só pelo sinal NÃO.CONSEGUIR, mas pela ENM que nos diz que a ação não é possível de concretizar. Para além disso, em muitas situações e neste exemplo em concreto, o último sinal é também acompanhado do abanar da cabeça que é comumente associado à ideia de não, o que reforça o sentido de negação.

Apesar da existência deste tipo de formação de negação, é muito habitual verificar-se que a ideia de *não conseguir algo*, expressa claramente pelo sinal NÃO.CONSEGUIR, pode transitar para o verbo da ação. Assim, um verbo executa-se exatamente da mesma forma seja na afirmativa ou na negativa sendo que, no último, apresenta a particularidade de ser acompanhado pela bochecha inflada. Ao acrescentar a ENM ao sinal, o emissor altera automaticamente o sentido, atribuindo-lhe assim um valor de negação. Vejamos na figura 151 alguns exemplos que são apresentados tanto no sentido afirmativo como negativo.



Figura 151: MEXER.MÃO/NÃO MEXER.MÃO, ANDAR/NÃO.ANDAR, FALAR/NÃO.FALAR e OUVIR/NÃO.OUVIR

Assim, por comparação podemos perceber que, em todos os exemplos, os sinais manuais utilizados para a afirmativa e negativa são idênticos. A distinção entre o par de exemplos é dada pela bochecha inflada que surge na negação da ação e pelo ligeiro abanar da cabeça que surge, também, na forma negativa.

Por sua vez, existem ainda sinais cuja negação apresenta uma forma própria, não se assemelhando ao que é produzido aquando da afirmativa tendo, ainda assim, tal como acontece nos exemplos anteriores, a presença da bochecha inflada e do abanar da cabeça que, como já vimos, é tão próprio da negação em LSP. Vejamos na figura 152 as seguintes negativas: NÃO.PODER e NÃO.CONSEGUIR.VER



Figura 152: *PODE/NÃO.PODER e VER/NÃO.CONSEGUE.VER*

Assim, como podemos verificar a forma negativa do verbo em nada se assemelha à forma afirmativa. Todavia, o que importa notar é que a forma de produzir as ações é sempre acompanhada da ENM que caracteriza a negação, provando que, independentemente de como se manifesta, a negação implica sempre a produção da ENM que lhe está associada.

Vistos exemplos da ENM bochecha inflada em verbos, cremos que a origem desta ocorrência terá alguma relação com a gestualidade própria do ser humano que, em situações de incapacidade manifesta fisicamente um encher das bochechas seguido de soprar, próprio de quem faz um esforço para superar alguma dificuldade.

5.1.2. Adjetivos

A ENM bochecha inflada com acompanhamento de sopro tem a particularidade de se poder juntar a adjetivos, atribuindo-lhes um valor de algo mais forte, intensificando assim o significado base. Habitualmente, nestes casos, esta ENM é acompanhada de um ligeiro sopro e de um cerrar das sobrancelhas. Vejamos os exemplos presentes na figura 153:



Figura 153: *TRABALHO DURO/DÍFICIL, MUITO LONGE e MUITO IMPORTANTE*

A imagem à esquerda apresenta-nos o sinal que utilizaríamos para qualificar um trabalho como árduo, enquanto que o exemplo ao centro se refere a um local que é bastante distante e, por sua vez, o exemplo a direita indica-nos que algo é muito importante. Na realidade, nos três exemplos há um reforço da qualidade daquilo que se pretende adjetivar, intensificando assim o seu sentido com recurso à bochecha inflada com sopro.

O emprego desta ENM em adjetivos enfatiza a qualidade, atribuindo-lhe um carácter mais intenso do que o original. Nesta lógica, o recurso à ENM terá uma base oriunda da gestualidade e do meio cultural em que, perante situações intensas ou com um cariz complexo, o ser humano reage com a cara enchendo as bochechas e soprando o ar.

5.1.3. Preposições

A LSP faz uso de preposições que ajudam a organização e compreensão do discurso. Quando esses sinais são produzidos fazem-se acompanhar da ENM bochecha inflada que, como já dissemos, tende a ser usada do lado dominante do emissor. Desta forma, vejamos, de forma isolada, alguns exemplos de preposições de lugar, que podem ser integradas em frases quando assim necessário e que se encontram na figura 154.



Figura 154: EM.CIMA, NA.FRENTE e DEBAIXO/POR.BAIXO

Assim, como vemos, o emissor expressa a preposição através da apontação, fazendo assim descrições espaciais e indicando a localização do referente, utilizando para isso a MND para indicar a zona sobre a qual incidirá o apontar. No exemplo à esquerda, vemos que algo está localizado EM.CIMA, o que poderia ser utilizado para dizer que um objeto estava em cima da mesa. O exemplo do meio dá-nos indicação que algo está NA.FRENTE de outro algo, podendo ser utilizado para dizer que uma cadeira, por exemplo, estaria na frente da mesa. Por último, no exemplo à direita, a apontação é feita com indicação para DEBAIXO da superfície produzida com a MND e que seria, por exemplo, um objeto debaixo da mesa. Como constatamos, todas estas preposições de lugar são, obrigatoriamente, acompanhadas de ENM bochecha inflada e supomos que o seu uso advém de uma contaminação do uso da mesma ENM na preposição DENTRO que apresentamos a seguir.

Para além destes exemplos, apresentamos agora outra preposição de lugar que optamos por separar das anteriores por apresentar uma particularidade interessante. A preposição em questão refere-se a DENTRO e vejamos dois exemplos na figura 155.

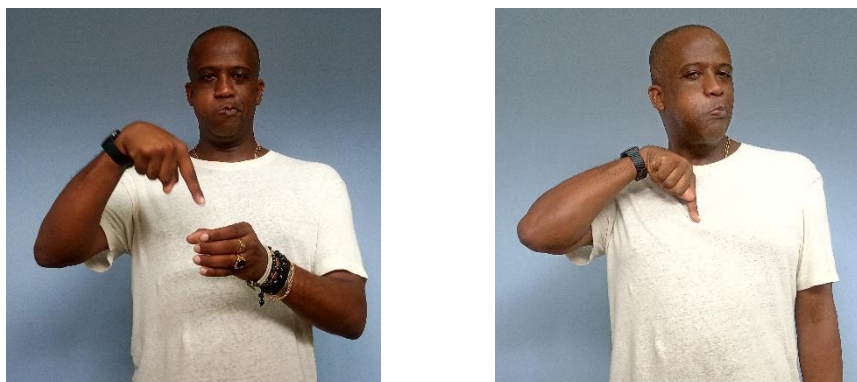


Figura 155: DENTRO.OBJETO e DENTRO.CORPO

O exemplo da esquerda é utilizado para mencionar algum objeto se encontra dentro de uma estrutura física, seja *dentro de um copo*, *dentro de uma divisão da casa* ou *dentro de um saco*, por exemplo. Como vemos, a produção é feita no espaço de sinalização sendo que, anteriormente, o emissor terá que ter dito a que objeto e conteúdo se estava a referir. Por outro lado, é interessante analisar o exemplo da direita, cuja CM e ENM são idênticas ao exemplo anterior havendo, contudo, alteração da localização do sinal. Neste sentido, esta mudança indica-nos uma referência a algo que está dentro do corpo, seja um sentimento ou uma emoção, não sendo, por isso, algo físico como no exemplo anterior, mas sim abstrato. Apesar de apresentarem o mesmo tipo de traço semântico no sentido de se referirem a algo que está DENTRO, a, tão somente, alteração de localização, remete para um tipo de conteúdo totalmente distinto, sendo que a alteração da LM ocorre porque o referente do sinal também difere. De reforçar que a ENM é comum e mantêm-se em ambos os sinais.

Vejamos na figura 156 outros dois exemplos que transportam consigo a ideia de *estar dentro*.

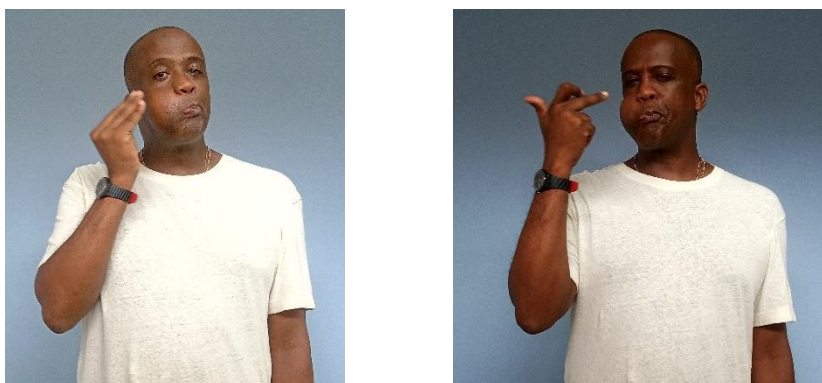


Figura 156: INATO/NATURAL/SER.ASSIM e BOA VIDA/TER A MANIA

Assim, à esquerda encontramos um sinal que poderá ser traduzido como INATO, NATURAL ou, dependendo do contexto, poderá ser entendido como SER.ASSIM ou ESTAR.ASSIM. Assim, no primeiro caso podemos adjetivar alguém como sendo *surdo congénito* ou se quisermos indicar que uma pessoa é muito faladora, referindo que *ela é assim*. Nos dois casos, como percebemos, o sentido é idêntico visto que podemos indicar que a pessoa nasceu assim, surda ou, que é natural para a pessoa ser faladora. Portanto, o emprego do sinal em ambos os casos é igual, o que irá diferir é a forma como é construída a frase em que o sinal é empregue, sendo que as palavras escolhidas e referidas atrás são opções de tradução. Apesar disso, incluímos este sinal neste subponto porque nos foi

indicado que o motivo para o uso desta se relaciona com conteúdo, isto é, com aquilo que está dentro da pessoa. Por sua vez, à direita vemos um sinal que pode ser entendido como EXIBICIONISTA, TER A MANIA, CONVENCIDO, VAIDOSO. Independentemente da forma como o sinal é traduzido, este apresenta sempre a ENM e, aparentemente, o motivo para a sua produção pode relacionar-se, mais uma vez, com o facto de o sinal refletir uma característica intrínseca ao ser humano, ou seja, como algo que vem de dentro da pessoa.

Neste sentido, com base nas observações que fizemos e nas conclusões a que chegamos, uma hipótese para um dos valores da ENM “bochecha inflada” poderá ser da relação continente/contéudo e que, cremos, terá tido origem na gestualidade, se pensarmos que uma superfície que tenha algo lá dentro irá apresentar um volume diferente e maior do que o habitual, grandeza essa representada com uma bochecha inflada.

5.1.4. Nomes

Como já vimos, a bochecha inflada é uma materialização de ENM bastante produtiva que se manifesta em diferentes classes gramaticais e os nomes não são exceção. Apesar do conhecimento que temos na LSP, esta classe gramatical foi para nós complexa por não conseguirmos encontrar uma matriz comum à forma como a bochecha inflada se manifesta nos nomes. Para tal, foi fulcral a colaboração dos nossos informantes que nos apresentaram algumas teorias e hipóteses interessantes e passíveis de serem aceites como válidas. Os exemplos que vamos aqui apresentar dizem respeito a nomes cuja produção implica, obrigatoriamente, o uso da ENM. Fazemos esta ressalva porque, da observação que temos feito da LSP quer em uso ao vivo, quer em vídeos disponíveis em diferentes plataformas *on-line*, é notório que a ENM bochecha inflada está a difundir-se e a acompanhar sinais cujo formato não obriga a tal, o que poderá, até, originar erros de compreensão por parte do recetor. Cremos que o uso de bochecha inflada em sinais que não a requerem acontecerá por dois motivos distintos: em primeiro lugar por analogia, isto é, sinais semelhantes em que um contém ENM e outro não leva a que o emissor, aquando da produção do segundo, o faça com bochecha inflada; ou por contaminação expressiva que faz com que muitos sinais se apropriem da ENM, sem que isso seja, semanticamente, necessário e coerente. Neste sentido, faremos em seguida uma

apresentação de alguns nomes que apresentam bochecha inflada e apresentaremos hipóteses explicativas do porquê do uso desta ENM.

O primeiro sinal, na figura 157, diz respeito a POLÍCIA



Figura 157: POLÍCIA

Uma das hipóteses para a existência desta ENM foi-nos dada por um informante surdo que sugeriu que o uso da bochecha inflada refletisse a ideia de que os polícias são pessoas gordas e, por isso, com bochechas grandes. Para além desta possibilidade, surgiu outra que nos pareceu mais lógica e que se prende com o facto deste ENM poder ser associada a forças de autoridades ou poder. Cremos que esta proposta poderá fazer sentido uma vez que, como vemos na figura 158, o sinal TROPA, à esquerda, também é acompanhado da bochecha inflada assim como o antigo sinal PRESIDENTE, à direita, que, apesar de tudo, é de uso raro nos dias de hoje.

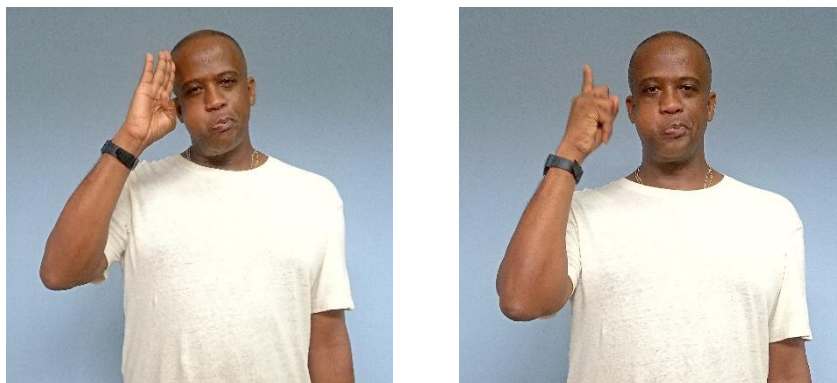


Figura 158: TROPA e PRESIDENTE

Além desses cargos expressos nos conceitos anteriores, é ainda possível identificar esta ENM noutros sinais que vemos na figura 159 tais como DIRETOR, à esquerda, ou GESTOR/COORDENADOR, à direita, o que se coaduna com a explicação anterior visto que estes também representam lugares de poder.

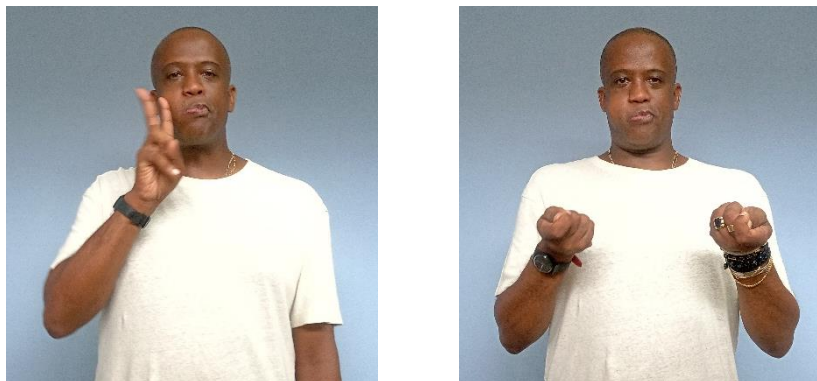


Figura 159: DIRETOR e GESTOR/COORDENADOR

Assim, o uso desta ENM nestes nomes pode remeter-nos não só para um sentido de força, mas também de intensidade, sentido esse que já explicamos anteriormente e que já vimos que é característico desta ENM.

Para além destes nomes cujos conceitos se assemelham, existem outros em que o uso da produção poderá ter alguma base comum com outra classe gramatical, mas que foi estendida ao nome. Um desses exemplos cuja produção implica a realização desta ENM é IDOSO, que apresentamos na figura 160.



Figura 160: IDOSO

Apesar de grande parte dos informantes não conseguir explicar a causa da existência desta ENM, foi discutida a possibilidade de se relacionar com incapacidade/não ser capaz ou com a ideia de, pela idade, não conseguir fazer determinadas coisas, o que refletiria o sentido de negação que já vimos ser próprio desta ENM. Por outro lado, foi também discutida a hipótese da ENM, neste caso, refletir a ideia de intensidade, no sentido de *alguém que já existe há muito tempo*, sentido este que já vimos anteriormente.

Outro exemplo é o sinal RESTAURANTE cuja produção pode ser executada de duas formas tal como vemos na figura 161.

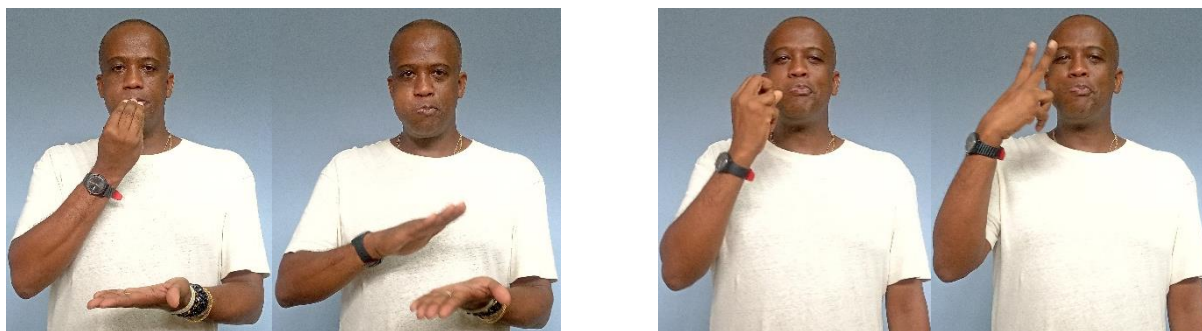


Figura 161: RESTAURANTE e COMER.FORA

A justificação que obtivemos para a existência da bochecha inflada neste sinal não apresentou uniformidade, todavia, todas as propostas sugeridas apresentam, em alguma medida, uma coerência ou traço comum a alguns dos sentidos empregues a esta ENM. Foi-nos dito que a bochecha inflada significaria um volume grande representando assim a ideia de um grande conteúdo, isto é, um prato cheio de comida, o que se coaduna com a hipótese que apresentamos para as preposições (cf. 5.1.3) e que remete para a ideia de algo que está em algo, ou seja, um conteúdo contido em algo. Por outro lado, e mais uma vez associada à ideia de quantidade, poderá transparecer a ideia de ter muito dinheiro, fator essencial para, na altura, ir a um restaurante ou ser, ainda, indicativo de longa duração, isto é, como era raro a pessoa ter possibilidade de ir a um restaurante, quando o fazia, significaria que iria ficar lá muito tempo. Apesar de não termos conseguido apurar qual a hipótese que melhor se coadunava com o sentido do sinal, a verdade é que, em parte, todas são válidas.

Por último, o nome PÊSSEGO, cuja produção visualizamos abaixo na figura 162.



Figura 162: PÊSSEGO

Contrariamente ao sinal anterior, a justificação dada para a presença da bochecha inflada neste sinal foi unânime entre os participantes. Desta forma, a hipótese que o grupo

validou baseia-se na ideia de que a bochecha representa o caroço da fruta que, muitas vezes, fica algum tempo na boca mesmo depois de se comer o fruto na totalidade.

5.1.5. Adjetivo numeral

Os adjetivos numerais são utilizados para expressar uma ordem e em LSP fazem-se acompanhar do uso da ENM bochecha inflada. Assim, quando falamos em anos escolares ou em qualquer outro tipo de ordem seja de ações, acontecimentos, listas, entre outros, o uso do sinal do numeral é acompanhado pela ENM. Vejamos na figura 163 exemplos do que acabamos de explicar.

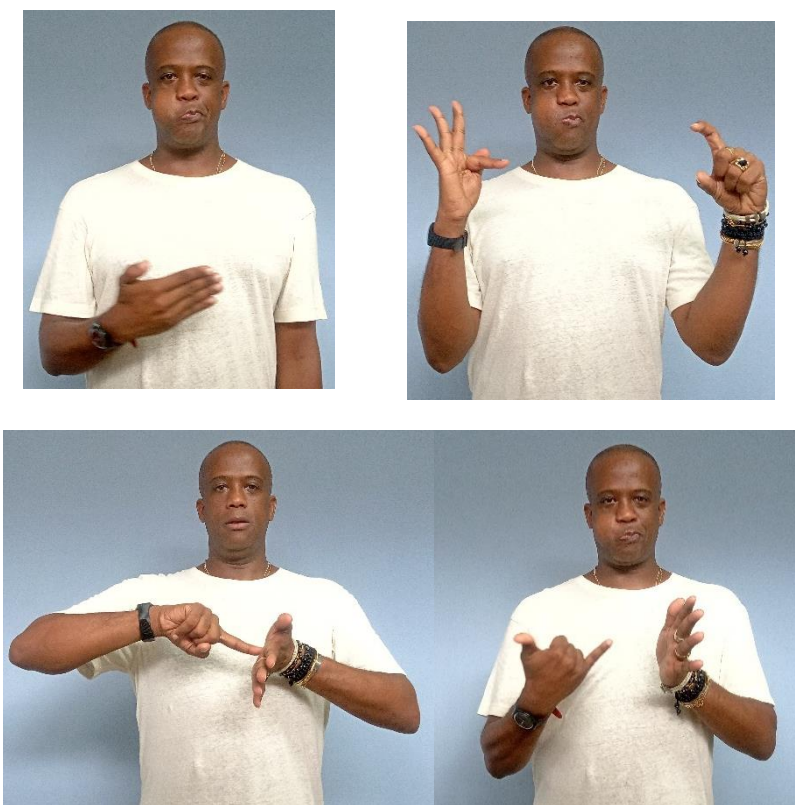


Figura 163: SÉTIMO.ANO, QUARTO.ANDAR e TESTE.SEGUNDO

No primeiro exemplo, em cima à esquerda, o informante produz SÉTIMO.ANO referindo-se ao ano escolar, que identificamos pelo sinal de ESCOLA que antecede o numeral. No exemplo que se encontra em cima e a direita é visível a informação referente a QUARTO.ANDAR que é precedido pela indicação de APARTAMENTO, seguida da respetiva indicação no andar em que se localiza. No terceiro exemplo presente nas duas figuras em baixo podemos ver o sinal TESTE que é seguido do sinal SEGUNDO, em que é possível identificar a bochecha inflada. Assim, em todos os exemplos pudemos

constatar que o numeral indicativo da ordem, independentemente de qual, é produzido sempre com a bochecha inflada. Quando questionamos os nossos informantes foi-nos apresentada a possibilidade de a bochecha inflada ser um reflexo da representação do indicador ordinal que, graficamente, acompanha os numerais, isto é, 7.º, 4.º e 2.º, que é refletido na ENM indicando assim, também, a ordem em LSP.

5.1.6. Quantificador

Como já pudemos perceber, a ENM bochecha inflada é bastante rica e produtiva, podendo formar uma diversidade de conceitos. Assim, além daqueles que já vimos anteriormente, a ENM tem a capacidade de se juntar a sinais formando um quantificador. Esses sinais aos quais se juntam podem ser nomes ou verbos. Vejamos na figura 164 os seguintes exemplos:

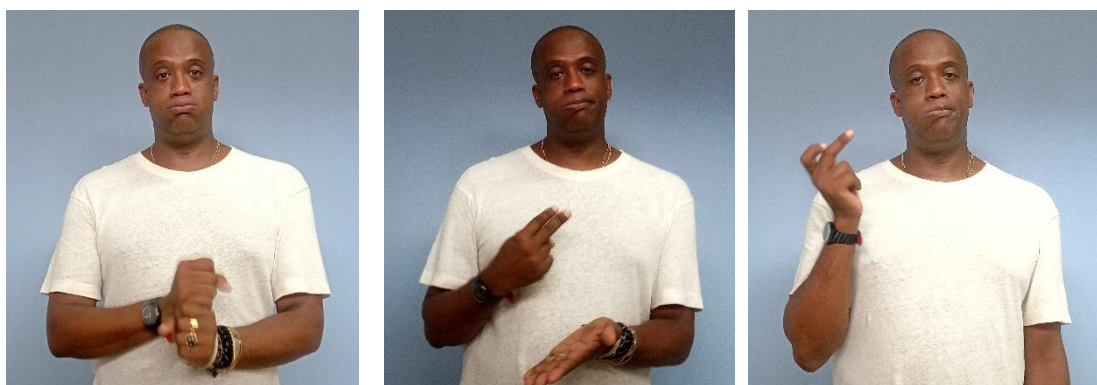


Figura 164: TRABALHAR MUITO, ESPERAR MUITO e MUITOS ANOS

Nesta lógica, as imagens à esquerda e no centro representam verbos, TRABALHAR e ESPERAR, respetivamente. Sem modelação, estes verbos são produzidos exatamente da mesma forma como se vê na figura, não apresentando a ENM. Porém, quando o emissor pretende transmitir uma ideia de intensidade, quantificando assim aquilo que o sinal matriz representa, adiciona-lhe o morfema ENM bochecha inflada, transformando assim o sentido do verbo numa ação muito mais forte tal como TRABALHAR MUITO e ESPERAR MUITO. Por sua vez, na imagem da direita vemos a mesma ENM, mas, neste caso, associada ao nome ANO. Na mesma lógica do que explanamos anteriormente, esta adição da ENM ao sinal matricial, representará algo mais intenso ou duradora tal como MUITOS ANOS. Como vemos, só com a adição da ENM o sentido base altera-se, quantificando e intensificando aquilo que se conceptualiza

apenas no sinal e a origem deste uso é, como já dissemos, gestual, uma vez que o ser humano apresenta estas manifestações faciais quando se refere a algo que tem um caráter de “muito/intenso”.

5.1.7. Classe variável

Nesta seção, apresentamos alguns sinais que também são acompanhados da bochecha inflada, mas que, consoante a sua posição na frase, a classe gramatical a que pertencem pode sofrer alterações.

Assim, como primeiro exemplo vemos o sinal PRECONCEITO ou PRECONCEITUOSO, na figura 165.

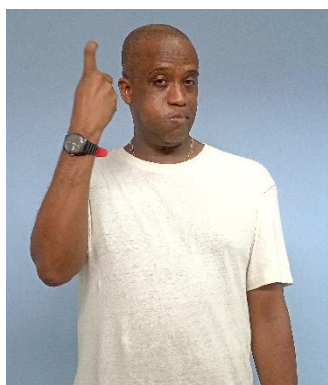


Figura 165: PRECONCEITO

Este sinal poderá representar um nome ou um adjetivo e, ao que consta, a presença da ENM nesta produção relaciona-se com o sentido aplicado às preposições por ser algo que está dentro. Neste caso, o sentimento que um preconceito gera é algo próprio ao ser humano, que surge no seu interior e, por isso, a ocorrência desta ENM.

O sinal presente na figura 166 poderá ser entendido como o verbo CORRIGIR ou como o nome CORREÇÃO, dependendo da posição que ocupa na frase.

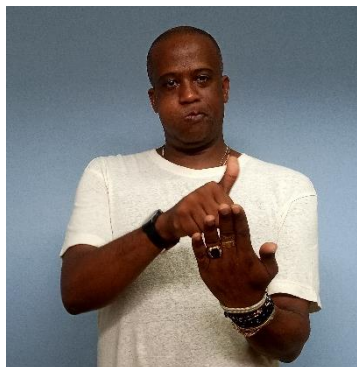


Figura 166: CORRIGIR/CORREÇÃO

Sobre este sinal importa dizer que os informantes indicaram que o uso da bochecha inflada tem a mesma raiz do que o sentido usado para as forças de autoridade, na medida em que aquele que corrige é quem tem o poder para o fazer.

Em seguida vemos a figura 167 que representa aquilo que pode ser entendido como o adjetivo LIMPO ou PURO.

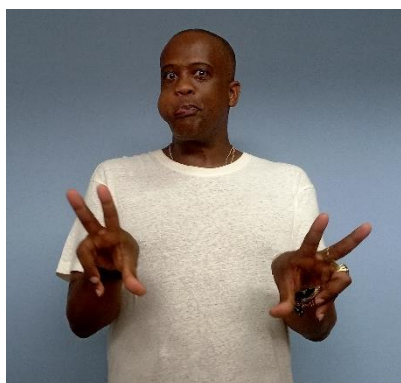


Figura 167: LIMPO

Todavia, além desses significados, este sinal pode ser utilizado noutra contexto em que se pretende dizer, por exemplo, que uma dívida está saldada ou quando concluímos uma tarefa que tínhamos em atraso. Desta forma, transmitimos a ideia de que nada em falta o que, em certa medida, se assemelha à ideia de manter as coisas limpas, não num sentido de sujidade, mas de estarem em conformidade. O uso da ENM bochecha inflada neste sinal apresenta a particularidade de o ar ser esvaziado ao longo do sinal, culminando o término do sinal com a bochecha vazia. Segundo os nossos informantes este poderá relacionar-se com a ideia de cheio ou de um todo que inicia dessa forma, mas que se vai perdendo, ou seja, no primeiro caso, cheio de sujidade que desaparece ou, no segundo, cheio de algo em falta que se compensa e resolve.

Neste sentido, ainda que apresentem variedade nas justificações do uso da ENM, elas são, na realidade, comuns ao uso aplicado noutros sinais de outras classes gramaticais pelo que cremos que é sensato aceitá-las como sendo válidas. Para mais, é extremamente curioso perceber como diferentes sinais cujos significados se apresentam como sendo bastantes distintos, apresentam algo que os assemelha: o significado por trás da ENM que é utilizada.

Por último, na figura 168 encontramos outro sinal com esta ENM.

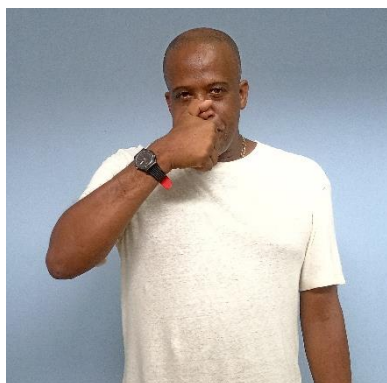


Figura 168: OCUPADO

Este sinal pode ser entendido como um adjetivo caso seja traduzido como OCUPADO ou CHEIO ou como um verbo na negativa quando é percecionado como NÃO.CABER. Assim, pode ser empregue em frases como *tenho andado muito ocupada* ou *já não cabia mais ninguém na discoteca*, frases que, no fundo, expressam sentidos semelhantes, mas com recurso a construções gramaticais distintas. Do que conseguimos apurar junto dos nossos informantes, a origem desta ENM neste sinal é comum a outros sinais que já vimos anteriormente, refletindo a ideia de muito ou intensidade, ou ainda de uma grande quantidade ou um grande volume.

5.2. “POH”

A ENM por nós designada por “POH” corresponde a uma pressão dos lábios um contra o outro com posterior abertura da boca. Vejamos a figura 169.



Figura 169: "POH"

5.2.1. Verbos

O sentido dado a esta ENM diz respeito a um processo que culmina em algo, maioritariamente, positivo. Assim, esta ENM emprega um sentido de consumação de uma ação ou *achivement*, como designado na bibliografia internacional. Uma vez que esta ENM determina ações que foram conseguidas é, logicamente, associada a verbos. Vejamos a figura 170 com as seguintes imagens ilustrativas:



Figura 170: ENTRAR.UNIVERSIDADE e CONSEGUIR.VER

Nas duas imagens à esquerda vemos que o informante produz primeiramente o sinal UNIVERSIDADE seguido de um sinal que poderá ser interpretado como INGRESSAR ou ENTRAR. Uma vez que este verbo é acompanhado da expressão de consumação, entende-se que o emissor pretende dizer que *conseguiu entrar na universidade*. Por sua vez, à direita, o informante apresenta o sinal correspondente ao verbo VER mas, neste caso, a forma matricial do verbo é acompanhada da ENM “POH”, com início da boca fechada e posterior abertura, o que nos remete automaticamente para uma alteração de significado que se traduzirá por *ter conseguido ver algo*.

Anteriormente referimos que esta ENM era maioritariamente associada a sentidos positivos. Efetivamente não podemos afirmar que o sentido é exclusivamente positivo pois, na recolha de dados, tivemos oportunidade de apurar uma resposta que nos aponta para um sentido negativo. Assim, o sinal MORRER pode ser executado acompanhado desta ENM, como podemos ver na figura 171.

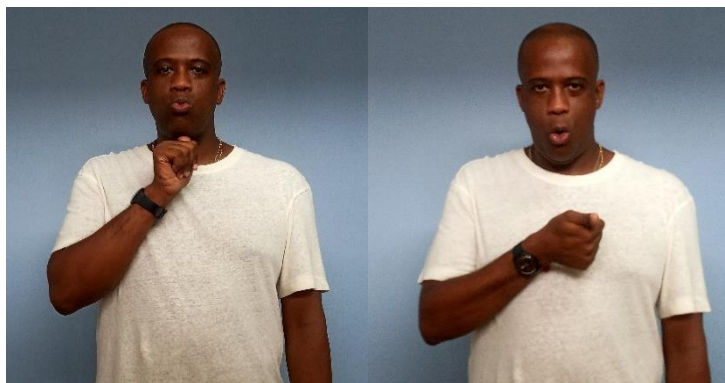


Figura 171: MORRER.POH

Apesar de poder parecer um pouco estranho empregar uma ENM com intuito de querer expressar que *alguém conseguiu morrer*, neste caso, esta ENM, associada a este sinal, do que apuramos junto dos nossos informantes, ela é utilizada em situações que pretendemos referir-nos a alguém que terá passado por situações de doença, por tratamentos, por uma luta inglória para sobreviver, tendo sido uma situação prolongada no tempo e acompanhada de muita dor pelo que, a morte, é vista como sinal de término do sofrimento e, por isso, ser-lhe atribuído o sentido de consumação.

Em suma, a ENM “POH” utiliza-se sempre em conjunto com verbos e concretiza-se quando se quer transmitir a ideia de se ter conseguido a ação à qual se associa a expressão. Do que apuramos, esta ENM surgiu na sequência e com estreita relação com a anterior: se a bochecha inflada aponta para negação, o contrário, a saída de ar e desaparecimento do inflar, indica também a ideia inversa e concretização da ação.

5.3. “TH”

A ENM designada por “TH” é a expressão em que a língua está entre os dentes, ligeiramente de fora da boca e é acompanhada de expulsão de ar. Vejamos a figura 172.



Figura 172: "TH"

Em seguida apresentaremos a manifestação desta ENM em diferentes classes gramaticais.

5.3.1. Verbos

Esta ENM forma verbos cujos significados podem ser ASSISTIR ou DELEITAR-SE, exemplos estes que podemos verificar na figura 173.

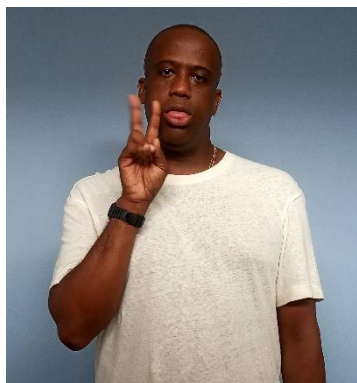


Figura 173: ASSISTIR e DELEITAR-SE

O sinal apresentado à esquerda é utilizado quando queremos dizer que *assistimos a algo* como por exemplo, um programa de televisão, um filme, uma peça de teatro, entre outros. De realçar que este tipo de sinal possui um sentido diferente do de VER uma vez que implica que a ação de visualizar se prolongue durante algum tempo, pelo que podemos concluir que a ENM contribuiu para a existência de uma junção de significados que albergam a ação e a sua duração. Por sua vez, na imagem da direita temos presente um sinal em que a mesma ENM é também associada a um verbo, mas com sentido de *ter prazer em algo* ou *deleitar-se com algo*, ou seja, representa uma ação que proporciona

um bom momento. Ambas as produções remetem-nos para o valor aspetual continuativo, uma vez que a ENM caracteriza a duração e o tempo de execução da ação.

Para além destes dois verbos, esta ENM é também associada a verbos cujo sentido nos remete para a dimensão ou o tamanho. Assim, verbos como PERDER, ENCOLHER e DIMINUIR servem-se da ENM “TH” para produzirem significado. Vejamos na figura 174 os exemplos de ENSURDECER, ENCOLHER e RESUMIR (entendido como diminuir o tamanho de texto, por exemplo).

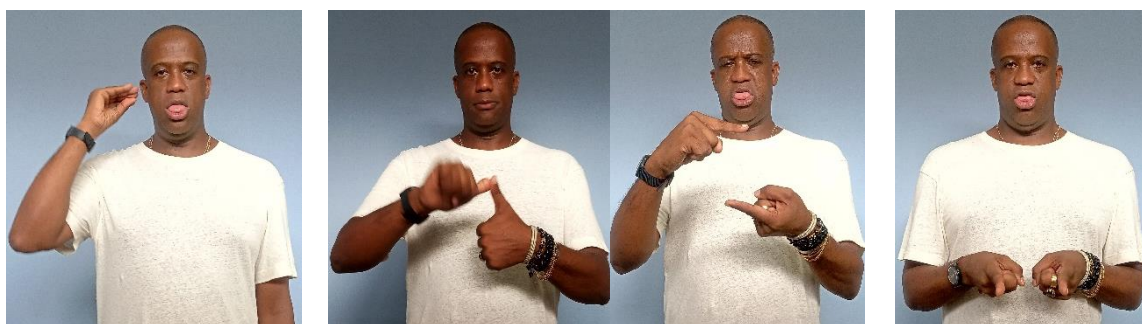


Figura 174: ENSURDECER, ENCOLHER.MEIA e RESUMIR

A imagem à esquerda representa o sinal ENSURDECER que é acompanhado por esta ENM. Acreditamos que tal acontece por este sinal poder também ser entendido como *perder a audição* ou *diminuição da capacidade de ouvir* o que, em ambos os casos, está intimamente relacionado com uma redução sendo precisamente esse o motivo deste sinal ser acompanhado desta ENM. Nas duas imagens ao centro podemos ver os sinais que indicam que *as meias encolheram*. Imaginemos que lavamos as meias na máquina de lavar roupa e que ao retirá-la verificamos que, por algum motivo, o tamanho destas diminuiu. Mais uma vez, para uma referência a uma alteração de tamanho para algo menor, a ENM utilizada é a indicado como “TH”. Por último, na imagem à direita, vemos o sinal que é utilizado quando pretendemos mencionar que resumimos alguma informação. Por exemplo, este sinal é aplicado quando se procede à ação de *resumir um texto* em que também se associa à ideia de redução de tamanho, neste caso, de um texto maior para um menor. Apesar destes sinais não terem que ser entendidos com sentido negativo, acreditamos que o uso desta ENM nestes exemplos é comum à que apresentaremos em seguida para os adjetivos e para os nomes. Como veremos, o “TH” é usado com sentido pejorativo e para referentes desagradáveis, perante os quais temos um sentimento de nojo ou, ainda, quando são considerados inferiores. Assim, por extensão semântica, a ENM poderá ter sido integrada nestes sinais que, na realidade, expressam a diminuição ou a perda de alguma característica o que, com base na gestualidade, faria

sentido. De realçar que o uso da ENM nestes sinais é com sentido desagradável, remetendo para a ideia de perda, contrariamente ao que acontece nos casos anteriores em que, por exemplo, a ENM do sinal DELEITAR-SE é neutra ou agradável, contribuindo para isso, também, o ligeiro fechamento dos olhos.

5.3.2. Adjetivos

Como já pudemos constatar, a ENM “TH” é bastante produtiva e concretiza-se em diferentes classes gramaticais sendo que os adjetivos não são exceção, tendo a dualidade de poder marcar quer características positivas como negativas.

No que diz respeito ao sentido positivo, o “TH” pode associar-se ao adjetivo FOFO para, com um cariz carinhoso, caracterizar superfícies que apresentem pelagem e que podem ser quer de animais quer de objetos como um casaco ou um peluche. Apresentamos dois exemplos de frases com o uso desta ENM com sentido positivo cuja visualização é possível através dos links. As frases em questão podem ser traduzidas por *cão com pelo fofo*, visível em <https://youtu.be/Km-8LeyhQOE> e *tenho um casaco de boa qualidade com pelo fofo*, visível em <https://youtu.be/cs-Ii4F6Txo>.

Assim, em ambos os exemplos, primeiramente o informante produz o sinal do referente, no primeiro caso o CÃO e no segundo o CASACO e, em seguida, qualifica o pelo como sendo fofo. É esta qualidade que implica a produção da ENM “TH” que nos remete para a ideia de algo agradável ao toque e que é suave para os dedos. De notar que a produção do adjetivo, em ambos os exemplos, é feita com as duas mãos na zona dos ombros e, por isso, a importância de explicitar o referente. Assim, no primeiro caso o informante assume-se como sendo o animal e por isso recorre ao seu corpo para indicar o pelo do animal. No segundo caso, o informante poderá ter recorrido ao facto de ter o casaco vestido ou apenas basear-se na forma do casaco tendo optado por indicar a característica fofo do pelo nos ombros, ecoando também assim o próprio referente e representando o traço semântico da gestualidade. A acrescentar ainda que, para reforçar o sentido “querido”, a ENM da boca é acompanhada de um ligeiro encolher das sobrancelhas e fechamento dos olhos fazem transparecer uma expressão que reforça o sentido amoroso e agradável empregue ao adjetivo e que tem a sua origem na gestualidade, isto é, na expressão que manifestamos quando estamos perante algo adorável ou agradável.

Ainda com sentido positivo e na mesma lógica, esta ENM é utilizada para qualificar seres humanos de “fofos”, mas, pelo que apuramos, sendo apenas possível fazê-lo com crianças. Tal acontece possivelmente porque este traço semântico não se associa culturalmente a adultos, a não ser em contextos de grande proximidade afetiva. Vejamos duas frases em que é empregue este recurso. Assim, na primeira, visível em <https://youtu.be/riw62YaUUyU> o informante diz-nos o seguinte: *trabalho no pré escolar com crianças que são muito fofinhas*, o que é, claramente, linguagem gestual da ENM que acompanha as bochechas. Na segunda frase em <https://youtu.be/qhwOswGW6TA> o informante refere que *as crianças pequeninas se dirigem a ele*. Assim, à semelhança dos exemplos anteriores, percebemos que a ENM é acompanhada com um ligeiro fecho dos olhos e encolher das sobrancelhas que nos remete para um sentimento ternurento e que reforça a qualidade do que é *fofo*. De notar que, na primeira frase, o adjetivo é produzido com a mesma configuração de mão da primeira parte do sinal CRIANÇA e que, nos parece, ser reflexo de um classificador da forma da cabeça. No segundo exemplo, podemos perceber que, para além do CL, também é possível qualificar as crianças através da referência ao seu pequeno tamanho, usando para tal as mãos abertas que, dispostas no espaço daquela forma, permitem perceber a altura do referente e transmitindo assim a ideia de algo querido e fofo pela pequena altura que possui. À semelhança do que acontece com os verbos, podemos constatar que, mais uma vez, esta ENM se associa à ideia de dimensão e/ou tamanho. Efetivamente, em ambos os casos, é sempre após a referência à criança que lhe é atribuída a adjetivação.

Curiosamente, o mesmo tipo de formação utilizado anteriormente para referência às crianças fofinhas, pode ser usado com sentido negativo, nomeadamente quando se pretende dizer que alguém tem um *comportamento infantil e desadequado*, tal como mostramos no vídeo no seguinte link: https://youtu.be/K_RtMJnpBhE. Contrariamente ao que anteriormente expusemos, este adjetivo é aplicado a um ser humano de uma faixa etária posterior à infância, designando assim um comportamento que já não é expectável para a idade em questão. Para isto, é obrigatório que a ENM seja mais intensa que a anterior, muitas vezes com um sopro mais curto, sendo acompanhada de um olhar também mais intenso com encolher mais ríspido das sobrancelhas e um ligeiro movimento de afastamento da cabeça, aspetos estes que são todos passíveis de serem identificados no vídeo. Todas estas manifestações revelam um sentimento negativo com intuito de mostrar reprovação e desagrado.

Ainda com sentido negativo, a ENM “TH” é utilizada com diferentes adjetivos que atribuem características menos boas ao ser humano ou a alguma situação, tais como INDECISO, QUEIXINHAS, DISTRAÍDO, FRACO ou DESAGRADÁVEL. Vejamos na figura 175 a produção destes exemplos.



Figura 175: INDECISO, QUEIXINHAS, DISTRAÍDO, FRACO e DESAGRADÁVEL

O sinal presente na imagem à esquerda na linha de cima, tal como o próprio nome indica, é utilizado em situações em que a pessoa se vê perante duas opções e não sabe qual escolher ou ainda quando está hesitante em tomar uma decisão. Na imagem ao centro na linha de cima vemos um sinal que é empregue quando alguém teve acesso a uma informação, viu ou assistiu a uma situação ou se sente injustiçado perante algo e decide partilhar isso com quem não era suposto fazê-lo sendo, por isso, apelidado de *queixinhas*. Em seguida, na imagem à direita na linha de cima, encontramos o exemplo que se usa para qualificar alguém que não está com atenção ou que tem sempre *a cabeça no ar*. Na linha de baixo, à esquerda, encontramos um sinal que é utilizado quer para pessoas, quer para situações ou ainda para alimentos e que reflete a característica de algo que não é apreciado ou não é do gosto do emissor e, por isso, ser qualificado enquanto *desagradável*. Por fim, as duas últimas imagens da linha de baixo, a do centro e a da direita, representam sinais que significam FRACO. O sinal ao centro pode ser utilizado para se referir a pessoas que não possuem força física ou psicológica, podendo também

qualificar acontecimentos que não tiveram qualidade ou objetos que não apresentam grande como, por exemplo, um filme cuja história foi fraca ou um sofá que era fraco por não suportar muito peso ou pelo desgaste que já apresentava. Por sua vez, a imagem da esquerda utiliza-se quando queremos adjetivar algo que tem pouca qualidade ou que não presta, para pessoas que não têm competências ou ações que foram ineficazes. Todos estes exemplos são acompanhados de uma ligeira modificação no olhar que reflete o sentido negativo que os sinais projetam e que pode, ainda, ser reforçado pela contração das sobrancelhas. Se pensarmos na careta que qualquer ser humano faz quando come algo que não lhe agrada ou presencia alguma situação desagradável, somos levados a acreditar na hipótese de a ENM “TH” com este valor seja oriunda da gestualidade.

Por último, a adjectivação pode ser referente a duração, aspeto este que também já vimos ser aplicado em relação aos verbos. Assim, esta ENM pode formar adjetivos como LENTO ou VAGAROSO em que a própria produção do sinal é, em si, executada de forma mais calma refletindo características inerentes ao conceito. Vejamos como se executa este adjetivo⁴⁰, na figura 176.



Figura 176: LENTO

Efetivamente, como constatamos, esta ENM é bastante produtiva, podendo distribuir-se por distintas classes gramaticais, tendo a capacidade de assumir diferentes valores. Neste caso, cremos, a ENM reflete mais um traço da gestualidade na medida que transparece a expressão que o ser humano faz quando está perante algo que “parece que não tem fim” e, por isso, sentir-se aborrecido e por a língua de fora.

⁴⁰ Muitas vezes, a classe gramatical só é distinguida em contexto, ou seja, advérbio/adjetivo têm o mesmo sinal.

5.3.3. Nomes

Apesar de nos parecer pouco comum, a ENM designada por “TH”, pode acompanhar a produção de nomes. Do que pudemos apurar, quando se associa a nomes, esta ENM pretende designar um referente de tamanho pequeno. Todavia, segundo os nossos informantes este não é um processo tão natural como a expressão “LÓLÓ” (cf. 2.5.2.3), sendo apenas utilizado quando há necessidade de expressar comparação com um referente idêntico, mas de tamanho grande. Um dos exemplos de oposição que nos foi indicado, e que podemos constatar nos vídeos abaixo, foram os seguintes: *ela realizou uma extensa investigação e escreveu um livro* - <https://youtu.be/aVPPVvTABdc> - enquanto que *ele fez uma investigação curta e escreveu um livrinho* - <https://youtu.be/Re7jnbm4rIs>. Neste caso em que são apresentadas ideias análogas, mas opostas, usa-se a ENM “TH” para expressar o curto tamanho do objeto por comparação com o mesmo objeto de tamanho maior, atribuindo-lhe assim um valor depreciativo e de inferioridade, tal como podemos constatar nos vídeos.

5.3.4. Advérbios

A ENM “TH” pode ser produzida em conjunto com advérbios como por exemplo FREQUENTEMENTE e FACILMENTE sendo a sua produção obrigatória para que o sinal esteja corretamente executado e atribuindo um valor de frequência associado também ao de duração, tal como já vimos nos exemplos anteriores. Assim, no primeiro caso temos como exemplo a frase *faço meditação frequentemente* - <https://youtu.be/3VYhY3Io7uY> - e, no segundo, a produção *escrevo facilmente com aquela caneta* (por oposição a outra que não escrevia bem) - https://youtu.be/OvQYt20M_EE. Efetivamente, em ambos os casos verificámos que o advérbio é produzido no final das frases e em simultâneo com a ENM. Como já vimos, esta ENM reflete a ideia de algo que é fácil, que “desliza” ou que não apresenta fricção por ser tão suave. Pensamos que é com base nesse sentido que a ENM “TH” é empregue nestes advérbios que, assim, refletem aspetos que dizem respeito a propriedades extralinguísticas dos referentes e que são, também, culturais.

5.4. Língua por dentro da bochecha

A ENM que agora apresentamos é por nós chamada como “língua por dentro da bochecha” porque há, efetivamente, um movimento da língua que inicia empurrando a bochecha para fora e que se dirige para a frente terminando na abertura da boca. Vejamos na figura 177 como se produz.



Figura 177: LÍNGUA.BOCHECHA

5.4.1. Verbos

Do que pudemos apurar, esta ENM apenas se manifesta em verbos. Exemplos disso são os verbos EXPERIMENTAR, TENTAR, IGNORAR ou CALHAR. Vejamos estes sinais na figura 178.



Figura 178: EXPERIMENTAR, TENTAR, IGNORAR e CALHAR

Assim, o primeiro exemplo é utilizado quando pretendemos indicar que vamos experimentar praticar uma ação como *experimentar comer sushi* ou *experimentar andar de patins*. O segundo exemplo indica uma tentativa de algo como *tentar deitar-me mais cedo* ou *tentar poupar dinheiro*. O terceiro exemplo é usado em contextos cuja pessoa não dá atenção ao que lhe é dito, ou não dá importância a uma situação ou, ainda, não quer saber do assunto em questão. Pode ser num sentido mais genérico perante algo que não diz diretamente respeito à pessoa e que não tem impacto direto no seu dia a dia, como

por exemplo, *a economia do país* ou *os problemas ambientais*, ou pode ser numa situação em que a pessoa está presente, mas que não está interessada no que está a acontecer como *a conversa entre amigas* ou *os conselhos dados pela mãe*. Finalmente, o quarto exemplo pode ser usado em contextos distintos não tendo uma tradução literal, podendo ser entendido como o verbo CALHAR, no sentido de uma ação que é feita ao calhas, sem rigor ou sem cuidado. Neste sentido, este sinal é empregue em situações que acontecem de forma aleatória, em casos que não apresentam rigor ou em acontecimentos que são ao acaso. Pode então ser utilizado para expressar *a resposta, ao calhas, que dei no teste* ou *a bebida que pedi no bar, não sabendo os preços dos produtos*.

Para além destes exemplos, esta ENM pode ser utilizada também com um sentido de experimentar, mas com um cariz sexual, quando alguém convida outro a ter alguma relação física de intimidade. Quando é usada com este sentido, a ENM faz-se acompanhar de uma alteração do olhar, que se dirige para o lado, com um arquear das sobrancelhas e até com um leve movimento de levantar do rosto, com projeção do queixo.

Todas estas manifestações no rosto parece-nos que refletem a expressão mímica e cultural utilizada aquando de provocações sexuais, no sentido de alguém convidar outro a experimentar algo íntimo. No que diz respeito à origem do uso da ENM, não conseguimos apurar o motivo do seu surgimento, todavia, foi possível aferir que todos os verbos que manifestam esta ENM apresentam um cariz negativo ou, pelo menos, oculto (nomeadamente no exemplo relacionado com o aspeto sexual) e, aqui, apresenta uma motivação gestuocultural.

5.5. “MA”

A ENM “MA” diz respeito a um movimento dos lábios que iniciam fechados e que executam uma ligeira sucção e posterior abertura, produzindo um som que se pode associar à designação que entendemos atribuir a esta ENM. Na figura 179 exemplificamos a produção.



Figura 179: “MA”

5.5.1. Verbos

Do que pudemos apurar, a ENM “MA” ocorre apenas na classe gramatical verbos sendo o seu uso diminuto. Assim, vejamos, na figura 180, dois exemplos em que identificamos a ENM.

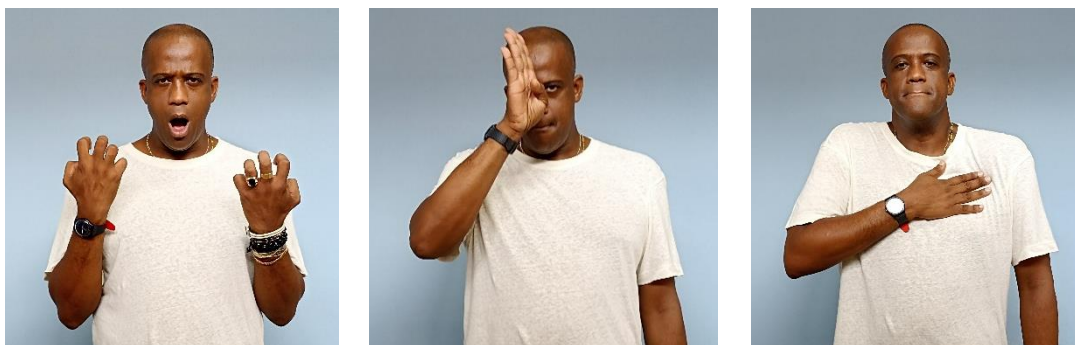


Figura 180: *QUERER.MUITO*, *JÁ.SEI* e *ADORAR*

O exemplo à esquerda representa o verbo *QUERER* mas que não remete para uma ação que apresente alguma leveza, ou seja, é um sinal utilizado quando se pretende transmitir a ideia de querer muito alguma coisa e, por isso, apresenta uma intensidade maior do que o outro sinal do verbo *QUERER* (cf. considerações finais). O exemplo ao centro diz respeito ao verbo *SABER* sendo que este tipo de produção é utilizado quando o emissor pretende dizer que já obteve alguma informação, que já sabe de algo ou, pode ainda ser utilizado em resposta a alguém que nos tenta explicar um assunto e que, a dado momento, compreendemos e, por isso, respondemos que *já sei*. Desta forma, este sinal possui um sentido um pouco distinto do que é utilizado apenas para a produção do *SABER* referente a *sei cozinhar* ou *sabes que horas são?* Por último, o exemplo à direita refere-se ao verbo *ADORAR* que se utiliza quando pretendemos dizer que adoramos algum objeto, como um sofá ou uma camisola, que adoramos praticar algum tipo de ação,

como viajar ou cozinhar ou, ainda, quando nos referimos a seres animados, como a nossa mãe ou animais. Existe outro sinal com o mesmo significado, mas que se utiliza num contexto distinto e que apresentaremos mais à frente (cf. 5.7.1).

Do que nos foi indicado, o uso desta ENM tem a sua origem na ideia de se desejar ou gostar tanto de algo ao ponto de se querer pegar, beijar ou comer, o que é válido para os sinais que apresentamos acima que representam ações como *querer*, *obter* e *adorar*.

5.6. “MA MA”

A ENM “MA MA” é semelhante à anterior, mas, nesta, o movimento dos lábios acontece em duplicado tal como podemos verificar na figura 181.

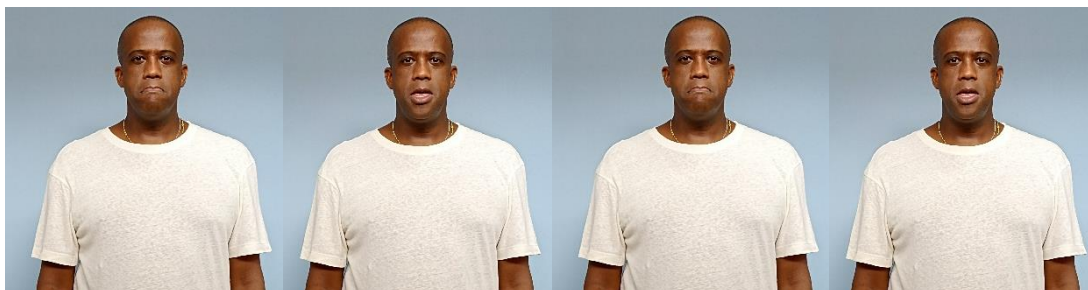


Figura 181: “MA MA”

5.6.1. Verbos

A ENM “MA MA” manifesta-se em verbos, mas, ao contrário do que já vimos anteriormente para, por exemplo, a ENM “TH” cujos significados são bastante semelhantes, estes apresentam sentidos claramente distintos. Vejamos, na figura 182, exemplos de ações em que há produção desta ENM.



Figura 182: FALTAR.ALGO, NÃO.LEMBRAR/BLOQUEAR e NÃO.CONSEGUIR

O sinal no exemplo à esquerda representa FALTAR e é utilizado quando algo está em falta, como por exemplo informação num texto, mobília numa casa ou o descanso. Nestes casos, produz-se em primeiro lugar aquilo que se pretende mencionar que está em falta e, posto isso, o verbo FALTAR, transmitindo assim a ideia da escassez daquilo que é indicado anteriormente. O exemplo que se encontra no centro apresenta-nos um sinal cuja tradução dá azo a várias opções. Assim, de uma forma genérica o sinal significará algo como NÃO.LEMBRAR, BLOQUEAR ou NÃO.OCORRER, no sentido cognitivo. Poderá ainda estar relacionado com ideias mais complexas que necessitam recorrer a uma frase para que o sentido seja expresso na íntegra, tais como *estar com a resposta debaixo da língua* ou *ficar perplexo perante alguma situação*, o que, na verdade, nos remete para as ações que referimos. Por último, o exemplo à direita remete-nos para uma ação que não é passível de ser executada ou para a dificuldade da pessoa em realizar algo, significando por isso NÃO.CONSEGUIR. Apesar de ter o mesmo significado, este sinal difere do que apresentamos em 5.1.1 uma vez que este caso se refere a situações mais complexas ou que implicaram tentativas e, no fim, a perceção de que efetivamente não seria possível, transmitindo assim a ideia de que se está preso a algo e que não se consegue largar. De uma forma coloquial, podemos entender este sinal como significando que algo *não dá mesmo*. Curioso percebermos que a negação/negativo na LSP não se produz apenas com recurso à bochecha inflada como já vimos (cf. 5.1.1), mas que utiliza também outros recursos assentes na realização da ENM. Em termos de motivação, podemos aventar a possibilidade de esta ter origem numa interjeição da LP, nomeadamente “mas caramba” que remete para algo que muitas vezes é expresso oralmente quando estamos perante situações complicadas, que não se desenrolam ou que apresentam alguma dificuldade. Assim seria possível proferir algo como “mas caramba falta-me concluir o trabalho”, “mas caramba não me lembro do nome do medicamento” ou “mas caramba não consigo passar à disciplina de matemática” e que, com o tempo e com a perda da labialização na íntegra, faria com que permanecesse apenas o recurso à repetição do início da palavra *mas*.

Na figura 183 mostramos a realização desta ENM em três verbos distintos, mas que, ainda assim, representam ações que se assemelham semanticamente e que assentam na ideia de acréscimo.



Figura 183: ACUMULAR, ADICIONAR e ACRESCENTAR

No exemplo à esquerda vemos um verbo que poderá significar ACUMULAR e que pode ser utilizado para quando nos queremos referir a ações que são repetidas, isto é, dizer que alguém está constantemente a mentir ou a faltar a palavra sendo, por isso, um acumular de situações. O verbo representado no exemplo ao centro, apesar de também ter um sentido que nos remete para uma adição que diz respeito ao juntar de coisas, como por exemplo, dividir a conta do jantar por vários e assim sendo, juntar o dinheiro para pagar o valor total. Por último, o exemplo à direita é referente a um verbo que se utiliza quando se pretende referir o acrescentar e aumento de algo, por exemplo, acrescentar mais informação a um texto ou acrescentar a quantidade de exercício físico semanal. Pode ainda ser usado com sentido negativo quando referimos que alguém falou demais sem ser necessário, isto é, acrescentou algo em demasia. Assim, apesar de possuírem sentidos ligeiramente distintos e de serem empregues em situações específicas, estes três verbos são produzidos com repetição do sinal e recurso à ENM que aponta para a ideia de repetição.

Por último, vejamos, na figura 184, dois verbos que utilizam a ENM “MA MA” e que, apesar de apresentarem significados distintos, a origem da ENM, em ambos os sinais, é oriunda da labialização.



Figura 184: *PREFERIR e PREPARAR*

Como vemos, a produção destes dois verbos é diferente sendo que num dos casos é um sinal que utiliza apenas uma mão e, no outro, é um sinal bi-manual. O exemplo à esquerda significa *PREFERIR* e o exemplo à direita significa *PREPARAR*. Estes verbos apresentam a particularidade de, em LP, iniciarem com a mesma letra, a -P. Nesse sentido, do que apuramos, a ENM que lhes está associada é uma evolução da oralização das palavras *preferir* e *preparar* que, com o tempo, foram deixando de ser oralizadas na totalidade, mas que, ainda assim, mantiveram uma obrigatoriedade de ENM assente na oralização da primeira letra que originou a chamada “MA MA”. É, portanto, uma ENM criada com base no processo de *mouthing* que já explanamos (cf. 2.2)

5.6.2. Advérbios

Quando produz advérbios, esta ENM assume um valor de frequência ou repetição e que se caracteriza, também, pela repetição do sinal, podendo ser entendida como um eco do mesmo ou, até, como a marcação de um ritmo que se repete. Pensemos em dois exemplos: *vou muitas vezes à loja Zara* - <https://youtu.be/XtdDgfTG4w4> - e *vi essa novela várias vezes* - <https://youtu.be/ddoFTU7F9-E>. Assim, o primeiro exemplo representa um sinal que é utilizado quando o emissor pretende dizer que vai muitas vezes a um local ou espaço físico, como por exemplo ao café, ao parque ou à casa da irmã. Este sinal transmite assim a ideia de uma ação repetida ou constante, isto é, que acontece frequentemente e que implica a deslocação a um sítio. Apesar deste sinal e do apresentado anteriormente (cf. 5.3.4) serem semelhantes em termos de significado, a utilização e

emprego de ambos apresenta algumas diferenças. Efetivamente ambos se relacionam com uma ação que é repetida com alguma frequência, todavia o sinal apresentado neste subponto implica sempre uma deslocação e uma ida a um local e representa uma ação um pouco mais programada o que, por sua vez, não acontece com o outro sinal em que a ação repetida pode ser executada sem qualquer alteração do local onde é feita sendo a ação menos sistemática e mais vaga. Por sua vez, o segundo exemplo também assenta na ideia de repetição de uma ação, todavia não se relaciona com idas a locais. Este sinal utiliza-se quando aquilo que se pretende transmitir são ações que se repetem num período de tempo variável, tal como *ter visto muitas vezes o mesmo filme* ou *acordar constantemente a meio da noite*.

Ambos os sinais representam advérbios e recorrem ao uso da ENM “MA MA” cuja produção acompanha os movimentos que são executados pela mão. Quando apresentamos esta ENM aos nossos informantes, estes indicaram-nos que, para eles, faria mais sentido esta ENM ser apelidada de “MAMAMA” visto que, segundo nos disseram, esta expressão é usada em casos cuja ação se repete e, por isso, assentar numa ideia de “mais, mais, mais” o que, por evolução da oralização, resultaria apenas na produção do início da palavra repetida, motivo pelo qual utilizamos a designação “MA MA”.

5.7.Mordida do lábio inferior

A ENM “mordida do lábio inferior” é um reflexo daquilo que o nome designa: os dentes da zona superior encontram-se por cima do lábio inferior, mordendo-o. Vejamos a figura 185 com a sua representação.

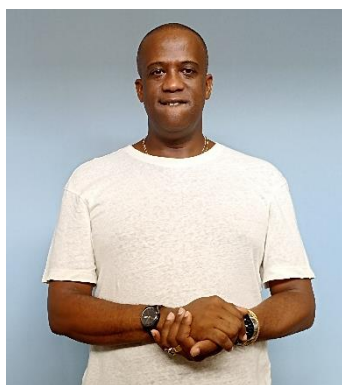


Figura 185: MORDIDA.LÁBIO INFERIOR

5.7.1. Verbos

A ENM “mordida do lábio inferior” distribuiu-se por algumas classes gramaticais sendo uma delas os verbos. Vejamos os exemplos presentes na figura 186.



Figura 186: ADORAR, NOTAR/REPARAR e DESCONFIAR

O sinal à esquerda representa o verbo ADORAR cuja utilização é referente apenas a alimentos/comida, isto é, quando se pretende dizer que se gosta muito de algum tipo de alimento ou de refeição⁴¹. O exemplo representado no meio pode ser entendido como NOTAR ou REPARAR seja em alguma situação, ação ou pessoa, por exemplo, *notei que estás mais magra*. Por último, à direita, vemos o sinal DESCONFIAR, como por exemplo na frase *desconfio que ela anda a faltar às aulas*. Segundo os nossos informantes, estes dois últimos exemplos podem ou não ser executados com acompanhamento da ENM pois, muitas vezes, depende do contexto e da forma como são utilizados. Ainda assim, foi-nos dito que uma das possibilidades é com a ENM pelo que optamos por incluí-los nesta descrição. Cremos que o uso desta ENM em verbos apresenta uma base cultural pois há um reflexo do conceito do sinal em relação àquilo que o ser humano manifesta na linguagem não verbal. Assim, quando queremos manifestar que gostamos muito de alguma coisa podemos morder o lábio de baixo transmitindo assim a ideia de que algo é irresistível, tentador, delicioso. Por outro lado, quando pensamos nos conceitos de *notar/reparar* e *desconfiar*, estes também podem ser culturalmente associados ao ato de morder o lábio pois refletem uma ideia como que significando “ai meu Deus” ou algum tipo de aflição ou, ainda, alguma forma de reprovação social em que, tendencialmente, é dada uma mordida no lábio.

⁴¹ Este sinal, em termos de pureza linguística, é utilizado para este significado, o de adorar alimentos. Todavia, provavelmente por extensão semântica e desconhecimento, é comum encontrar a sua produção associada a outros referentes como, por exemplo, ações, pessoas, animais e/ou objetos.

5.7.2. Classe variável

Os exemplos que vamos apresentar em seguida que utilizam esta ENM podem ser categorizados enquanto adjetivos ou nomes, dependendo da posição que ocupam na frase. Quando são adjetivos, estes dizem, todos, respeito a qualificações com um cariz positivo pelo que acreditamos que, no geral, a “mordida do lábio inferior” quando está presente em adjetivos, representam algo de bom e agradável. Por sua vez, quando o mesmo sinal é categorizado enquanto nome este apresenta, também, uma vertente positiva e agradável. Vejamos abaixo alguns exemplos de adjetivos:



Figura 187: BOM

A figura 187 representa um sinal que pode ser entendido como BOM e que se utiliza quando pretendemos dizer que algo é agradável, satisfatório ou prazeroso para nós. Podemos então referir que *a minha mãe é boa*, no sentido de ser uma pessoa de boa índole ou utilizar quando pretendemos dizer que uma refeição nos soube muito bem.



Figura 188: INTERESSE/INTERESSANTE

A figura 188 representa o adjetivo INTERESSANTE é utilizado para qualificar qualquer tipo de situação, pessoa, evento, entre outros, tal como, a *palestra foi interessante*. Por outro lado, este mesmo sinal pode ser entendido como INTERESSE no caso de quisermos, por exemplo, expressar a frase, *tenho interesse em aprender línguas*.



Figura 189: SATISFEITO

Por último, a figura 189 diz respeito ao sinal SATISFEITO e pode ser utilizado quando ficamos felizes ou nos sentimos bem perante algo seja uma refeição ou uma ação que alguém efetua, isto é, *fiquei satisfeito com o teu desempenho no teste*. Por outro lado, este sinal pode ser entendido como um nome quando integrado, por exemplo, na frase, *é com satisfação que participo nesta festa*.

Neste sentido, como podemos verificar, a ENM “mordida do lábio inferior” quando se produz em adjetivos fá-lo com aqueles que qualificam aspetos positivos e quando se associa a nomes manifesta uma entidade com sentido positivo, o que nos permite concluir que, apesar da alteração da classe gramatical, a ENM segue a mesma matriz de significado, tal como acontece nos verbos.

Como já vimos anteriormente (cf. 2.5.2.3) esta ENM é utilizada nos graus dos nomes quando se pretende intensificá-los e, por isso, formar o grau aumentativo do nome, tal como podemos constatar na figura 190.



Figura 190: CASARÃO-CL

Desta forma, para se produzir, por exemplo, o sinal que apresentamos acima, referente a CASARÃO, há que produzir, primeiramente, o sinal do nome no grau normal seguido do grau aumentativo. Este grau é formado através do uso de um classificador de tamanho que descreve um movimento para os lados, transmitindo assim a ideia de aumento do tamanho do referente. Esta formação é acompanhada da ENM “mordida do lábio inferior” cuja produção é obrigatória. Além disso, a mesma produção pode ser vista como um adjetivo se for entendida enquanto CASA GRANDE⁴². Assim, como percebemos, é possível formar adjetivos e nomes através do uso desta ENM que, mantendo-se idêntica, poderá ter mais do que uma interpretação dependendo daquilo que o emissor pretende expressar e transmitir.

Tal como já referimos (cf. 2.5.2.2) esta ENM também se associa à formação do plural dos nomes, em situações quantificáveis até cinco. Assim, a frase *quatro camisas* é expressa através da produção do sinal CAMISA seguido do numeral, feito através da seleção de quatro dedos da mão (indicador, médio, anelar e mínimo) que, ao efetuar a rotação do antebraço, é acompanhada da “mordida do lábio inferior”. Vejamos na figura 195 os sinais que constituem esta frase.



Figura 191: CAMISAS 4

Por último, ainda na categoria nome, esta ENM é utilizada para formar o aumento da quantidade de algo, seja o dobro, o triplo, o quádruplo ou apenas uma quantidade maior, sem especificar o quanto.

⁴² Apesar de em LP, casarão e casa grande não serem equivalentes, em LSP é difícil produzir esta distinção.



Figura 192: *DOBRO*

Assim, como vemos na figura 196, a mordida do lábio inferior em conjunto com o sinal remete-nos para algo em maior quantidade, talvez, por isso, aqui se associe a numerais quantificadores. Se, por exemplo, este sinal for associado ao sinal TEMA, significará *o dobro dos temas*.

5.8. “PRR”

A ENM designada por “PRR” corresponde a um movimento simultâneo dos lábios, superior e inferior, que ocorre como consequência da expulsão de ar pela boca. Assim, os lábios descrevem um movimento rápido que produz um som que se assemelha à denominação da ENM. Na figura 197 exemplificamos a produção.



Figura 193: “PRR”

5.8.1. Verbos

Os sinais que mostraremos em seguida fazem-se acompanhar do uso desta ENM e todos eles representam verbos uma vez que refletem ações. Optamos por mostrar um número considerável de exemplos visto esta ENM ser tão produtiva nesta classe

gramatical e para que assim seja possível compreender a provável razão da sua utilização. Neste sentido, vejamos a figura 198.



Figura 194: APARECER/SURGIR, SURPREENDER, RESOLVER/DESAPARECER

Nas imagens acima vemos representados, respetivamente, os verbos APARECER ou SURGIR, SUPREENDER e RESOLVER ou DESAPARECER. O sinal à esquerda é utilizado quando pretendemos dizer que alguém apareceu, que surgiu algum acontecimento ou tema. Caso queira ser referido no plural pode ser reproduzido de forma repetida e com ambas as mãos. O sinal do meio indica que a pessoa ficou surpreendida pois aconteceu algo de que não estava à espera. Por último, à direita vemos um sinal cujo significado pode ser entendido enquanto RESOLVER um problema, uma situação complicada ou como o DESAPARECER de alguém, de algum problema ou situação. Segundo as informações que obtivemos juntos dos nossos informantes, o uso desta ENM prende-se com verbos em que há uma alteração de estado, passando de uma situação para outra oposta, representando o “PRR” o momento em que ocorre a alteração do momento antes da ação, para o momento da ação em que o verbo traz alguma mudança ao estado em que se encontravam as coisas.

De realçar que este último sinal também pode ser executado em conjunto com a ENM “POH” que como já vimos (cf. 5.2.1) apresenta um valor de consumação. Assim, enquanto que a ENM apresentada neste subponto refletirá uma ideia de algo que se vai dissipando com o tempo apresentando um carácter progressivo, numa lógica de *os problemas foram sendo resolvidos* ou *o nevoeiro foi desaparecendo*, o mesmo sinal com ENM “POH”, transmitirá a ideia de algo que é imediato e instantâneo como *o problema está resolvido* e que remete, como dissemos, para uma ação consumada e concluída.

Para além destes verbos, podemos encontrar esta ENM noutros sinais que também pertencem a esta classe gramatical e que encontramos na figura 199.



Figura 195: RECUSAR, DESOBEDECER, DESPEDIR, PARTIR.VIDRO, PARTIR.PERNA e PARTIR.OBJETO

Assim, na imagem à esquerda na linha de cima, apresentamos o verbo RECUSAR que é empregue quando alguém não quer ou não aceita algo. Depois disso, ao centro, vemos o sinal DESOBEDECER que é utilizado quando alguém não cumpre uma ordem que lhe foi dada ou não segue uma regra e que também pode ser entendido como DESRESPEITAR. Na imagem a direita na linha de cima, o sinal indica DESPEDIR e é utilizado quando alguém é despedido de um posto de trabalho podendo também ser aplicado em casos em que se pretende dizer que alguém foi excluído de algo ou deixado fora. Por último, na linha de baixo, encontramos o sinal PARTIR cuja execução é feita nos moldes do verbo classificador que já vimos (cf. 2.5.2.6). Assim, a execução deste verbo varia de formato consoante o referente, sendo obrigatório executar primeiramente o sinal que indica o objeto sobre o qual vai recair a ação de partir. Na imagem da esquerda vemos o sinal PARTIR VIDRO em que o verbo é executado com as mãos abertas e abanam ligeiramente para a frente e para trás transmitindo assim a ideia do vidro a estalar. Na imagem do centro, vemos o sinal PARTIR PERNA cujas configurações de mão nos remetem para a forma do osso e o movimento indica uma deslocação de duas partes do osso em sentidos opostos e, por conseguinte, o partir. Na imagem da direita apresentamos uma forma do verbo mais genérica e que é usada para objetos podendo o PARTIR ser entendido numa lógica de “partir o funcionamento” e, por isso, interpretado também

como AVARIAR. Esta produção é utilizada, por exemplo, para PARTIR COMPUTADOR indicando assim que o objeto deixou de funcionar. Independentemente da forma, a produção do sinal referente ao verbo apresenta, em todos os casos, a ENM “PRR” está presente.

Assim, cremos que a origem do uso desta ENM neste tipo de verbos se prende com o eco do movimento dos referentes e que está, em grande medida, associado a um significado negativo. A ENM marca desta forma aquilo que fazemos quando recusamos algo e mostramos repulsa, quando desobedecemos e “não queremos saber”, quando despedimos ou afastamos alguém com base num “sai daqui para fora”, isto é, fazemos algum tipo de movimento corporal que é acompanhado de um “prrr” produzido com os lábios, ou, ainda, quando algo se parte ou quebra e que, eventualmente, fica feito em muitos pedaços, o que leva a pessoa a produzir um “prrr”, seja pela quantidade de matéria que tem à sua frente, como pelo desconfortável que é a situação.

5.8.2. Nomes

Contrariamente ao que acontece com a categoria gramatical apresentada anteriormente em que a ENM “PRR” é bastante produtiva, na categoria nomes a ENM é quase inexistente tendo apenas sido possível apurar um registo. Assim, apresentamos na figura 200 o exemplo em que “PRR” surge.



Figura 196: LOCAL

Neste sentido, o sinal acima significa TERRA, LOCAL ou LOCALIDADE. Assim, por exemplo, na frase, *a conferência é em Lisboa*, utilizar-se-á este sinal para dar indicação do onde, referindo assim o sítio onde será o evento. Segundo os nossos informantes a utilização desta ENM reflete as características da terra, não enquanto local,

mas daquela que está no solo e que ao pegar, escorre por entre os dedos. Na verdade, o sinal que aqui vemos apresenta CM e MM iguais aos que são usados para o sinal TERRA enquanto camada do solo, poeira, sendo este sinal localizado no queixo. Neste caso, o sinal de TERRA enquanto local assumiu propriedade idênticas tendo alterado o espaço de sinalização e acrescentado a ENM.

5.9. "TÁ"

Nesta ENM a língua encontra-se ligeiramente para fora e entre os dentes ocorrendo depois uma abertura da boca e que, por sucção da língua no céu da boca, leva a que ocorra um ligeiro estalido sendo por isso que a denominamos "TÁ". Vejamos na figura 201 como é produzida esta ENM.



Figura 197: "TÁ"

5.9.1. Verbos

É possível encontrar esta ENM na produção de sinais referentes a verbos. Vejamos os exemplos da figura 202.



Figura 198: MEMORIZAR e ACABOU.ACONTECER

Na imagem da esquerda vemos o sinal correspondente a MEMORIZAR que é utilizado quando fixamos alguma informação ou retemos algo que vimos ou nos foi dito. A imagem da direita diz respeito a um sinal que retrata um acontecimento recente e poderá ser entendido como ACONTECER, mas que foi há pouco tempo, isto é, que acabou de acontecer e que terá uma relação com a informação que será dita depois. Na frase *quando terminei a tese fiquei emocionada* a produção em LSP podia ser executada com recurso a este sinal significando que o término da tese tinha acabado de acontecer o que, conseqüentemente, me levou a sentir emocionada. Assim, quando se materializa em verbos, o “TÁ” indica ações que já aconteceram e que de alguma forma não voltam atrás. Do que observamos e discutimos com os nossos informantes, estamos em crer que o uso da ENM nesta categoria gramatical apresenta uma origem semelhante à anterior visto parecer-nos que é oriundo da oralização “tá feito” que originou o “TÁ”.

5.9.2. Adjetivos

Esta ENM pode ainda materializar-se aquando do uso de adjetivos como os exemplos que vemos na figura 203.



Figura 199: CULPADO, ESQUISITO e FAZER.SEM.PENSAR

Na imagem à esquerda encontramos um sinal que pode ser entendido como CULPADO e que pode ser utilizado, por exemplo, na frase, *tive um acidente de carro e a culpa foi de quem me bateu*, indicando assim que o culpado foi o outro condutor e não eu. Na imagem ao centro encontramos um sinal que é empregue com os sentidos de ESQUISITO ou ESTRANHO e que pode ser aplicado quer a pessoas como a situações para identificar precisamente quando algo que não é habitual ou alguém que apresenta comportamentos ou ações fora do normal. Por último, na imagem à direita podemos ver o sinal que é muitas vezes percecionado enquanto NÃO.TER.CONSCIÊNCIA, mas que

também pode ser entendido como FAZER.SEM.PENSAR, empregue em contexto em que a pessoa efetivamente fez algo sem se aperceber ou que não tinha a perceção de alguma situação ou assunto. A explicação para o uso desta ENM em adjetivos aproxima-se bastante daquela que expusemos anteriormente aquando do uso em verbos. Assim, o “TÁ” terá derivado da oralização precisamente da palavra em LP “está”, ou abreviada “tá”, remetendo para um acontecimento que “tá feito” e transmitindo a ideia de que “é assim”, “já aconteceu” e, por isso, “tá concretizado”.

A ENM “TÁ” pode ser utilizada quando se pretende comparar dois referentes dizendo que ambos são exatamente igual, tal como vemos na figura 204.



Figura 200: EXATAMENTE.IGUAL

Este sinal pode ser utilizado quer para questões físicas, concretas e palpáveis, como por exemplo, *o ordenado deles é o mesmo*, quer para situações mais abstratas ou emocionais, isto é, *elas têm o mesmo feitio*. De realçar que este sinal é utilizado sempre no final da frase, depois de se apresentarem as ideias que se pretendem igualar. Segundo os nossos informantes, o uso desta ENM aquando da produção deste sinal tem uma origem na oralização da expressão “tal e qual” que se foi dissipando e que resultou apenas no referido “TÁ”.

5.10. “TÁ TÁ”

No seguimento da ENM anterior, apresentamos agora a ENM “TÁ TÁ” cuja realização é idêntica à que vimos no subponto anterior, mas neste caso há uma repetição do movimento da boca, tal como o próprio nome indica. Vejamos na figura 205 a produção desta ENM.



Figura 201: "TÁ TÁ"

5.10.1. Verbos

Esta ENM não tem um grande número de ocorrências na LSP. Ainda assim, foi possível identificar o seu uso em alguns verbos cujos exemplos podemos visualizar na figura 206.

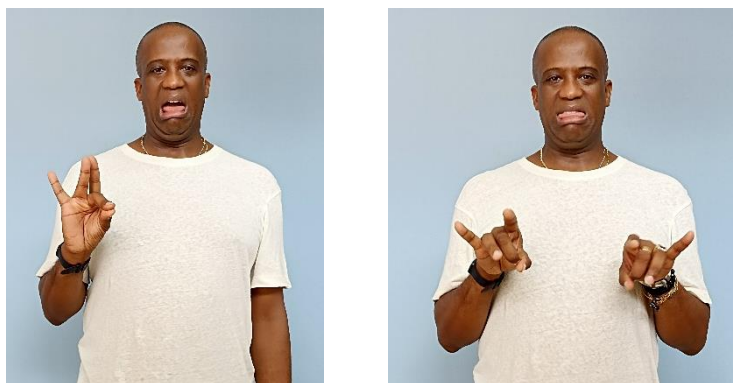


Figura 202: COLAR e EVITAR

Na imagem da esquerda podemos ver o sinal que corresponde a COLAR e na imagem da direita o sinal EVITAR, ambos acompanhados da ENM “TÁ TÁ”, que acontece em simultâneo como movimentos dos dedos. De uma forma geral, os nossos informantes disseram-nos que o uso da ENM se prendia com a produção de ações repetidas o que poderia fazer sentido se pensarmos que em ambos os verbos, COLAR e EVITAR, as ações podem ser feitas mais do que uma vez. Todavia, cremos que o uso desta ENM para o exemplo da esquerda terá uma base da gestualidade na medida em que corresponde aos movimentos que executamos com a boca quando queremos indicar que algo é pegajoso e, em certa medida, que cola. Por sua vez, o exemplo da direita poderá ter uma base da oralidade se pensarmos na frase “tá quieto”, cuja primeira palavra se assemelha a “TÁ” e que, repetindo a frase, originará a ENM em questão, ou, ainda, ter origem na labialização de parte da palavra EVITAR, nomeadamente a sílaba “tar”.

5.10.2. Adjetivos

Apesar de ser uma ENM praticamente inexistente em adjetivos, mas, ainda assim, pudemos apurar a produção em pelo menos uma manifestação. Vejamos na figura 207 essa produção.



Figura 203: PARECIDO/SEMELHANTE

Na imagem podemos encontrar a produção de um sinal que pode ser entendido como PARECIDO ou SEMELHANTE e cuja utilização remete para a ideia de uma comparação entre dois referentes que apresentam, por exemplo, semelhanças físicas. Pode ainda ser empregue em contextos em que falamos de ações análogas executadas por duas pessoas ou animais. À semelhança do subponto anterior, este uso também nos remete para uma ideia de algo repetido, na medida em que aquilo que se identifica num referente, é igual ou repetido pelo outro. Mais uma vez, cremos ser uma evolução da oralização que poderá ser assente na ideia de “tal e qual”. Para além disso, visto que este sinal e esta ENM se usam, por exemplo, para nos referirmos a descendentes que são parecidos com os seus progenitores, podemos, por outro lado, inferir que a ocorrência “TÁ TÁ” poderá ter surgido com base num registo de oralização da frase “tal pai, tal filho” em que acontece a repetição de uma mesma palavra cuja forma se assemelha à usada na ENM.

5.11. “TU”

A ENM que designamos por “TU” produz-se colocando os lábios projetados para a frente com uma ligeira abertura por onde será expulso o ar como resultado de a língua se afastar da parte interior dos dentes. Vejamos na figura 208 como é a execução desta ENM.

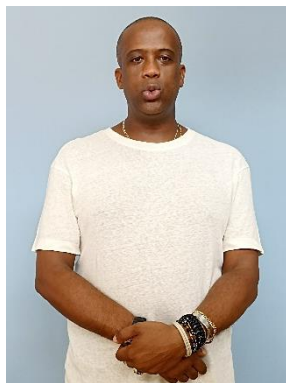


Figura 204: "TU"

5.11.1. Adjetivos

Esta ENM pode ser identificada aquando do uso de adjetivos como é o caso dos exemplos na figura 209.



Figura 205: PRIMEIRO e DIFERENTE

Assim, na imagem à esquerda vemos a representação do sinal PRIMEIRO cuja execução é acompanhada da expressão “TU”, sinal este usado em contextos em que se pretende exprimir, por exemplo, o primeiro lugar de uma classificação, a ordem com que são realizadas tarefas, indicando aquela que é feita em primeiro lugar ou ainda, como vimos (cf. 2.5.2.4), para a indicação do grau superlativo relativo de superioridade. Com base no que apuramos juntos dos nossos informantes, o uso desta ENM neste sinal em concreto, relaciona-se com uma das formas que a boca pode adquirir quando se manifesta algo como “woow” correspondente a um grito de alegria e festejo por se ter ficado em primeiro lugar. Por sua vez, na imagem à direita o sinal apresentado significa DIFERENTE e que pode ser utilizado, por exemplo, para dizermos que *as nossas saias são diferentes*. Por uma questão de lógica e organização, explicaremos no subponto seguinte a reflexão que fizemos sobre a origem da utilização desta ENM neste adjetivo.

5.11.2. Pronome indefinido

Do que pudemos apurar, esta ENM pode ser identificada num pronome indefinido que mostramos na figura 210.



Figura 206: OUTRO

Na imagem encontramos o sinal cujo significado é OUTRO. Assim, pelo seu significado, este sinal pode ser usado em diversos contextos como por exemplo para indicar *não gosto dessa saia, prefiro outra, ou quero ir jantar a outro restaurante*. Segundo os nossos informantes, o uso desta ENM neste sinal tem origem na oralização da própria palavra “outro” que foi deixando de ser feita na íntegra tendo-se, ainda assim, mantido uma parte que nos remete para a segunda sílaba da palavra.

O mesmo acontece no sinal DIFERENTE visto que este conceito pode ser entendido como “é outro” o que, é coerente com a proposta apresentada pelos nativos que consultamos. Assim, apesar das palavras outro e diferente não pertencerem à mesma classe gramatical, a sugestão que nos foi apresentada pelos nativos é, no nosso entender, lógica e apresenta coerência em termos de utilização e significado. Para além disso, estes sinais também apresentam outra coisa em comum, isto é, ambos podem ser executados mais do que uma vez com o intuito de quantificar a ideia, isto é, transmitindo a informações de VÁRIOS ou VARIADO. Para tal, ocorre uma repetição quer do movimento de mãos, quer da ENM que se transforma naquilo que podemos designar por “TU TU TU”. Efetivamente, ainda que repetida, a ENM assenta na mesma base que já apresentamos anteriormente e que terá começado com a oralização da repetição da palavra “outro outro outro”, tendo permanecido apenas parte da palavra.

5.12. “AH AH”

Esta ENM caracteriza-se por se assemelhar à oralização do próprio nome da expressão “AH AH” não havendo, no entanto, produção de som. Assim, a boca encontra-se aberta e os lábios encontram-se numa posição que transmite a impressão de que a palavra será oralizada. Vejamos na figura 211 esta ENM.



Figura 207: "AHAH"

5.12.1. Verbos

Do que pudemos apurar esta ENM ocorre apenas com dois sentidos: com intuito de apresentar uma comparação ou uma situação que se prolonga durante algum tempo. Assim, no primeiro caso, podemos optar por traduzir o sinal pela expressão COMO.SE, na medida em que este será introduzido em situações que expressam uma comparação entre dois referentes, sejam pessoas, objetos ou ações. Para produzir este sinal há que juntar à ENM que já vimos a CM mão aberta e dois contactos com o nariz, tal como nos mostra a figura 212.



Figura 208: COMO.SE

Assim, este sinal é utilizado quando, por exemplo, vamos sair e alguém nos diz para não nos esquecermos de levar o casaco e, em resposta, proferimos a frase *pareces a minha mãe* que, em LSP, poderia ser executada com os sinais COMO.SE MÃE, estabelecendo assim uma comparação entre o comportamento dessa pessoa e o da nossa mãe. Segundo os nossos informantes, o uso da ENM neste sinal poderá ter tido uma origem na gestualidade, isto é, recorrer à ideia de uma semelhança que é apresentada na cara. Apesar de o significado do sinal não indicar uma semelhança física, mas sim uma comparação, poderá, ainda assim, assentar nessa ideia de comparação física e de uma parte específica do corpo e que, com o uso, o significando foi-se estendendo e aplicando a outras características.

Esta ENM pode ainda ser empregue noutros sinais cujos significados são bastante semelhantes pois remetem para algo que demora algum tempo, mas que, ainda assim, são usados em contextos diferentes. Vejamos na figura 213 três produções com uso da ENM “AH AH”.



Figura 209: AHAH NARIZ, AHAH OLHO e AHAH ESPAÇO NEUTRO

Na imagem à esquerda encontramos um sinal cuja execução é no nariz e bastante semelhante ao que vimos no subponto anterior. Todavia, este sinal apresenta um significado distinto e que só é possível perceber contextualmente. Assim, este é empregue para situações em que existiu uma ação repetida, mas que como ainda não foi consumada, continua a praticar-se, por exemplo, alguém que já foi a várias entrevistas de emprego, mas ainda não foi selecionado e por isso continua à procura de trabalho, praticando assim essa ação durante um período de tempo relativamente longo, mas de forma intermitente. Na imagem do meio vemos um sinal executado no olho, com a mesma ENM e que transmite uma ideia semelhante à anterior: fazer algo durante muito tempo ou de algo que já dura há muito tempo. A diferença em relação ao sinal anterior é de que esta ação é contínua e não sofre interrupções tal como, por exemplo, uma viagem que durou muitas

horas ou uma dor nas costas que já começou há muito tempo. Por último, na imagem da direita podemos ver um sinal executado no espaço neutro de sinalização e cujo sentido pode ser entendido como “ficar muito tempo” e que pode ser aplicado, por exemplo, na frase, ficar muito tempo internado no hospital. Assim, apesar das concretizações dos sinais serem distintas, podemos perceber que o significado base é comum aos três remetendo assim para a ideia de algo que demora muito tempo, ou, no último exemplo, um estado/estar/haver. Com base no que pudemos apurar, existem duas teorias para o uso do “AH AH”. A primeira é oriunda da ideia de algo que ainda dura, que continua a acontecer e que pode se expresso, na gestualidade, com recurso à vocalização de “ainda” ou de “está” e que, por evolução, se transformou apenas na produção de “AH AH”. A segunda indica que a ENM “AH AH” terá tido origem na gestualidade e na ideia de uma ação que demora muito tempo e que se torna aborrecida, ao ponto de levar a pessoa a bocejar por estar entediada, bocejo esse que permaneceu enquanto ENM integrante dos sinais.

5.13. “OH OH”

A ENM “OH OH” é executada com a boca aberta estando os lábios a formarem um círculo numa espécie de oralização da letra -o. Vejamos na figura 210 a execução desta ENM.



Figura 210: OH.OH

5.13.1. Verbos

A ENM “OH OH” não é muito produtiva na LSP tendo apenas sido possível apurar a sua presença em alguns sinais que se inserem na categoria gramatical verbos. Vejamos dois exemplos na figura 211.



Figura 211: PREPARAR.CEDO e DELEGAR

Na imagem à esquerda encontramos um sinal que pode ser entendido como PREPARAR.ALGO.CEDO ou PREPARAR.ANTECEDÊNCIA. Neste sentido, o sinal pode ser utilizado em frases como *quero organizar um jantar para daqui a um mês, mas vou já reservar o restaurante* ou *vou pôr o guarda chuva no carro porque para a semana vai chover*. Percebemos que em ambas as frases o sinal é utilizado com o sentido de precaver algo, de antecipar um acontecimento ou, ainda, de fazer logo algo não deixando para mais tarde. Do que conseguimos apurar, é precisamente esta a ideia que está na base desta ENM, ou seja, a ideia de a ação ser executada *logo*. Assim, a origem terá tido influência da oralidade visto a ENM nos remeter para a posição em que se encontra a boca aquando do início da oralização da palavra *logo* e que, com o tempo, ter-se-á tornado parte integrante do sinal.

Por sua vez, na imagem da direita encontramos um sinal que pode ser interpretado por DELEGAR. Este sinal é utilizado quando queremos delegar uma tarefa em alguém ou quando atribuímos uma responsabilidade a outro, no sentido de esse alguém fazer algo no nosso lugar. Segundo aquilo que apuramos, inicialmente este sinal era executado com uma simples apontação indicando que *aquele fará a tarefa*. Com o tempo o sinal foi sofrendo modificações até chegar ao ponto em que a CM se encontra a apontar para cima. A ocorrência da ENM é, segundo os nossos informantes, oriunda da oralidade. Tal como já dissemos, este sinal é empregue quando não conseguimos executar uma tarefa e delegamos em alguém e, por isso, reflete a ideia de “ou ele faz” ou “o outro novamente” que pode ser naturalmente proferida quando não estamos capazes de fazer algo e indicamos que outro o fará. Neste sentido, ter-se-á mantido a forma da boca que corresponde à oralização da palavra “ou” e que terá integrado a língua enquanto ENM.

5.13.2. Locução interjetiva

Do que conseguimos apurar, esta ENM apenas se manifesta em mais um sinal que apresentamos na figura 212.



Figura 212: ATÉ LOGO

Assim, na imagem vemos um sinal cujo significado se traduz por ATÉ.LOGO e que, tal como na LP, é utilizado entre as pessoas com o propósito de se despedirem. Dada a forma da boca, cremos que a ENM “OH OH” presente neste sinal terá derivado da oralização da palavra uma vez que a língua se encontra numa posição que faz adivinhar que irá ser pronunciada a letra -l, letra inicial da palavra *logo*.

Capítulo III – Conclusão

6. Considerações finais

Ao longo deste trabalho de investigação foi nosso objetivo estudar o querema ENM, descrevendo as suas manifestações na LSP. Chegados ao final, passaremos em seguida a apresentar algumas considerações finais sobre o trabalho, nomeadamente sobre o caminho que conscientemente tomámos para o seu desenrolar, as dificuldades e lacunas com que nos fomos deparando neste processo, as hipóteses que propomos e, por último, breves propostas para eventuais estudos futuros.

A investigação partiu do princípio que a ENM é uma unidade mínima consideravelmente mais complexa do que o retratado em estudos anteriores. Assim, consideramos que este querema precisava de ser descrito com mais detalhe, dada a panóplia de manifestações desta unidade que se observam todos os dias na língua em uso.

Neste sentido, iniciámos o trabalho com uma descrição da LSP o que, para além de desmistificar alguns aspetos em relação à língua, permitiu dar a conhecer algumas características ainda pouco divulgadas, nomeadamente aqueles em que a ENM se concretiza, desde classes gramaticais até a registos entoacionais. Procurando ir ao encontro do nosso desiderato, ou seja, compreender a ENM e as respetivas marcações, verificamos que a bibliografia existente não fere com propriedade os diversos contextos em que a ENM ocorre e os valores que possui, quer na LSP, quer em línguas de sinais estrangeiras. Constatámos que muita da bibliografia existente não apresenta distinção entre ENM com e sem valor gramatical, ENM suprasegmental ou, ainda, que considera o *mouthings*, como qualquer labialização, seja ela permanente ou restrita a contextos comunicacionais com ENM. Com efeito, alcançámos o nosso objetivo de expor cada um desses aspetos, fonológico, morfológico e sintático, refletindo sobre a sua presença na língua bem como sobre o contributo para a formulação de significado semântico ou gramatical. Durante a exposição teórica, sempre que possível, apresentámos analogias com outras línguas de sinais, efetuando assim um paralelismo que consideramos relevante uma vez que tal nos leva a concluir que o traço ENM pode apresentar valores idênticos em diferentes línguas, levando-nos assim a crer que há matrizes comuns no surgimento dos parâmetros das línguas, independentemente da comunidade linguística/de utilizadores a que dizem respeito.

Depois de termos feito a descrição teórica da língua e de termos apresentando as diversas manifestações da ENM em diferentes níveis, demos início à elaboração da parte

prática da investigação. Em termos de metodologia, iniciámos o trabalho com um levantamento de manifestações da ENM na LSP, as quais pretendíamos categorizar, definir valores gramaticais e perceber as suas causas e motivações. Neste processo, sentimos algumas limitações que se deveram à inexistência de bibliografia que nos ajudasse a refletir sobre os pontos que queríamos desenvolver. Por esse motivo, considerámos que a alternativa seria recorrer quer àqueles que utilizam a língua no seu dia a dia como ferramenta de trabalho, quer a cidadãos nativos surdos, conhecedores naturais da língua e, alguns deles, envolvidos também no seu estudo. Cremos que este foi o método mais adequado, pois tivemos oportunidade de falar diretamente com pessoas que conhecem a língua, que a utilizam e que refletem sobre ela. Além disso, muitos dos nossos informantes são oriundos de famílias surdas, alguns com mais do que uma geração o que permitiu que, quer em casa, quer nas associações de surdos ou em convívios da comunidade, estas pessoas tivessem acesso à história da língua e dos seus fenómenos contada na primeira pessoa por aqueles que a viveram. Muitas dessas histórias não estão registadas num suporte físico sendo, por isso o utilizador surdo o único detentor desse conhecimento e aquele que é capaz de o transmitir a um investigador, pelo que, a metodologia que implementámos foi a apropriada para fazer cumprir o que pretendíamos. Sublinhamos que o nosso intuito, nesta fase, foi o de descrever ENM e a sua concretização para, em seguida, procurarmos aferir valores e diferenças.

Em termos práticos, e no que concerne aos valores da ENM, pudemos verificar que o verbo é a classe gramatical em que esta predomina. Acreditamos que isto se deve ao facto de os verbos refletirem ações que podem apresentar uma série de particularidades, isto é: uma ação pode ser demorada, pode já estar concluída, pode ter sido inesperada, entre outros valores semânticos. Cremos que é a possível diversidade de formatos que o verbo permite, que o faz ser a classe gramatical que apresenta tamanha multiplicidade de ENM associadas. Com efeito, a ENM pode assumir-se enquanto a responsável por definir a forma como a ação decorre e o seu estado. Percebemos que existe um “desequilíbrio” em relação a algumas ENM: se por um lado encontramos a bochecha inflada presente num grande número de sinais e com distintos valores, por outro, deparamo-nos com o exemplo da “AH AH” cuja representatividade é bastante escassa, sendo apenas possível identificá-la numa classe gramatical e com valor semelhante. Acreditamos que, como o uso desta língua depende da morfologia e anatomia do ser humano e, em particular a ENM depende em grande parte da estrutura da face,

fisicamente há constrangimentos que levam a que na língua algumas ENM sejam mais cómodas do que outras. Esse processo ocorre e é desenvolvido naturalmente pelos nativos que recorrem ao uso da ENM, mantendo na língua aquelas que são significativas, eficazes e de fácil execução, perdendo-se aquilo que não se assume como confortável para os seus utilizadores.

No que diz respeito à origem da ENM, efetivamente, uma das grandes conclusões que podemos retirar desta investigação é de que as características culturais e os elementos cinésicos influenciam fortemente a componente não manual das línguas de sinais. Quando confrontada com esta constatação, a comunidade surda tende a desvalorizar, afirmando que a LSP existe enquanto língua efetiva. Provavelmente, tal acontece por este fenómeno poder também ser apelidado de “linguagem gestual” e com isso correr o risco de ser confundido com algo que a comunidade surda luta, há um longo tempo, para eliminar – o erro comum de tratar a língua de sinais por linguagem mímica e não verbal. Todavia, há que esclarecer que se tratam de assuntos diferentes. A produção de gestos aquando de um discurso é algo natural quando se produz uma língua oral e pode ser mais ou menos presente, com maior ou menor efusividade consoante o contexto cultural. Assim, as línguas de sinais, estando envolvidas também por essa mesma cultura, apropriam-se dessas características e integram-nas enquanto elementos linguísticos pelo que os estudos sobre ENM não podem descurar “a gestualidade e a pantomima que permeiam tão fortemente o discurso dessas línguas” (McCleary & Viotti, 2011, p. 289). Assim, se por um lado, uma das causas do surgimento da ENM é a gestualidade, por outro, surpreendentemente constatamos que, outro dos grandes eixos influenciadores da ENM, foi a oralidade. Assim, sustentando as nossas propostas no que apurámos dos nossos informantes, podemos indicar que nos foi dito que grande parte da ENM surgiu aquando do início da escolarização das pessoas surdas. Na altura, como sabemos, os alunos estavam sujeitos a um método de ensino oralista sendo proibida a conversação em língua de sinais. Segundo consta, por volta de 1900, Nicolau Pavão de Sousa era um dos principais professores de surdos e bastante rigoroso e intransigente no que constava à utilização das mãos para comunicar, o que levava a que os alunos sentissem medo e receio de o fazerem (Monteiro, 2013). Todavia, uma vez que os alunos sentiam necessidade de comunicar uns com os outros dentro da sala de aula e, não conseguindo fazê-lo oralmente nem através de sinais, viam-se obrigados a comunicarem através de “tiques” faciais, como o projetar os lábios, puxar a boca para um lado, passar a língua por dentro da bochecha,

entre muitas outras formas que iam surgindo e que eram funcionais em termos comunicativos. Em simultâneo com o uso dessas estratégias, os alunos eram compelidos a utilizarem a língua oral para se exprimirem e comunicarem. Desta forma, estas reações que aconteciam na cara e na boca, associadas à oralização das pessoas surdas deixou marcas na língua que, nos dias de hoje, são manifestamente opacas e não se assumem como oralidade pura, mas que, na realidade, começaram por o ser. Efetivamente, a história de uma comunidade, seja ela qual for, é espelhada na língua e, neste caso, o período educacional da comunidade surda que corresponde à fase do oralismo deixou marcas inegáveis nas características da LSP. Apesar destas conclusões, clarificamos que, mais uma vez, tivemos que recorrer a nativos surdos com o intuito de aferirmos as origens para o uso de certas ENM. Na realidade, foi-nos bastante difícil e complexo encontrar fundamentação para sustentar as nossas hipóteses uma vez que a bibliografia existente, tanto nacional como internacional, não menciona essas causas, cingindo-se à apresentação das ENM existentes, à forma como ocorre a sua utilização e aos valores, deixando de lado o motivo da ocorrência. Assim, depois deste labor de observação e descrição da ENM e seus valores gramaticais, podemos propor a seguinte síntese dos seus valores, distribuição e motivação, que apresentamos em seguida na tabela 2 e que sintetiza aquilo que viemos a descrever nas seções anteriores. Considerando os poucos estudos sobre a ENM na LSP, muitas vezes, os valores são difíceis de descrever através de terminologia científica, pois carecem de mais estudos sólidos. Por isso, procuraremos representar o seu valor recorrendo ao uso de parênteses retos e de sinalética +/- como forma de representar os traços de valor semântico que comportam.

Bochecha inflada				
Distribuição	Verbos	Adjetivos	Preposições	Nomes
Valor	Negação	Intensidade	Continente/conteúdo	Intensidade (poder, autoridade), negação, continente/conteúdo
Motivação	Gestualidade	Gestualidade	Gestualidade e possível contaminação	Gestualidade
Distribuição	Adjetivos numerais	Quantificador	Classe variável (nomes, adjetivos ou verbos)	
Valor	Ordem, sucessão	Duração	Continente/conteúdo, intensidade	
Motivação	Sinal gráfico	Gestualidade	Gestualidade	
“POH”				
Distribuição	Verbos			
Valor	<i>Achivement/consumação</i>			
Motivação	Gestualidade - oposto da negação (bochecha inflada)			
“TH”				
Distribuição	Verbos	Adjetivos	Nomes	Advérbios

Valor	Duração (valor aspetual continuativo), [+pejorativo]	[+agradável], [+afetivo] ≠ [+pejorativo]	Dimensão	Frequência e duração
Motivação	Gestualidade	Gestualidade	Gestualidade	Gestualidade
Língua por dentro da bochecha				
Distribuição	Verbos			
Valor	Eco do sinal/ [+tentar], [+incerteza]			
Motivação	Gestualidade			
“MA”				
Distribuição	Verbos			
Valor	[+ desejo]] [+ vontade]			
Motivação	Gestualidade			
“MA MA”				
Distribuição	Verbos	Advérbios		
Valor	Impossibilidade de mudar de estado. Adição/acrécimo. <i>mouthing</i>		Repetição e <i>mouthing</i>	
Motivação	Gestualidade e interjeição do português. Eco dos articuladores manuais. Oralidade (labialização)		Oralidade	
Mordida do lábio inferior				
Distribuição	Verbos	Classe variável (adjetivos ou nomes)		

Valor	[+pejorativo] ≠ [+vontade], [+positivo]	[+positivo],[+agradável], quantidade
Motivação	Gestualidade	Gestualidade
“PRR”		
Distribuição	Verbos	Nomes
Valor	Alteração de estado, [+desagradável]	Reflexo do referente
Motivação	Eco dos articuladores	Extensão semântica
“TÁ”		
Distribuição	Verbos	Adjetivos
Valor	Ação irreversível e concretizada, <i>mouthing</i>	[+negativo], [+idêntico], <i>mouthing</i>
Motivação	Oralidade	Oralidade
“TÁ TÁ”		
Distribuição	Verbos	Adjetivos
Valor	Reflexo do referente, <i>mouthing</i>	[+semelhança], <i>mouthing</i>
Motivação	Gestualidade e oralidade	Oralidade
“TU”		
Distribuição	Adjetivos	Pronome indefinido
Valor	Ordinal, oposição	[+quantidade], <i>mouthing</i>
Motivação	Cultural e oralidade	Oralidade
“AH AH”		

Para além das mãos: a expressão não manual na Língua de Sinais Portuguesa

Distribuição	Verbos	
Valor	Comparação, duração do estado	
Motivação	Cultural e gestualidade	
“OH OH”		
Distribuição	Verbos	Locução interjetiva
Valor	<i>Mouthing</i>	[+despedida], <i>mouthing</i>
Motivação	Oralidade	Oralidade

Tabela 2: Valores, distribuição e motivação da ENM

Assim, como percebemos pela análise da tabela 2, existe um grande número de ENM que surgem com base na gestualidade e no *mouthing*. Na realidade, quando observamos as ENM percebemos que existem distintos níveis pois identificamos algumas como mais transparentes e outras como mais opacas, isto é, algumas estão próximas do que se verifica nos componentes cinésico-culturais ecoando assim a linguagem não verbal que acompanha o discurso oral ou o substitui contextualmente, outras levam-nos ao passado, mais concretamente à educação de surdos em períodos mais distantes e marcados pelo uso de códigos gestuais e a imposição do oralismo.

Por último, antes de encerramos o trabalho e porque, por uma questão de tempo, não pudemos explorar todos os caminhos dos quais a ENM é construtora, gostaríamos de, futuramente, ver explorados aspetos com os quais contactamos e que acreditamos terem relevância científica e, por isso, serem merecedores de estudos. Assim, cremos que seria fundamental aprofundar o estudo de outros sinais cuja ENM não é tão representativa, por só ser possível identificá-la num número reduzido de sinais. A título de exemplo referimos o sinal QUERER (distinto do apresentado anteriormente, cf. 5.5.1) visível através do link <https://media.spreadthesign.com/video/mp4/6/4508.mp4>, cuja execução é feita com a CM mão aberta com dedos afastados, palma virada para o emissor e dedos a apontarem para o lado oposto, ocorrendo um contacto do dedo polegar que desliza no peito num movimento de cima para baixo. Esta produção é acompanhada de mordida do lábio inferior com posterior projeção da língua para fora entre os lábios. Do que apuramos, esta ENM apenas ocorre neste sinal. Além deste exemplo, podemos mencionar o sinal TER.NOÇÃO, cuja execução acontece com a CM indicar que inicia com um toque na testa e com movimento para a zona do ombro (caso se refira à própria pessoa) ou com movimento para a frente (caso seja referente a outra pessoa) e que é acompanhado da ENM de enchimento da bochecha e projeção do ar para fora, esvaziando a bochecha, executado duas vezes. Poderemos, sem certeza, aflorar que terá uma origem na oralização repetida da palavra *pois*, mas que necessitaria de mais estudo e reflexão. Acreditamos também que poderia ser interessante perceber se o uso da ENM é uniforme em todo o território nacional, continental e ilhas, pois poderiam, eventualmente, surgir aspetos distintos que carecessem de estudo e análise, bem como de registo. Por último, mencionar que seria profícuo investigar ainda mais aprofundadamente as subtis diferenças que possam existir na ENM e que contribuem para a diferença de significado dos sinais. Vejamos este exemplo “the signs GOD and BOSS differ in eye gaze only (fig. 5.8).

Without the required eye gaze, the sign has a different meaning or no meaning” (Sutton-Spence & Woll, 1998, p. 94). Com efeito, foi esta afirmação referente à BSL que despertou a nossa atenção e interesse em considerarmos importante perceber estes pormenores na LSP.

Na certeza de que a investigação é um caminho sem fim e fulcral para o respeito e estatuto de uma língua, consideramos que este trabalho é um contributo relevante para a divulgação do conhecimento científico. Continuemos a trilhá-lo.

7. Referências Bibliográficas

- Allan, K. (1977). Classifiers. *Language*, 53(2), 285-311.
- Amaral, M. A., Coutinho, A., & Martins, M. R. (1994). *Para Uma Gramática da Língua Gestual Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Araujo, A. (2013). *As Expressões e as Marcas Não-Manuais na Língua de Sinais Brasileira*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Brasília. Obtido em 30 de Junho de 2022, de https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14621/1/2013_AdrianaDiasSambraneldeAraujo.pdf
- Armstrong, D. (2000). William C. Stokoe, Jr – Founder of Sign Language Linguistics 1919-2000. *Gallaudet Press*. Obtido em 7 de abril de 2020, de <http://gupress.gallaudet.edu/stokoe.html>
- Báez-Montero, I., & Fernández-Soneira, A. (2016). Colours and Numerals in Spanish Sign Language (LSE). Em U. Zeshan, & K. Sagara, *Semantic Fields in Sign Languages - Colour, Kinship and Quantification* (pp. 73-122). Germany: De Gruyter.
- Baker, A., Bogaerde, B. v., Pfau, R., & Schermer, T. (2016). *The Linguistics of Sign Languages - An Introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Baker, A., Bogaerde, B. v., Pfau, R., & Schermer, T. (2016). *The Linguistics of Sign Languages - An Introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Battison, R. (1974). Phonological Deletion in American Sign language. *Sign Language Studies*, 5, 1-19. Obtido em 20 de janeiro de 2021, de <https://muse.jhu.edu/pub/18/article/507140/pdf>
- Battison, R. (1978). *Lexical borrowing in American Sign Language*. Silver Spring, MD: Linstok.
- Baylon, C., & Fabre, P. (1990). *Iniciação à Linguística*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Benitez-Quiroz, F., Wilbur, R., & Martinez, A. (2016). The not face: A grammaticalization of facial expressions of emotion. *Cognition*, 150, 77-84. doi:<https://doi.org/10.1016/j.cognition.2016.02.004>
- Bettencourt, M. F. (2015). *A ordem de palavras na Língua Gestual Portuguesa: Breve estudo comparativo com o Português e outras línguas gestuais*. Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade do Porto.
- Brentari, D. (2004). Modality differences in sign language phonology and morphophonemics. Em R. P. Meier, K. Cormier, & D. Quinto-Pozos, *Modality and Structure in Signed and Spoken Language* (pp. 35-64). United Kingdom: Cambridge University Press.
- Brentari, D. (2010). *Sign Languages*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Brentari, D. (2011). Handshape in Sign Language Phonology. Em M. v. Oostendorp, C. Ewen, E. Hume, & K. Rice, *The Blackwell companion to phonology* (pp. 195-222). New York/Oxford: Wiley-Blackwells.

- Caponigro, I., & Davidson, K. (2011). Ask, and tell as well: Question–Answer Clauses in American Sign Language. *Natural Language Semantics*, 19, 323-371. doi:10.1007/s11050-011-9071-0
- Carmo, H. (2016). *Uma 1ª Abordagem aos Classificadores de Língua Gestual Portuguesa*. Dissertação apresentada para obtenção do grau de mestre em Língua Gestual Portuguesa e Educação de Surdos, Instituto de Ciências e Saúde, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.
- Carmo, P. (2010). *Aquisição da Língua Gestual Portuguesa: Estudo longitudinal de uma criança surda dos 10 aos 24 meses*. Dissertação apresentada para obtenção do grau de Meste em Língua Gestual Portuguesa e Educação de Surdos, Universidade Católica Portuguesa, Instituto de Ciências da Saúde.
- Chaibue, K. (2013). *Universais linguísticos aplicáveis às línguas de sinais: discussão sobre as categorias lexicais nome e verbo*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística para obtenção do título de Mestre, Universidade Federal de Goiás - Faculdade de Letras, Goiânia. Obtido em 30 de setembro de 2021, de <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3792>
- Chomsky, N. (1971). A Linguagem e a Mente. Em E. Bach, N. Chomsky, R. Jakobson, E. H. Lenneberg, P. M. Postal, & M. H. Saumjan, *Novas Perspetivas Linguísticas* (pp. 28 - 42). Petrópolis RJ: Vozes Limitada.
- Chomsky, N. (1973). *Linguagem e Pensamento*. Petrópolis RJ: Vozes Limitada.
- Chomsky, N. (1978). *Aspectos da Teoria da Sintaxe*. Coimbra: Arménio Amado - Editor.
- Chomsky, N. (1980). *Estruturas Sintáticas*. (M. C. Ferreira, Trad.) Portugal: Edições 70.
- Chomsky, N. (1996). Silent Children, New Language. (a. interviewer, Entrevistador) Obtido de https://chomsky.info/1996____/
- Constituição da República Portuguesa. (1997). *Capítulo III: Direitos e deveres culturais. Artigo 74º: Ensino, ponto 2, alínea h*). Obtido de <https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>
- Coppola, M., & Senghas, A. (2010). Deixis in an emerging sign language. Em D. Brentari, *Sign Languages* (pp. 543-569). USA: Cambridge University Press.
- Corbett, G. G. (2014). *The Expression of Gender*. Germany: De Gruyter.
- Cordeiro, S., Conde e Sousa, J., & Santos, M. (2019). Uma Análise Comparativa da Marcação de Género entre a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Gestual Portuguesa. *Educação foco, Juíz de Fora*, 24(1), 103-128. Obtido em 15 de junho de 2021, de <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/26031>
- Correia, I. (2009). O parâmetro expressão na língua gestual portuguesa: unidade suprasegmental. *EXEDRA Revista Científica*(1), pp. 57-68. Obtido em 5 de janeiro de 2022, de <http://exedra.esec.pt/docs/01/57-68.pdf>
- Correia, I. (2012). Entre Línguas se (des) constrói o texto: interferência linguística da Língua Gestual Portuguesa no Português. *EXEDRA Revista Científica - Português: Investigação e Ensino*, pp. 57-66. Obtido em 8 de outubro de 2021, de <http://exedra.esec.pt/exedrajournal/wp-content/uploads/2013/01/04-numero-tematico-2012.pdf>

- Correia, I. (2014). Morfologia Derivacional em Língua Gestual Portuguesa: Alguns Exemplos. *EXEDRA: Revista Científica*(9), 159-172. Obtido em 24 de agosto de 2021, de <http://exedra.esec.pt/wp-content/uploads/2015/05/n9-C4.pdf>
- Correia, I. (2015). Línguas e Linguagens. Língua Gestual Portuguesa e Português. *Exedra: Revista Científica, Número temático – Educação Especial: contributos para a intervenção*, pp. 100-108. Obtido em 23 de agosto de 2021, de <http://exedra.esec.pt/wp-content/uploads/2016/02/07.pdf>
- Correia, I. (2016). Descrever a LGP em contexto bilingue: o género. *Revista Leitura - Línguas de Sinais: abordagens teóricas e aplicadas, 1*(57), 172-197. Obtido em 25 de janeiro de 2021, de <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/2854/2860>
- Correia, I. (2020). O parâmetro movimento em Língua de Sinais. *DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES*(17), pp. 41-56. Obtido em 27 de março de 2021, de <https://revistaseug.ugr.es/index.php/dedica/article/view/9354/11868>
- Correia, I., & Custódio, P. (2019). Do Gesto ao Sinal: Reflexões sobre terminologia linguística. Em I. Correia, P. Custódio, & R. Campos, *Língua de Sinais: Cultura, Educação, Identidade* (pp. 59-74). Lisboa: Edições Ex-Libris.
- Correia, I., & Queirós, P. (2016). *Um primeiro passo para a História da Língua Gestual Portuguesa: Perspetiva Diacrónica*. FPCEUP. Obtido em 2 de fevereiro de 2021, de http://projetoredes.org/wp/wp-content/uploads/PERSPETIVA-DIACR%C3%93NICA_POSTER.pdf
- Correia, I., Balas, P., & Silva, R. (2022). *Amar pelos Dois - Interpretação de música em Língua Gestual Portuguesa: uma proposta e um desafio*. Lisboa: Edições Ex-Libris.
- Correia, I., Custódio, P., & Silva, R. (2021). *Língua de Sinais Portuguesa: Estudos linguísticos sobre morfologia e SignWriting*. Lisboa: Edições Ex-Libris.
- Correia, I., Santana, N., & Silva, R. (2020). Duas línguas e duas interlínguas? Influência do português na Língua de Sinais Portuguesa. Em L. Moutinho, R. Coimbra, & A. Bautista, *Línguas Minoritárias e Variação Linguística* (pp. 91-117). Aveiro: UA Editora. doi:10.34624/rj68-vz44
- Deficiência, S. N. (Ed.). (2005). *Gestuário Língua Gestual Portuguesa. 7ª*. Lisboa.
- Delgado-Martins, M. (1992). *Ouvir Falar: Introdução à Fonética do Português*. Lisboa: Caminho.
- Ebbinghaus, H., & Hessmann, J. (2001). Sign Language as Multidimensional Communication: Why manual signs, mouthings, and mouth gestures are three different things. Em P. B. Braem, & R. Sutton-Spence, *The Hands are the Head of the Mouth: The Mouth as Articulator in Sign Languages* (pp. 133-151). Hamburg: Signum-Verlag.
- Eco, U. (1997). *O Signo*. Lisboa: Editorial Presença.
- Elliott, E., & Jacobs, A. (2013). Facial expressions, emotions, and sign languages. *Frontiers in Psychology, 4*(115), 1-4. Obtido em 9 de fevereiro de 2021, de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3593340/>
- Emmorey, K. (2003). *Perspectives on classifier constructions in sign languages*. Mahwah, New Jersey & Londres: Lawrence Erlbaum Associates.

- Emmorey, K., & McCullough, S. (2009). The bimodal bilingual brain: Effects of sign language experience. *Brain and language*, 109(2-3), 124-132. doi:10.1016/j.bandl.2008.03.005
- Erlenkamp, S. (2009). Gesture verbs: Cognitive-visual mechanism of "classifier verbs" in Norwegian Sign Language. *CogniTextes [Online]*, 3. doi:<https://doi.org/10.4000/cognitextes.250>
- Estelita, M. (2008). *ELiS – Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática*. Tese apresentada para obtenção do título de Doutora em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis. Obtido em 7 de dezembro de 2021, de <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/91819/249018.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Faria, I. H. (1996). Linguagem verbal: aspectos biológicos e cognitivos. Em I. H. Faria, E. R. Pedro, I. Duarte, & C. A. Gouveia, *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa* (pp. 35-55). Lisboa: Caminho.
- Faria, I. H., Pedro, E. R., Duarte, I., & Gouveia, C. A. (1996). *Introdução à Linguística geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Fenlon, J., Brentari, D., & Cormier, K. (2017). The phonology of sign languages. (S. J. Hannahs, & A. Bosch, Edits.) *Routledge Handbook of Phonological Theory*. Obtido em 4 de dezembro de 2021, de https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/1460933/1/Fenlon_The%20phonology%20of%20sign%20languages.pdf
- Fitzgerald, A. (2014). *Mouthing and Mouth Gestures in Irish Sign Language: A Cognitive Linguistic Framework*. University of Dublin, School of Linguistics, Speech and Communication Sciences. Ireland: Trinity College & Centre for Deaf Studies. Obtido em 18 de abril de 2022, de <http://www.tara.tcd.ie/handle/2262/80016>
- Fontana, S. (2008). Mouth actions as gesture in sign language. Em A. Kendon, & T. R. Cardona, *Gesture* (Vol. 8, pp. 104–123). USA: John Benjamins Publishing Company. doi:<https://doi.org/10.1075/gest.8.1.08fon>
- Fromkin, V., & Rodman, R. (1993). *Introdução à Linguagem*. Coimbra: Almedina.
- Gan, L. (2019). *WH-questions in Hong Kong Sign Language*. Research Master of Linguistics, University of Amsterdam.
- Glenday, C. (2010). Chomsky e a linguística cartesiana. *Trans/Form/Ação*, 33, pp. 183-202. Obtido em 22 de outubro de 2020, de <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/1026/925>
- Goldin-Meadow, S., & Brentari, D. (2017). Gesture, sign and language: The coming of age of sign language and gesture studies. *Behavioral and Brain Sciences*, pp. 1-60. Obtido em 6 de fevereiro de 2022, de <https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/40B9B8E3C35C7005D4D588EC39E34C80/S0140525X15001247a.pdf/gesture-sign-and-language-the-coming-of-age-of-sign-language-and-gesture-studies.pdf>
- Gonçalves, E., & Raposo, M. J. (2013). Expressões faciais gramaticais na morfologia da Língua Gestual Portuguesa – expressões dos graus de tamanho diminutivo e aumentativo na

- LGP. *Cadernos de Saúde*, 6, pp. 78-83. Obtido em 20 de abril de 2021, de <https://revistas.ucp.pt/index.php/cadernosdesaude/article/view/2845>
- Gonçalves, S., Gonçalves, J., & Marques, C. (2021). *Manual de Investigação Qualitativa*. Lisboa: PACTOR - Edições de Ciências Sociais, Forenses e da Educação.
- Hulst, H. v., & Channon, R. (2010). Notation systems. Em D. Brentari, *Sign Languages* (pp. 151-172). Cambridge: Cambridge University Press.
- Johnston, T., & Schembri, A. (2007). *Australian Sign Language (Auslan) - An Introduction to Sign Language Linguistics*. New York: Cambridge University Press.
- Karnopp, L., & Quadros, R. M. (2001). Educação infantil para surdos. Em E. D. Roman, & V. E. Steyer, *A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil: um retrato multifacetado* (pp. 214-230). Canoas.
- Lewin, D., & Schembri, A. (2013). Mouth gestures in British Sign Language: A case study of tongue protrusion in BSL narratives. Em A. Herrmann, & M. Steinbach, *Nonmanuals in Sign Language* (pp. 91-110). Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Liddell, S. K. (1980). *American Sign Language Syntax*. Holanda: De Gruyter Mouton.
- Liddell, S. K. (2003). *Grammar, Gesture and Meaning in American Sign Language*. EUA: Cambridge University Press.
- Liddell, S. K., & Johnson, R. E. (1989). American Sign Language: The phonological base. *Sign Language Studies*, 64, pp. 195-277. Obtido em 4 de abril de 2022, de <http://www.jstor.org/stable/26204052>
- Liddell, S., & Johnson, R. (1986). American Sign Language Compound Formation Processes, Lexicalization and Phonological Remnants. *Natural Language and Linguistic Theory*, pp. 445-513. doi:<https://doi.org/10.1007/BF00134470>
- Maher, J. (1996). *Seeing Language in Sign - The Work of William C. Stokoe*. Washington DC: Gallaudet University Press.
- Malcolm, K. (2005). Contact sign, transliteration and interpretation in Canada. Em T. Janzen, *Topics in Signed Language Interpreting: Theory and practice* (pp. 107-134). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins B.V. doi:<https://doi.org/10.1075/bfl.63.09mal>
- Martins, M., Costa, Â., Cottim, J., & Morais, I. (2019). Classifying verb types in Portuguese Sign Language. *Sensos-e*, VI(1), 83-89. Obtido em 24 de janeiro de 2022, de <https://parc.ipp.pt/index.php/sensos/article/view/2566>
- Massone, M., & Martínez, R. (2015). Argentine Sign Language. Em J. B. Jepsen, G. D. Clerck, S. Luto-Kiigi, & W. B. McGregor, *Sign Languages of the World - A Comparative Handbook* (pp. 71-103). Germany: De Gruyter.
- Mateus, M. H., & Villalva, A. (2006). *O Essencial sobre Linguística*. Lisboa: Caminho.
- Mateus, M. H., Brito, A. M., Duarte, I., & Faria, I. H. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Mathur, G., & Rathmann, C. (2010). Verb agreement in sign language morphology. Em D. Brentari, *Sign Languages* (pp. 173-196). Cambridge: Cambridge University Press.

- McCleary, L., & Viotti, E. (2011). Língua e gesto em línguas sinalizadas. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*, 15(1), 289-304. Obtido em 11 de setembro de 2022, de <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25111>
- McNeill, D. (1992). *Hand and Mind: What Gestures Reveal About Thought*. Chicago: Chicago University Press.
- McNeill, D. (2005). *Gesture and thought*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Metzeltin, M. (1978). *O Signo, o Comunitário, o Código - Introdução à Linguística Teórica*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Ministério Público: Procuradoria-Geral da República, G. d. (1992). Carta Europeia das Línguas Regionais e Minoritárias. Lisboa.
- Mohr, S. (2014). *Mouth Actions in Sign Languages: An Empirical Study of Irish Sign Language*. Germany: De Gruyter.
- Monteiro, C. (2013). *A formação pedagógica dos docentes das escolas de referência para o ensino bilíngue de alunos surdos da zona norte: realidade ou ficção*. Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Educação Especial, Instituto Superior de Ciências Educativas, Felgueiras. Obtido em 12 de setembro de 2022, de <http://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/24990>
- Morais, A., Jardim, J., Silva, A., & Mineiro, A. (2011). Para além das mãos: elementos para o estudo da expressão facial (EF) em Língua Gestual Portuguesa (LGP). *Cadernos de Saúde*, 4(1), 37-42. Obtido em 18 de março de 2022, de <https://revistas.ucp.pt/index.php/cadernosdesaude/article/view/2812>
- Morales-López, E. (2000). Aspectos gramaticales de la lengua de signos española. Em *Apuntes de Lingüística de la lengua de signos española* (pp. 69-131). Madrid: Confederación Nacional de Sordos Española (CNSE). Obtido em 1 de dezembro de 2021, de <https://www.fundacioncnse.org/pdf/apuntes-linguistica.pdf>
- Nascimento, S., & Correia, M. (2011). *Um olhar sobre a Morfologia dos Gestos*. Lisboa: Universidade Católica.
- Nyst, V., Hadjah, T., & Morgado, M. (2017-2022). *From Gesture to Language*. (N. Vid, Produtor) Obtido em 11 de julho de 2022, de Universiteit Leiden: <https://www.universiteitleiden.nl/en/research/research-projects/humanities/from-gesture-to-language1>
- Padden, C. (1986). Verbs and Role-shifting in ASL. *Proceedings of the 4th National Symposium on Signing Research and Teaching* (pp. 44-57). Las Vegas, Nevada. Washington, DC: The National Association of the Deaf. Obtido em 3 de setembro de 2021, de <http://quote.ucsd.edu/padden/files/2013/01/14.pdf>
- Pêgo, C. F. (2013). *Sinais Não-Manuais Gramaticais da LSB nos Traços Morfológicos e Lexicais: Um Estudo do Morfema-Boca*. Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística, Brasília. Obtido em 15 de janeiro de 2021, de https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13303/1/2013_CarolinaFerreiraPego.pdf
- Perniss, P., Steinbach, M., & Pfau, R. (2007). Can't you see the difference? Sources of variation in sign language structure. *Emotion*, pp. 1-34. doi:<https://doi.org/10.1515/9783110198850.1>

- Pfau, R. (2016). Non-manuals and tones: A comparative perspective on suprasegmentals and spreading. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 11, 19-58. Obtido em 17 de fevereiro de 2022, de <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/14818.pdf>
- Pfau, R., & Quer, J. (2010). Nonmanuals: their grammatical and prosodic roles. Em D. Brentari, *Sign Languages* (pp. 381-402). Cambridge: Cambridge University Press. Obtido em 28 de janeiro de 2022, de <https://cnlse.es/antiguos/Nonmanuals.their%20grammatical%20and%20prosodic%20roles.pdf>
- Pizzuto, E., & Corazza, S. (1996). Noun morphology in Italian Sign Language (LIS). *Lingua - Sign Linguistics Phonetics, Phonology and Morpho-syntax*, 98, 169-196. doi:[https://doi.org/10.1016/S0024-3841\(96\)90044-3](https://doi.org/10.1016/S0024-3841(96)90044-3).
- Prillwitz, S., Leven, R., Zienert, H., Hanke, T., & Henning, J. (1989). *Hamburg Notation System for Sign Language: An Introductory Guide*. Hamburg: Signum.
- Quadros, R., & Karnopp, L. (2004). *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*. Porto Alegre: Artmed.
- Quer, J., Cecchetto, C., Donati, C., Geraci, C., Kelepir, M., Pfau, R., & Steinbach, M. (2017). *SignGram Blueprint - A Guide to Sign Language Grammar Writing*. Germany: De Gruyter Mouton.
- Quinto-Pozos, D., & Mehta, S. (2010). Register variation in mimetic gestural complements to signed language. *Journal of Pragmatics*, 42, 557-584. doi:<https://doi.org/10.1016/j.pragma.2009.08.004>.
- Rainò, P. (2001). Mouthings and Mouth Gestures in Finnish Sign Language (FinSL). Em P. B. Braem, & R. Sutton-Space, *The Hands are the Head of the Mouth - The Mouth as Articulator in Sign Languages* (pp. 41-49). Hamburg: Signum-Verlag.
- Raposo. (2016). *Um Olhar no Ensino da Língua Gestual Portuguesa nos Açores: Estudo de caso sobre a interação no desenvolvimento linguístico*. Dissertação apresentada para a obtenção do grau de mestre em Língua Gestual Portuguesa e Educação de Surdos, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa. Obtido em 20 de fevereiro de 2022, de https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/22601/1/Dissertacao_MJ_final-corrigido.pdf
- Raposo, E., Nascimento, M., Mora, M., Segura, L., & Mendes, A. (2013). *Gramática do Português - Volume I*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Raposo, E., Nascimento, M., Mora, M., Segura, L., Mendes, A., & Andrade, A. (2020). *Gramática do Português - Volume III*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rathmann, C. (2005). *Event Structure in American Sign Language*. Dissertation Presented of the Requirements for the Degree of Philosophy, University of Texas, Faculty of the Graduate School, Austin. Obtido em 8 de dezembro de 2021, de <https://repositories.lib.utexas.edu/handle/2152/2285>
- Rodrigues, C. S., & Valente, F. (2011). *Intérprete de Libras*. Curitiba: IESDE Brasil S.A.
- Sandler, W. (2012). The Phonological Organization of Sign Languages. *Language and linguistic compass*, 6(3), pp. 162-182. Obtido em 14 de junho de 2021, de <https://compass.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/lnc3.326>

- Sandler, W. (2014). The emergence of the phonetic and phonological features in sign language. *Nordlyd*, 41(2), 183-212. Obtido em 16 de fevereiro de 2022, de <https://septentrio.uit.no/index.php/nordlyd/article/view/2950/3324>
- Sandler, W., & Lillo-Martin, D. (2006). *Sign Language and Linguistic Universals*. UK: Cambridge University Press.
- Sandler, W., & Lillo-Martin, D. (2006). *Sign Language and Linguistic Universals*. UK: Cambridge University Press.
- Santana, N. (2012). Aspeto Verbal na LGP. *EXEDRA Revista Científica*, 373-377. Obtido em 2 de setembro de 2021, de <http://exedra.esec.pt/exedrajournal/wp-content/uploads/2013/01/29-numero-tematico-2012.pdf>
- Saussure, F. (1916). *Cours de linguistique générale*. França: Payot.
- Saussure, F. d. (1992 [1916]). *Curso de Linguística Geral*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Schembri, A. (2003). Rethinking 'Classifiers' In Signed Languages. Em K. Emmorey, *Classifier Constructions in Signed Languages* (pp. 3-34). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Silva, R. (2012). *Signwriting: Um sistema de escrita das línguas gestuais - aplicação à língua gestual portuguesa*. Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Stokoe, W. C. (2001). *Language in Hand - Why Sign Become Before Speech*. Washington, DC: Gallaudet University.
- Stokoe, W. C. (2005 [1960]). Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 10(1), 3-37. Obtido em 7 de janeiro de 2021, de https://watermark.silverchair.com/eni001.pdf?token=AQECAHi208BE49Ooan9kkhW_Ercy7Dm3ZL_9Cf3qfKAc485ysgAAAsAwggK8BgkqhkiG9w0BBwagggKtMIICqQIBADCCAqIGCSqGSIb3DQEHATAeBglghkgBZQMEAS4wEQQMAM6IK-pf50g6_7frAgEQgIICc0OQ8KqAVhEPJxBqBsVCVDdwxB8Gbi_xPrtWu5-2YXKPP5Ri
- Stringer, D. (1973). *Generative Linguistics: An Introduction to the Work of Noam Chomsky*. England: Open University Press.
- Supalla, T. (1982). *Structure and Acquisition of Verbs of Motion and Location in American Sign Language*. San Diego: University of California.
- Sutton, V. (2009). SignWriting: Sign Languages are Written Languages. (C. f. Writing, Ed.) La Jolla, USA. Obtido em 22 de novembro de 2021, de <https://www.signwriting.org/archive/docs6/sw0550-SignWriting-Manual-Part1-Basics.pdf>
- Sutton-Spence, R., & Day, L. (2001). Mouthings and mouth gestures in British Sign Language (BSL). Em P. B. Braem, & R. Sutton-Spence, *The Hands are the Head of the Mouth: The mouth as a articulator in sign languages* (pp. 69-85). Hamburgo: Signum.
- Sutton-Spence, R., & Woll, B. (1998). *The Linguistic of British Sign Language - An Introduction*. United Kingdom: Cambridge University Press.

- Sze, F. (2013). Nonmanual markings for topic constructions in Hong Kong Sign Language. Em A. Herrmann, & M. Steinbach, *Nonmanuals in Sign Language* (pp. 112-142). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Thompson, S. (2009). Talking Without Words in the Old West. Montana, EUA. Obtido de <https://www.youtube.com/watch?v=HQ5UoqXMbIY>
- Tossin, L. (2015). O Sujeito Gramatical e os Universais Linguísticos. *MEMENTO - Revista de Linguagem, Cultura e Discurso*, 06(2), pp. 1-17. Obtido em 14 de dezembro de 2021, de http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/2520/pdf_63
- Valadares, C. (2012). *Gestuar a História: Terminologia Específica e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa*. Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação, Lisboa. Obtido em 30 de setembro de 2021, de <https://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/5506>
- Valli, C., Lucas, C., Mulrooney, K., & Rankin, M. (2011). *Linguistics of American Sign Language: An Introduction*. Washington, D.C.: Gallaudet University Press.
- Wilbur, R. B. (2000). Phonological and prosodic layering of nonmanuals in American Sign Language. Em K. Emmorey, & H. L. Lane, *The signs of language revisited: an anthology to honor Ursula Bellugi and Edward Klima* (pp. 215-244). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Wilbur, R. B. (2013). Nonmanuals, semantic operators, domain marking, and the solution to two outstanding puzzles in ASL. Em A. Herrmann, & M. Steinbach, *Nonmanuals in Sign Language* (pp. 143-174). Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Wilbur, R., Malaia, E., & Shay, R. (2012). Degree Modification and Intensification in American Sign Language Adjectives. Em M. Aloni, . Kimmelman, . Roelofsen, G. Sassoon, K. Schulz, & M. Westera, *Logic, Language and Meaning - 18th Amsterdam Colloquium 2011* (pp. 92-101). Netherlands: Springer. Obtido em 11 de março de 2022, de <https://web.ics.purdue.edu/~wilbur/Wilbur%20EALing/Wilbur%20Malaia%20Shay%20AMS.pdf>
- Wilcox, S., Rossini, P., & Pizzuto, E. A. (2010). Grammaticalization in sign languages. Em D. Brentari, *Sign Languages* (pp. 332-354). Cambridge: Cambridge University Press.
- Wittgenstein, L. (2002). *Tratado Lógico-Filosófico & Investigações Filosóficas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Woll, B. (2001). The Sign That Dares To Speak Its Name: Echo Phonology In British Sign Language (BSL). Em P. B. Braem, & R. Sutton-Spence, *The Hands are the Head of the Mouth - The Mouth as Articulator in Sign Languages* (pp. 87-98). Hamburg: Signum-Verlag.
- Woll, B. (2009). Do mouths sign? Do hands speak?: Echo phonology as a window on language genesis. Em R. Botha, & H. d. Swart (Edits.), *Language Evolution: The View from Restricted Linguistic Systems* (pp. 203-224). Utrecht: LOT.

- Xavier, M. F., & Mateus, M. H. (1990). Dicionário de Termos Linguísticos. *I.* (E. Cosmos, Ed.) Lisboa. Obtido em 28 de maio de 2020, de <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=dtlinginfo>
- Zeshan, U. (2004). Interrogative constructions in signed languages: crosslinguistic perspectives. *Language*, 8(1), pp. 7-39. Obtido em 22 de abril de 2021, de <http://www.jstor.org/stable/4489610>

8. Apêndices



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Rafaela cota da silva

Consentimento informado

Eu, Amadeu António Rodrigues Pinto (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Ceimbra, 18 de Junho de 2022

Assinatura

Caraterização do participante no estudo

Sexo: []F [x]M

Idade: 59

[x]Surdo []Ouvinte

Situação profissional: Docente de LGP

Filho/a de pais surdos: []Sim [x]Não

Se não, tem outros familiares surdos: [x]Sim []Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? 19 anos

Frequentou escolas de surdos: [x]Sim []Não

Nível de Escolaridade: Licenciatura de LGP

Local onde se licenciou: ESEC

Já exerceu atividade profissional antes de frequentar o Mestrado? [x]Sim []Não

Se sim, em que contextos: Escola

Se sim, durante quanto tempo: 1 ano



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Rafaela Cota da Silva

Consentimento informado

Eu, Catarina Patrício Paiva (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Coimbra, 28 de Maio de 2022

Assinatura

Catarina Patrício Paiva

Caraterização do participante no estudo

Sexo: F M

Idade: 23

Surdo Ouvinte

Situação profissional: Estudante de Mestrado

Filho/a de pais surdos: Sim Não

Se não, tem outros familiares surdos: Sim Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? 18

Frequentou escolas de surdos: Sim Não

Nível de Escolaridade: Mestrado

Local onde se licenciou: Coimbra

Já exerceu atividade profissional antes de frequentar o Mestrado? Sim Não

Se sim, em que contextos: Estágio Curricular no âmbito do Mestrado

Se sim, durante quanto tempo: 3/4 meses



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Rafaela cota da silva

Consentimento informado

Eu, Patrícia Alexandra Martins dos Santos Campos (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Combra, 23 de Maio de 2022

Assinatura

Patrícia Campos

Caraterização do participante no estudo

Sexo: F M

Idade: 32

Surdo Ouvinte

Situação profissional: Empregada

Filho/a de pais surdos: Sim Não

Se não, tem outros familiares surdos: Sim Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? 29

Frequentou escolas de surdos: Sim Não

Nível de Escolaridade: Licenciatura

Local onde se licenciou: Covilhã/Coimbra

Já exerceu atividade profissional antes de frequentar o Mestrado? Sim Não

Se sim, em que contextos: Escola, Associativo, Artes

Se sim, durante quanto tempo: 4 anos



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Rafaela cota da silva

Consentimento informado

Eu, Emmanuel Anicônio Abuela dos Santos (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Emmanuel, 28 de maio de 2022

Assinatura

Emmanuel Santos

Caraterização do participante no estudo

Sexo: []F [X]M

Idade: 28

[X]Surdo []Ouvinte

Situação profissional: professor de 1.º ano

Filho/a de pais surdos: []Sim [X]Não

Se não, tem outros familiares surdos: []Sim [X]Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? 6 ou 7 anos

Frequentou escolas de surdos: [X]Sim []Não

Nível de Escolaridade: 1.º ano

Local onde se licenciou: Escola Superior de Educação de Coimbra

Já exerceu atividade profissional antes de frequentar o Mestrado? [X]Sim []Não

Se sim, em que contextos: ESEC como docente

Se sim, durante quanto tempo: 2 anos



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Rafaela Cota da Silva

Consentimento informado

Eu, Patrícia Isabel Amador Marques (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Coimbra, 28 de maio de 2022

Assinatura

Patrícia Marques

Caraterização do participante no estudo

Sexo: F []M

Idade: 23

Surdo []Ouvinte

Situação profissional: Estudante

Filho/a de pais surdos: []Sim Não

Se não, tem outros familiares surdos: []Sim Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? 18

Frequentou escolas de surdos: []Sim Não

Nível de Escolaridade: Licenciatura

Local onde se licenciou: Esec

Já exerceu atividade profissional antes de frequentar o Mestrado? []Sim Não

Se sim, em que contextos: _____

Se sim, durante quanto tempo: _____



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Rafaela Cota da Silva

Consentimento informado

Eu, Vânia Sousa Cardoso Ferreira (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Covilhã, 28 de maio de 2022

Assinatura

Vânia Sousa Cardoso Ferreira

Caraterização do participante no estudo

Sexo: F M

Idade: 30

Surdo Ouvinte

Situação profissional: ilgp + estudante (contrato termo tempo indico + prestação serviços)

Filho/a de pais surdos: Sim Não

Se não, tem outros familiares surdos: Sim Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? 18

Frequentou escolas de surdos: Sim Não

Nível de Escolaridade: Licenciatura

Local onde se licenciou: ESEC

Já exerceu atividade profissional antes de frequentar o Mestrado? Sim Não

Se sim, em que contextos: ilgp: escola, projetos; câmara municipal

Se sim, durante quanto tempo: 9 anos



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

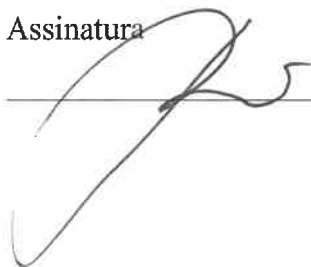
Assinatura da doutoranda

Consentimento informado

Eu, Rafaela Filipa Ferreira Cota da Silva (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Coimbra, 26 de Dez de 2022

Assinatura



Caraterização do participante no estudo

Sexo: []F [x]M

Idade: 41

Filho/a de pais surdos: []Sim [x]Não

Se não, tem outros familiares surdos: []Sim [x]Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? 18

Nível de Escolaridade: licenciatura

Local onde se licenciou: ESL de S. Luís

Número de anos de trabalho enquanto ILGP: 19

Contextos de atuação:

contexto Educativo, Religioso, familiar, associativo,



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Consentimento informado

Eu, JOÃO RAFAEL SERRA DUARTE TRINDADE COSTA (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

COIMBRA, 28 de MAIO de 2022

Assinatura

JOÃO COSTA

Caraterização do participante no estudo

Sexo: []F [X]M

Idade: 35

Filho/a de pais surdos: []Sim [X]Não

Se não, tem outros familiares surdos: []Sim [X]Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? 2012 (26)

Nível de Escolaridade: INDEFINIDO

Local onde se licenciou: ESEC

Número de anos de trabalho enquanto ILGP: 5

Contextos de atuação:

ESCOLA, RELIGIOSA



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Consentimento informado

Eu, Vera Tónica Brás Barbosa (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Coimbra, 28 de maio de 2022

Assinatura

Vera Barbosa

Caraterização do participante no estudo

Sexo: F []M

Idade: 38

Filho/a de pais surdos: []Sim Não

Se não, tem outros familiares surdos: []Sim Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? 20

Nível de Escolaridade: 2^o - graduação

Local onde se licenciou: ESEP

Número de anos de trabalho enquanto ILGP: 14

Contextos de atuação:

Educação, Saúde e Cultura



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Consentimento informado

Eu, Adriana Cecília Ferreira Campos (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Coimbra, 28 de maio de 2022

Assinatura

Adriana Campos

Caraterização do participante no estudo

Sexo: F M

Idade: 31

Filho/a de pais surdos: Sim Não

Se não, tem outros familiares surdos: Sim Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? 18

Nível de Escolaridade: Licenciatura

Local onde se licenciou: Coimbra

Número de anos de trabalho enquanto ILGP: 10

Contextos de atuação:

Escola e contexto religioso



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Consentimento informado

Eu, Andeera Martins Jaz (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Coimbra, 28 de Maio de 2022

Assinatura

Andeera Martins Jaz

Caraterização do participante no estudo

Sexo: F M

Idade: 38 anos

Filho/a de pais surdos: Sim Não

Se não, tem outros familiares surdos: Sim Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? 19

Nível de Escolaridade: Pós-Graduação

Local onde se licenciou: Esc. Sup. Ed. do Porto

Número de anos de trabalho enquanto ILGP: 14 anos

Contextos de atuação:

Educativo



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Consentimento informado

Eu, Cátia Costa Santos (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Coimbra, 28 de maio de 2022

Assinatura

Cátia Costa Santos

Caraterização do participante no estudo

Sexo: []F []M

Idade: 29

Filho/a de pais surdos: []Sim []Não

Se não, tem outros familiares surdos: []Sim []Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? 22

Nível de Escolaridade: Licenciatura

Local onde se licenciou: ESEC

Número de anos de trabalho enquanto ILGP: 1

Contextos de atuação:

Saúde, Educação, Associativo



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Consentimento informado

Eu, Sofia Figueiredo (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Coimbra, 28 de Maio de 2022

Assinatura

Sofia Figueiredo

Caraterização do participante no estudo

Sexo: []F []M

Idade: 39

Filho/a de pais surdos: []Sim []Não

Se não, tem outros familiares surdos: []Sim []Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? ± 25

Nível de Escolaridade: Superior

Local onde se licenciou: ESES

Número de anos de trabalho enquanto ILGP: ± 13

Contextos de atuação:

Diverso. Associativo. Artístico. Desportivo. jurídico.



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Consentimento informado

Eu, Andreia Esteves Rodrigues (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Coimbra, 18 de Maio de 22

Assinatura

Andreia Esteves Rodrigues

Caraterização do participante no estudo

Sexo: []F []M

Idade: 26

Filho/a de pais surdos: []Sim []Não

Se não, tem outros familiares surdos: []Sim []Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? 19

Nível de Escolaridade: Licenciatura

Local onde se licenciou: ESL

Número de anos de trabalho enquanto ILGP: 5

Contextos de atuação:

Ensino Superior



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Consentimento informado

Eu, Cidália Roberto Alves Correia Jesus (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Coimbra, 28 de março de 2022

Assinatura

Cidália Correia Jesus

Caraterização do participante no estudo

Sexo: F []M

Idade: 45

Filho/a de pais surdos: Sim []Não

Se não, tem outros familiares surdos: []Sim []Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? _____

Nível de Escolaridade: Licenciatura

Local onde se licenciou: ESE Setúbal

Número de anos de trabalho enquanto ILGP: 30

Contextos de atuação:

Associativo; Institucional; judicial; religioso;
Político;



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Consentimento informado

Eu, Sofia Afonso Brandes (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Coimbra, 28 de Maio de 2022

Assinatura

Sofia Afonso Brandes

Caraterização do participante no estudo

Sexo: F []M

Idade: 21

Filho/a de pais surdos: []Sim []Não

Se não, tem outros familiares surdos: []Sim []Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? 18

Nível de Escolaridade: Finalista

Local onde se licenciou: Escola Superior de Educação

Número de anos de trabalho enquanto ILGP: _____

Contextos de atuação:



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Consentimento informado

Eu, Jéssica Santos Ferreira (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Coimbra, 28 de Maio de 2022

Assinatura

Jéssica Ferreira

Caraterização do participante no estudo

Sexo: F M

Idade: 23

Filho/a de pais surdos: Sim Não

Se não, tem outros familiares surdos: Sim Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? 21

Nível de Escolaridade: Licenciada

Local onde se licenciou: FSEC

Número de anos de trabalho enquanto ILGP: 3 meses

Contextos de atuação:

Escolar



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Consentimento informado

Eu, Laura Costa Alves de Costa (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Coimbra, 28 de maio de 2022

Assinatura

Laura Costa

Caraterização do participante no estudo

Sexo: []F []M

Idade: 27

Filho/a de pais surdos: []Sim []Não

Se não, tem outros familiares surdos: []Sim []Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? 17

Nível de Escolaridade: 12º Estudante de licenciatura (ESEC)

Local onde se licenciou: _____

Número de anos de trabalho enquanto ILGP: _____

Contextos de atuação:



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Consentimento informado

Eu, Dedinda Emília Viana Gonçalves (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Coimbra, 28 de Maio de 2022

Assinatura

Caraterização do participante no estudo

Sexo: F M

Idade: 52

Filho/a de pais surdos: Sim Não

Se não, tem outros familiares surdos: Sim Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? _____

Nível de Escolaridade: Licenciatura

Local onde se licenciou: ESE Setúbal

Número de anos de trabalho enquanto ILGP: 26

Contextos de atuação:

Educação, TV, Antas preformativas, judicial...
entre outros.



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Consentimento informado

Eu, Ana Sofia C. de Oliveira Rocha (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Coimbra, 28 de Maio de 2022

Assinatura

Caraterização do participante no estudo

Sexo: F M

Idade: 46

Filho/a de pais surdos: Sim Não

Se não, tem outros familiares surdos: Sim Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? _____

Nível de Escolaridade: Licenciatura

Local onde se licenciou: ESE Setúbal

Número de anos de trabalho enquanto ILGP: 24

Contextos de atuação:

Escola, Tribunais, Televisão, Teatro



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Consentimento informado

Eu, Cláudia Valadares (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Beiruba, 28 de maio de 2022

Assinatura

Edna

Caraterização do participante no estudo

Sexo: []F []M

Idade: 34

Filho/a de pais surdos: []Sim []Não

Se não, tem outros familiares surdos: []Sim []Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? 18

Nível de Escolaridade: mestrado

Local onde se licenciou: Pontevedra

Número de anos de trabalho enquanto ILGP: 16

Contextos de atuação:

Escola, religioso, judicial...



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Consentimento informado

Eu, Adriana Santos Fialho (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Coimbra, 28 de Maio de 2022

Assinatura

Adriana Santos Fialho

Caraterização do participante no estudo

Sexo: []F []M

Idade: 22

Filho/a de pais surdos: []Sim []Não

Se não, tem outros familiares surdos: []Sim []Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? 18

Nível de Escolaridade: Licenciatura

Local onde se licenciou: ESEC

Número de anos de trabalho enquanto ILGP: 0

Contextos de atuação:



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Consentimento informado

Eu, Susana Rafaela Silva Carvalho (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Coimbra, 28 de maio de 2022

Assinatura

Susana Rafaela Silva Carvalho

Caraterização do participante no estudo

Sexo: []F []M

Idade: 29

Filho/a de pais surdos: []Sim []Não

Se não, tem outros familiares surdos: []Sim []Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? _____

Nível de Escolaridade: Licenciatura

Local onde se licenciou: ESE Porto

Número de anos de trabalho enquanto ILGP: 7

Contextos de atuação:

Escolas, missas, reuniões de trabalho, entrevistas



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Consentimento informado

Eu, ANA MARIA LAMBÉRIA DA SILVA (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Cóimbra, 28 de maio de 2022

Assinatura

Ana Maria Lambéria da Silva

Caraterização do participante no estudo

Sexo: F M

Idade: 62

Filho/a de pais surdos: Sim Não

Se não, tem outros familiares surdos: Sim Não
(mãe mãe LGP)

Se não, com que idade começou a aprender LGP? 24

Nível de Escolaridade: LICENCIATURA

Local onde se licenciou: ESE do Instituto Politécnico de Setúbal

Número de anos de trabalho enquanto ILGP: 30

Contextos de atuação:

→ ESCOLA SECUNDÁRIA

→ TRADUÇÃO DE ESPETÁCULOS - TEATRO



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Consentimento informado

Eu, Hugo Emenêl Marques Alves (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Coimbra .28 de maio de 2022

Assinatura

Hugo Alves

Caraterização do participante no estudo

Sexo: []F [X]M

Idade: 25

Filho/a de pais surdos: [X]Sim []Não

Se não, tem outros familiares surdos: []Sim []Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? _____

Nível de Escolaridade: Licenciatura

Local onde se licenciou: Escola Superior de Educação

Número de anos de trabalho enquanto ILGP: 3

Contextos de atuação:

Seúde, televisão, familiar, desporto, político.



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Consentimento informado

Eu, Rita Isabel Pires valente (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Coimbra, 28 de Maio de 2022

Assinatura

Rita valente

Caraterização do participante no estudo

Sexo: F M

Idade: 29

Filho/a de pais surdos: Sim Não

Se não, tem outros familiares surdos: Sim Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? 19

Nível de Escolaridade: Licenciatura (PS) - Guadiana

Local onde se licenciou: setúbal/católica

Número de anos de trabalho enquanto ILGP: 7

Contextos de atuação:

Educação, televisão, cultura



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Consentimento informado

Eu, Vânia do Carmo Sousa Lourenço (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Coimbra, 18 de Maio de 2022

Assinatura

Vânia do Carmo Sousa Lourenço

Caraterização do participante no estudo

Sexo: F M

Idade: 29

Filho/a de pais surdos: Sim Não

Se não, tem outros familiares surdos: Sim Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? 19

Nível de Escolaridade: Mestrado

Local onde se licenciou: Universidade Católica Portuguesa
↳ setúbal

Número de anos de trabalho enquanto ILGP: 5

Contextos de atuação:

Contexto associativo; contexto educacional



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Rafaela Cota Silva

Consentimento informado

Eu, Josua Filipe Soares Cottim deite Dias (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Coimbra, 16 de julho de 2022

Assinatura

Josua Filipe Soares Cottim deite Dias

Caraterização do participante no estudo

Sexo: F M

Idade: 36

Surdo Ouvinte

Situação profissional: Empregada [Prof. de LGP]

Filho/a de pais surdos: Sim Não

Se não, tem outros familiares surdos: Sim Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? _____

Frequentou escolas de surdos: Sim Não

Nível de Escolaridade: Mestrado

Local onde se licenciou: Faculdade de Ciências da Ed. da U. Beira / Escola Sup. de Ed. de Coimbra

Caso tenha outro grau académico, qual e onde frequentou: _____

Número de anos de trabalho enquanto Docente de LGP: 3 anos

Ciclos de ensino em já exerceu: 1º ciclo // Ens. Secundário

Outros contextos em que já exerceu:

Curso de Formação de Formadores de LGP, na Associação de Surdos do Beira.



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Rafaela Cota Silva

Consentimento informado

Eu, Célia Maria Antunes Martins (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Coimbra, 16 de julho de 2022

Assinatura

Célia Maria Antunes Martins

Caraterização do participante no estudo

Sexo: F []M

Idade: 48

Surdo []Ouvinte

Situação profissional: Professora de LGP

Filho/a de pais surdos: []Sim Não

Se não, tem outros familiares surdos: Sim []Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? _____

Frequentou escolas de surdos: Sim []Não

Nível de Escolaridade: Licenciatura

Local onde se licenciou: FSEEC - Coimbra

Caso tenha outro grau académico, qual e onde frequentou: _____

Número de anos de trabalho enquanto Docente de LGP: 20

Ciclos de ensino em já exerceu: Todos

Outros contextos em que já exerceu:



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Rafaela Cota da Silva

Consentimento informado

Eu, Artur Manuel de Silva Costa (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Costa, 16 de Julho de 2020

Assinatura

Isabel Costa

Caraterização do participante no estudo

Sexo: []F [X]M

Idade: 47

[X]Surdo []Ouvinte

Situação profissional: Empresário

Filho/a de pais surdos: []Sim [X]Não

Se não, tem outros familiares surdos: [X]Sim []Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? nesceu

Frequentou escolas de surdos: [X]Sim []Não

Nível de Escolaridade: Licenciado

Local onde se licenciou: Coimbra

Caso tenha outro grau académico, qual e onde frequentou: _____

Número de anos de trabalho enquanto Docente de LGP: 15

Ciclos de ensino em já exerceu: todos

Outros contextos em que já exerceu:



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

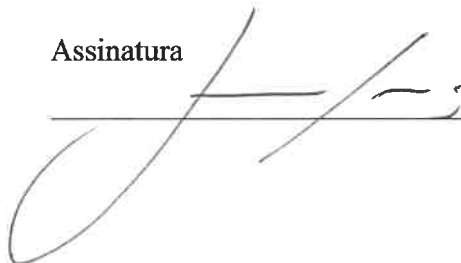
Rafaela Cota da Silva

Consentimento informado

Eu, Jose Luis Martin Le Roche (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Beira Lousa, 16 de Julho de 2022

Assinatura



Caraterização do participante no estudo

Sexo: []F [x]M

Idade: 36

[x]Surdo []Ouvinte

Situação profissional: Docente de LGP

Filho/a de pais surdos: []Sim [x]Não

Se não, tem outros familiares surdos: []Sim [x]Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? 3 anos

Frequentou escolas de surdos: [x]Sim []Não

Nível de Escolaridade: ~~Bacharelado~~ Licenciatura

Local onde se licenciou: ESCC

Caso tenha outro grau académico, qual e onde frequentou: _____

Número de anos de trabalho enquanto Docente de LGP: 11 anos

Ciclos de ensino em já exerceu: Pré, 1.º, 2.º e 3.º ciclos.

Outros contextos em que já exerceu:

Várias formações de LGP



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Rafaela Cota da Silva

Consentimento informado

Eu, Bálgida Marques Ferreira (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Coimbra, 16 de julho de 2022

Assinatura

Bálgida Marques Ferreira

Caraterização do participante no estudo

Sexo: F M

Idade: 48

Surdo Ouvinte

Situação profissional: Professora de LGP

Filho/a de pais surdos: Sim Não

Se não, tem outros familiares surdos: Sim Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? 6

Frequentou escolas de surdos: Sim Não

Nível de Escolaridade: licenciatura

Local onde se licenciou: Escola Superior de Educação de Coimbra

Caso tenha outro grau académico, qual e onde frequentou: _____

Número de anos de trabalho enquanto Docente de LGP: 20

Ciclos de ensino em já exerceu: 2º e 3º Ciclos e Secundário

Outros contextos em que já exerceu:



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Rafaela Cota da Silva

Consentimento informado

Eu, Ílida Sofia Mendes Noqueira (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Boimbric, 16 de Julho de 2020

Assinatura

Ílida Sofia Mendes Noqueira

Caraterização do participante no estudo

Sexo: F []M

Idade: 46

Surdo []Ouvinte

Situação profissional: Docente 360

Filho/a de pais surdos: []Sim Não

Se não, tem outros familiares surdos: []Sim Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? 11

Frequentou escolas de surdos: Sim []Não

Nível de Escolaridade: Licen.

Local onde se licenciou: ESEC

Caso tenha outro grau académico, qual e onde frequentou: _____

Número de anos de trabalho enquanto Docente de LGP: 20

Ciclos de ensino em já exerceu: Pré, 1º ciclo, 2º e 3º

Outros contextos em que já exerceu:



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Rafaela Cota da Silva

Consentimento informado

Eu, Isabel Maria Oliveira do Sabe Soares (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Coimbra, 16 de julho de 2022

Assinatura

Isabel Maria Oliveira do Sabe Soares

Caraterização do participante no estudo

Sexo: F [] M

Idade: 48

Surdo [] Ouvinte

Situação profissional: Docente LGP

Filho/a de pais surdos: Sim [] Não

Se não, tem outros familiares surdos: [] Sim Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? _____

Frequentou escolas de surdos: [] Sim Não

Nível de Escolaridade: Profissionalização

Local onde se licenciou: Univerisid

Caso tenha outro grau académico, qual e onde frequentou: _____

Número de anos de trabalho enquanto Docente de LGP: 22

Ciclos de ensino em já exerceu: 1º ciclo, 2º ciclo, 3º ciclo e secundário / ~~do~~ de 1º a 12º
Surdos

Outros contextos em que já exerceu:

Formadora, coordenadora de subdepartamento de LGP,
investigadora



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Rafaela Cota da Silva

Consentimento informado

Eu, Patrícia Maria Quaresma de Melo (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Paimbona, 16 de julho de 2022

Assinatura

Patrícia Melo

Caraterização do participante no estudo

Sexo: F [] M

Idade: 42

Surdo [] Ouvinte

Situação profissional: Professora de LGP

Filho/a de pais surdos: [] Sim Não

Se não, tem outros familiares surdos: [] Sim Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? 21 anos

Frequentou escolas de surdos: Sim Não

Nível de Escolaridade: Licenciatura de Profissionalização

Local onde se licenciou: Escola Aberta / ESEC

Caso tenha outro grau académico, qual e onde frequentou: —

Número de anos de trabalho enquanto Docente de LGP: +/- 14 anos

Ciclos de ensino em já exerceu: Todos os ciclos.

Outros contextos em que já exerceu:

Também dei aulas de formação aos
ouvintes.



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Rafaela Cota Silva

Consentimento informado

Eu, Isabel Batista Amaral (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Beira, 16 de Julho de 2022

Assinatura

Isabel Amaral

Caraterização do participante no estudo

Sexo: F []M

Idade: 36

Surdo []Ouvinte

Situação profissional: Docente LGP

Filho/a de pais surdos: []Sim Não

Se não, tem outros familiares surdos: []Sim Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? 6 anos

Frequentou escolas de surdos: Sim []Não

Nível de Escolaridade: licenciatura

Local onde se licenciou: Escola Superior Educação de Coimbra

Caso tenha outro grau académico, qual e onde frequentou: _____

Número de anos de trabalho enquanto Docente de LGP: 4 anos

Ciclos de ensino em já exerceu: 1º ciclo, 2º ciclo, 3º ciclo e Secundário

Outros contextos em que já exerceu:

formador LGP para ouvinte, clubes LGP para ouvinte, atividade biblioteca, etc...



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Eu, Rafaela Cota da Silva, venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Programa de Doutoramento em Linguística que estou a realizar na Universidade de Évora, orientado pelas Professoras Ana Alexandra Silva e Isabel Correia, o qual tem por finalidade o estudo do Querema Expressão Não Manual. Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, à Tese e à divulgação do conhecimento em publicações científicas.

Assinatura da doutoranda

Rafaela Cota Silva

Consentimento informado

Eu, Carla Patrícia da Encarnação de Jesus Bense (nome), declaro que tomei conhecimento do pedido de autorização para participar no estudo, que entendi todas as explicações que me foram prestadas, que pude esclarecer todas as questões inerentes às condições da minha colaboração e que é de minha livre vontade participar neste estudo.

Coimbra, 16 de Julho de 2022

Assinatura

Carla Patrícia de Jesus Bense

Caraterização do participante no estudo

Sexo: []F []M

Idade: 44

[]Surdo []Ouvinte

Situação profissional: Docente LGP

Filho/a de pais surdos: []Sim Não []Não ver

Se não, tem outros familiares surdos: []Sim []Não

Se não, com que idade começou a aprender LGP? _____

Frequentou escolas de surdos: []Sim ^{1º ciclo} []Não ^{1º ciclo} tarde (ouvinte) ^{2º e 3º ciclo} Secundário
tema integrada.

Nível de Escolaridade: Licenciatura

Local onde se licenciou: ESEC

Caso tenha outro grau académico, qual e onde frequentou: _____

Número de anos de trabalho enquanto Docente de LGP: 14

Ciclos de ensino em já exerceu: Pré, 1º, 2º, 3º ciclo

Outros contextos em que já exerceu:

Formação de LGP para alunos ouvintes
